

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM INTERVENÇÃO SÓCIO-ORGANIZACIONAL NA SAÚDE

Curso ministrado em parceria com a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa
(DR – II Série, nº. 250 de 29 de Outubro de 2002)

Área de especialização em
Diagnóstico e Intervenção Sócio-Organizacional e Comunitária em Saúde

Vítimas da Guerra – o caso de Angola **A intervenção da Christian Children Fund**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Ânia Soraia Marinho Balça

Orientador:

Professor Doutor Francisco Ramos



168081

Évora

Março 2008

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM INTERVENÇÃO SÓCIO-ORGANIZACIONAL NA SAÚDE

Curso ministrado em parceria com a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa
(DR – II Série, nº. 250 de 29 de Outubro de 2002)

Área de especialização em
Diagnóstico e Intervenção Sócio-Organizacional e Comunitária em Saúde

Vítimas da Guerra – o caso de Angola A intervenção da Christian Children Fund

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Ânia Soraia Marinho Balça

Orientador:

Professor Doutor Francisco Ramos

Évora

Março 2008

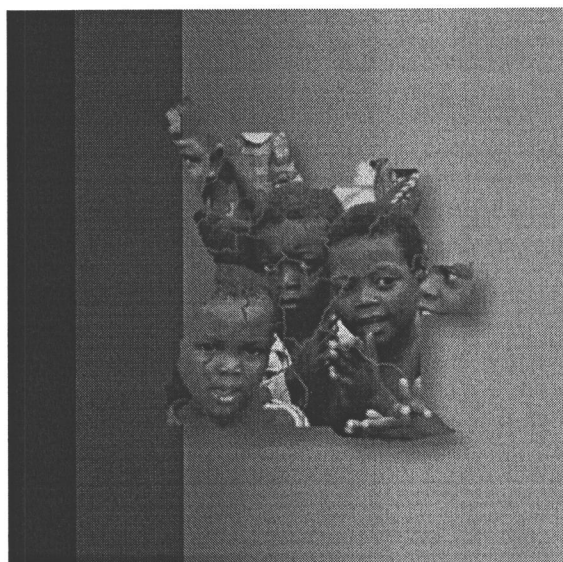
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM INTERVENÇÃO SÓCIO-ORGANIZACIONAL NA SAÚDE

Curso ministrado em parceria com a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa
(DR – II Série, nº. 250 de 29 de Outubro de 2002)

Área de especialização em
Diagnóstico e Intervenção Sócio-Organizacional e Comunitária em Saúde

Vítimas da Guerra – o caso de Angola **A intervenção da Christian Children Fund**



Dissertação de Mestrado apresentada por:
Ânia Soraia Marinho Balça

Orientador:
Professor Doutor Francisco Ramos

Évora

Março 2008

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
O – INTRODUÇÃO	12
1 – METODOLOGIA	17
1.1 – Questões de Partida	17
1.2 – Objectivos e Variáveis em estudo	18
1.3 – Unidade de Análise	19
1.4 – Tipo de estudo	20
1.5 – Técnicas de recolha de dados	22
1.5.1 – Implementação do Instrumento de Recolha de dados	26
1.6 – Tratamento e Análise de dados	28
2 – ANGOLA	31
2.1 – Geografia	31
2.2 – Migrações e Demografia	33
2.3 – Economia	35
2.4 – Agricultura, Fauna e Flora	36
2.5 – Indústria, Mineração e Transportes	36
2.6 – Arte	37
2.7 – Política	38
2.8 – Guerra	39
3 – A MULHER E A CRIANÇA	50
3.1 – A mulher angolana e a guerra	53
4 – ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS	60
4.1 - Os Direitos Humanos e as Organizações Não Governamentais	63
4.2 - Dificuldades enfrentadas pelas Organizações Não Governamentais	65
4.3 - Christian Children Fund	68
4.4 - Reconhecer as necessidades das crianças	72
5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1 - Vida Anterior, Captura/Rapto	78
5.2 - Captura/Rapto	80
5.3 - Experiências da Guerra	86
5.3.1 - Organização militar	87
5.3.2 – Alimentos	93
5.3.3 - O trabalho das meninas	95
5.3.4 - As caminhadas, campanhas e ataques militares	98
5.3.5 - Abuso sexual e Uniões Estratégicas	101
5.3.6 - Crianças e Gravidez	105
5.3.7 - Solidariedade e Amizades	107
5.3.8 - Escola e Tempo Livre	109
5.3.9 – Saúde	111
5.3.10 - Fugas e Castigos	112
5.4 – Regresso e Reintegração	116
5.4.1 - Educação e Serviços de Saúde nas áreas de regresso	121
5.4.2 - Estratégias de subsistência no regresso	123

5.4.3 - Esperanças e planos para o futuro	130
6 – CONCLUSÃO	133
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
8 – ANEXOS	151
ANEXO I – Guião de Entrevistas	152
ANEXO II – Entrevista à Secretaria Provincial da OMA	205
ANEXO III – Províncias de Angola	221

AGRADECIMENTOS

Quero desde já partilhar o meu reconhecimento ao Professor Doutor Francisco Ramos pelo apoio que sempre me deu, muito especialmente pelas orientações técnicas próprias de quem possui uma soberba sabedoria, pela sua incansável disponibilidade não só em orientar esta tese, como ao longo do tempo de elaboração deste trabalho incentivou-me sempre com toda a sua generosidade, capacidade de trabalho, organização e também calor humano. A ele devo, portanto, muito do que aqui tenho e para ele o meu bem-haja. A ele deixo a minha enorme gratidão, pela dedicação, bons ensinamentos e amizade.

À minha mãe cujo suporte emocional foi extremamente importante pois sempre se esforçou para ajudar sempre que era necessário porque acreditava que este trabalho seria possível, tal como sempre, estivera ao meu lado em todos os momentos de alegria, desânimo face aos imprevistos e complicações da minha vida pessoal bem como às obrigações da vida profissional.

Aqueles meus familiares, que reconheço estarem comigo e que de algum modo sentem regozijo com os meus progressos.

Deixarei aqui uma palavra de gratidão a todos os que, antes e durante a realização do presente trabalho, de algum modo contribuíram para que a ele conseguisse chegar e levá-lo a cabo, bem como aos incentivos, motivações com que nunca me faltaram.

Sem a valiosa colaboração de todos aqueles que disponibilizaram o seu tempo e/ou conhecimentos este trabalho nunca teria passado de um mero projecto, principalmente quando o meu tempo era escasso e o cansaço e ansiedade aumentavam. Consciente desse factor, a todos desejo expressar o meu sincero agradecimento.

Este projecto não teria sido materializado bem como o reconhecimento deste estudo de caso não seriam possíveis sem a colaboração de todos os angolanos – adultos e crianças – que generosamente aceitaram partilhar os seus depoimentos, histórias e vivências, experiências, o seu conhecimento, pontos de vista, sentimentos e sofrimento comigo. Para eles vai uma palavra muito especial de agradecimento.

O meu agradecimento vai para todos aqueles que me ajudaram directa ou indirectamente a tornar pública a voz das crianças, das *meninas* e das mulheres angolanas.

Dedico a todos aqueles que consideraram sua a missão de regressar sãos e salvos para a sua terra mãe e suas famílias mesmo que para isso tenham tido que matar, roubar, agredir mesmo contra própria vontade.

Estou muito grata à equipa de funcionários da Christian Children Fund que compartilhou as suas experiências, visitas e bibliografia, bem como pela sua participação activa no projecto e pelo seu incansável envolvimento na pesquisa. Foram eles que criaram as condições para que o projecto funcionasse, contactando e encorajando as pessoas a participar e a fornecer informações. Agradecimentos especiais a Sr^a Carlinda Monteiro, e Sr^a Josefa. Também é impossível esquecer e deixar de agradecer a Sr^a Eulália Rocha Silva, Família Guimarães e à família Reis pela sua participação.

Aos funcionários das várias bibliotecas que visitei em Luanda, o meu especial agradecimento pela sua prontidão em colaborar na minha pesquisa bibliográfica, que nem sempre foi fácil.

RESUMO

Durante anos a guerra em Angola foi uma realidade diária para a sua população. Décadas de um conflito violento deixaram grandes cicatrizes à população angolana e especialmente às mulheres e crianças. O objectivo do presente estudo é procurar, ouvir e documentar com rigor as vozes das *meninas* que presenciaram uma guerra.

O grande desafio, para as ONGs, nomeadamente para a Christian Children Fund, é protegê-las da destruição completa no conflito, ajudando-as a superar/minimizar o impacto emocional e social da experiência prolongada da guerra em Angola permitindo a sua reintegração na sociedade actual.

ABSTRACT

War Victims – The Case of Angola

The intervention of the Christian Children Fund

For a long period of time the war in Angola was a daily reality for its population. This was a violent conflict which has marked a lot of people, namely women and children. The main objective of this research is to document in a scientific way the voice of the *girls* involved in the war, in order to have a deep understanding of the effects of the conflict on women and/or girls.

The role of the Non Governmental Organizations as the Christian Children Fund is crucial for the help and protection of such orphans of war, who were subject to violence in a long war, and for the promotion of their integration within the Angola society.

INDICE DE SIGLAS

- AAD** - Acção Angolana de Desenvolvimento
- ACA** - Associação Cívica Angolana
- ACNUR** - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
- AIDS** - Acquired Immune Deficiency Syndrome
- ANGOBEP** - Associação Angolana Para o Bem Estar da Família
- CCF** - Christian Children Fund
- CDC** - Convenção dos Direitos das Crianças
- CEDAW** - The Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women (Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher)
- CONGA** - Comité de Organizações Não Governamentais em Angola
- ECHO** - European Commission Humanitarian Organization/Office
- EUA** - Estados Unidos de América
- FAA** - Forças Armadas Angolanas
- FAS** - Fundo Apoio Social
- FLEC** - Frente de Libertação do Enclave de Cabinda
- FNLA** - Frente Nacional de Libertação de Angola - um dos três grupos nacionalistas que lutaram pela independência. Actualmente um partido da oposição legal
- FONGA** - Foro das ONGs Angolanas
- GURN** - Governo de Unidade e Reconciliação Nacional
- HIV** - Human Immunodeficiency Virus (Vírus da Imunodeficiência Humana)
- IC** - Informante Chave
- INE** - Instituto Nacional de Estatística
- JURA** - Juventude Unida Revolucionaria de Angola
- LIMA** - Liga Independente das Mulheres Angolanas
- MPLA** - Movimento Popular de Libertação de Angola
- NDI** - National Democratic Institute
- OMA** - Organização da Mulher Angolana
- OMS** - Organização Mundial da Saúde
- ONG** - Organização Não Governamental
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PDI** - pessoas deslocadas internamente

PDR - Programa de Desmobilização e Reintegração

RPA - Republica Popular de Angola

SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

SWAPO - South -West Africa People's Organisation (Organização do Povo do Sudoeste Africano)

TPA - Televisão Popular de Angola

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (União das Nações para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UNICEF - United Nation Children Fund

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

USA - United States of America

0 - INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho surge no âmbito do Mestrado em Intervenção Sócio-Organizacional na Saúde da Universidade de Évora em parceria com a Escola Superior Tecnologias da Saúde de Lisboa, tendo como objectivo elaborar uma Dissertação de Mestrado integrada no 2º ano na Área de Especialização em Diagnóstico e Intervenção Organizacional e Comunitária.

Ao longo destes poucos anos de experiência profissional, comecei a sentir que faltava um complemento à experiência adquirida, bem como o desejo enorme de concretizar um sonho já há muito prometido. Enfim, senti a certa altura, que a renovação dos conhecimentos e o gosto pelo estudo iria colocar-me inevitavelmente, e de novo, no caminho da Universidade, agora num patamar superior, mas igualmente desafiante. Concluída a primeira fase do Mestrado foi iniciada uma segunda etapa, aquela em que, finalmente, o aluno põe à prova os seus conhecimentos e a sua capacidade de investigador social.

Realizar um trabalho de investigação torna-se mais complexo quanto mais nos remetermos para a esfera íntima do investigado, tornando-se assim um desafio interessante de planear, projectar e ensaiar pontos de referência que servirão de guia à investigação a desenvolver tentando sempre conservar a devida distância entre o objecto e o sujeito. São, então, dadas pistas bibliográficas, apontados alguns conceitos, definidas as orientações metodológicas na tentativa de alcançar o rigor científico.

A proposta do tema “*Vítimas da guerra – o caso de Angola; a intervenção da Christian Children Fund*” resulta do contacto que tive com crianças e adultos afectados pela guerra numa visita que fiz a Luanda, bem como na situação actual em que o Homem deste mundo se depara neste século, preenchido de guerras com alto nível de violência.

O interesse pelos direitos humanos surge muito naturalmente. A sobreposição de orientação de valores é óbvia: a dignidade humana, o uso de poder normativo em vez de “armas/guerras” e meios de persuasão, sabendo que a tradição dos direitos humanos oferece meios importantes para reduzir a violência no mundo, entendendo-se que é necessário remodelá-la para poder atingir esse objectivo eficazmente.

A motivação em investigar uma população que foi vítima da guerra em Angola está relacionada com alguns factores que fazem parte da história de vida da autora. Na condição de cidadã portuguesa, mas angolana de coração que reconhece que “para a frente é o caminho”, acreditando que o futuro é promissor e que envolvida na esperança

e numa forte vontade de intervir, interroga-me sobre qual o meu papel no pulsar do desafio da Angola actual, enquanto actor social, espero contribuir para o fortalecimento e ampliação do referido trabalho, através de maior fundamentação teórico-metodológica. A necessidade sentida de se realizar uma pesquisa desta dimensão, foi o interesse natural pelos direitos humanos, principalmente na perspectiva feminina e pelas crianças; por fazer parte da sua história de vida pessoal e profissional; conhecer o impacto que a guerra causou na sua esfera bio-psico-social, o querer contribuir para o fortalecimento e esperança para esta sociedade.

Eliminar a discriminação de género e aumentar o poder da mulher são dois dos principais desafios com que o mundo se depara actualmente. Segundo Kofi Annan, no Relatório Anual da Situação Mundial da Infância de 2007 *“Quando as mulheres são saudáveis, instruídas e livres para aproveitar as oportunidades que a vida lhes oferece, a infância floresce e o país prospera, gerando um duplo dividendo para a mulher e para a criança.”* (UNICEF 2006: VI). Nos 27 anos que se passaram desde a adopção da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, muitas acções foram empreendidas em favor dos progressos da mulher. Mas ainda falta muito para alcançarmos os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. *“Sem igualdade de género, não pode haver desenvolvimento sustentável. A conquista dos nossos objectivos torna-se impossível enquanto houver discriminação contra metade da raça humana. Estudos consecutivos nos ensinaram que nenhuma ferramenta é mais eficaz para o desenvolvimento do que o aumento do poder da mulher. Nenhuma outra política tem tanta probabilidade de aumentar a produtividade ou de reduzir a mortalidade infantil e materna. Nenhuma outra política oferece tanta garantia de melhorar a nutrição e promover a saúde, inclusive a prevenção de HIV/aids. Nenhuma outra política tem tanto poder para aumentar as chances de educação da próxima geração. É por essa razão que a discriminação contra mulheres de todas as idades priva crianças de todas as partes do mundo – todas elas, não apenas as meninas – da chance de alcançar seu potencial.”* (UNICEF 2006: VI).

Ao iniciar este estudo sobre o conflito bélico sobre a população angolana, resolvi lançar um olhar diferenciado, a partir da perspectiva feminina, sobre os efeitos dessa “guerra sem fim” na vida das mulheres. A história da guerra em Angola centrou-se no Governo e na UNITA, preocupando-se mais com as suas conquistas e fracassos do que com sentimentos e vontades dos homens, mulheres e crianças que sofreram com efeitos daquela actuação. Desta forma, penso que os efeitos da guerra sobre a vida quotidiana

da população civil, em especial, sobre as crianças e as mulheres, são construídas de maneira rápida e superficial. O facto de não possuírem preocupações com as assimetrias de género, de geração e de classes: por exemplo quando nelas, homens, mulheres, idosos e crianças são muitas vezes tratados, indistinta e generalizadamente como populações, habitantes, deslocados e refugiados, etc...

Julgo ser pertinente esta investigação, a sua componente sociológica é importante, não só pelo seu impacto nas crianças/adultos/famílias/sociedade angolana bem como no mundo inteiro, mas também pelo estudo de um grupo de mulheres, de uma organização, inserida num contexto sócio-comunitário.

É nesta perspectiva que se desenvolveu um trabalho baseado em pessoas que foram vítimas da guerra em Angola, o impacto que a guerra causou na sua esfera bio-psico-social, bem como relatar o que tem sido feito internacionalmente para acabar com esta atrocidade. Ao mesmo tempo, o principal apelo é de que as crianças pura e simplesmente não façam parte da guerra. A comunidade internacional tem de denunciar, por ser intolerável e inaceitável, este ataque às crianças. Trata-se de um assunto que toca a essência da missão do ser humano na terra: proteger os direitos de todas as crianças.

Grande parte dos indícios desta história contemporânea angolana poderão ser reconstruídos com o estímulo à gravação dos relatos orais daqueles que viveram ou testemunharam essas realidades. Assim a “história oral na primeira pessoa” foi um precioso método para o presente estudo. Por isso, a reconstrução do percurso das mulheres angolanas, principalmente as mais pobres, a grande maioria do feminino angolano e o modo como foram afectadas pela acção dos combates e que tácticas escolheram para enfrentar tal contingência, significa, antes de mais nada, observá-las e ouvi-las, recorrendo a gravadores e apontamentos de cadernos de campo, numa verdadeira recorrência à etnografia. Creio ainda que para “compreender e descrever” alguns sentimentos foi imprescindível a observação de imagens, fotografias, ouvir depoimentos fornecidos pelas vítimas/população. Na dificuldade em encontrar bibliografia de referência deste problema levou a centrar o objecto de estudo em depoimentos, reportagens sobre a temática, relatórios e outros artigos sobre a guerra deste país, pesquisados por vários documentos assim como pela internet.

A aprendizagem de diferentes culturas ajuda a prepararmo-nos para cuidar do outro com uma cultura diferente, de forma culturalmente competente.

O confronto com outras culturas, leva à reflexão, dando espaço para o aparecimento de dúvidas e questões de partida que levaram a construir linhas de orientação para

desenvolver algumas potencialidades. A reflexão permite levantar ou formular questões sobre a vida humana e, sobretudo constitui a riqueza e ao mesmo tempo constitui um perigo para a humanidade. Essa reflexão é imprescindível nas profissões dos que cuidam desde que estes queiram abordar a pessoa e não apenas o seu corpo.

À medida que os anos foram passando, com a evolução das tecnologias de comunicação e informação, a mobilização dos povos e o intercâmbio de culturas tornou-se uma realidade presente na sociedade. Esta mobilização leva a que o ser humano sinta necessidade de aprofundar os seus conhecimentos relativamente a diferentes grupos culturais que apresentam costumes, crenças, experiências e sistemas complexos de vida. Os conhecimentos técnicos e científicos resultam da investigação que não se limita aos métodos experimentais.

A realização da investigação foi um projecto muito desafiante e motivante. No entanto, senti algumas limitações ao longo da sua construção. A primeira limitação que senti foi a pequena experiência no domínio da investigação. A segunda e talvez a mais complexa das limitações foi o facto de desenvolver esta investigação numa sociedade que não estava inserida no meu dia-a-dia. O facto de não poder deslocar-me com facilidade ao “terreno” da investigação para fazer o levantamento das necessidades, levou a que este tivesse sido feito através de testemunhos e bibliografia referente à realidade angolana. Durante a pesquisa bibliográfica efectuada para o enquadramento desta investigação confrontei-me com a escassez de estudos efectuados nesta área. Por vezes a presença de um gravador ou de um caderno e um lápis para apontar algum dado incomodavam a população em estudo. Se por um lado todas estas condicionantes dificultaram a elaboração do enquadramento teórico, por outro fizeram considerar esta investigação pertinente, pois é um contributo no domínio da compreensão de experiências vividas sentidas num conflito bélico dando-me força para a sua concretização.

A realização deste trabalho de investigação proporcionou-me uma reflexão sobre a minha vida pessoal e profissional num contexto cultural muito específico. Esta reflexão permitiu interiorizar as necessidades sentidas e vividas diariamente como ser humano, como mulher e profissional de saúde que desempenha as suas funções com um objectivo comum cuidar “do outro” em todas as suas dimensões. Este facto levou-me a valorizar alguns aspectos que até aqui não tinha apercebido da sua importância, contribuindo assim para o meu crescimento pessoal e profissional, tornando uma experiência de investigação numa experiência de vida.

Consciente do grau de complexidade da problemática da investigação, considero que no âmbito da acção humanitária ainda há muito para explorar, não me sentindo detentora de um conhecimento total nesta área, contudo, considero que esta investigação veio clarificar algumas experiências marcantes reveladas pelas *meninas* que foram vítimas da guerra em Angola. Penso ainda que esta investigação é um contributo para futuros estudos desenvolvidos nesta área.

1 - METODOLOGIA

Um trabalho científico tem como principal objectivo a aquisição de novos conhecimentos com vista à produção de uma base científica de forma a orientar a prática e assegurar a credibilidade de uma determinada profissão. É através da investigação que se pretende definir o campo de acção e de conhecimento, imprimindo continuidade e desenvolvimento. A investigação é um processo que permite solucionar problemas e fenómenos relacionados com a vida de uma sociedade ou grupo, contribuindo para a aquisição de novos conhecimentos, permitindo sistematizá-los e organizá-los de forma a atingir respostas às questões de uma investigação. Citando Quivy e Campenhoudt, *“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com as hesitações, desvios e incertezas que isso implica.”* (Quivy e Campenhoudt 1992: 31).

A metodologia permite delinear um plano de acção que guiará a investigação para atingir os objectivos propostos. Assim, através da utilização de um conjunto de procedimentos é possível clarificar e sistematizar o pensamento do investigador, dando resposta à problemática em estudo. Neste sentido, considerou-se pertinente definir a problemática da investigação, para a construção de um caminho orientador, na medida em que *“A problemática constitui efectivamente o princípio de orientação teórica da investigação, cujas linhas de força define. Dá à investigação a sua coerência e potencial de descoberta.”* (Quivy e Campenhoudt 1992: 100).

A elaboração deste capítulo revela-se de grande importância para a compreensão do estudo efectuado, uma vez que nele se propõe a descrever o tipo de estudo, assim como o instrumento de recolha de dados e a sua aplicação, e por último, o tratamento dos mesmos.

1.1 – Questões de Partida

Para Polit e Hungler *“Uma pesquisa inicia-se com uma questão que um investigador gostaria de responder, ou com um problema que um pesquisador gostaria de solucionar. Às vezes, a questão ou o problema são amplos e vagos quando pensados, sendo tarefa do pesquisador aperfeiçoá-lo até que sejam passíveis de investigação empírica.”* (Polit e Hungler 1995: 70). Foi com base nestes pressupostos que dei início à minha investigação, começando por definir o problema a estudar. A definição do problema de investigação foi uma decisão complexa, pois o seu domínio teria que suscitar interesse

bem como à instituição e à população envolvida. Consequentemente, com a definição do problema foi necessário contemplar as suas aplicações práticas, os benefícios para a comunidade e se os novos dados obtidos se apresentavam como um potencial para o aperfeiçoamento da vida da população em estudo.

A necessidade de objectivar a problemática em estudo, levou à construção da questão de partida e das questões orientadoras da investigação. Segundo Quivy e Campenhoudt “*A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projecto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação.*” (Quivy e Campenhoudt 1992: 44). Assim, deste modo, como ponto de partida para este trabalho definiram-se as seguintes perguntas de investigação:

- *Quais as consequências em crianças e mulheres vítimas da guerra em Angola?*
- *Qual o papel/intervenção da Christian Children Fund (CCF) – Angola?*
- *Que expectativas estas crianças/mulheres vítimas de guerra têm num futuro próximo?*

O desenvolvimento de conhecimento relativamente a esta realidade é um ponto de partida para uma investigação. Como refere Fortin, “*Qualquer investigação tem por ponto de partida uma situação considerada como problemática, isto é, que causa um mal-estar, uma irritação, uma inquietação, e que, por consequência, exige uma explicação ou pelo menos uma melhor compreensão do fenómeno observado.*” (Fortin 1999: 48). Foi através da definição desta problemática que se orientou a investigação e segundo Quivy e Campenhoudt “*A problemática constitui efectivamente o princípio de orientação teórica da investigação, cujas linhas de força define. Dá à investigação a sua coerência e potencial de descoberta.*” (Quivy e Campenhoudt 1992: 100).

1.2 – Objectivos e Variáveis em estudo

A definição de objectivos é fundamental na realização de qualquer trabalho de investigação, pois é através do cumprimento destes, que o investigador faz o balanço do êxito da sua investigação. Segundo Fortin “*Objectivo de um estudo indica o porquê de uma investigação. É um enunciado declarativo que precisa a orientação da*

investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão.” (Fortin 1999: 100).

A definição dos objectivos é efectuada com base no que se pretende estudar, ou seja, revela o que se pretende atingir ao realizar uma investigação, através da utilização de determinados métodos e estratégias.

Segundo Lakatos, o objectivo geral, “(...) *está ligado a uma visão global e abrangente do tema.*”. Os objectivos específicos, “(...) *apresentam carácter mais concreto.*” (Lakatos 1994: 102). Assim pretende com este estudo como objectivo geral:

- *Contribuir para um conhecimento mais aprofundado da problemática das crianças/mulheres vítimas da guerra em Angola;*

e foram delineados como objectivos específicos:

- *Caracterizar a situação psicossocial da criança/mulher em Angola vítima de guerra*

- *Descrever o quotidiano das crianças/mulheres vítimas de guerra apoiadas pela CCF*

- *Ilustrar o estudo com histórias de vida (ANEXO I - Entrevistas).*

A definição das variáveis em estudo está intimamente ligada com os objectivos propostos para esta investigação. Esta definição foi feita com base na problemática em estudo. Após um processo de pesquisa e de reflexão, pensou que as variáveis que foram determinadas sejam as mais indicadas para responder à questão de partida e para caracterizar a população alvo. Com o objectivo de ser apresentada a caracterização da população em estudo, perspectiva que enriquece e valoriza a investigação, foram definidas as variáveis intervenientes que segundo Fortin constituem variáveis de caracterização ou de atributo e “(...) *são as características dos sujeitos num estudo. Estas são geralmente variáveis demográficas: idade, escolaridade, sexo, estado civil, rendimento, etnia (...)* A escolha das variáveis de atributo é determinada em função das necessidades do estudo (...)” (Fortin 1999: 37). Assim, a variável interveniente com maior revelância foi o sexo feminino e falar português.

1.3 – Unidade de Análise

Das várias órfãs de guerra existentes na CCF foram seleccionadas por conveniência oito jovens que se dispuseram a fornecer o seu testemunho. Destas, realizou-se ainda uma selecção das quatro entrevistas mais significativas, para além do testemunho de outras entrevistas informais.

A escolha deste grupo obedeceu a alguns critérios de elegibilidade, nomeadamente:

- ser vítima da guerra,
- ser do sexo feminino,
- nascer em Angola bem como viver no país no período do conflito,
- falar português,
- integrar a CCF.

Uma vez que a população angolana apresenta uma grande diversidade de dialectos decidi definir como critério de elegibilidade expressar-se em língua portuguesa, pois poderia correr o risco de incluir *meninas* (assim como gostam de ser chamadas) com quem não conseguiria comunicar fluentemente.

1.4 – Tipo de estudo

Na tentativa de dar resposta às questões de partida definidas para este estudo, optei por utilizar uma metodologia exploratória-descritiva uma vez que nesta investigação segundo Fortin “(...) *se descobrem e clarificam conceitos em cujo domínio existe pouco material bibliográfico.*” (Fortin 1999: 69). “*Se existem poucos ou nenhuns conhecimentos sobre um fenómeno, o investigador orientará o seu estudo para a descrição de um conceito ou factor, mais do que para o estudo de relação entre factores.*” (Fortin 1999: 135).

Esta afirmação justifica o facto do estudo ser exploratório, descritivo, pois o conhecimento do fenómeno das crianças/mulheres vítimas da guerra em Angola que fazem parte da CCF tem poucos registos de estudos efectuados nesta área. Apesar de existirem várias Organizações Não Governamentais (ONGs) em Angola que trabalham com a população angolana carenciada vítima da guerra, existem poucos trabalhos realizados sobre esta temática.

Optei por realizar um estudo não experimental porque é descritivo, não generalizável, não tem hipóteses nem correlações com outros estudos, e segundo Polit “(...) *a manipulação não é tentada nem tida como desejável; a ênfase recai sobre o mundo quotidiano e natural dos indivíduos.*” (Polit 1995: 119).

Como referem Cervo e Bervian “*A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona factos ou fenómenos (variáveis) sem manipulá-los.*” (Cervo e Bervian 1989: 49). Esta opção teve por base o facto de na investigação qualitativa a preocupação

central não ser a generalização dos resultados, mas sim, a descrição de determinado grupo ou fenómeno. A pesquisa qualitativa baseia-se na “(...) *descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios actores.*” (Polit 1995: 270). Assim, esta metodologia encara as crianças e mulheres angolanas vítimas da guerra do seu país do estudo de uma forma holística, ambicionando compreender a sua experiência e tudo o que influencia a forma como estas a vivenciam. Quivy e Campenhoudt reforçam a ideia de que “*O trabalho exploratório tem como função alargar a perspectiva de análise, travar conhecimentos com o pensamento de autores cujas investigações e reflexões podem inspirar as do investigador, revelar facetas do problema nas quais não teria certamente pensado por si próprio e, por fim, optar por uma problemática apropriada.*” (Quivy e Campenhoudt 1992: 109). O tipo de estudo exploratório descritivo permite ainda “(...) *proporcionar visão geral de tipo aproximativo, acerca de determinado facto. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.*” (Gil 1989: 45).

Segundo o objectivo da investigação, o estudo enquadra-se nas características de um estudo de caso pois constitui a melhor forma de analisar a representação, que segundo Young, citado por Gil caracteriza-se por “(...) *um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação.*” (Gil 1989: 59).

Esta metodologia de investigação tem como vantagens permitir o estímulo a novas descobertas, pois é bastante flexível no seu planeamento. Permite ainda localizar um problema como um todo, nas diversas dimensões que o compõem tornando o instrumento de recolha de dados e sua respectiva análise menos complexos. A principal limitação desta metodologia consiste na dificuldade da generalização dos resultados obtidos. Yin, citado por Carmo e Ferreira põe em evidência, “(...) *que o estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder a questões “como” ou “porquê”; o investigador não pode exercer controle sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno actual no seu próprio contexto.*” (Carmo 1998: 216).

Considerarei que o paradigma qualitativo dava melhor resposta ao problema definido cujos pressupostos foram apresentados no início do capítulo. O método escolhido pretende assegurar a qualidade dos resultados obtidos, assim como a fiabilidade dos mesmos. Pelo facto de tentar inserir na realidade vivencial de algumas crianças/mulheres que pertencem à CCF, perante o fenómeno a investigar, a justificação da sua escolha baseia-se no facto do estudo ter sido realizado no “terreno”. Os investigadores que utilizam o método qualitativo “(...) *colectam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos que propiciam campo livre ao rico potencial das percepções e subjectividade dos seres humanos. As inquietações qualitativas, devido a sua ênfase nas realidades dos sujeitos, exigem um mínimo de estrutura e um máximo de envolvimento do pesquisador, uma vez que ela tenta abarcar aquelas pessoas cuja experiência está sendo estudada.*” (Polit e Hungler 1995: 72).

1.5 – Técnica de recolha de dados

Segundo refere Wright Mills “(...) *fazer sociologia, consiste tanto em compreender os dados como recolhê-los.*” (Moreira 1994: 28). A recolha da informação exige parte do investigador uma atenção redobrada, pois é ela toda a essência da investigação bem como o seu propósito de existir. Aliás, o problema da atitude do investigador relativamente ao conhecimento imediato, com que se depara na confrontação com o objecto de estudo, coloca-se ao longo de todo o processo de investigação.

Assim sendo, o paradigma qualitativo será predominante durante a elaboração de todo o trabalho como o exige a natureza do tema e os objectivos delineados.

Para dar resposta ao problema em estudo, optei por utilizar como instrumento de recolha de dados a entrevista para assim obter informações mais precisas sobre a realidade a ser investigada. Segundo Cervo e Bervian, “*A entrevista tornou-se nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente os pesquisadores em ciências sociais e recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registos e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas. Esses dados serão utilizados tanto para o estudo de “ fatos” como de casos ou opiniões.*” (Cervo e Bervian 1989: 126). Pensa que a entrevista seja o método mais adequado ao tipo de estudo em foco, pois “(...) *é bastante adequada para a obtenção de informações à cerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como à cerca das suas explicações ou*

razões à cerca das coisas precedentes.” (Gil 1989: 113) segundo Selltiz, citado por Gil. Por outro lado, permite ser versátil, na medida em que as perguntas contidas no guião da entrevista poderão ser adaptadas às necessidades do entrevistado e aos interesses do investigador.

O facto de poder abranger crianças e mulheres (órfãs, soldados, etc...) e poder repetir ou esclarecer as questões, visto a língua e a cultura não serem um obstáculo entre o entrevistado e o entrevistador, com o intuito de obter dados que interessam à investigação, também ajudou na escolha desta técnica.

Torna-se importante referir que a conversa informal funcionou como meio de recolha de informação fundamental, informação a que de outra forma seria impossível aceder face ao seu carácter espontâneo e pessoal. Existiu necessidade de fundamentar as opções tomadas metodologicamente, através de teóricos conhecidos nestas matérias, por outro existiu também a preocupação de consultar obras ou trabalhos que auxiliem a compreensão e vivência neste conflito bélico. Todavia, Quivy e Campenhoudt alerta para a necessidade de efectuar cuidadosamente as escolhas das leituras porque, como refere, “(...) *qualquer que seja o tipo e a amplitude do trabalho, um investigador dispõe sempre de um tempo limitado de leitura.*” (Quivy e Campenhoudt 1992: 49). A pesquisa bibliográfica efectuou-se tendo em atenção as questões formuladas na tentativa de atingir, em última instância, os objectivos propostos. Conforme já foi anteriormente referido, não existe muito suporte bibliográfico sobre a temática em si, daí a necessidade de recorrer a documentos uns de carácter mais histórico, outros com carácter mais privado. Para além da pesquisa bibliográfica foram consultadas outras fontes. Estas forneceram informações fulcrais em todo o processo de compilação e armazenamento de dados. Foram visionados vídeos ¹ sobre a população angolana, foram disponibilizados álbuns de fotografias de carácter pessoal o que demonstrou obviamente, a disponibilidade para colaborar na realização do trabalho.

Para que seja realizado um bom trabalho de investigação, sobretudo se nos reportamos a um trabalho de campo, é condição que o investigador invista no terreno, abandone o seu gabinete e contacte com o objecto de estudo, isto é, entre, na medida do possível, em convívio com indivíduos englobadas num contexto repleto de acontecimentos e

¹ Os audiovisuais contribuem directamente para o entendimento dos objectivos pretendidos e complementam a expressão oral. Recorre-se a eles para facilitar esclarecimentos e diminuir dúvidas, para transmitir ou dar mais ênfase a ideias pouco ou menos esclarecidas através de exemplos e ilustrações práticas.

situações simbólicas. Pois é precisamente neste requisito que assenta a observação indirecta, “(...) o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada (já que) ao responder às perguntas dirige-se ao sujeito intervém na produção da informação.” (Quivy e Campenhoudt 1992: 166). Para evitar deturpações e estrangulamentos na informação, dado estarem envolvidos dois intermediários entre a informação procurada e obtida, ou seja, o indivíduo a quem o investigador pede que responda e o instrumento da observação, foram repetidas até à saturação da informação. O facto de não pertencer directamente ao universo em estudo, fez com que eu participasse apenas enquanto observadora passiva, não actuando enquanto membro da comunidade. A interacção social estabelecida entre o investigador e o investigado deve então respeitar algumas normas garantindo o distanciamento desejável para as partes. Assim sendo, o envolvimento criado entre o investigador e o objecto deve garantir o surgimento de possíveis enviesamentos face à subjectividade criada por juízos de valor, e ao segundo a liberdade suficiente para agir sem constrangimento nem bloqueios.

Na perspectiva de Nadel “ (...) o ser humano é o único instrumento de observação, a equação pessoal do observador impregna-o; e quando os dados observados são também dados humanos, a personalidade do observador pode facilmente anular as melhores intenções de objectividade. E acrescenta: na medida em que também é certo que a observação implica desde logo eliminação, selecção e valorização, ou seja, uma inevitável interpretação, não se pode conceder tanta margem de manobra à personalidade do observador.” (Moreira 1994: 113).

Para além da observação simples dos factos, a recolha da informação fez-se segundo a perspectiva pretendida para o estudo proposto. Partindo da lógica do paradigma qualitativo, foi provocada a recolha de informação através da entrevista, enquanto processo de comunicação e interacção humana, onde é feito o contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores. O objectivo centrou-se na recolha da informação contada pelos seus protagonistas, portanto, na primeira pessoa. Dado à limitação de tempo de estadia no “terreno”, tornou-se impossível manter o diálogo com todos os membros da comunidade. Assim, o contacto estabelecido com a assistente e o motorista da CCF, com os quais passei a maior parte do tempo, aproveitando a sua experiência, relação de proximidade e confiança com a população alvo, através deles recolhi grande parte das informações denominando-os assim como informantes chave (IC). Tive ainda a oportunidade de contactar com outros elementos da comunidade que forneciam informações preciosas para a dissipação de dúvidas, melhor compreensão dos

acontecimentos e para o aprofundamento de questões até então abordadas de forma superficial ou pouco clara. Os seus testemunhos são de uma enorme riqueza que acabei por utiliza-los ao longo do trabalho.

A entrevista é entendida com uma técnica que permite aprofundar as informações e que regista valores, vivências e interpretações do entrevistado respeitando, ao máximo, os seus quadros de referência. Graças à sua flexibilidade, o entrevistado expõe com algum grau de liberdade os seus pontos de vista, auxiliado pelo investigador que dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas. As questões não foram colocadas necessariamente sob a ordem e forma como haviam sido formuladas no guião da entrevista, foram apresentadas no sentido de atingir os objectivos propostos pelo investigador. Porém, sempre que o entrevistado se dispersou demasiado, foi no momento mais apropriado, conduzido no sentido de retomar o assunto pretendido de forma natural e algo subtil. A entrevista permite ainda abordar temas não propostos inicialmente pelo entrevistador mas que se revelaram de extrema importância em termos de conteúdo para o estudo, e que surgiram espontaneamente durante a sessão. A este respeito Almeida e Pinto alegam que *“(...) quanto maior for a liberdade e a iniciativa deixada aos intervenientes na entrevista, quanto maior for a duração da entrevista, quanto mais vezes ela se repetir, mais profunda mais rica será a informação recolhida, mas tratar-se-á de uma informação centrada na pessoa do entrevistado e dificilmente generalizável em termos de explicação de um problema global teoricamente definido.”* (Almeida 1976: 109).

A finalidade das entrevistas centrou-se na análise qualitativa de fenómeno social em estudo e pretendeu compreender as vivências relatadas pelas *meninas*. Para isso, nunca foram perdidos de vista tanto o objectivo geral como os objectivos específicos delineados para este trabalho de investigação.

Foram realizadas algumas entrevistas ao grupo em estudo para além das conversas informais com elementos da comunidade. As entrevistas exploratórias têm *“(...) por função revelar certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim completar as pistas de trabalho sugeridas pelas leituras”* (Quivy e Campenhoudt 1992: 67).

Polit e Hungler afirmam que as entrevistas semi-estruturadas *“(...) tendem a ser como conversas. (...) são da maior utilidade aos pesquisadores, quando está sendo explorada uma nova área de pesquisa.”*, contudo apresentam desvantagens *“(...) demandam muito*



tempo, além de uma habilidade por parte do pesquisador para organizar, analisar e interpretar materiais qualitativos.” (Polit e Hungler 1995: 167).

“Num estudo descritivo, o investigador descreve os factores ou variáveis e detecta relações entre as variáveis ou factores. Escolherá, por conseguinte, métodos de colheita de dados mais estruturados, tais como (...) as entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas.” (Fortin 1999: 240).

Com os dados obtidos através das entrevistas, a sua análise e organização processará de forma a possibilitar *“(...) o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação.” (Gil 1989: 166).*

1.5.1 – Implementação do Instrumento de Recolha de dados

Para a implementação do instrumento de colheita de dados foi solicitada a autorização do orientador de tese e da directora da CCF em Angola.

Logo que se obteve uma resposta positiva, iniciou-se a aplicação do pré-teste que conduziu à reformulação do guião e de seguida procedeu-se à realização das entrevistas. Antes de dar início a cada uma das entrevistas pediu-se a colaboração das *meninas* para participarem no estudo, informando-as em que consistia o mesmo e os motivos da sua realização. Evidenciou-se que a sua participação seria anónima e que poderiam desistir a qualquer momento, tendo pedido ainda a autorização para proceder à sua gravação. Quer durante a realização das entrevistas e respectiva transcrição foram respeitados os princípios éticos inerentes à investigação.

Segundo Fortin *“A investigação aplicada a seres humanos pode (...) causar danos aos direitos e liberdades da pessoa.” (Fortin 1999: 116).* Ao sujeito envolvido no estudo científico é devida uma correcta informação que preserve tanto as várias dimensões da sua vida privada e colectiva, como os direitos do próprio investigador e como refere Polit e Hungler, *“Quando são utilizados indivíduos como sujeitos de investigações científicas – como costuma ocorrer na pesquisa em enfermagem – precisa-se ter muito cuidado para assegurar que os seus direitos estão protegidos.” (Polit e Hungler 1989: 293).* Consciente de que a amostra populacional implicada neste estudo – crianças e mulheres vítimas da guerra - são sujeitos vulneráveis, abordaram-se os princípios éticos que tiveram em conta durante a colheita de dados e que acompanharam todo e qualquer processo de pesquisa.

Princípio da Beneficência que segundo Polit e Hungler defende a máxima “(...) *acima de tudo, não causar dano.*” (Polit e Hungler 1995: 295). É, pois, fundamental avaliar os riscos e benefícios aos quais os sujeitos são expostos durante a investigação. Crêe citado por Fortin afirma que “*A análise riscos-benefícios (...) consiste em tomar em consideração todos os benefícios e perdas que daí poderão resultar.*” (Fortin 1999: 140).

Princípio do Respeito pela Dignidade Humana que se baseia no princípio ético do “(...) *respeito pelas pessoas, segundo o qual qualquer pessoa é capaz de decidir por ela própria e tomar conta do seu próprio destino.*” (Fortin 1999: 116).

O sujeito tem o direito de escolher participar, ou não, numa investigação e, segundo o artigo 81º, alínea e) do Código Deontológico do Enfermeiro, este deverá “*Abster-se de juízos de valor sobre o comportamento da pessoa (...)*” (Decreto Lei nº 93 D.R. I Série. 1754 - 21.04.1998).

De acordo com o Código de Nuremberg (artigo 9º), citado por Fortin qualquer investigação é uma forma de intrusão na vida da pessoa; “*O investigador deve assegurar-se que o seu estudo é o menos invasivo possível e que a intimidade dos sujeitos está protegida*” (Fortin 1999: 117). É ainda fundamental informar o sujeito “*(...) do seu direito de se retirar em qualquer momento do estudo no qual consentiu previamente.*” (Fortin 1999: 116).

Princípio da Justiça que garante “*(...) um tratamento justo e equitativo antes, durante e pós a sua participação num estudo*” (Polit e Hungler 1995: 300). Este princípio contempla ainda o respeito pela privacidade dos sujeitos envolvidos, na medida em que assegura a confidencialidade e o anonimato dos dados colhidos “*Os sujeitos possuem o direito de esperar que qualquer dado colectado durante o desenrolar de um estudo seja mantido no mais absoluto sigilo. O anonimato ocorre quando até mesmo o pesquisador não é capaz de associar um sujeito aos dados sobre ele.*” (Polit e Hungler 1995: 300).

A Lei de Bases da Saúde reforça esta ideia na alínea d) do Estatuto dos Utentes (Decreto Lei nº 195 D.R. I Série. 3454 - 24.08.1990) quando refere que os utentes têm direito a “*Ter rigorosamente respeitada a confidencialidade sobre os dados pessoais revelados (...)*”.

Para colher os dados foi necessário, em primeiro lugar, obter o consentimento dos sujeitos implicados no estudo. Para Fortin este consentimento “*(...) é livre se é dado sem que nenhuma ameaça, promessa ou pressão seja exercida sobre a pessoa e quando esta esteja na plena posse das suas faculdades mentais. Para que o consentimento seja*

esclarecido, a lei estabelece o dever de informação. A informação é a transmissão dos elementos essenciais à participação dos sujeitos” (Fortin 1999: 120).

Segundo a alínea b), artigo 84º, do Código Deontológico do Enfermeiro, este deve *“Respeitar, defender e promover o direito da pessoa ao consentimento informado”* (Decreto Lei nº 93 D.R. I Série. 1755 - 21.04.1998)

Um consentimento informado é, então, aquele em que o sujeito envolvido no estudo possui a informação relativa à pesquisa, é capaz de compreender o seu conteúdo e tem capacidade para escolher livremente se quer, ou não participar na mesma.

Pelas razões citadas, teve-se em conta a preservação dos seguintes direitos: direito à intimidade em que os sujeitos implicados no estudo puderam decidir sobre a extensão da informação prestada; direito ao anonimato e confidencialidade tendo sido a apresentação dos resultados feita de forma a que nenhum dos sujeitos possa ser reconhecido; direito a um tratamento justo e equitativo, tendo sido apresentado aos sujeitos os objectivos da investigação.

Na presente investigação foram realizadas 8 entrevistas das quais foram aproveitadas 4, pelo facto de serem as mais ricas de informação. Alguns dados das outras entrevistas foram também incorporados no presente trabalho como testemunhos. Realço ainda várias conversas informais com membros da CCF bem como a entrevista à secretaria provincial (ANEXO II) da Organização da Mulher Angolana (OMA).

1.6 – Tratamento e Análise de dados

Depois de recolhidos os dados provenientes da pesquisa surgiu a necessidade de organizar a informação de modo a facilitar a compreensão do seu real significado. Perante o objecto de análise e o carácter do estudo o paradigma qualitativo impôs-se como dominante. A análise dos documentos foi efectuada qualitativamente, cujos registos obedeceram a uma lógica de conteúdo, ou seja foram redigidos fidedignamente excertos, considerados relevantes para o estudo, os quais foram enquadrados nas perspectivas de vários autores. A análise de conteúdo trata-se de uma técnica que permite a análise de ideologias, dos sistemas de valores, das representações e aspirações bem como compreender possíveis transformações e mudanças.

A legitimidade do estudo dependerá da repetição da informação, o que pressupõe a existência de cruzamento entre a mesma, no sentido da sua validação. Uma vez que a

informação recolhida baseei-me essencialmente na aplicação de entrevistas, conversa informal e na retenção de diversas notas de campo, a sua análise acabou por ser, fundamentalmente intensiva e qualitativa através da análise de conteúdo.

O método utilizado foi a análise de conteúdo que segundo Bardin “(...) *é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos (...)*” (Bardin 2000: 31). Esta técnica de análise permitiu fazer a descrição do conteúdo da entrevista de forma sistematizada e quantitativa incidindo “(...) *sobre a captação de ideias e de significações da comunicação(...)*” (Pardal 1995: 73).

Berelson citado por Estrela define análise de conteúdo como “(...) *uma técnica de investigação que visa a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.*” (Estrela 1990: 467).

Ao optar por este método, e antes de analisar o conteúdo das entrevistas, efectuaram-se alguns procedimentos que passo a descrever:

- procedeu-se a audição integral de cada uma das entrevistas para lembrar o ambiente em que tinham decorrido, bem como gestos, expressões e hesitações nas respostas que estão presentes na comunicação não verbal e que se revelam de extrema importância para transcrever com fidelidade o que foi dito. Estas entrevistas foram gravadas porque segundo Quivy e Campenhoudt “(...) *do ponto de vista técnico, é indispensável gravar a entrevista.*”, uma vez que, “*Tomar sistematicamente notas durante a entrevista parece-nos, pelo contrário, ser de evitar tanto quanto possível.*” (Quivy 1992: 75). Após gravada a entrevista, esta foi ouvida e transcrita para ser posteriormente analisada. O mesmo autor aconselha: “*Oiça a gravação e interrompa-a após cada uma das suas intervenções. Anote cada intervenção e analise-a (...)*” (Quivy 1992: 76).
- ao longo da audição das entrevistas efectuou a transcrição das mesmas (ver ANEXO I);
- depois de transcritas as entrevistas foram ouvidas e relidas para sua validação;
- por último, elaborou-se através da análise qualitativa com base nas respostas obtidas.

Posteriormente à meticulosa leitura de todas as entrevistas realizadas às *meninas* da CCF emergiram as categorias que agrupam a informação comum classificando-as e organizando-as. Este processo de categorização define-se como “(...) *uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com critérios previamente definidos.*” (Bardin 2000: 117). Refere, ainda, a mesma autora que, a análise de conteúdo “(...) *assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no*

material, mas dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos.” (Bardin 2000: 117). Pode-se assim facilmente discernir que a fase de categorização, no método da análise de conteúdo, é decisiva para o sucesso de qualquer investigação que assente nesta técnica de tratamento dos dados.

Com base nesta técnica de análise de conteúdo, foram definidas para cada área de contexto, as categorias e sub-categorias que a constituem. A organização desta informação surge do decurso das respostas fornecidas pelos entrevistados.

2 - ANGOLA

2.1 - Geografia

Angola situa-se na costa do Atlântico Sul da África Ocidental, entre a Namíbia e o Congo. Faz também fronteira com a República Democrática do Congo e a Zâmbia, a oriente.



Fig.1 – Continente Africano

2.2 – Migrações e Demografia

O território Angolano é habitado desde a idade da pedra, como indicam os vestígios de arte rupestre ao longo do litoral (na Lunda, no Zaire e no Cuangar foram encontrados instrumentos de pedra e outros, dos homens do Paleolítico; no Deserto do Namibe foram encontradas gravuras rupestres nas rochas). Mas foi na idade do ferro que surgiram as primeiras migrações de povos mais evoluídos, os *Bantu*. Provenientes do norte do continente africano, provavelmente da região onde hoje esta situada a Nigéria e Camarões, os povos *Bantu* introduziram em Angola novas técnicas, como a metalurgia, a cerâmica e a agricultura, criando-se a partir de então as primeiras comunidades agrícolas.

Um desses povos emigrantes, *Quicongo* (ou *Kikongo*), foi-se aproximando do Rio Congo (ou Zaire), acabando por atravessá-lo já no século XIII e ocupar o actual Nordeste de Angola.

Outro grupo migratório, o *Ngangela*, fixou-se inicialmente na região dos Grandes Lagos Africanos e, no século XVII, deslocou-se para oeste, atravessando o Alto Zambeze até ao Cunene.

No ano de 1568, entrava um novo grupo pelo norte, os *Jagas*, que combateram os *Quicongos* que os empurraram para sul, para a região de Kassanje.

No início do século XVI, os *Nhanecas* (*Nyanekas* ou *Vanyanekas*) entraram pelo sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Huíla.

Ao longo do século XVI, um outro povo os *Hereros* (ou *Ovahelelos*), um povo de pastores, abandonavam a sua terra na região dos Grandes Lagos, no centro de África, e migra também para as terras angolanas. Os *Hereros* entraram pelo extremo leste de Angola, atravessaram o planalto do Bié e depois foram-se instalar entre o Deserto do Namibe e a Serra da Chela, no sudoeste angolano.

Os *Ovambos* (ou *Ambós*), grandes técnicos na arte de trabalhar o ferro, no século XVIII deixaram a sua região de origem no baixo Cubango e vieram estabelecer-se entre o alto Cubango e o Cunene (ANEXO III – Províncias de Angola).

Ainda nesse mesmo século, os *Quiocos* (ou *Kyokos*) abandonaram o Catanga e atravessaram o rio Cassai. Inicialmente permaneceram na Lunda, no nordeste de Angola, migrando depois para sul.

Finalmente, já no século XIX apareceu o último povo que veio instalar-se em Angola: os *Cuangares* (ou *Ovakwangali*). Estes vieram do Orange, na África do Sul, em 1840, e foram-se instalar primeiro no Alto Zambeze sendo reconhecidos como os *Macocolos*. Do Alto Zambeze alguns passaram para o Cuangar no extremo sudoeste angolano, onde estão hoje, entre os rios Cubango e Cuando.

As guerras entre estes povos eram frequentes. Os migrantes mais tardios eram obrigados a combater os que estavam estabelecidos para lhes conquistar terras. Para se defenderem, os povos construíam muralhas em volta das *senzalas*². Por isso, há em Angola muitas ruínas de antigas muralhas de pedra. Essas muralhas são mais abundantes no planalto do Bié e no planalto da Huíla, onde se encontram, também, túmulos de pedra e galerias de exploração de minério, testemunhos de civilizações mais avançadas do que geralmente se supõe.

A língua oficial é o português. Existem ainda várias línguas nacionais, como Kimbundu, Umbundu, Kikongo e Tchokwe.

Segundo Gastão Dias as populações bantus pertencem à raça negra, apresentando a coloração da sua pele vários tons, entre o negro retinto e o castanho-escuro, parecendo que é nas regiões de maior altitude que a cor assume tonalidades mais claras. Esclerótica com leve tom de sépia, cabelo encrespado, enrolado em espiral, perfil prógnata com beiços grossos e revirados, nariz da base larga e ventas circulares, tais são as características físicas mais salientes da principal raça que habita a colónia (DIAS 1959).

A população de Angola é constituída por aproximadamente 90% de indivíduos de raça negra, e por 10% de raça branca e mestiça. A maior parte da população negra é de origem *banta*, destacando-se os *quimbundos*, os *bakongos* e os *chokwe-lundas*, porém o grupo mais importante é o dos *ovimbundos*. A densidade demográfica é baixa (8 habitantes por quilómetro quadrado) e o índice de urbanização não vai além de 12%. Os principais centros urbanos, além da capital, são Huambo (antiga Nova Lisboa), Lobito, Benguela, e Lubango (antiga Sá da Bandeira). Angola possui grande taxa de fecundidade (número de filhos por mulher) e de mortalidade infantil. Apesar da riqueza do país, a sua população vive em condições de extrema pobreza, com menos de 2 dólares americanos por dia.

² Senzala é a habitação ou povoação de indígenas africanos; residência do soba (Angola); alojamento dos escravos de uma plantação (Brasil)

2.3 - Economia

A economia de Angola foi bastante afectada pela guerra civil, colocando o país juntamente com Guiné-Bissau entre os mais pobres do planeta. Todavia, Angola apresenta boas taxas de crescimento apoiadas principalmente pelas suas exportações de petróleo. As jazidas de petróleo estão localizadas principalmente em Cabinda.

Angola, o terceiro maior país africano ao sul do Sahara, com uma taxa de crescimento demográfico anual de 2,8%, possui uma considerável base de recursos naturais, capacidade hidroeléctrica e uma grande extensão de terras cultiváveis. Todavia, os padrões sociais e as condições de vida, já de si baixos na época colonial, situam-se agora bastante abaixo das médias da África a sul do Sahara.³

No conjunto dos países da África subsahariana, as análises comparativas através de indicadores económicos são virtualmente impossíveis de se realizar com rigor. Alguns indicadores sociais podem, no entanto, dar uma ideia geral do desenvolvimento económico angolano comparativamente com os restantes países da zona.

Em 1981, em Angola, a esperança de vida à nascença, de 44 anos, era inferior à média de 52 anos dos países da África subsahariana. Também o índice de mortalidade infantil por 1000 nados vivos era de 195 contra 99, o alfabetismo adulto 41% contra 50%, menos de 25% da população tinha acesso à água potável.

No período que antecedeu a proclamação da independência, a situação económica do país poder-se-ia designar de menos má se visualizada na conjuntura económica que se lhe seguiu. A retirada dos portugueses, deixando vagos inúmeros postos administrativos, de gestão e técnicos, que exigiam força de trabalho qualificada, provocou a diminuição da qualidade dos serviços, pois que o número reduzido de quadros angolanos qualificados não pode satisfazer a procura, além de que muitos deles haviam abandonado o país e/ou viviam no estrangeiro.

A situação de guerra civil que se vive (e que empurra as populações para as cidades, destruindo infra-estruturas e exigindo um constante esforço orçamental), a retirada dos portugueses, aumentando assim a carência de mão-de-obra qualificada, aliada à inadequada gestão macro-económica do país, uma gestão económica deficiente, a

³ Segundo a classificação do World Bank, World Development Report (1987) constam nesta categoria, entre outros países, o Chad, a Etiópia, a Guiné-Bissau, o Malawi, a Tanzânia, o Uganda, Moçambique e a Somália

crescente dependência de um único produto para a obtenção de divisas e receitas governamentais, justificaram um crescimento negativo do PIB real na maior parte dos anos que se seguiram.

2.4 - A Agricultura, Fauna e Flora

Sendo o café sua principal cultura seguem-se-lhe cana-de-açúcar, sisal, milho, óleo de coco, mandioca e amendoim. Entre as culturas comerciais, destacam-se o algodão, o fumo e a borracha. A produção de batata, arroz, cacau e banana é relativamente importante. Os maiores rebanhos são o bovino, o caprino e o suíno.

O grande botânico Frederico Welwitsch, que de 1853 a 1861 estudou a flora angolana, considerou o país dividido em três zonas vegetais distintas: zona litoral (até altitude de 300m), árida, de pobre e rara vegetação; zona das montanhas (300 a 800m), de abundantes e exuberantes florestas e a zona dos planaltos (acima dos 800m), de grande riqueza vegetal, na maior parte constituída por savanas quase uniformes e cobertas de grandes ervas (capim). Intimamente ligada à distribuição da flora, a fauna angolana repete todas as formas e modalidades da vida animal do continente africano. Ao norte, ao abrigo da floresta equatorial, vivem o chimpanzé, a pantera e as aves de plumagem brilhante, ao mesmo tempo que nos rios e nos pântanos se multiplicam prodigiosamente os cavalos-marinhos e os jacarés. Na savana, onde os pastos são infinitos, vivem os grandes herbívoros: elefantes associados em manadas, girafas, zebras, búfalos, antílopes e avestruzes. Os herbívoros servem de pasto aos ferozes carnívoros, tais como o leão, a onça, o chacal, a raposa e o lince (Dias 1959).

2.5 – Indústria, Mineração e Transportes

As principais indústrias do território são as de beneficiamento de oleaginosas, cereais, carnes, algodão e fumo. Merece destaque, também, a produção de açúcar, cerveja, cimento, e madeira, além do refino de petróleo. Entre as indústrias destacam-se as de pneus, fertilizantes, celulose, vidro e aço. Os grandes estabelecimentos de fabricação industrial são alimentados pela energia hidroeléctrica, que dispõem de um potencial energético superior ao consumo.

Angola é rica em minerais, especialmente diamantes, petróleo e minério de ferro; possui também jazidas de cobre, manganês, fosfatos, sal, mica, chumbo, estanho, ouro, prata e platina. As minas de diamante estão localizadas perto de Dondo, no distrito de Lunda.

Importantes jazidas de petróleo foram descobertas em 1966, ao largo de Cabinda, assegurando ao país a auto-suficiência. Em 1975 foram localizados depósitos de urânio perto da fronteira com a Namíbia.

O sistema ferroviário de Angola compõe-se de cinco linhas que ligam o litoral ao interior. A mais importante delas é a estrada de ferro de Benguela, que faz a conexão com as linhas de Catanga, na fronteira com o Zaire. A rede rodoviária, em sua maioria constituída de estradas muito degradadas resultantes do desgaste e dos efeitos da guerra, liga as principais cidades. Os portos mais movimentados são os de Luanda, Benguela, Lobito, Moçâmedes e Cabinda. O aeroporto de Luanda é o centro de linhas aéreas que põem o país em contacto com outras cidades mundiais.

2.6 - Arte

Como com a maioria da arte africana, as máscaras de madeira e as esculturas não são criações meramente estéticas. Elas têm um papel importante em rituais culturais, representando a vida e a morte, a passagem da infância à vida adulta, a celebração de uma nova colheita e o começo da estação da caça. Os artesãos angolanos trabalham madeira, bronze e marfim, nas máscaras ou em esculturas. Cada grupo etnolinguístico em Angola tem seus próprios traços artísticos originais. Talvez a parte mais famosa da arte angolana é o pensador de Cokwe, uma obra-prima da harmonia e simetria da linha. O Lunda-Cokwe na parte nordeste de Angola é conhecido também por suas artes plásticas superiores.

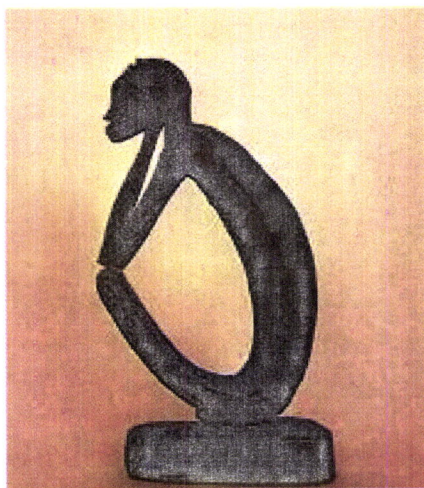


Fig. 3 - Pensador de Cokwe

Enquanto as máscaras e as estátuas de madeira da África cresceram na popularidade no oeste, a indústria do artesanato em Angola procurou atender a demanda por arte africana. As máscaras e objectos, que são criados para capturar o olho de um turista, são conhecidas geralmente como "a arte aeroporto". São partes produzidas em série, ao gosto do turista médio, mas faltam todas as ligações reais com as tendências culturais mais profundas dos povos. Um dos maiores mercados de artesanato em Angola é o mercado de Futungo, logo ao sul de Luanda. É o centro principal do comércio de artesanato para turistas e expatriados. O Futungo tem também a vantagem adicionada de estar perto das praias bonitas ao sul de Luanda, onde muitos dos residentes de Luanda gastam seus fins-de-semana apreciando o sol e a areia da baía de Mussulo. As grandes transformações políticas e sociais no Zaire, no começo dos anos 90, resultaram em um aumento no contrabando e na pilhagem de tesouros da arte dos museus do país. Algumas destas partes encontram seu caminho em Angola e são vendidas frequentemente a preços muito elevados. Mesmo se não se quer comprar uma lembrança africana, um passeio ao mercado de Futungo pode ser uma aventura. Os comerciantes frequentemente arranjam músicos com instrumentos tradicionais, tais como os *marimbas* e os *kissanges* e *xingufos* (chifres grandes do antílope).

2.7 - Política

Actualmente, o poder político de Angola está concentrado na Presidência. O ramo executivo do Governo é composto actualmente pelo presidente José Eduardo dos Santos, pelo primeiro-ministro Fernando da Piedade Dias dos Santos e pelo Conselho de Ministros. O Conselho de Ministros, composto por todos os ministros e vice-ministros do Governo, reúne-se regularmente para discutir os assuntos políticos do país. Os governadores das 18 províncias são nomeados pelo presidente e executam as suas directivas. A Lei Constitucional de 1992 estabelece as linhas gerais da estrutura do Governo e delinea os direitos e deveres dos cidadãos. O sistema legal baseia-se no português e na lei do costume mas é fraco e fragmentado. Existem 12 tribunais só dos mais de 163 municípios do país. Um Supremo Tribunal serve como tribunal de apelo. Um Tribunal Constitucional com poderes de revisão judicial nunca foi constituído apesar de existir autorização estatutária.

A guerra civil de 26 anos causou grandes danos às instituições políticas e sociais do país. As Nações Unidas estimam em 1,8 milhões o número de pessoas internamente deslocadas, enquanto que o número mais aceite para as pessoas afectadas pela guerra atinge os 4 milhões. As condições de vida quotidiana em todo o país e especialmente em Luanda (que tem uma população de cerca de 4 milhões) espelham o colapso das infra-estruturas administrativas bem como de muitas instituições sociais. A grave situação económica do país inviabiliza um apoio governamental efectivo a muitas instituições sociais. Há hospitais sem medicamentos ou equipamentos básicos, há escolas que não têm livros e é frequente que os funcionários públicos não tenham à disposição aquilo de que necessitam para o seu trabalho.

O presidente anunciou a intenção do Governo de organizar eleições em 2006, o que não se verificou até à data. Estas serão as primeiras eleições desde 1992 e servirão para eleger um novo presidente e uma nova Assembleia Nacional.

Depois da Independência e do começo da luta armada, o Protocolo de Lusaka faz com que esta teoria se torne verdadeira: a paz é a única solução para o país. MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) chegam finalmente a um acordo e dão as mãos na reconstrução do país. Existe desde então uma Democracia e um Governo formado por vários partidos políticos representados no Parlamento. Este Governo tem como objectivo reconstruir um dos mais promissores países de toda a África. Todavia, paradoxalmente, apesar da sua riqueza natural, o país atravessa uma das mais pesadas realidades.

O MPLA é o Governo desde a Independência e sempre soube como preservar a identidade nacional. Os dois Presidentes Angolanos até hoje existentes vieram do MPLA. O primeiro foi o fundador da Nação Angolana, Agostinho Neto, o segundo é José Eduardo dos Santos, o actual Presidente Angolano, que se tornou Chefe de Estado em 1979 sendo o mais jovem presidente no continente.

2.8 - Guerra

O país era então governado pelo Monarca Africano, Rei do Congo, com a capital correspondendo actualmente a M'banza (São Salvador). Angola foi povoada pelos portugueses no século XV e permaneceu como sua colónia até à independência em 1975. O primeiro Europeu a alcançar Angola foi o explorador português Diogo Cão, que

desembarcou na foz do Rio Congo em 1483. Em 1490, os portugueses enviaram uma pequena frota de navios com padres, e trabalhadores, e ferramentas para o Rei do Congo. Em breve, contudo, o comércio de escravos levou a deterioração das relações de Portugal com o Rei Afonso e os seus sucessores, e revoltas internas levaram ao declínio do Reino do Congo. Entretanto, os portugueses expandiram os seus contactos para o sul ao longo da costa, fundando Luanda em 1576. O comércio de escravos continuou até a meio do século XIX, com Angola servindo como a maior fonte de mão-de-obra para as plantações brasileiras. Descontentes com a governação portuguesa começaram a lutar pela independência iniciando a guerra contra Portugal em 1961.

A partir da década de 50 do século XX apareceram os primeiros movimentos nacionalistas que reivindicavam a independência de Angola. Houve conflitos armados nos quais se destacaram o MPLA fundado em 1956, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) fundada em 1961 e a UNITA, fundada em 1966.

Em Janeiro de 1975 foi estabelecido um Governo de transição, com representantes do MPLA, FNLA, UNITA e o Governo português. Estes três movimentos de libertação desencadearam uma luta armada contra o colonialismo português. O Governo de Portugal (uma ditadura desde 1926) recusou-se a dialogar e prosseguiu na defesa até ao limite do último grande império colonial europeu. Para África foram mobilizados centenas de milhares de soldados. Enquanto durou o conflito armado, Portugal procurou consolidar a sua presença em Angola, promovendo a realização de importantes obras públicas. A produção industrial e agrícola conheceram neste território um desenvolvimento impressionante.

Na sequência do derrube da ditadura em Portugal (25 de Abril de 1974), abriram-se perspectivas imediatas para a independência de Angola. O Governo português abriu negociações com os três principais movimentos de libertação (MPLA, FNLA e UNITA) o período de implantação de um regime democrático em Angola (Acordos de Alvor, Janeiro de 1975).

Os violentos combates entre o MPLA e FNLA em Março de 1975 foi o resultado das várias diferenças políticas e continuaram através do país. Depois de longos confrontos, o país alcança a independência em 11 de Novembro de 1975. A independência de Angola não foi o início da paz, mas o início de uma nova guerra aberta. Muito antes do dia da independência, já os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo português lutavam entre si pelo controle do país, e em particular da capital, Luanda. Cada um dos quais apoiado por potências estrangeiras, dando ao conflito uma

dimensão internacional. O MPLA, que tinha tomado o controlo da capital e de algumas outras regiões da costa, nomeadamente o Lobito e Benguela, era apoiado pela União Soviética e Cuba, a FNLA pelo Zaire e outras potências tais como a China, mercenários portugueses e ingleses mas também com o apoio da África do Sul, enquanto a UNITA inicialmente era apoiada pela China e mais tarde pelas forças sul-africanas. Os EUA que inicialmente apoiaram o FNLA, não tardaram ajudar também a UNITA. A sua estratégia foi durante muito tempo dividir Angola.

Em Outubro de 1975, o transporte aéreo de quantidades enormes de armas e soldados cubanos, organizado pelos soviéticos, mudou a situação, favorecendo o MPLA. As tropas sul-africanas e zairenses retiraram-se e o MPLA conseguiu formar um governo socialista unipartidário.

O Brasil rapidamente estabeleceu relações diplomáticas com a nova República que se instalara. Fez isso mesmo antes de qualquer país de bloco comunista. Nenhum país ocidental ou mesmo africano seguiu seu exemplo.

Depois de quase 500 anos sob domínio português, Angola tornou-se uma nação independente, o Governo Português proclamou a Independência de Angola em 11 de Novembro de 1975, transferindo a soberania para o povo angolano.

O MPLA proclamou a Republica Popular de Angola e estabeleceu o governo em Luanda com a Presidência entregue ao líder do movimento o Dr. Agostinho Neto. Já em 1976 as Nações Unidas reconheciam o governo do MPLA como o legítimo representante de Angola, o que não foi seguido nem pelos EUA nem pela África do Sul. No meio do caos que Angola se havia tornado, cerca de 300 mil portugueses abandonaram este país entre 1974 e 1976, o que agravou de forma dramática a situação económica.

Entretanto, 25 anos de guerra civil levou o país ao caos, somente a produção de petróleo preveniu o país do colapso.

Em Maio de 1977, um grupo do MPLA encabeçado por Nito Alves, desencadeou um golpe de Estado, que foi afogado num banho de sangue. No final deste ano, o MPLA realizou o seu 1º Congresso, onde se proclamou como sendo um partido marxista-leninista ⁴, adoptando o nome de MPLA-Partido do Trabalho.

⁴ **Marxismo** - sistema das teorias filosóficas, económicas e políticas do alemão Karl Marx, segundo o qual a produção dos bens materiais constitui a autêntica base de que emergem as estruturas sociais,

A guerra continuava alastrar por todo o território. A FNLA e a UNITA formaram uma frente unida para combater o MPLA. A UNITA começou por ser expulsa do seu quartel-general no Huambo, sendo as forças dispersas e impelidas para o mato. Mais tarde, porém, o partido reagrupou-se, iniciando uma guerra longa e devastadora contra o governo do MPLA. A UNITA apresentava-se como sendo anti-marxista e pro-ocidental, mas tinha também raízes regionais, principalmente na população Ovimbundu do sul e centro de Angola.

Agostinho Neto morreu a 10 de Setembro de 1979, sucedendo-lhe no cargo o ministro da Planificação, o engenheiro José Eduardo dos Santos.

No início dos anos 80, o número de mortos e refugiados não parou de aumentar. As infra-estruturas do país eram consecutivamente destruídas. Os ataques da África do Sul não paravam. Em Agosto de 1981, lançaram a operação “Smokeshell” utilizando 15.000 soldados, blindados e aviões, avançando mais de 200 km na província do Cunene (sul de Angola). O governo da África do Sul justificou a sua acção afirmando que na região estavam instaladas bases dos guerrilheiros da SWAPO⁵, o movimento de libertação da Namíbia. Na realidade tratava-se de uma acção de apoio à UNITA, tendo em vista a criação de uma “zona libertada” sob a sua administração. Estes conflitos só terminaram em Dezembro de 1988, quando em Nova Iorque foi assinado um acordo tripartido (Angola, África do Sul e Cuba) que estabelecia a Independência da Namíbia e a retirada dos cubanos de Angola.

A partir de 1989, com a queda do bloco da ex-União Soviética, sucederam-se em Angola os acordos de paz entre a UNITA e MPLA, o progresso em prol da paz foi apenas conseguido graças a significativa pressão internacional, seguidos do recomeço das hostilidades. Em Junho de 1989, em Gbadolite (Zaire), a UNITA e o MPLA estabeleceram uma nova trégua. A paz apenas durou dois meses.

“O cessar-fogo consiste na cessão das hostilidades ente o Governo da RPA e a Unita, tendo em vista a paz, (...), deve ser total e definitivo, (...), deve garantir a livre

políticas e ideológicas, fundamento da sua teoria da luta de classes, da revolução proletária e da evolução necessária das sociedades para o socialismo.

Leninismo - doutrina social e política de Lenine, político e revolucionário russo (1870-1924); regime fundado nessa doutrina e implantado na Rússia; bolchevismo.

⁵ SWAPO – South-West Africa People's Organisation (Organização do Povo do Sudoeste Africano - movimento que lançou uma guerra de guerrilha para atingir a independência da Namíbia)

circulação de pessoas e bens em todo o em todo o território nacional.” (Pontos Essenciais dos Acordos de Bicesse 1991 :1).

Segundo o Presidente da República Popular de Angola (RPA), José Eduardo dos Santos, *“O Governo angolano e o Governo cubano firmaram então um acordo bilateral sobre a retirada das forças cubanas de Angola. O Governo da RPA preconizava que a diminuição das pressões dos factores externos lhe permitira concentrar todas as atenções para a solução do conflito interno angolano. Passos significativos foram dados nesse sentido, sendo de se realçar a apresentação do Plano Interno de Paz aprovado em Luanda a 16 de Maio de 1989, por oito Chefes de Estado africano se, cujos princípios constituíram a plataforma africana aprovada em Junho em Gbadolite/Zaire, na presença de 18 Chefes de Estado e de Governo e aceite pelo Chefe da Unita que não a honrou.*

Apesar de tal insucesso, o governo angolano continuou a envidar esforços para alcançar a paz almejada pelo Povo angolano e solicitou os bons ofícios do governo português para possibilitar contactos directos com a Unita, elaborando um Plano de Paz (...). Dos contactos directos passou-se às negociações com a mediação do Governo de Portugal que solicitou a participação como observadores dos governos dos Estados Unidos da América e da união das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Este passo e as medidas legislativas aprovadas ... permitiu que se chegasse a um entendimento, que culminou com a rubrica a 1 de Maio passado dos Acordos de Paz para Angola em Bicesse (...)” (Protocolo de Lusaka 2001: 173).

No final de Abril de 1990, o Governo de Angola anunciou o reinício das conversações directas com a UNITA, com vista ao estabelecimento do cessar-fogo. No mês seguinte a UNITA reconhecia oficialmente José Eduardo dos Santos como Chefe de Estado angolano. O desmoronar da União Soviética acelerou o processo de democratização. No final do ano, o MPLA anunciava a introdução de reformas democráticas no país. A 11 de Maio de 1991, o governo publicou uma lei que autorizava a criação de novos partidos, colocando fim ao mono partidarismo. A 22 de Maio os últimos cubanos saíram de Angola.

Após uma primeira tentativa fracassada, os Acordos de Bicesse (Estoril), assinados em 31 de Maio de 1991, com a mediação de Portugal, EUA, União Soviética e da ONU (Organização das Nações Unidas), trouxeram paz ao país durante um ano. *“A assinatura dos Acordos de Bicesse não marcou, como se imaginara, o início da consolidação da paz em Angola. Apenas teve início uma tentativa, porventura a mais*

sólida, de um processo cujo objectivo era, para uma parte, a paz, e para outra, a possibilidade da conquista por outros meios do que não conseguira pela força das armas. Os Acordos foram também, de maneira significativa, a demonstração do cansaço da comunidade internacional, particularmente a mais envolvida no longo conflito angolano, em continuar a sustentar, o prosseguimento de uma guerra comprovadamente sem solução militar.” (Ministério da Justiça República de Angola 1995).

Durante este período, foram realizadas eleições nacionais (Setembro 1992), nas quais venceu o Presidente José Eduardo dos Santos do MPLA (cerca de 50% dos votos), contra o candidato Jonas Savimbi da UNITA (cerca de 40% dos votos). Porém, em Outubro de 1992, o país tornou a mergulhar-se na guerra depois da UNITA ter recusado aceitar a derrota eleitoral. Os dois anos seguintes testemunharam alguns dos mais cruéis combates da recente história de Angola.

“(…) A participação massiva da população nas eleições, com uma taxa de abstenções insignificante, oferecendo uma lição de civismo e de maturidade da própria vontade política, e abrindo uma nova confiança no futuro, não teve infelizmente a sequência desejada. Seguiu-se-lhe a profunda frustração de todo um povo que começava a acreditar e a sorrir de novo. A manifestação da sua vontade foi confiscada pelas armas da ambição, derrotada democraticamente. A sociedade civil não armada foi relegada à condição de espectadora e vítima imediata da imposição da guerra contra a vontade de paz.” (Ministério da Justiça República de Angola 1995).

A UNITA restabeleceu primeiramente a sua capital no Planalto Central com sede no Huambo (antiga Nova Lisboa), no leste e norte diamantífero.

Em 1993, o Conselho de Segurança das Nações Unidas embargou as transferências de armas e petróleo para a UNITA. Tanto o Governo como a UNITA acordaram em parar as novas aquisições de armas, mas tudo não passou de palavras.

As derrotas territoriais da UNITA no interior, durante 1994, levaram a negociações posteriores entre os dois adversários, as quais culminaram na assinatura do Protocolo de Lusaka em Novembro desse ano na Zâmbia. Este protocolo, baseou-se nos anteriores Acordos de Bicesse, mas com introdução de novos factos de partilha de poder. O Governo da RPA bem como a UNITA comprometeram-se solenemente em fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para respeitar e fazer respeitar o espírito e a letra do Protocolo de Lusaka que tinha em mente:

- a necessidade da conclusão da implementação dos “Acordos de Paz para Angola” assinados a 31 de Maio de 1991;
- a necessidade da instauração de uma paz justa e duradoura no quadro de uma verdadeira e sincera reconciliação nacional;
- as pertinentes resoluções do Conselho de Segurança da ONU.” (Protocolo Lusaka 2001: 242)

Não obstante ter estado sob a cerrada supervisão das Nações Unidas este plano de paz também fracassou. O fracasso do protocolo ocorreu principalmente porque as partes recusaram cumprir alguns dos aspectos fundamentais, como o desarmamento permitindo assim combates e violações de ambas as partes.

A principal lacuna do Protocolo de Lusaka foi a incapacidade de incluir a sociedade civil nas negociações. Tanto o Governo como a UNITA continuaram a preparar-se para a guerra durante esse período, adquirindo armas por meio da venda de petróleo e diamantes, respectivamente. Apesar das Nações Unidas terem estabelecido uma Divisão de Direitos Humanos em seguida ao Protocolo de Lusaka, a falta de transparência e de denúncia pública dos infractores do acordo prejudicou a eficácia da divisão. Raramente as partes eram responsabilizadas por suas violações dos direitos humanos. Em 1998, reiniciou-se a guerra declarada entre o Governo e a UNITA.

De 1975 a 2002, foram empreendidas várias negociações como fim de cessar as hostilidades, as quais resultaram infrutíferas.

O período final da luta de 1998 a 2002 foi marcado por amplas violações dos direitos humanos por ambas as partes. Os combatentes do Governo e da UNITA deslocaram civis à força, numa tentativa de remover todo o apoio à oposição. Estes dois grupos atacaram a população civil, bombardeando áreas civis e distribuindo minas pelo campo. *“O Governo estima que o número de civis desabrigados duplicou nesse período, atingindo mais de 4 milhões de pessoas, além dos 435.000 refugiados em países vizinhos.”* (Human Rights Watch 2002).

Durante esses últimos quatro anos de conflito, as forças da UNITA invadiram aldeias e raptaram crianças e adultos, forçando-os a combater em suas fileiras. As forças do Governo também intensificaram o recrutamento, forçando muitos soldados menores ao serviço militar.

Após anos e anos de conflitos internos, o país, começa a sentir o “gostinho” da paz. Esse novo clima começou após a morte do líder rebelde da UNITA Jonas Savimbi, em Fevereiro de 2002, levando de volta a UNITA à mesa de negociações removendo-se assim um dos maiores obstáculos à paz. O desmantelamento culminou num acordo de cessar-fogo, em Abril desse mesmo ano, entre os guerrilheiros savimbistas e o governo. Graças a esse acordo, foi possível, pela primeira vez desde 1975, uma conversa diplomática entre oficiais rebeldes e autoridades do governo. Desde a assinatura do Memorando de Entendimento, em Abril de 2002, nenhum combate irrompeu entre os dois grupos políticos, os quais parecem determinados a manter a paz, juntamente com o resto da população do país. Os representantes da UNITA foram incorporados no Governo, ocupando cargos ministeriais e diplomáticos. O processo de desmobilização continuou e os soldados da UNITA entregaram as suas armas e recolheram-se aos acampamentos. No entanto a não participação das crianças-soldados nestes programas de desmobilização prejudicou a legitimidade dos mesmos e verificando-se sérias implicações para o futuro da estabilidade e da ordem pública.

“Após o Protocolo de Lusaka de 1994, a Comissão de Desmobilização deu início a um programa formal para as crianças, registando 9.133 soldados menores de idade. Destes, 5.171 foram desmobilizados. Os rapazes foram aquartelados, receberam um subsídio monetário, alimentos e roupas para o seu retorno à sociedade, e foram transportados aos seus locais de origem dentro de um período alvo de seis meses.” (CCF 1998: 55). Foi também estabelecido um programa de acompanhamento para estas e outras crianças separadas durante a guerra com o fim de garantir a volta das crianças às suas famílias ou parentes mais próximos.

O processo anterior de desmobilização infantil teve problemas de implementação, estrutura e capacidade de reintegrar satisfatoriamente os participantes. Muitas das crianças permaneceram nos acampamentos muito mais do que um período previsto de seis meses, às vezes por mais de um ano. As dificuldades de estabelecimento do programa, a falta de pessoal qualificado e a manipulação política são razões que explicam algumas dessas demoras. *“Das crianças que foram registradas, pouco mais da metade foram desmobilizadas, sendo 4.811 do lado da UNITA e 360 das FAA.”* (Verhey 2001). Os atrasos na oferta de benefícios e os temores de que as crianças fossem recrutadas de novo pela UNITA, quando a possibilidade de guerra ainda pairava no horizonte, levou muitas crianças registradas a simplesmente fugirem dos centros sem se submeter ao processo formal de reintegração. A falta de separação nos centros entre

os soldados adultos e os adolescentes significa que os comandantes da UNITA exerciam controle efectivo sobre estas crianças, factor este que estudos realizados após o conflito identificaram como um obstáculo à sua reabilitação. Finalmente, o acesso ao programa limitou-se inicialmente aqueles que podiam mostrar a posse de uma arma, o que impediu a inscrição de muitas crianças ex-combatentes.

Apesar do uso de meninas e adolescentes ter sido bem documentado, elas foram ignoradas na concepção e execução do programa. As crianças consideradas como incapacitadas pela guerra também não receberam benefícios. Os planos actuais, que focalizam a reabilitação no seio da família ou da comunidade e são poucos os que incluem programas específicos para as crianças-soldados, correm o risco de que estes dois grupos sejam novamente esquecidos. Em outras situações pós-conflito, a falta de atenção à reabilitação das jovens fez com que aquelas que não dispunham de famílias ou do apoio comunitário eram forçadas a se defender por si sós. O exemplo da Serra Leoa, onde jovens ex-combatentes foram forçadas a viver nas ruas ou a trabalhar na prostituição, é uma advertência sobre os perigos de excluir as jovens dos programas de desmobilização.

As últimas décadas de Angola, passadas numa guerra quase contínua, foram anos de tremendo sofrimento humano, deslocações em grande escala da população, graves danos à propriedade e infra-estruturas e de sérias perdas.

Os novos desafios são agora a reconstrução, a reabilitação, o retorno das populações às suas regiões natais, enfrentando a má nutrição, a insegurança alimentar, a escassez de água potável, a falta de condições de higiene e as deficientes estruturas na área da saúde. Existe também um número crescente de pessoas deslocadas internamente, que concentram-se em capitais regionais sobrelotadas e em aldeamentos, obviamente sem meios de sobrevivência. As taxas de mortalidade e de morbidade continuam muito elevadas, em particular entre os que vivem em campos densamente povoados e em centros de trânsito. A malária, a anemia, a cólera, as infecções respiratórias graves e as diarreias são as mais frequentes ameaças à vida das populações.

Segundo a UNICEF, Angola é um dos piores países do mundo para se ser criança. A taxa de mortalidade de crianças com menos de 5 anos é a segunda mais alta do mundo, sendo que cerca de um terço das crianças angolanas morre antes do quinto aniversário. São menos de metade as crianças em idade escolar que recebem educação formal e dos que frequentam a escola só 34% chegam ao 5º ano.

Outro problema de relevo é o das minas antipessoais. Calcula-se que existam cerca de 12 milhões destes engenhos mortais espalhados pelo país. As minas representam, desde há muito, uma ameaça para a população civil e com as pessoas a regressarem agora às suas regiões natais, tem-se verificado um grande aumento do número de acidentes com minas.

Embora Angola possua muitos recursos naturais, principalmente petróleo e diamantes (que alimentaram o longo conflito), 63% da população vive abaixo do limiar de pobreza. Mais de 4 milhões de pessoas afectadas pela guerra enfrentam necessidades urgentes que incluem ajuda alimentar, abrigo, medicamentos e bens essenciais de sobrevivência. Com excepção do sector do petróleo e dos diamantes, o conflito arrasou a economia local. Os sistemas de saúde e ensino, assim como outras estruturas sociais, foram destruídos.

O cessar-fogo produziu melhorias concretas na situação em termos de segurança. Pela primeira vez em muitos anos, os organismos humanitários conseguiram ter acesso às áreas que anteriormente eram consideradas inacessíveis. No entanto, encontram-se ainda no campo minas e bombas sem explodir e os trabalhadores humanitários arriscam as suas vidas para chegar às povoações necessitadas.

“(...) O processo de paz em curso permite-nos ter uma visão mais ambiciosa e fazer planos para um futuro melhor, (...), sabemos que é necessário tempo para consolidar a paz e conseguir uma autêntica reconciliação. Embora o sucesso dependa unicamente dos Angolanos, a ajuda externa pode desempenhar um papel importante no processo de transição. É por isso que a União Europeia está tão empenhada em ajudar Angola na gigantesca tarefa da reconstrução.” (Nielson 2003: 1).

A guerra e as deslocações destroem as estruturas sociais normais e as crianças encontram-se com muita frequência entre aqueles que mais sofrem. Por esta razão, tem sido sempre alvo de especial preocupação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e de outras organizações humanitárias que trabalham em situações de emergência.

Entre as crianças mais vulneráveis contam-se os órfãos e outras crianças separadas das suas famílias. Estas crianças ficam com as suas vidas desfeitas numa fase crucial do seu desenvolvimento físico. Uma higiene precária e alimentação insuficiente durante o período de deslocação têm frequentemente um impacto devastador nas taxas de mortalidade dos mais jovens. As crianças mais velhas vêem-se muitas vezes obrigadas a

assumir responsabilidades acrescidas no seio da família, como ganha-pão ou ficando a tomar conta de adultos incapacitados ou dos irmãos mais novos. Ao mesmo tempo, estão ainda a desenvolver a sua própria identidade e a aprender competências, tendo, porém, de o fazer desligadas da comunidade natal e da cultura que lhes é familiar. As crianças refugiadas estão frequente e particularmente sujeitas a risco de recrutamento forçado. Os grupos armados usam habitualmente crianças como carregadores, cozinheiros, mensageiros, informadores ou soldados de infantaria.

3 – A MULHER E A CRIANÇA

Quando a mulher tem maior poder para viver de maneira plena e produtiva, as crianças prosperam. A experiência de várias ONGs mostra também o que ocorre na situação inversa: quando a mulher é privada de oportunidades igualitárias dentro da sociedade, as crianças sofrem por uma razão simples: “(...) a igualdade de género e o bem-estar da criança são indissociáveis.” (UNICEF 2007: VII). O trabalho desenvolvido dentro de cada país em direcção ao terceiro Objectivo de Desenvolvimento do Milénio – promover igualdade de género e aumentar o poder da mulher – gerará o duplo dividendo de melhorar a vida da mulher e da criança. Este trabalho irá contribuir para que todos os outros objectivos sejam atingidos – desde reduzir a pobreza e a fome até salvar a vida de crianças, melhorar a saúde materna, garantir educação universal, combater o HIV, a malária e outras doenças, garantir sustentabilidade ambiental, e desenvolver parcerias novas e inovadoras em favor do desenvolvimento (Nações Unidas 2000: 1). Correrá o risco de fracassar caso não haja participação plena de todos os membros da sociedade. Apesar do compromisso da comunidade internacional com relação à igualdade de género, mulheres e meninas em todo o mundo vivem no meio do flagelo da discriminação, da falta de poder e da pobreza. Mulheres e meninas são afectadas de maneira desproporcional pela pandemia do HIV; o casamento infantil é imposto a muitas meninas, por vezes antes de completarem 15 anos de idade; as taxas de mortalidade materna permanecem injustificavelmente altas em muitos países; na maior parte do mundo, as mulheres ganham menos do que os homens pelas mesmas tarefas; em todo o mundo, milhões de mulheres e meninas sofrem violência física e sexual, com poucas alternativas de recurso por meio dos sistemas de justiça e de protecção.

Existe o reconhecimento de que as pessoas vulneráveis – principalmente as crianças – precisam de cuidados e atenção especiais. É esse o mundo pelo qual a comunidade internacional se comprometeu a lutar – um mundo para as mulheres e as crianças.

A igualdade de género não tirará da pobreza apenas as mulheres, mas também as suas crianças, as suas famílias, as suas comunidades e os seus países. Sob esse ponto de vista, a igualdade de género não é apenas uma atitude moralmente correcta – é crucial para o progresso humano e para o desenvolvimento sustentável, além disso, beneficia a mulher e a criança. Uma vez que as mulheres são as principais cuidadoras das crianças, o seu bem-estar contribui para o bem-estar dos seus filhos. O bem-estar da mulher é inseparável do bem-estar da criança. Com muito poucas excepções, o que é bom para a

mulher é bom para a criança. Um mundo para a criança é também um mundo para a mulher. Elas são inseparáveis e indivisíveis – uma não pode existir sem a outra. Mulheres saudáveis, instruídas e fortalecidas têm maior probabilidade de ter filhas e filhos saudáveis, educados e seguros e confiantes. Comprovadamente, a influência que a mulher exerce sobre as decisões familiares tem impacto positivo sobre a nutrição, os cuidados de saúde e a educação de seus filhos e o desenvolvimento da criança (King 2001).

Apoiando os direitos da mulher, as sociedades também protegem as meninas e as adolescentes. A igualdade de gênero significa que meninas e meninos têm igual acesso a alimentação, cuidados de saúde, educação e oportunidades. As evidências mostraram que mulheres que têm seus direitos garantidos têm maior probabilidade de assegurar às suas filhas o acesso a condições adequadas de nutrição, cuidados de saúde, educação e proteção contra injustiças.

Mas estes benefícios vão além do impacto directo sobre as crianças: sem ela, será impossível criar um mundo de equidade, tolerância e responsabilidades compartilhadas – um mundo para a criança. Mesmo assim, apesar dos ganhos substanciais no aumento do poder da mulher desde que a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Cedaw), adoptada em 1979 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a discriminação de gênero ainda está infiltrada em todas as regiões do mundo. Manifesta-se na preferência por filhos do sexo masculino, nas oportunidades de educação e trabalho, que são limitadas para meninas e mulheres, e na violência escancarada que denuncia a discriminação de gênero na forma de agressões físicas e abusos sexuais. Embora menos óbvias, outras formas de violência podem ser igualmente destrutivas. A discriminação institucional é mais difícil de identificar e corrigir. Tradições culturais podem perpetuar a exclusão e a discriminação sociais de uma geração para outra, devido a estereótipos de gênero que se mantêm amplamente aceites e permanecem inalterados. A eliminação da discriminação de gênero e o aumento do poder da mulher exigem maior influência das mulheres em decisões fundamentais que moldam sua vida e a vida de seus filhos em três arenas distintas: a família, o local de trabalho e a esfera política. Mudanças em qualquer dessas áreas têm influência sobre a igualdade da mulher nas demais, e geram impactos profundos e positivos na vida das crianças em todas as partes do mundo.

Tendo em vista que o *status* da mulher e o bem-estar da criança estão profundamente interligados, os defensores da criança seriam negligentes se deixassem de defender a

causa da igualdade de género. A Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) que trata dos direitos inalienáveis das crianças, foi adoptada uma década depois da Cedaw. Estes tratados irmãos são indiscutivelmente associados na mobilização das comunidades em direcção ao pleno cumprimento dos direitos humanos. Cada um deles especifica direitos que não podem ser anulados em função da idade, género, classe económica ou nacionalidade. Os dois tratados são complementares, sobrepondo-se em sua exigência de definição de direitos e responsabilidade e preenchendo falhas cruciais que poderiam existir se cada um deles fosse aplicado isoladamente.

Diversos artigos da Cedaw tratam de direitos pertinentes à criança, entre os quais igualdade (artigos 2 e 15), protecção à maternidade (artigo 4), cuidados de saúde adequados (artigo 12) e responsabilidade materno-paterna partilhada (artigo 16). A CDC exige igualdade de acesso à educação e a cuidados de saúde para meninas e meninos. As duas convenções pedem o fim da violência e dos abusos e baseiam-se em princípios de não-discriminação, participação e responsabilização. Apesar de algumas diferenças, as duas convenções têm mais aspectos em comum do que divergências: estabelecem os padrões para um mundo equitativo, no qual os direitos de todos os seres humanos – mulheres e homens, idosos e jovens – são respeitados.

Embora mulheres e meninas sejam as mais directamente prejudicadas pela desigualdade de género, os seus efeitos perniciosos reflectem-se através das sociedades, elas são discriminadas no acesso a recursos, oportunidades e poder político. Frequentemente, atitudes, crenças e práticas que excluem a mulher estão profundamente enraizadas, e, em muitos casos, estreitamente associadas a normas culturais, sociais e religiosas.

O Preâmbulo da Carta das Nações Unidas, de 1945, destaca o seu objectivo de “(...) *reafirmar a crença nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana, nos direitos iguais de homens e mulheres, e de nações, grandes ou pequenas.*” (Preâmbulo da Carta das Nações Unidas 1945: capítulo 8: 1).

Durante conflitos armados, estupros e agressões sexuais são frequentemente utilizados como armas de guerra. Quando emergências complexas obrigam as pessoas a deixar as suas casas, mulheres e meninas ficam expostas a maiores riscos de violência, exploração e abuso – às vezes por parte das próprias equipas de segurança ou de outras pessoas encarregadas de garantir sua protecção e sua segurança.

Apesar da desigualdade de género enraizada, o *status* da mulher melhorou nas três últimas décadas. O aumento da consciencialização com relação a práticas e consequências da discriminação – inclusive de violência física e sexual, mutilação/corte

genital feminino, número desproporcional de mulheres afectadas pelo HIV e analfabetismo de mulheres, entre outras – favoreceu maior exigência por mudanças. Por meio da promoção de reformas sociais e de legislação, os proponentes da igualdade de género começaram a dar nova forma ao cenário social e político. *“Nos últimos anos tem havido um reconhecimento crescente de que, em situações de conflito, caracterizadas por instabilidade e falta de firmeza na aplicação das leis, a participação de mulheres nos processos de paz é essencial para garantir sucesso no longo prazo.”* (Fundo das Nações Unidas para a Infância 2005).

Apesar dos ganhos com relação à igualdade de género, é muito grande o número de mulheres e meninas que foram deixadas para trás e que continuam privadas de poder e do direito de se manifestar. Olara Otunnu, Presidente da Fundação para a Infância (1997-2005), afirma que segundo estimativas abrangentes, elas constituem a maior parte dos pobres do mundo, representam cerca de dois terços das pessoas analfabetas, e, juntamente com as crianças, somam 80% das mortes de civis durante conflitos armados. O papel da mulher em processos de paz continua a ser, na melhor das hipóteses, informal. Governos e outros actores políticos parecem satisfeitos em encorajar o envolvimento de mulheres com grupos que frequentemente atravessam as zonas de conflito, mas é raro que as mulheres cheguem à mesa de negociação da paz. Nas poucas ocasiões em que isso ocorre, suas vozes raramente são ouvidas. A exclusão das mulheres das negociações de paz significa que os seus direitos e pontos de vistas – como cidadãs, como ex-combatentes e como vítimas – não estão integralmente representados nos processos de reconstrução pós-conflito.

3.1 – A mulher angolana e a guerra

Décadas de um conflito violento deixaram grandes cicatrizes à população angolana e especialmente às mulheres. *“A mulher angolana desde os tempos mais remotos sempre teve uma grande participação a nível da sociedade”*. (Entrevista à Secretária Provincial da OMA – Anexo II). O diferente impacto do conflito e da pobreza em Angola sobre os dois sexos são evidentes nos indicadores inferiores de desenvolvimento humano das mulheres em comparação aos homens.

Mães, esposas ou filhas, que constituem a maioria da população, são aquela “camada” que sempre teve menos oportunidades para se afirmar na sociedade e sempre foi discriminada. A história regista que no passado, a única educação dada a mulher, era a

culinária, o corte e costura e pouco mais; os preconceitos da sociedade colonial reduziam a mulher a uma mera servidora doméstica do marido e dos filhos. Foi essa injusta discriminação, que levou a mulher angolana a participar em pé de igualdade com o seu companheiro, na luta de libertação do país.

A história recente das mulheres angolanas permanece amplamente desconhecida do discurso popular sobre a guerra. Os caminhos percorridos por mulheres no papel de soldados, líderes, activistas, sobreviventes e vítimas de uma das guerras mais trágicas do continente africano ainda têm de ser discutidos e as suas implicações percebidas.

A Organização da Mulher Angolana (OMA), criada em 1962 como ala feminina do MPLA, teve uma influência crucial no apoio às forças guerrilheiras dentro e fora de Angola. Os relatórios sobre as actividades da OMA mostram que os seus membros contribuíam para a produção de alimentos para o exército guerrilheiro, organizavam campanhas de alfabetização e de cuidados básicos de saúde e transportavam armamentos e alimentos a grandes distâncias. Não há estimativas do número de mulheres que participavam do exército guerrilheiro da MPLA, mas os testemunhos orais indicam uma quantidade substancial.

“A OMA é uma Organização Social, de âmbito nacional, com fins patrióticos e sociais que associa todas as mulheres, que independentemente das suas convicções políticas, filosóficas ou religiosas, pretendem lutar pela sua completa emancipação e por uma participação mais activa em todos os aspectos da vida política, económica e social” constitui objectivo principal *“... lutar pela causa da emancipação da mulher contra todas as formas de discriminação, uma integração da mulher no desenvolvimento, sua plena participação na tomada de decisões em todos os sectores da vida política, económica e social do país. Afim de salvaguardar a causa da emancipação da mulher, a OMA combate as manifestações de regionalismo, tribalismo, racismo e obscurantismo e luta pela construção de uma sociedade justa, democrática, desenvolvida e em paz.”* (Estatutos da OMA 1998).

A OMA encarava o envolvimento e participação da mulher na guerra da independência como sendo um campo de prova em que todos os participantes eram exigidos a dar o máximo do seu esforço e desenvolver seus talentos e habilidades. Como em outras organizações femininas, a liderança da OMA incluía principalmente mulheres educadas com laços familiares fortes ou maritais com a liderança política do partido. Não obstante, a maioria dos membros eram mulheres comuns de todos antecedentes sociais e étnicos, que se envolveram no activismo político e no trabalho comunitário.

Por sua vez, a Liga Independente de Mulheres Angolanas (LIMA)⁶, a ala feminina da UNITA foi fundada em 1973 e também desempenhou um papel importante na luta pela libertação. A actividade das mulheres na UNITA durante a luta pela libertação envolvia o transporte de materiais, alimentos e armamentos para os homens na linha de combate. As cargas eram transportadas na cabeça e as distâncias eram longas. As suas actividades políticas consistiam principalmente na mobilização de pessoas e especialmente na adesão dos jovens à luta armada. As mulheres também eram treinadas como activistas políticos. Durante a guerra civil após a independência, as mulheres continuaram em actividade em todas as frentes e a liderança da LIMA era notada em comícios políticos dentro e fora do país.

A guerra e os seus impactos aumentaram o fardo de trabalho das mulheres, já que elas assumiram uma responsabilidade maior pelas actividades desenvolvidas normalmente pelos homens, como a manutenção do lar, disciplinar os filhos, construção e reparação de casas, contacto com os líderes comunitários e funcionários governamentais, e cumprimento das obrigações sociais e religiosas. Muitas continuam a desempenhar estas tarefas mesmo em tempo de paz, porque os maridos morreram ou abandonaram o lar. Os rendimentos das mulheres no sector informal da economia começaram a causar um sério conflito cultural pondo em causa as capacidades dos homens de ganhar rendimentos e o papel tradicional dos dois sexos na família. Estas mudanças explicam parcialmente a evidência crescente de uma explosão de violência doméstica contra mulheres e crianças desde os inícios dos anos 90. Segundo a secretária provincial da OMA *“Nós temos muitos problemas! Nós temos um grande problema em Angola que é o problema da violência (...)”* (ANEXO II). Um fenómeno social que tende a alastrar-se, e que pela sua negatividade tem motivado a condenação e repulsa da sociedade, é a violência no lar que atinge essencialmente a mulher, mas que acaba por atingir também a criança, ou seja os filhos. Também o flagelo da SIDA ameaça cada vez mais as sociedades, com as inerentes consequências negativas no desenvolvimento demográfico e económico. No que concerne ao lar, os longos anos de conflito criaram situações que dificultam a decisão das mulheres se casarem ou voltarem a casar-se, especialmente se tiverem sofrido abuso sexual. A escassez de homens disponíveis para o casamento também

⁶ LIMA (Liga Independente das Mulheres Angolanas) é a Organização das Mulheres da UNITA. É a arma política das mulheres do partido, que teve um papel activo ao seguir e apoiar as tropas da UNITA durante a guerra, como também agrupar numa força de trabalho as mulheres capturadas.

significa que o casamento está associado à aceitação da poligamia, que continua a ser prática comum e socialmente aceitável em Angola. Quando os homens tinham de combater durante alguns anos numa região diferente, a formação de lares secundários era considerada como legítima. As mulheres que foram sequestradas enfrentaram o dilema de deixar ou não os seus maridos guerrilheiros e voltar aos seus lares originais, onde corriam o risco de serem rejeitadas.

Como em tantas outras situações de conflito, as mulheres angolanas foram excluídas de uma participação significativa nas negociações formais de paz entre as partes em guerra. Nem a OMA, nem a LIMA foram capazes de ter um papel efectivo na promoção do fim da guerra.

Após a guerra, as mulheres angolanas enfrentam novos desafios e lutam para vencer estes obstáculos e participar plenamente na sua sociedade. Contudo, parece que o Governo não conseguiu até o momento responder às mudanças no papel da mulher angolana e às transformações de relações entre os sexos.

Um dos domínios onde provavelmente os factores históricos mais que os culturais e tradicionais fragilizaram a participação activa das mulheres, foi sem dúvida alguma o da esfera política. A participação feminina na vida política consistiu na promoção de direitos da mulher. Tanto durante como até ao final da guerra, as mulheres negociaram constantemente com a liderança política, pressionando para que suas preocupações fossem levadas a sério por políticos e funcionários governamentais. Algumas organizações feministas tiveram influência decisiva não somente como organização de massa, mas também como organizações voltadas para políticas dedicadas à luta pela melhoria da situação legal das mulheres, bem como para seu fortalecimento económico, e acima de tudo, para a incorporação de questões das mulheres nas principais políticas. Possivelmente, as realizações mais significativas da OMA ocorreram na década de 1980. Seus esforços resultaram na introdução do Código de Família e na formulação e implementação de uma política que proporcionasse o livre planeamento familiar para as mulheres. Os pontos principais do Código de Família são o reconhecimento de uniões consensuais a par do casamento, a protecção de filhos nascidos fora do casamento e o incentivo a uma divisão justa de tarefas e responsabilidades de família. Contudo esta lei ainda apresenta várias limitações das quais se destacam:

- o não tratamento de questões relacionadas com a vida familiar, como o aborto, o adultério, a violência doméstica, a questão da habitação arrendada;

- a definição da instituição familiar como uma família monogâmica , o que na realidade angolana é bastante diferente quer no meio rural quer no meio urbano onde as unidades familiares poligâmicas são não só frequentes mas também aceites.

A OMA também forneceu assistência técnica às mulheres e promoveu debates e discussões de assuntos anteriormente considerados tabus, como o casamento habitual e o aborto. Embora a OMA tenha influenciado efectivamente a promoção destas reformas, a realidade é que a maioria das mulheres ainda luta para que os seus direitos sejam respeitados na prática. Ainda que a OMA continue a ser até hoje um referencial importante do movimento feminino em Angola, já não é o grupo que lidera a representação da promoção dos direitos das mulheres. Alguns membros decidiram criar as suas próprias ONGs como forma de agir independentemente do partido e têm sido mais activas e engenhosas em responder às necessidades das mulheres.

Para a secretária provincial da OMA é importante observar que algumas organizações femininas têm se destacado nos esforços de construção de paz (ANEXO II). Constituem exemplo desta preocupação, a criação da Rede de Mulheres Ministras e Parlamentares, do Grupo de Mulheres Parlamentares, e da Rede Mulher Angola que têm contribuído fortemente para a promoção e progresso das mulheres. O Ministério da Família e Promoção da Mulher constituiu igualmente uma conquista das mulheres para a resolução dos seus problemas. Estas acções contribuíram para formação da plataforma feminina da paz e o que é mais importante, revelaram que é possível para as mulheres de partidos políticos e sectores sociais diferentes juntarem esforços visando o mesmo objectivo.

As mulheres usaram uma variedade de maneiras para sobreviver. E a realidade social das mulheres pobres, seja em áreas rurais ou urbanas, difere grandemente da realidade de mulheres mais privilegiadas. Um número maior de mulheres pobres perdeu seus maridos e filhos na guerra, ou foram deslocadas para campos de refugiados. Para essas mulheres resta pouca esperança de melhoria imediata de suas condições de vida, considerando o seu baixo nível de educação e o facto de que, politicamente, pouco se faz para lidar com as suas necessidades especiais. Dados recolhidos em 1993, pelo INE angolano, em Luanda estimam que 30% das mulheres economicamente activas são analfabetas contra 7% dos homens. O referido relatório fornece ainda a percentagem de 1,5 % de mulheres licenciadas contra 7% de homens. Neste sentido, é lógico perceber a

discriminação no mercado de trabalho formal traduzida numa taxa de desemprego para as mulheres de 79% contra 53% para os homens (INE 1994).

Por outro lado, enquanto no sector formal as mulheres empregadas representam tão somente 17% do total contra 82 % de homens (Ducados 1998) , no sector informal elas representam 55% contra 44% de homens. Nas zonas rurais, a situação da mulher alterou-se substancialmente, na medida em que devido à guerra os homens ou morreram ou estão no exército, os jovens migraram para as cidades à procura de novas e melhores oportunidades e para a mulher sobraram consequentemente, as tarefas tradicionalmente atribuídas aos homens.

Hoje em dia, as políticas sociais de Angola continuam a ser dirigidas na sua maioria pelo sexo masculino. O maior obstáculo à realização das provisões constitucionais é que a sociedade angolana continua sendo predominantemente uma “reserva masculina” onde os direitos da mulher são frequentemente violados para a preservação da estrutura patriarcal herdada dos “valores tradicionais” africanos.

Embora mais elevado do que em qualquer outra parte do continente, o número de mulheres em posições de poder e influência permanece claramente desequilibrado. Segundo secretária provincial da OMA, embora 54% da população seja formada por mulheres, elas estão sub-representadas em todos os órgãos decisórios. Apenas 34 de um total de 183 parlamentares e 3 de um total de 27 ministros do Governo são mulheres, e existem somente duas embaixadoras, três consulesas gerais, e três ministras adjuntas. A participação das mulheres nos Governos locais também é limitada. Este facto pode ser explicado por muitos factores, incluindo sua ausência comparativa da hierarquia dos partidos políticos e as restrições de tempo que as impedem de competir em pé de igualdade na esfera política.

As mulheres envolvidas na tomada de decisões nacionais estão separadas da maioria das mulheres comuns pelo estilo de vida, classe e objectivos. No entanto, só a legislação é insuficiente para a mudança de mentalidade atinente a transformação das relações de género da dependência, enraizada em usos e costumes antigos, para as de complementaridade, entre os papéis que homens e mulheres desenvolvem na sociedade. Durante estes anos de independência, foi necessária muita luta por parte da mulher para que os seus direitos começassem a ser respeitados, vincando a capacidade feminina e as vantagens da sua presença em todas as áreas da vida da nação, por ser tão capaz como o seu companheiro e por representarem mais de metade da população activa.

Se anteriormente a mulher era educada para ficar em casa, hoje mais do que por motivos económicos, esta vai à rua em busca de realização, de autodeterminação, independência, consciente da importância da sua contribuição para a sociedade.

Todavia, cabe a própria mulher, na prática, afirmar-se como merecedora de uma boa percentagem de representação nos órgãos do poder, da base ao topo. Fazer com que os números representem sobretudo qualidade é o grande desafio para que a sua completa emancipação não seja vista como "um favor", mas uma grande conquista, cuja beneficiada seja o próprio país que vai contar com todos os seus filhos para o progresso, democracia e justiça social.

São estas as considerações que se me oferecem tecer, face à informação prestada pela Secretária Provincial da OMA, cuja entrevista se localiza no Anexo II.

4 – ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Graça Machel no seu relatório da "Protecção das crianças afectadas pelos conflitos armados" afirmou que *“A guerra viola todos os direitos da criança - o direito à vida, o direito de ter uma família e uma comunidade, o direito à saúde, o direito ao desenvolvimento da personalidade e o direito de ser educada e protegida.”* (Machel 1996: capítulo II ponto 30).

Durante anos a guerra em Angola foi uma realidade diária para milhares de crianças. Algumas jamais conheceram outro tipo de vida, crescendo no meio de guerras civis ou guerrilhas. Para outras, “o mundo de repente foi virado de cabeça para baixo”, quando as obrigaram a tomar a estrada a fugir dos seus lares, como refugiados ou pessoas deslocadas, em busca de refúgio, muitas vezes separadas das suas famílias.

Milhares foram mortas, torturadas, incapacitadas, mutiladas, raptadas e obrigadas a lutar com as forças rebeldes ou ficaram órfãs. Muitas mais morreram ou sofreram de fome ou desnutrição, ou falta de água limpa, condições sanitárias ou cuidados médicos. Muitas ficaram traumatizadas ao testemunharem mortes brutais e assistir à violência, pelo medo e sofrimento ao seu redor ou até mesmo quando foram obrigadas a participar em tais actos.

As crianças não foram poupadas das atrocidades do conflito, no entanto nem sempre foram vítimas acidentais desta guerra. Algumas foram deliberadamente mortas por forças de segurança e grupos de oposição armada, quer como retaliação, quer para provocar a ira de comunidades rivais. Muitas meninas foram escolhidas para abusos sexuais.

Várias crianças foram escolhidas para recrutamento, tanto pelas forças armadas quanto por grupos de oposição armada, e exploradas como combatentes. Muitas crianças foram intimidadas a participar, inclusive recebendo ameaças contra as suas famílias, ou sendo raptadas. Outras apresentaram-se voluntariamente porque queriam lutar, defender as suas aldeias, vilas e cidades contra os ataques inimigos, quando o número de adultos não era suficiente para o efeito, algumas vezes porque as suas famílias eram muito pobres, e/ou porque não tinham onde morar e procuravam comida, abrigo e segurança. Os que não podiam estar nas frentes de combate assumiam tarefas auxiliares, cozinha, comunicações e transporte de material de guerra eram as mais frequentes.

A maioria recebeu apenas treinamento e equipamento mínimos, antes de serem atiradas na linha de fogo de uma guerra adulta. As “baixas” entre as crianças foram geralmente

altas, devido à inexperiência, imprudência e falta de treinamento, e porque muitas vezes foram utilizadas em tarefas particularmente perigosas, como trabalhos de espionagem ou colocação de minas.

Quem era apanhado a tentar fugir foi morto ou torturado, e tanto meninos quanto meninas foram brutalizados, pois eram forçados a matar outras crianças. As crianças raptadas eram consideradas como “propriedade” dos comandantes, sendo as meninas colocadas aos comandantes em casamentos forçados, mas efectivamente sendo mantidas como escravas sexuais. Todas as crianças tiveram que lutar. Os comandantes obrigaram-nas a tomar parte no ritual de morte de prisioneiros, aparentemente para quebrar qualquer resistência, destruir tabus sobre a morte, implicar as crianças em actos criminosos e, de modo geral, aterrorizá-las.

Muitas das crianças tentam lidar com a perda do lar, da comunidade, e com a morte da família, de um dos pais, geralmente o próprio pai. Inicialmente não eram bem-vindas na nova comunidade, que olhava-as com suspeita ou ressentimento, e em geral são relegadas a favelas ou acampamentos precários. Muitos milhares de crianças deslocadas perderam os pais, e foram entregues aos cuidados de outras famílias, instituições ou acabaram mesmo por ficar sozinhas na rua.

Os que escaparam continuam a sofrer. A reintegração é difícil, com as crianças psicologicamente aterrorizadas, enfrentando uma imensa luta para reconstruir vidas despedaçadas. As consequências médicas e sociais são especialmente negativas para as meninas, sendo que quase todas sofrem de doenças sexualmente transmissíveis, e enfrentam o estigma social de terem sido violadas.

Segundo Kofi Annan citado no relatório anual sobre a Situação Mundial da Infância 2005 *“Os países somente chegarão mais perto de suas metas de paz e desenvolvimento se chegarem mais perto da realização dos direitos de todas as crianças.”* (UNICEF, 2004: VI). Com a infância de tantas crianças ameaçada, o nosso futuro colectivo está comprometido pois *“as crianças constituem uma prioridade pois elas ainda são o nosso futuro”*.

Um dos pilares para construir a segurança humana a curto prazo é a educação. Por meio dela adquire-se consciência da importância da liberdade e do direito à vida. Porém esse privilégio está fora do alcance de muitas crianças. Há pouquíssimas escolas para dar resposta às muitas crianças que permanecem nas ruas esperando a construção de mais escolas. Professores não tem materiais didácticos para as suas aulas e o seu salário mensal é muito reduzido. Em relação à saúde existem poucos médicos para uma grande

população, acabando por somente alguns habitantes terem direito ao atendimento médico. Os recursos ainda são escassos.

“As Nações Unidas através de suas várias missões em Angola, as Organizações Não Governamentais (ONGs) internacionais e as associações emergentes em Angola, assumiram papel preponderante, na disseminação dos direitos humanos, da cultura da tolerância e da paz.” (Wacussanga 2003: 3). Entende-se genericamente como ONG, “... qualquer entidade comunitária que não tem nenhum vínculo com o governo, seja municipal, estadual ou federal.”⁷. O termo ONG foi usado pela primeira vez em 1950 pela ONU para definir toda organização da sociedade civil que não estivesse vinculada a um governo.

Para Angola alcançar uma paz duradoura, o seu povo precisava de gozar da liberdade de movimento e de associação, podendo cada indivíduo exprimir-se conforme desejava. Este tipo de reconstrução requereu a cooperação entre os níveis nacional, local e provincial do governo, as ONGs, as empresas particulares e as instituições internacionais. Durante o processo de paz de Lusaka, e à medida que ia progredindo, as ONGs iam adquirindo confiança, até que participaram, em 1997 e 1998, numa série impressionante de iniciativas de formação no sector dos direitos humanos. O grande desafio, para as ONGs, a ONU e a comunidade internacional, foi investir o seu apoio político e financeiro nestas iniciativas e protegê-las da destruição completa no conflito. As ONGs que inicialmente se consideravam como tendo potencial para oferecerem oposição ao Governo sofreram a primeira dose de repressão grave em 1977, após uma tentativa de golpe de estado que pouco tempo durou. O MPLA eliminou um número considerável de organizações de massas, nomeadamente da federação de sindicatos e das organizações de mulheres e jovens, de organizações provinciais e das forças armadas. Sob a nova e dominante orientação do primeiro presidente do MPLA, Agostinho Neto, enunciou-se, no Primeiro Congresso do MPLA, em Dezembro de 1977, um curso marxista-leninista rigorosamente ortodoxo. Embora o MPLA demonstrasse alguma clemência para com os seus oponentes, “desapareceram” vários milhares de indivíduos na primeira “evacuação”, indivíduos esses que até hoje não apareceram. Como resultado, as organizações das massas e associações locais temiam agir e falar. Só com o passar do tempo é que o Estado permitiu o restabelecimento de ONGs. O trabalho de apoio aos agricultores, deslocados e habitantes dos bairros da lata continuou

⁷ <http://www.ebanataw.com.br/roberto/ong/ong.htm>

a ser monopolizado pelo Governo, ou por agências do partido, até fins da década de 80. A única excepção permitida foi em relação ao desenvolvimento paralelo de organizações religiosas tais como a Cáritas Angola e o Conselho Angolano de Igrejas Evangélicas de Angola.

Não é portanto de surpreender que a primeira ONG não religiosa em Angola, a Acção Angolana de Desenvolvimento (AAD), que foi lançada em Novembro de 1989, tenha sido principalmente patrocinada pela elite política do MPLA. A AAD tornou-se rapidamente um canal privilegiado de assistência proveniente de doadores nórdicos, dominando durante vários anos o âmbito das ONGs.

Após os Acordos de Bicesse, o Governo angolano permitiu a formação de ONGs locais. Em Maio de 1991 o Governo aprovou legislação que reconhecia os direitos dos partidos políticos, a liberdade de assembleia e associação, o direito à greve e a liberdade de imprensa. Retiraram-se também as restrições exercidas sobre as viagens domésticas e o recolher obrigatório. Estas medidas resultaram na formação de numerosas ONGs angolanas, incluindo grupos de bairro, organizações profissionais e de artes e ofícios, comités ambientais, associações de mulheres e crianças e organizações de caridade. Começaram também a poder formar-se organizações comerciais. Em princípios de 1992 tinham-se já formado muitas associações de desenvolvimento local também nas províncias, na altura tornou-se difícil controlar a profundidade do enraizamento destes grupos nas suas respectivas comunidades, ou o seu nível de abertura, pois estes grupos locais multiplicavam-se de mês para mês. A maioria orientava-se (e continua a orientar-se) na direcção das necessidades de assistência de emergência. Em fins de 1991 o número de ONGs angolanas tinha aumentado a tal ponto que se tinham já estabelecido duas redes: o Foro de ONGs Angolanas (FONGA) e o Comité de Organizações Não Governamentais em Angola (CONGA), o qual aceitava também a associação de ONGs internacionais.

4.1 - Os Direitos Humanos e as Organizações Não Governamentais

George Chikoti, vice-ministro dos negócios estrangeiros, disse em Setembro de 1997:

“A situação dos direitos humanos em Angola é em geral muito má. São precisos grandes melhoramentos. Angola está em transição, da guerra para a paz. O país não administra ainda completamente o seu território. Além disso, estamos a sair de um

sistema unipartidário altamente centralizado, e a transição para a democracia não faz parte das tradições Angolanas” (Action for Southern Africa 1997: 18).

Em 1997 o instituto norte-americano National Democratic Institute (NDI) efectuou um estudo do nível de compreensão que as pessoas têm sobre assuntos tais como a democracia, as funções do Governo local, os direitos humanos e o processo de reconciliação a nível local e a nível nacional. As descobertas surpreenderam o NDI, demonstrando um grande nível de compreensão dos princípios básicos dos direitos humanos. As pessoas consideraram que a liberdade de expressão e a liberdade de circulação de mercadorias e pessoas são os direitos mais infringidos em Angola. O NDI ficou também surpreendido ao descobrir que a maioria dos angolanos entrevistados considerava que os direitos humanos incluíam os direitos económicos e sociais. Um dos entrevistados afirmou: *"(...) não há direitos humanos porque não temos que chegar para comer e somos pobres."*⁸. Os entrevistados classificaram os direitos à habitação, a um salário básico e à educação como sendo importantes, achando que a coexistência e tolerância eram importantes para a democracia.

Muitas das associações populares são muito frágeis não tendo funcionários assalariados, dependem de voluntários, não tendo fundos a não ser os provenientes das cotas dos sócios. Os grupos também têm falta de experiência na gestão de projectos e na elaboração de propostas para angariação de fundos mas, apesar destas fraquezas, podem desempenhar uma função importante na melhoria do nível de vida dos que vivem na sua vizinhança imediata. *"Não temos muita experiência em organização, e estamos sempre à procura de ajuda. Temos visto também que os nossos membros se preocupam com a possibilidade de nos tornarmos demasiado controversos."*, disse um indivíduo que trabalha para uma ONG, em privado numa conversa informal pedindo o anonimato.

É importante que estas estruturas locais recebam encorajamento e apoio do exterior. São estes os rebentos de uma sociedade civil emergente de pessoas que decidiram não permitir que as elites políticas dominassem. Há muito que a guerra tem servido de pretexto para as elites dirigentes ignorarem a vontade que a população normal sente de os tornar mais responsáveis; a geração de jovens angolanos está a recusar cada vez mais

⁸ Quando em 1998 a Human Rights Watch esteve em Angola em conjunção com a Universidade Agostinho Neto, esteve presente a uma série de palestras sobre os direitos humanos, e num workshop realizado pelo ICRA (Instituto de Ciências Religiosas de Angola), com ajuda do Mosaico, em Agosto de 1998, durante o qual formadores do sector de direitos humanos explicaram as dificuldades por eles enfrentadas a nível local.

deixar-se intimidar pelo velho sistema. Estes jovens querem uma democracia participativa, e não apenas outro partido que conquiste o poder do MPLA ou da UNITA. Vai levar tempo, pois as organizações que se manifestam publicamente e rapidamente são ameaçadas pelo Estado, e os seus membros são eliminados ou obrigados a aceitarem compromissos. O mesmo indivíduo, explicou ainda "(...) *tentámos apontar para a corrupção do governo e transmitir informação (...) . mas descobrimos que isso nos trazia ainda mais problemas. Quem não quer problemas tem de se calar.*".

Portanto muitas ONGs angolanas como são controladas pelo Governo, têm muito cuidado com o que dizem em público, especialmente a nível oficial. Em privacidade as pessoas são mais abertas.

A repressão tem feito com que muitos angolanos tenham cuidado com o que dizem em público. Os que procuram obter direitos mínimos para as suas famílias e comunidades, fazem-no muitas vezes à custa de grandes riscos pessoais. Quando tentam promover colectivamente os direitos civis e socio-económicos mais básicos, as autoridades tratam-nos com desconfiança e hostilidade. Os jornalistas principalmente internacionais, embaixadas, igrejas, companhias comerciais e agências doadoras podem ajudar a proteger estas iniciativas corajosas quando as mesmas sofrem ameaças, mas quase sempre dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Governo, a maioria da informação cedida, só o é feita sob condição de que a identidade da fonte seja protegida, pois ainda temem as repercussões provenientes do governo.

A 14 de Agosto de 1998 a FONGA publicou uma carta aberta declarando que a guerra não era inevitável se a sociedade civil, membros progressistas do governo e UNITA se unissem para trabalhar a favor da paz (FONGA 1998). *"Para termos uma cultura de direitos humanos, precisamos de paz. Não existe uma solução militar para a questão angolana."* disse Francisco Tunga Alberto à Human Rights Watch em Luanda (1998).

Algumas das ONGs angolanas mais bem estabelecidas estão agora em posição de oferecer algum apoio às mais novas, treinando os angolanos interessados a desempenharem a função de monitores de direitos humanos.

4.2 - Dificuldades enfrentadas pelas Organizações Não Governamentais

As organizações angolanas enfrentam uma série de desafios correlacionados nos sectores de desenvolvimento, resolução de conflitos e direitos humanos, desafios esses

que incluem muitas vezes o acesso a recursos, a exclusão política, a falta de conhecimento dos seus direitos mais elementares, e a falta de transparência do processo político. A Development Workshop é o exemplo de uma ONG que tem estado a trabalhar em Angola desde 1983, tem trabalhado para aumentar a autoconfiança dos pescadores e comerciantes dos mercados, que no passado pouco sabiam sobre os seus direitos políticos, ou sobre como negociar com o Governo. A Development Workshop começou por oferecer formação na venda de produtos, em contabilidade, no relacionamento com a polícia dos mercados, quando a mesma exigia subornos, e em formas de resolver a violência doméstica. Ao empreender este trabalho, a ONG tentou descobrir como é que o habitante do *musseque* ou bairro da lata começava por tratar estes problemas, e como integrar as questões dos direitos humanos de forma significativa nas reacções destas pessoas cuja prioridade diária é a sobrevivência. Em Janeiro de 1998 a Development Workshop publicou um documento conceptual cujo título era "Projecto Angolano de Direitos da Propriedade Urbana" e cujo objectivo era montar programas de investigação e consciência pública de problemas, orientações e leis regulando o acesso às propriedades urbanas. Este documento reconhecia que a terra, e o direito à terra, surgiam como sendo questões potencialmente explosivas. O documento concluía que a terra está a ser privatizada de forma arbitrária, e que se está a tornar cada vez mais difícil estabelecer quem tem direito a quê.

A Development Workshop preparou também um documento conceptual para um Programa de Construção da Paz Angolana, em fins de 1998, numa tentativa para fazer com que as iniciativas da sociedade civil angolana preenchessem a lacuna deixada pelas organizações internacionais, cuja mediação tinha falhado. O documento apresentava o seguinte argumento "*Os mediadores internacionais da paz ignoraram em grande parte o papel potencial das instituições nacionais não estatais, tais como as igrejas e sociedade civil, durante o período iniciado aquando da assinatura do Acordo de Lusaka.*"⁹.

Algumas igrejas estão também envolvidas em trabalhos de educação cívica e de resolução de conflitos, incluindo alguns projectos discretos de educação sobre os direitos humanos. As igrejas começaram a falar sobre as questões dos direitos humanos em 1989. Em Novembro do mesmo ano os bispos da Igreja Católica publicaram uma carta, que foi lida em todas as igrejas, apelando à UNITA e o MPLA no sentido de por

⁹ Development Workshop; Angola Peacebuilding Programme: Concept Paper. Novembro de 1998

fim à guerra e realizarem eleições livres. Dois meses mais tarde a Associação Cívica Angolana (ACA) foi formalmente inaugurada, sendo a sua direcção intimamente ligada à igreja católica. Os itens principais da sua agenda eram as obras práticas de caridade e as iniciativas para persuadir ambos os lados do conflito a respeitarem os direitos humanos. Embora o Governo tivesse começado por tentar excluir a ACA, abrandou a sua posição em princípios de 1991, e a associação tornou-se legal. As congregações das igrejas têm também estado a crescer desde 1991. Apesar da hostilidade do governo em relação ao envolvimento da igreja na "política", as igrejas continuaram a apresentar os seus problemas.

Um desenvolvimento paralelo desta iniciativa foi o facto de algumas igrejas/instituições começarem a produzir regularmente programas na rádio para discutirem a necessidade de se preservar os direitos do cidadão e a democracia, e de se desenvolver a tolerância e reconciliação.

A Igreja Católica tem também mencionado algumas questões, especialmente através da sua estação de rádio, que começou a transmitir novamente em 1997, depois do transmissor, que tinha sido confiscado pelo governo em 1977, lhe ser devolvido. Esta estação de rádio, a chamada Rádio Ecclesia, transmite uma série de programas sobre os direitos humanos, incluindo programas sobre prisioneiros, vítimas das minas, o direito à liberdade de expressão e os sindicatos. O programa montou também um local na rede para apresentação das suas notícias. As igrejas e instituições que adoptaram este método gostariam de se tornar mais activas, mas têm em falta fundos e equipamento. A 30 de Outubro de 1997 os bispos angolanos publicaram uma carta pastoral na qual condenavam as "compras extravagantes de armas", apelando para que todas as partes interessadas fizessem mais esforços no sentido de se evitar a renovação da guerra e de se acabar com as violações dos direitos humanos. Declararam ainda que a guerra não representava a voz do povo nem o interesse popular, que ambos os lados ignoravam o bem-estar das suas tropas, e que as tropas de ambos os lados roubavam o povo.

A igreja apelava às ONGs e à comunidade internacional, para que não abandonassem o povo angolano nesta fase tão difícil das suas vidas. O ódio alcançou um nível tal que aldeias inteiras eram queimadas com as pessoas dentro das suas próprias casas, demonstrando um medo terrível do que esta guerra faria a seguir. Vários padres e bispos apelaram ao alargamento do movimento, para que fosse para além das igrejas e incluísse políticos, de forma a poder criar uma nova mentalidade neste país, uma mentalidade que valorizasse a paz e que existisse uma educação sólida em valores humanos.

Desde que o país regressou à guerra, em 1999, as igrejas têm sido mais arrojadas que no passado nos seus apelos à paz e ao fim das violações dos direitos humanos. Numa entrevista no Jornal Público a 24 e 28 de Julho de 1999 a Igreja Católica repreendera fortemente o Governo e a UNITA referindo que o conflito "*(...) tornara-se uma organização duplamente mortal - mata com armas e mata à fome*", disse o grupo de bispos ao dar por terminado o seu congresso do Lubango. Os ataques indiscriminados à população civil e aos trabalhadores da assistência eram actos de "banditismo covarde", acrescentava a declaração. Os bispos apelavam também à abertura do "corredor de paz", criticando as entidades que forneciam armas ao Governo de Luanda e aos rebeldes da UNITA, e acusando os fornecedores de armamentos de serem parcialmente responsáveis por um conflito que, segundo eles, é alimentado pela ganância do petróleo e dos diamantes angolanos. Em fins de Outubro o Vaticano enviou o Arcebispo Marcello Zago, secretário da Sagrada Congregação de Evangelização dos Povos em Angola para que o mesmo transmitisse uma mensagem segundo a qual o Vaticano "quer a paz, o mais depressa possível, através do diálogo."

4.3 - Christian Children Fund

A Christian Children Fund (CCF) é uma ONG, fundada por Dr. Calvitt Clarke e sua esposa dedicando-se a melhorar as vidas das crianças órfãs.

A CCF é uma organização internacional para o desenvolvimento da criança, que trabalha em mais de trinta países, dando assistência a 4,6 milhões de crianças e famílias nestes países, independentemente do seu credo, raça ou país de origem.

A sua sede é em Richmond, Virgínia (EUA). A CCF foi criada em 1938 e é membro da CCF Internacional, uma associação de ONGs que trabalham em mais de cinquenta países do mundo. A CCF foi líder pioneira no trabalho psicossocial com crianças afectadas pelo conflito armado. Desde 1994, CCF iniciou a sua actividade com um projecto de nutrição nas áreas peri-urbanas de Luanda, ao mesmo tempo trabalhava com mais de um milhão de crianças, ajudando-as a superar/minimizar o impacto emocional e social da experiência prolongada da guerra em Angola.

O "projecto trauma" como passou a ser conhecido, tinha e tem como principal objectivo:

"- reconhecer o trauma psicológico nas crianças e jovens que tenham estado expostos à violência da guerra.

- *Desenvolver estratégias que fortaleçam a resiliência das crianças e as ajude a lidar com as experiências vividas durante a guerra.*
- *Combinar práticas locais e ocidentais de cura para ajudar as crianças a cicatrizar as feridas da guerra.*
- *Apoiar aqueles que trabalham com crianças, ajudando-os a gerir os seus próprios sentimentos sobre a morte, o luto e a violência da guerra e, trabalhar com o stress resultante do trabalho em ambientes perigosos.” (CCF - Paz é brincar à vontade. 2002: 86).*

Para a maioria dos angolanos, a guerra havia-se tornado “normal” e os seus efeitos psicológicos já não eram reconhecidos, daí a dificuldade inicialmente em convencer as pessoas da importância deste tipo de intervenção. A guerra, pela sua própria dinâmica, passou a ser o processo dominante de todo o país, dirigindo todos os outros processos sociais, económicos, políticos e culturais. Face a essa aparente apatia nacional criada pela guerra, a equipa da CCF/Angola sentiu que era importante e necessário, de alguma forma, desenvolver uma consciência nacional sobre os efeitos psicossociais da guerra em cada cidadão e sobre o seu impacto psicológico colectivo na nação, a longo prazo. Assim, no início de 1995, a CCF realizou um estudo sobre o impacto da guerra sobre as crianças em Angola, tendo entrevistado 200 crianças dos 8 aos 16 anos, em 10 províncias do país. Os resultados desse estudo mostraram entre outros, que:

- “- 27% das crianças perdeu um ou os dois pais na guerra.
 - 82% esteve exposta a bombardeamentos ou a fogo de artilharia.
 - 66% assistiu à explosão de minas.
 - 33% sofreu ferimentos.
 - 24% ficou deficiente ou com algum distúrbio sensorial ou físico.
 - 65% referiu ter escapado à morte.
 - 66% viu pessoas a serem mortas ou a morrer.
 - 67% viu pessoas a serem torturadas.
- 10% participou em combates.” (CCF - Paz é brincar à vontade. 2002: 87).*

Como consequência, as crianças apresentaram as seguintes reacções: reviver os acontecimentos em forma de visões, cheiros ou sons; pensar constantemente no que aconteceu, distúrbios do sono, sintomas psicossomáticos e desorientação em relação ao futuro.

O projecto da CCF para ajudar as crianças afectadas pela guerra iniciou-se nos campos de deslocados, orfanatos e centros de acolhimento de crianças de rua localizados em Luanda. Em 1995, este projecto foi alargado a mais sete províncias consideradas como as mais afectadas. O projecto foi concebido para responder à necessidades psicossociais das crianças e jovens tendo em conta não só as técnicas que são normalmente aceites e praticadas, combinando-as com as práticas culturais locais utilizadas para lidar com a dor e o trauma, como por exemplo os rituais de purificação e de luto. A intervenção visava identificar os problemas que afectam as crianças e trabalhar para uma mudança positiva de atitudes e comportamentos dos adultos que trabalham com crianças directamente afectadas pela guerra. Eles também foram afectados pelo stress da guerra em Angola e por isso, muitas vezes não são capazes de reconhecer que o projecto procura apoiar os adultos que passaram por experiências traumáticas durante a guerra, para que sejam capazes de ajudar crianças.

A guerra também destruiu, desorganizou e destabilizou as comunidades. Utilizando uma estratégia de mobilização comunitária, o projecto ajudou os adultos a organizarem-se e a reiniciar processos de planificação e de acção colectivas que aumentam o bem-estar das crianças e o desenvolvimento da comunidade. Nas comunidades, o ênfase foi dado aos problemas levantados pela comunidade e que podem ser resolvidos por acções colectivas.

A intervenção da CCF continua a utilizar hoje as mesmas práticas instituídas em Angola em 1994. A sua estratégia de intervenção baseia-se em treinamentos e acompanhamentos aos adultos. *“A formação tem como objectivo:*

- melhorar e aumentar a relação adulto-crianças;*
- aumentar a consciência do impacto da guerra e da violência nas crianças;*
- aumentar a compreensão de como apoiar e ajudar as crianças afectadas pela guerra e pela violência, e;*
- interromper o ciclo de transmissão de sentimentos de ódio e vingança nas crianças.”*

(CCF - Paz é brincar à vontade. 2002: 88).

A equipa da CCF, com larga experiência de trabalho com crianças, estabeleceu o currículo de formação tendo em conta, entre outros, os seguintes aspectos:

- “- a duração do conflito que mudou a relação tradicional entre os adultos e entre estes e as crianças;*
- a habituação à situação de guerra e a sua aceitação como “normal”;*

- a passividade, a perda da auto-estima e da auto-confiança dos adultos, devidas à guerra;
- a necessidade de restaurar a memória cultural e a esperança perdidas durante a guerra;
- a necessidade de reaprender a resolver os conflitos de forma pacífica e a construir a paz.” (CCF - Paz é brincar à vontade. 2002: 88).

Na realidade “A aprovação da Convenção sobre os Direitos da Criança foi um momento de lucidez mundial que reconheceu que o progresso humano só pode realmente alcançar-se quando todas as crianças tiveram uma infância saudável e protegida.” (UNICEF 2005). De acordo com o relatório da *Situação Mundial da Infância*, para a maioria das ONGs os novos desafios são agora a reconstrução, a reabilitação e o retorno das populações às suas regiões natais.

“Embora Angola possua muitos recursos naturais, principalmente petróleo e diamantes (que alimentaram o longo conflito), 63% da população vive abaixo do limiar de pobreza. O país figura no 161º lugar entre os 176 países que fazem parte do índice de desenvolvimento humano calculado todos os anos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.” (Nielsen 2003: 2). Estas estatísticas são bastante chocantes, mas mais arrepiante é a conclusão que podemos retirar delas: cada vez mais, o mundo está a ser empurrado para um vazio moral desolador. Trata-se de um espaço desprovido dos valores humanos mais fundamentais; um espaço em que os direitos das crianças são violados, um espaço em que as crianças morrem à fome e estão expostas a uma brutalidade extrema. Este terror e violência sem regras estão patentes na vitimação deliberada. Já pouco mais poderá a humanidade descer.

“No espírito da *Reconciliação Nacional*, todos os angolanos devem perdoar e esquecer os agravos resultantes do conflito angolano e encarar o futuro com tolerância e confiança.” (Anexo 6 do Protocolo de Lusaka, 1994). As crianças podem ajudar. Num mundo de diversidade e disparidade, as crianças são a força unificadora capaz de fazer com que as pessoas cheguem a fundamentos éticos comuns. As necessidades das crianças e as suas aspirações vão além de todas as ideologias e culturas. São iguais as necessidades de todas as crianças: alimentação nutritiva, cuidados de saúde adequados, educação aceitável, habitação e uma família dedicada e segura. As crianças representam, por um lado, a razão que nos faz lutar pela eliminação dos piores aspectos da guerra, por outro, a nossa grande esperança para o conseguirmos.

O trauma em Angola a meu ver não é só um trauma individual, é sim, como definiu Martin Baró, um trauma que abalou toda a sociedade, que a mudou, a transformou, e as respostas, as reacções (aparentemente anormais) que encontramos em muitos indivíduos, não sendo respostas normais a um acontecimento anormal que é a guerra. “O anormal tornou-se normal” e nem sequer dão conta de como mudaram, de como estão diferentes. Nesta perspectiva, não estamos a falar de pessoas doentes nem anormais mas sim de pessoas condicionadas a emitir determinadas respostas que são produto de um processo de socialização negativo.

4.4 - Reconhecer as necessidades das crianças

A Convenção das Nações Unidas de 1989 sobre os Direitos da Criança, talvez o mais abrangente de todos os tratados de direitos humanos, foi assinada e ratificada por todos os Estados membros da ONU, excepto os Estados Unidos e a Somália. Para fins da Convenção, uma criança é todo o ser humano “ (...) menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.” (Artigo 1º). No entanto, estipula-se uma idade mais baixa, os 15 anos, como a idade mínima para incorporação nas forças armadas (Artigo 38º). Num protocolo facultativo em negociação eleva-se para 18 anos a idade abaixo da qual será proibida a incorporação nas forças armadas e participação nas hostilidades. A Carta Africana sobre os Direitos e Bem-Estar da Criança de 1990, que entrou em vigor em 1999, já estipula os 18 anos como a idade mínima para toda e qualquer incorporação e para participação nas hostilidades. A protecção das crianças em sociedades destroçadas pela guerra tem sido alvo de elevada atenção na agenda das Nações Unidas nos últimos anos. Em 1994, o Secretário-Geral da ONU designou Graça Machel, viúva do Presidente moçambicano Samora Machel, para efectuar um estudo sobre o impacto dos conflitos armados nas crianças e, em 1997, o Secretário-Geral nomeou um Representante Especial para as Crianças em Conflitos Armados. Outros órgãos internacionais têm ultimamente procurado proteger as crianças dos efeitos dos conflitos armados. O Estatuto do Tribunal Penal Internacional de Roma, de 1998, considera um crime de guerra recrutar ou alistar crianças com menos de 15 anos nas forças armadas nacionais e usá-las nas hostilidades. Em Junho de 1999, a Organização Internacional do Trabalho aprovou a Convenção nº 182 sobre a Interdição e Eliminação das Piores Formas de Trabalho Infantil que contempla a interdição da incorporação forçada ou obrigatória de crianças

no quadro de conflitos armados. Mais recentemente, o Secretário-Geral da ONU aumentou a idade mínima de participação nas operações de manutenção da paz da ONU para 18 anos.

Entre as organizações das Nações Unidas, a UNICEF também desempenha um papel importante na assistência às crianças. Ao debruçar-se sobre as necessidades especiais das crianças deslocadas e refugiadas, o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) trabalha em estreita cooperação com a UNICEF, a UNESCO¹⁰ e outras organizações especializadas, como a Aliança Internacional *Save the Children*. Entre as principais preocupações do ACNUR contam-se a saúde da criança, as necessidades especiais dos adolescentes e crianças separadas, a prevenção da exploração sexual, a prevenção da incorporação nas forças armadas, a educação para raparigas e rapazes. Apesar das crianças constituírem uma categoria de especial atenção para o ACNUR, os programas destinados a dar-lhes assistência e protecção só serão eficazes se integrados em programas mais vastos que visem as necessidades das famílias e das sociedades como um todo.

As crianças têm o direito de experimentar a vida com a maior alegria e esperança possíveis. A CCF tenta criar um ambiente de esperança e de respeito para crianças com

¹⁰ A UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) é um organismo especializado do sistema das Nações Unidas. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) fundou-se a 16 de Novembro de 1945 com o objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações. Dedicar-se, entre outras tarefas, a orientar os povos numa gestão mais eficaz do seu próprio desenvolvimento através dos recursos naturais e dos valores culturais, com a finalidade de obter o maior proveito possível da modernização, sem que por isso se percam a identidade e diversidade culturais. Na educação, este organismo atribui prioridade ao êxito da educação elementar adaptada às necessidades actuais. Colabora, entre outros, com a formação de docentes e administradores educacionais e dá alento à construção de escolas e à dotação de equipamento necessário para o seu funcionamento. As actividades culturais procuram a salvaguarda do património cultural mediante o estímulo da criação e a criatividade e a preservação das entidades culturais e tradições orais, assim como a promoção dos livros e a leitura. Seu principal objectivo é reduzir o analfabetismo no mundo. Para isso a UNESCO financia a formação de professores, uma de suas actividades mais antigas, e cria escolas em regiões de refugiados. Na área de ciência e tecnologia, promoveu pesquisas para orientar a exploração dos recursos naturais. Outros programas importantes são os de protecção dos patrimónios culturais e naturais além do desenvolvimento dos meios de comunicação. A UNESCO criou o World Heritage Centre para coordenar a preservação e a restauração dos patrimónios históricos da humanidade, com actuação em 112 países.

necessidades dando-lhes oportunidades de conseguir seu potencial, e fornece as crianças, famílias e comunidades as ferramentas práticas essenciais para a mudança positiva.

A CCF rege-se pelo seu código ético que defende uma posição relativamente as crianças dando a prioridade máxima em todas as decisões ao bem-estar de cada criança individual no contexto construtivo da família e da comunidade; promovendo o seu crescimento como um membro inserido na sociedade; promovendo o respeito e os direitos humanos da criança, e internacionalmente o desenvolvimento social e económico. Relativamente ao país assegura de que compreendam inteiramente os seus direitos, responsabilidades e obrigações nas actividades da CCF de modo que a equipa da CCF e as próprias crianças possam realizar seu potencial cheio e determinar seu próprio destino.

A CCF ao fornecer serviços às famílias depara-se com uma verdadeira crise humanitária em Angola. Por exemplo, a equipa composta por um médico e uma enfermeira vêem aproximadamente 200 pessoas num dia, a maioria delas crianças que sofrem de diarreia severa, a malária e doenças respiratórias. *“Muitas das crianças vieram das áreas onde nunca tiveram o acesso aos serviços médicos, e sua situação em termos de necessidades básicas da saúde é dramática (...). A nossa equipe de funcionários assiste à falta de cuidados médicos e nutritivos apropriados o que conduz à malnutrição entre crianças. No facto, a taxa da mortalidade infantil para crianças angolanas com menos de 5 anos é das mais elevadas no mundo. Para as crianças malnutridas, CCF está a funcionar em programas de alimentação suplementares nas áreas mais drásticas fornecendo alimentos à população necessitada.”* diz Mary Daly, directora do escritório nacional de CCF em Angola.

A guerra causou um verdadeiro desastre humanitário, mas a situação não é completamente impossível, cabe a nós seres humanos conservar as vidas e para começar a ajudar estas crianças/adultos a reconstruir o seu futuro.

Após mais de 30 anos de guerra em Angola a possibilidade de autêntica paz faz-se realidade finalmente. A pacificação iniciada em Abril de 2002, depois da morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi, continua.

Mais de 4 milhões de pessoas afectadas pela guerra enfrentam necessidades urgentes que incluem ajuda alimentar, abrigo, medicamentos e bens essenciais de sobrevivência. Um terço da população foi deslocada durante o conflito e existem mais de 457 mil refugiados angolanos, particularmente na Zâmbia e no Congo.

O cessar-fogo produziu melhorias concretas na situação em termos de segurança. Pela primeira vez em muitos anos, os organismos humanitários conseguiram ter acesso às áreas que anteriormente eram consideradas inacessíveis. No entanto, encontram-se ainda no campo minas e bombas sem explodir e os trabalhadores humanitários arriscam as suas vidas para chegar às povoações necessitadas.

No entanto, o acordo de paz não levou a uma melhoria imediata da situação em termos humanitários. De facto, o acordo levantou a “cortina” que escondia o impacto total da guerra na população civil que vive no campo. A ONU identificou recentemente 36 zonas anteriormente inacessíveis com cerca de 500 mil pessoas a necessitarem ajuda.

Hoje, os principais desafios são agora a reconstrução, a reabilitação, o retorno das populações às suas regiões natais, combater a má nutrição, a insegurança alimentar, a escassez de água potável, a falta de condições de higiene e as deficientes estruturas na área da saúde. *“Existe também um número crescente de pessoas deslocadas internamente (PDI), que se concentra em capitais regionais sobrelotadas e em aldeamentos, obviamente sem meios de sobrevivência. As taxas de mortalidade e de morbilidade continuam muito elevadas, em particular entre os PDI que vivem em campos densamente povoados e em centros de trânsito. A malária, a anemia, as infecções respiratórias graves e as diarreias são as mais frequentes ameaças à vida das populações.”* (Nielson 2003: 2).

“E isto também encontramos no número 15 da “Accord” principalmente nos artigos assinados por Carlinda Monteiro, Fernando Pacheco, Filomeno Vieira Lopes e Henda Ducados. Em “Paz e Reconciliação”, Carlinda Monteiro, directora-adjunta da Christian Children’s Fund-Angola, diz que “esquecer, sem a elaboração do passado, seria pôr um ponto final num assunto que não terminou de ser resolvido. É preciso criar um espaço de reconhecimento e identificação da realidade. Só então se poderão identificar e reconhecer os aspectos em desacordo, exorcizar, em parte, o medo e recuperar a noção de que somos todos sujeitos com os mesmos direitos.” ¹¹.

Segundo a UNICEF, Angola é um dos piores países do mundo para se ser criança. A taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos é das mais altas mundialmente, sendo que cerca de um terço das crianças angolanas morre antes do quinto aniversário. São menos de metade as crianças em idade escolar que recebem educação formal e dos

¹¹ Accord; Nós, angolanos, as velhíssimas crianças do mundo - Análise do Nº 15 da revista Accord (<http://www.c-r.org/our-work/accord/angola/portuguese/angolanos.php>)

que frequentam a escola só 34% chegam ao 5º ano. “Cerca de 116 mil pessoas morrem anualmente em Angola devido às más condições ambientais, principalmente da água e ar, de acordo com um estudo divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O resultado lista o país como um dos piores colocados, ao lado de Burkina Faso, Mali e Afeganistão. O estudo “Fardo Ambiental das Doenças” é o primeiro a traçar em cada país o impacto dos problemas ambientais, que, segundo estimativas da OMS, causam anualmente 13 milhões de mortes em todo o mundo. Os cálculos da OMS, baseados nas estatísticas de saúde nacionais relativas a 2004, indicam que os problemas ambientais em Angola são responsáveis por 37% das doenças e 116 mil mortes todos os anos. O número de anos de vida saudável perdidos no país devido a problemas ambientais é de 304 por 1.000 habitantes anualmente. As diarreias representam o principal impacto da má qualidade do ambiente por tipo de doença, com uma taxa angolana é de 114 dias de vida perdidos, a pior do mundo. Os factores ambientais considerados no estudo da OMS são a poluição, ocupação das populações, radiações ultravioleta, poluição sonora, métodos agrícolas, alterações do clima e ecossistemas, tipos de construção e comportamentos.”¹².

O processo de paz em Angola apresenta uma oportunidade para a reconstrução e a reconciliação. A guerra que devastou o país durante 30 anos deixou atrás de si sofrimentos terríveis e causou mais de 500.000 vítimas.

A União Europeia prestou, por intermédio do ECHO, apoio às vítimas da guerra em Angola, mesmo quando a crise já não aparecia nos títulos das notícias e os combates tinham terminado. As enormes necessidades das populações que vivem em áreas acessíveis somente desde há pouco estão a ser atendidas pelo ECHO com urgência. Ao mesmo tempo, o processo de paz em curso permite-nos ter uma visão mais ambiciosa e fazer planos para um futuro melhor. Sabemos que é necessário tempo para consolidar a paz e conseguir uma autêntica reconciliação. Embora o sucesso dependa unicamente dos Angolanos, a ajuda externa pode desempenhar um papel importante no processo de transição. É por isso que a União Europeia está tão empenhada em ajudar Angola na gigantesca tarefa da reconstrução.

¹² Relatório Anual do Director Regional – Actividades da OMS na Região Africana 2006. OMS; Brazzaville; 2007

5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados obtidos através da aplicação do instrumento de colheita de dados à amostra considerada e efectuada a análise dos mesmos.

Os sujeitos em estudo são *meninas* (assim como gostam de ser chamadas) que foram vítimas da guerra em Angola e que obedecem aos critérios previamente estabelecidos e anteriormente enumerados. A amostra por conveniência considerada para este trabalho é de apenas de 4 *meninas* visto tratar-se de um trabalho realizado noutro país com limitação de tempo e por ter optado por um instrumento de colheita de dados constituído essencialmente por perguntas abertas. No entanto, outros excertos de entrevistas, conversas, expressões e “desabafos” informais que não apresentavam critérios para serem utilizadas como entrevistas finais para a investigação, serão utilizadas para compreender melhor esta experiência de vida expressa na primeira voz por outras *meninas*.

Antes da realização das entrevistas aplicou o guião na forma de entrevista exploratória a 2 *meninas* para verificar a aplicabilidade e funcionalidade do instrumento de recolha de dados (ANEXO I). Após a aplicação deste “pré-teste” sentiu-se a necessidade de efectuar algumas alterações no instrumento de colheita de dados. Assim foram reformuladas questões porque as respostas obtidas com o guião inicialmente formulado forneciam dados considerados insuficientes e inadequados para o estudo, e também se acrescentaram outras questões pois considerou-se que os dados obtidos através das mesmas ajudariam a entender, compreender e tirar, mais claramente, conclusões.

Durante a elaboração do guião de entrevista senti necessidade de adoptar uma linha orientadora que facilitasse a sua posterior análise. Deste modo as primeiras questões do guião de entrevista objectivam seleccionar as *meninas* que poderiam integrar a amostra e poder considerar que as restantes questões estão agrupadas em quatro grupos distintos e devidamente titulados. Tendo presente as questões de partida definidas no início da investigação e tendo em vista a concretização dos objectivos, apresenta-se uma reflexão final organizada nesses quatro grupos: a vida anterior antes da captura/rapto, o rapto e captura propriamente dita, a experiência da guerra e finalmente o regresso e reintegração.

5.1 - Vida Anterior, Captura/Rapto

A maioria das *meninas* que respondeu às entrevistas (num total de 8) encontra-se numa idade compreendida entre os 30 e 34 anos e as restantes com menos de 21 anos. A sua origem é do Kuanza Norte, Huambo e Moxico.

A maioria dos testemunhos sobre as experiências da guerra ocorreu durante o período 1982 – 2002, tal como vivido por um grupo de raparigas com idade compreendida entre 9 e 11 anos na altura.

“Nasci em Kuanza Norte, (...)” (entrevista 1).

“(...) eu nasci no Moxico. ... Nasci lá e não vivi lá porque sai de lá pequena, ..., sai de lá com 10 anos.” (entrevista 2).

“Sou do Kuanza Norte.” (entrevista 3).

“Eu nasci no Huambo, (...) não não vivi lá, nasci no Huambo mas em 75 (...), a minha mãe me levou nas mãos até nas matas onde eu cresci.” (entrevista 4).

“Sou do Huambo.” (testemunho de uma *menina*).

“Eu nasci no lá Alto Zambéza no Moxico mesmo.” (testemunho de uma *menina*).

A informação na secção de vida antes do rapto foi escassa nas entrevistas individuais bem como nas conversas informais com outros elementos da comunidade angolana, especialmente aquelas com menos de 18 anos e as que sofreram múltiplos raptos. Para as *meninas* raptadas foi difícil recordar. As experiências da guerra são tão dominantes que esmagam as narrativas. A concentração e recordação foram registadas pela entrevistadora como tendo sido difíceis.

“Nunca conversei com ninguém, apenas a minha mãe é que conta a história, mas nunca conversei com ninguém, (...) a minha vida foi muito difícil, não falava porque as vezes quando eu me lembrasse daquilo eu ficava a chorar, não conseguia mais falar.” (entrevista 1).

As experiências relacionadas com a guerra das *meninas* raptadas e a constante movimentação de lugar para lugar, tornou difícil de identificar e reter pontos de referência relacionados com a continuidade do tempo e lugar, da sequência dos acontecimentos e de parte da própria identidade, de amigos, figuras paternas e comunidade.

“(...) vivi lá até aos 16 anos, não (...), até aos 12.” (entrevista 1).

“(...) vim parar aqui, foi no tempo da guerra, (...), fui capturada pela Unita no tempo da guerra, então fui crescendo lá nas matas! Até esse tempo de paz é quando regresssei até Benguela (...)” (entrevista 2).

“Sou do Huambo. (...) sai de lá pequena com 5 anos. Não sei explicar. (...) Acho que foi por causa da guerra. (...) Acho que era mesmo por causa da guerra.” (testemunho de uma *menina*).

Rachel Brett, baseando-se em pesquisas feitas em Angola com *meninas* soldados em 2001, escreve que a experiência das *meninas* raptadas, especialmente aquelas que sofreram múltiplos raptos, pode levar a que algumas percam a noção de tempo, a sequência dos acontecimentos e a sua própria identidade.

As adolescentes que viveram nas aldeias fronteiriças que não se encontravam sob controlo da UNITA nem das FAA, relatam como foi difícil estar sujeitas ao constante ataque, roubo, recrutamento forçado e rapto por parte das forças armadas.

A maioria após o rapto viveu numa área resguardada pela Unita.

“Era da Unita e MPLA, (...) era da Unita.” (entrevista 1).

“Era mesmo uma zona da Unita! Até esse tempo depois que veio a paz!” (entrevista 2).

“Era da Unita. (Os pais também foram raptados pelos militares da Unita).” (entrevista 4).

5.2 - Captura/Rapto

Muitas *meninas* foram sujeitas a múltiplos raptos tanto pelas FAA como pela UNITA. A maioria que foi separada das suas famílias quando raptadas pelas forças armadas, perdeu o contacto e nunca mais regressou a famílias intactas.

“ Não tive nenhum. Sim era só o miudinho de 5 anos (era vizinho). ” (entrevista 1).

“ Nunca tive contacto, eu pela primeira vez esse ano foi quando consegui localizar os meus familiares. Estive mesmo sozinha, apenas sozinha. ” (entrevista 2).

“ Senti senti muito, até pensei que já não existisse, não tenho família, eu já não andava mais quando os meus pais faleceram, (...) foi mesmo (...) os povos de lá é que enterraram. ... Sozinha mesmo sem os meus irmãos, nessa altura não sabia onde estavam, porque tavam na guerra! ” (entrevista 3).

“ Não (sem contacto familiar). (...) não tenho contacto, só um meu tio que tinha ido é que me disse que eles estão lá, mas até agora não tenho (...). Tenho duas irmãs (mas não sabe delas). ” (entrevista 4).

Falam do dia em que foram raptadas como um dia triste e assustador que marcou as suas vidas

“ (...) eu só me lembro que vi muita gente a correr a escutar barulhos de tiros e nós atrapalhadamente uma ficou em casa debaixo da cama, e eu saio fora para saber o que era, e quando voltei em casa já não encontrei a minha irmã menor, ela tinha desaparecido, (...), daí também só me lembro que alguém me segurou no braço, parece que fiquei desmaiada, me segurou no braço e pronto e daí não me lembro de nada, mais tarde, acho que era a mais ou menos à noitinha (...) ” (entrevista 1).

“ O meu pai foi morto e eu fui levada! Nós estávamos numa viagem em visita a uns familiares, (...), andamos a pé (...) da cidade de Luena para a Chikala, (...), a tropa da Unita, (...), mataram o pai e eu também no fim também me levaram, (...), mas não vi como foi muito pequena, não vi, não me apercebi! ” (entrevista 2).

“Foi um senhor, (...), um militar, (...) sim tava com os meus pais em casa, (...), levaram os meus pais, aí eles foram (...)”(entrevista 3).

“(...) Sim mesmo aquela coisa aí de guerra, mesmo tiros, não sei quê, as pessoas fugirem, não sei quê, ya. (Fugiu durante um conflito e nunca mais viu a mãe). Estava no Huambo, (...) a mãe já não lhe encontrei já era morta, (...) não (não presenciou a morte da mãe), (...) me disseram.” (entrevista 4).

“(...) com 13 anos, estagiava no hospital militar, então aquilo começaram a nos perseguir, nos inimigos, começaram a nos perseguir dizendo que “aquele trabalhou com a tropa é do governo”, então eu com aquilo com medo (...) vim falar com o meu pai, o meu pai disse “não você disse não pode ficar dura, vai lá assistir é normal vai só”, fui pra lá, assisti à festa e com aquilo de medo, eles já começaram a me perseguir, eu fugi lá.” (testemunho de uma menina).

Era *stressante* e perigoso tentar viver tanto de um lado de um partido como do outro. Muitos viveram em lugares que foram frequente e repetidamente atacados. Os raptos parecem estar directamente relacionados à necessidade das forças guerrilheiras de um abastecimento regular de alimentos, mão-de-obra constantemente disponível para a construção de acampamentos e transporte de armamento e provisões. Ambas as forças, as da oposição, UNITA e as do governo, as FAA, forçaram grupos de pessoas a envolverem-se na luta armada através do rapto de grupos de pessoas para trabalharem e lutarem para as forças armadas e, através da repressão levar aldeões e habitantes das vilas a fornecerem alimentos, gado, ferramentas e apetrechos, vestuário, pessoas e abrigo. No período após 1998, fazia parte da ofensiva militar governamental contra a UNITA evacuar os habitantes do campo, privando-os assim de comida, abrigo e mão-de-obra.

“Sim, foram levadas também, (...) muitas, muitas moças, muitas crianças da mesma idade. Sim éramos familiares. (...) Havia desconhecidas, (...), fomos separadas (as que conhecia).” (entrevista 2).

“Tavamos numa mata assim onde tinha muita gente! donde me levaram. (...) Houve mesmo pessoas que foram levadas, (...) ai encontravam assim, sentávamos num sítio, é viver na mata sem sítio para dormir, não sei quê, uns estão aí ou estão aqui, com o correr da guerra, os tropas quando vêem vos encontram vos levam. (...) Com a guerra nós todos aí ficamos a pé, o tempo todo era fugir ou estão aqui ou quando ficam todos juntos amanhã tão aí! Fugiam assim! , Hoje tão na mata, amanhã saiam tão dentro de casa quando saiem dentro de casa vão direito na mata, não sei quê. Quando vai na aldeia quando volta “olha fulano lhe levaram, não sei quê!” Levaram todos juntos mesmo, ... depois aí a gente nos começaram a separar! Não podem ficar todos juntos! (...) No segundo dia já, quando eles começaram a separar, (...) assim, (...) não podem ficar junto porque algum existe vão querer fugir, não sei quê, vão dar a ideia de fugir, começaram-nos a separar!” (entrevista 3).

Deparei-me que durante algumas conversas as mesma *meninas* usavam o termo “raptada” e “capturada”. Conforme o pensamento chegou à conclusão que as *meninas* tendem a usar os termos raptada quando se referiam a UNITA ou capturada ou salva quando pelas FAA, mesmo que isso envolvesse trabalho forçado, deslocamento forçado para acampamentos e aldeias. O termo, salva referia-se ao facto das crianças, sem importar as circunstâncias da sua viagem, serem retiradas da mata para a segurança perceptível das áreas urbanas, onde muitas vezes havia alimentos. As FAA estavam em grande parte baseadas em áreas urbanas enquanto a UNITA estava no campo, nas matas. Contudo, o uso do termo salvar e não raptar é uma indicação do significado diferente atribuído ao destino final das suas caminhadas forçadas com as FAA: sair da mata e ir para uma vila ou acampamento organizado.

Num dos testemunhos ao longo desta investigação, cujos familiares foram raptados durante a guerra, informou que, em algumas fases da guerra, quando as tropas se retiravam de algum lugar, eles levavam a população civil com eles para a protegerem e mais tarde, a população capturada poderia regressar à vila ou ficar com as tropas. Ele reclama que, se a população não fosse retirada das vilas, “(...) depois das forças se retirar vem os outros, mata, viola e depois chama a imprensa a dizer que é o outro que matou.”. Testemunhas deste conflito explicam que era necessário ter a população dentro do território das tropas, principalmente da UNITA como apoio aos soldados, para cultivarem e realizarem outras actividades necessárias de apoio às forças guerrilheiras. Seguido o seu pensamento para que o partido evoluísse tinham que existir estruturas e

haver pessoas, essas pessoas tinham que ir para as áreas dominadas pelas tropas para esta ser capaz de criar estruturas do partido.

“(...) Eles ficavam suspeitos, mas tinha que controlar em todos os lados, porque qualquer hora que a Unita pudesse chegar ao bairro raptava as pessoas e levava coisas e as senhoras ficavam mesmo atentas (...)” (entrevista 1).

Normalmente não existia um plano para se levar apenas *meninas* ou crianças, o plano era retirar toda a população civil. Mas, os homens tinham tendência a escapar primeiro e, havia uma tendência de se levar, mais frequentemente, aqueles que eram capazes de suportar as longas caminhadas carregando pesos. As crianças eram particularmente vulneráveis ao rapto quando trabalhavam sozinhas nos arredores das suas aldeias. Principalmente devido à diminuição dos recursos durante o decorrer do prolongado conflito armado, parece ter existido uma estratégia deliberada dirigida às crianças pequenas que eram então usadas como um grupo organizado para o trabalho forçado para o exército.

Ao atacarem e penetrarem nas aldeias, os mais velhos e muitas vezes mulheres com crianças pequenas eram deixados para trás, os homens eram capturados ou mortos e as crianças eram escolhidas e raptadas consoante a idade e o porte físico. Eram especialmente escolhidos adolescentes, mulheres com bebês e crianças a partir dos 10 anos. Os familiares eram separados intencionalmente no próprio ou no dia seguinte ao rapto.

“Sim havia criancinhas, (...) éramos 11, (...), havia até uma criança de 5 anos, (...), sozinha. Eles até acompanhavam-nos.” (entrevista 1).

“Távamos numa mata assim onde tinha muita gente! donde me levaram. (...) Houve mesmo pessoas que foram levadas, (...) aí encontravam assim, sentávamos num sítio, é viver na mata sem sítio para dormir, não sei quê, uns estão aí ou estão aqui, com o correr da guerra, os tropas quando vêem vos encontram vos levam.” (entrevista 3).

Dizem que muitas pessoas das aldeias foram raptadas pelas tropas mas, foram posteriormente repartidas e reunidas com pessoas de outros lugares, de forma a ficarem com pessoas que desconheciam. Todavia, as *meninas* falam em algumas crianças

abandonadas no mato e nas aldeias foram levadas pelas tropas, tendo sido adoptadas por famílias nas bases.

Num dos testemunhos de uma *menina* que foi raptada muito nova, quando lhe mandaram pisar milho numas pedras fora da aldeia, refere que foi levada durante três dias com as mãos atrás das costas para uma base e depois continuou amarrada dentro de casa de palhota durante uma semana. Mais tarde escapou, mas voltou a ser raptada com outras raparigas passado uns dias. No momento do rapto não podia levar nada próprio excepto as roupas que vestia. O grupo que atacou a aldeia eventualmente recebeu o que foi roubado da aldeia. Mais tarde, ela conseguiu outras roupas ao participar em ataques noutras aldeias.

Descreveram situações em que nas aldeias as tropas obrigavam as pessoas que tivessem crianças de uma certa idade a deixarem as crianças partirem com eles para a mata. Todos os que não aceitavam que as suas crianças partissem eram agredidos ou até mesmo mortos.

Um informante chave descreve como quatro *meninas* dos nove aos doze anos da sua família foram raptadas pela UNITA:

“(...) inclusive essas tropas deram uma galheta na minha mãe dizendo: epa! Você fica não queremos velhas só queremos crianças mesmo então levaram elas lá para as matas e lá ficaram e logo na minha casa tiraram logo quatro meninas e distribuíram essas quatro, distribuíram essas quatro meninas nas casas dos chefes.” (testemunho de um IC).

“Se a tua mana disser mesmo que não vou, aí mesmo ou morre na vossa presença ou lhe fazem sofrer, ou não sei.” (testemunho de uma *menina*).

“Sim, já havia mesmo, já haviam realizado mesmo um comício de dizerem que todos os pais ou toda mamã que tiver uma criança que tiver a idade a partir de nove anos para cima, menos casada, têm ... elas não podem encontrar mais este tempo com elas porque têm que vir, têm que se enquadrar com toda JURA¹³ para apoiar o movimento da tropa.

¹³ JURA (*Juventude Unida Revolucionaria de Angola*), tratava-se de uma organização política para jovens que no mato transformou-se, durante a guerra, numa força colectiva de trabalho de adolescentes, entre aproximadamente 12 – 16 anos. A JURA apoiava o exército, atrás das linhas da frente, levando material e comida para as tropas, retirando artigos capturados, vasculhando a procura de comida e agindo como vigilantes (principalmente rapazes).

Então é daí onde tiraram a consciência de dizer que então já que é isso, temos que largar as crianças para ajudarem a tropa.” (testemunho de um IC).

Num dos testemunhos, uma *menina* referiu que a sua mãe já se encontrava com a UNITA quando ela nasceu. Ela não fala nada acerca da forma como a sua mãe foi para a UNITA. Passados anos, quando a guerra recomeçou e chegou à sua área, ela tinha aproximadamente 11 anos e foi forçada a entrar para a JURA, isto é, deixar os pais e ficar a viver com o grupo da JURA. Certo dia enquanto procurava comida, ela foi capturada pelas FAA.

“(...) deram-nos o nome de Juras, éramos Juras, quem não tinha que participar naquele grupo era morta mesmo pela Unita, por isso eu tive que participar com eles lá mesmo na guerra em Kuanza Norte (...)” (entrevista 1).

“Só mesmo para servir como Jura, para ir lhes ajudar transportar materiais. Depois de nós chegar lá é como nos disseram que vocês vão ficar aqui connosco para nos ajudar transportar materiais. Eu fiquei com muito medo porque eu sabia que já não ia ver mais a minha mãe.” (testemunho de um menina).

Todas elas falam sobre serem forçadas a caminhar e carregar durante horas e longas distâncias, sobre sofrerem ataques e trabalhar para apoiar os soldados e eventualmente, caminhar para uma vila, um acampamento de refugiados ou para áreas de quartelamento militar.

“(...) nós dormíamos na mata no capim, até teve um tempo que tivemos que andar desde o Kuanza Norte, ..., nós saíamos uma distância mais ou menos do Samba Caju até ao Lukala a pé!! Por causa da Unita, tínhamos que nos esconder pelo capim, porque se andássemos na estrada, também lá não havia mais carro, ficávamos assim mesmo completamente aflitos e vim aqui, depois andamos a pé em Lukala ficamos até Dalantando (...)” (entrevista 1).

“(...) foi uma vida a pé, na altura ainda pequena, andei mesmo a pé; (...), a vida foi mesmo difícil, dormir assim no ar livre, (...), se tiver uma tenda você, esticar, esticavam, dormia aí se a chuva tava a cair se cobriam (...) daquelas tais lonas.” (entrevista 2).

“Morreu muita gente de tar adiantada, não conseguem andar, sede sem beber água!. Ai caía mesmo aí, morreu, ficou vocês que estão vamos!!! (...) Sim vi os meus pais a morrer (...) Ficava sempre nas matas, (...), andávamos mesmo por cima e debaixo, aquela chuva toda, (...), não sei quê, andar, (...) quando (...) lá escutaram que a guerra tava demais (...) Fazíamos caminhadas, (...) todos os dias a andar, todos os dias!” (...) Assaltavam as casas você tem que fugir, não pode dormir dentro de casa dormir, tem que dormir na mata! Aqueles todos os mosquitos, chuva em cima, (...) dormir não pode dormir, se você dorme em casa quando eles vem te matam! (...) Com a guerra nós todos aí ficamos a pé, o tempo todo era fugir ou estão aqui ou quando ficam todos juntos amanhã tão aí! Fugiam assim! Hoje tão na mata, amanhã saiam tão dentro de casa quando saiem dentro de casa vão direito na mata, não sei quê. (...) Fizemos a caminhada, (...) aquela toda caminhada, aí as pessoas começaram a cair, era só morrer no caminho, tão aí “não liga deixa eles ficar aí!” (entrevista 3).

“(...) eu fugi lá, e viemos já a pé sai lá no município do Alto Zambeza até dentro da província do Moxico a pé! saímos de lá dia 27 de Maio e chegamos dentro da província do Luena que é no Moxico dia 9 de Junho, (...) dia 9 de Junho a pé! (...) eu fugi lá já com medo organizamos um grupo saímos lá a pé viemos dentro da província, (...) 2 semanas mais até (...) andar a pé (...)” (testemunho de uma menina).

5.3 - Experiências da Guerra

As raparigas sofreram, durante o cativeiro, deliberada supressão de identidade, o que diminuiu memórias anteriores da identidade, relacionamentos, lugar e comunidade. Exemplos relatados de supressão de identidade incluíram: ser proibida, sob ameaça de morte, de falar sobre o passado, pois isso significava planos de aliança e fuga, ser separada de membros da família e comunidade ao ser raptada; algumas *meninas* decidiram mudar os nomes, na esperança de confundir os guerrilheiros e possivelmente tornar mais difícil serem encontradas se escapassem. Em alguns casos, depois de terem sido raptadas foram dados números em vez de nomes às *meninas* raptadas.

“Começaram a me chamar nº 7 (...)” (testemunho de uma menina).

“Não nunca trocaram o meu nome é mesmo..., mas o meu nome lá era a 12.”
(testemunho de uma menina).

“Eles disseram que vocês já não vão precisar mais dos nomes que as vossas mães vos deram (...)” (testemunho de uma menina).

“Mudei este nome porque as outras que, as outras que eu encontrei lá me disseram: você, não pode dar o seu nome verdadeiro, tens que dar nome falso porque se você pensar fugir, assim que fores no bairro não vão te dar conta; quando eles procurarem Maria, Maria vão-lhes mostrar uma pessoa que não é ela.” (testemunho de uma menina).

“(...) é assim, lá quando vocês estão a falar, as vezes vêm vos escutar, as vezes se estão a falar assim do passado como é que estavam, vos falam vocês têm programa de fugir, assim ficam só todo tempo a vos controlar. Nós já notávamos porque eles assim quando vocês falam do passado eles ficam já assim atentos a vos escutarem, essas tem programa de fugir assim já notamos que eles não gostam que nós falamos do passado.”
(testemunho de uma menina).

“Nós falávamos devagar para eles não escutarem! “Vocês querem ir para Luanda fazer o quê?! Querem ser inteligente porquê?!” Tínhamos que falar assim devagar para eles não escutarem, (...) e não podem tar assim todos juntos, se fica assim junto desconfiam o que é que “vocês estão a prometer querem matar ou quê?!” (entrevista 3).

(A maioria destas citações não entrou no grupo das *meninas* entrevistadas embora tenham sido exemplos para mostrar o quanto elas estavam perdidas em termos da sua própria identificação e orientação temporal).

5.3.1 - Organização militar

A organização militar em relação à distribuição das pessoas capturadas reflecte normas de constituição física, idade e sexo.

Existem algumas diferenças quando se fala da organização das áreas nas quais as *meninas* estiveram, dependendo se estavam em acampamentos na mata, em bases, em

acampamentos próximo das vilas (diferenças entre vilas bem abastecidas, vilas controladas pelo inimigo ou não).

Também, as idades, nas quais os diferentes tipos de trabalho se esperava que as crianças realizassem, podem ter variado nos diferentes lugares e alturas, dependendo do tipo de guerra que decorria, do nível de pressão sob qual a tropa/partido se encontrava e da natureza do comando militar em cargo. Durante períodos de calma, as bases podiam ficar num lugar durante meses ou anos. Durante períodos de luta, as bases podiam ser constantemente atacadas e as pessoas deslocadas. As pessoas que ficavam na base eram chamadas de *Estado*. Quando eram trazidas mercadorias dos ataques, a metade tinha que ser dada ao Estado. Também foi utilizado o termo *Campanha*: era quando as *meninas* raptadas e alguns soldados masculinos iam em busca de comida.

Havia *meninas* raptadas que não trabalhavam nas casas e eram designadas para viverem e trabalharem com o Secretariado, o qual organizava a logística e o transporte de material que era trazido dos ataques.

“(…), trabalho mesmo assim de senhora, (…), fui operadora, trabalhava com rádio, rádios de comunicações, esse é o curso que gostava de tirar no tempo em que estava a treinar, (…), mesmo para comunicar, (…), a tropa, era para comunicar, “umas estão nesse sítio outras estão lá”, (…) sim para se comunicar.” (entrevista 2).

“(…) 36 ficavam na casa dos chefes dos mais velhos cada casa assim ficam 3 meninas 4 e havia também umas outras pessoas que viviam assim num quarto só no secretariado. Eu não sei bem explicar como é o secretariado. Secretariado é quase num departamento onde fica só Juras assim só moças. “Trabalho delas”- é mesmo de transportar materiais. Assim quando vão atacar encontram materiais, o serviço delas era aquele levar o material tirar daí para ir guardar quando estão para sair elas tinham que levar ate onde vão também. “Materiais” – munições minas bombas as vezes armas também encontravam. (testemunho de uma menina).

As condições de vida durante o período da guerra dependiam do lugar onde as *meninas* estivessem a viver. A maioria fala de situações em que estavam com famílias da UNITA passaram um período a andarem de um lado para outro e as condições eram extremamente difíceis. Em muitos casos, aqueles que eram mais velhos ou tinham

crianças foram enviados para campos de refugiados durante esse período. As condições eram sempre muito penosas para os raptados.

Algumas *meninas* fazem referência aos seguintes departamentos:

- Engenharia – aqueles que colocavam minas.
- Brinde – eram os seguranças
- REC – também conhecidos como contra-inteligência e reconhecimento. Estes avançavam primeiro para uma área para agir como “os olhos” do exército. Muitas vezes iam com a Engenharia e se encontrassem muitas pegadas de botas numa área, aí eles colocavam minas.
- Batalhão avançado era quem fazia os ataques. Tinha *meninas* que ficavam com eles e cozinhavam para eles e algumas vezes, abasteciam as suas armas de fogo durante as batalhas na zona “vermelha”. Havia sempre outras raparigas acampadas detrás das linhas da frente, na mata. O seu papel era esperar e fazer a limpeza depois dos ataques: remover corpos, atender os feridos, correr para ir buscar roupas, alimentos, qualquer artigo deixado.
- Secretariado - responsável pelo transporte de material. Este departamento também tinha soldados que defendiam os campos. Eram treinados mas não iam para a frente.
- Comissariado o qual convocava as reuniões, porém, as entrevistadas tem pouca informação sobre o que realmente faziam.

Referiram ainda que as pessoas que elas descrevem como os *mais velhos* são os *chefes*, os *sobas*, são aqueles que têm categorias como major, coronel, tenente. Quando alguém tem um guarda de segurança é chamado mais velho. Alguns desses são soldados no activo mas, alguns são demasiado velhos e por isso ficam na base “a controlar as mulheres”.

“O chefe, não me lembro, mas só sei que tinha um chefe mesmo, (...), um outro chamava-se M... que era o brigadeiro da Unita e outro não me lembro do nome dele.” (entrevista 1).

“Tinha um chefe, um homem, (...), mandava em nós todas.” (entrevista 2).

“O chefe é que mandava! Era um senhor que mandava.” (entrevista 3).

Ao chegarem aos acampamentos, os grupos de pessoas raptadas eram divididos pelos líderes segundo as seguintes disposições:

Os homens adultos tornavam-se soldados, preparados para o trabalho da linha da frente.

“Exactamente porque os homens tinham que ir directamente para a guerra nem? Tinham que ir lá na frente mesmo e as mulheres e as crianças meninas nesse caso tinham que levar material enquanto eles estão na retaguarda eles avançam quando precisassem de material regressam um bocadinho e avançam novamente, e para levar material eles não queriam saber se eram crianças ou não, desde é que tem uma constituição física que dá para levar um peso aproveitavam assim.” (testemunho de uma menina).

As crianças, meninas e rapazes, eram colocadas na organização infantil *Alvorada*¹⁴ e eram distribuídas pelas casas das pessoas mais velhas e mais importantes. Essas eram as casas de oficiais militares de alta patente e de mulheres pertencentes à LIMA que não tinham marido. Ficavam aí, a servir como criados, até atingirem os 14-15 anos.

“(...) Depois de estudar então fui à tropa, fui treinar até quando acabei. (...), desde os 10 aos 15 estava a estudar, depois disso foi quando fui a vida militar.” (entrevista 2).

Contudo, dependendo da intensidade da guerra e da disponibilidade dos recursos, crianças com menos de dez anos eram consideradas capazes de trabalhar e ir para as caminhadas. Algumas *meninas* que foram raptadas com pouca idade e trabalharam nas casas dos líderes a fazerem trabalho doméstico, a sua maioria refere que eram maltratadas, agredidas e que não comiam apropriadamente. Tinham que seguir o homem da casa, carregando a sua mochila ou, acompanhar a dona da casa às lavras (se houvesse campos nessa área).

“As pessoas mais importantes são os Generais e Coronéis. Eram estes que tinham o direito de escolher se tinham crianças nas suas casas. Elas ficavam lá para ajudar as

¹⁴ Alvorada é uma organização juvenil que organizava actividades desportivas, reuniões políticas e celebrações dos dias importantes (como o aniversário de Savimbi) no mato, transformada durante a guerra numa força colectiva de trabalho para crianças e adolescentes.

suas esposas, p'ra lavar, fazer comida e tomar conta de outras crianças.” (testemunho de uma *menina*).

Os rapazes adolescentes tornavam-se soldados combatentes activos ou serviam para apoiar as tropas na linha da frente.

“A partir de dezasseis anos até aos vinte e cinco anos eles já estavam na tropa. Agora os rapazes que tinham dez anos, doze, catorze, quinze, estes estavam também na Jura.” (testemunho de uma *menina*).

As meninas adolescentes ou iam para a JURA onde trabalhavam para apoiar a base e os soldados das linhas da frente ou, iam para o secretariado.

“(…) éramos JURAS, quem não tinha que participar naquele grupo era morta mesmo pela Unita, por isso eu tive que participar com eles lá mesmo na guerra em Kuanza Norte (...)” (entrevista 1).

“Essas moças que eram levadas iam todas para a JURA. Hum. A JURA o trabalho dela era mesmo ir com a tropa. Ir com eles para os combates e então tudo que encontrarem elas levam as coisas, das tais casas por onde eles passarem.” (testemunho de uma *menina*).

Numa das conversas recorda-me de uma senhora dizer que foi líder da JURA e por isso, tinha uniforme e patente militar. Ela tinha que motivar as pessoas para transportarem material, cuidar das pessoas debilitadas, dar de beber e tentar elevar a moral dos feridos e doentes. Ela era segundo-tenente mas não tinha arma. Tornou-se soldado aos 15 anos de idade.

Algumas das *meninas*, enquanto trabalhavam nas casas dos mais velhos ou com a JURA, casaram-se/uniram-se com mais velhos. Ficar grávida geralmente dava significado a essa união e, se o homem se responsabilizasse pela rapariga, ela ia viver para a casa dele, normalmente como segunda ou terceira mulher e tinha filhos. Relatam que, adolescentes, algumas vezes com menos de 15 anos, as *meninas* começavam a ficar grávidas – ou por terem sido abusadas ou, por elas verem a gravidez ou o relacionamento com um mais velho como uma forma de reduzir as probabilidades de sofrerem nas longas caminhadas.

Viu-se que esta estratégia tem consequências mais tarde, quando a relação ou protecção não perdura e ser uma mãe solteira com crianças obstrui a reintegração pós-guerra.

“Sim quando a pessoa vê mesmo que o tal sofrimento é demasiado, porque a pessoa nunca consegue descansar; Algumas quando vêm mesmo para as outras, estão grávidas ou com filhos, então ela pensa se eu fizer coiso o sofrimento parece que vai me diminuir, porque as outras todas que têm barrigas ou filhos, não vão a lado nenhum. Ya. O tal trabalho é mesmo ir lá no MM ir buscar essa tal comida.

Agora aquelas que têm crianças não vão porque essas têm crianças. Agora aquelas que estão grávidas que esta não chega longe, fica mesmo no mesmo sítio, faz só o trabalho de perto. Ir apanhar lenha para o tal jango, onde costumam ficar os tais mais velhos e mais nada. Agora quem não tem nada, quando acharem mesmo que têm que ir buscar alguma coisa, são elas que são mandadas. Escolher mesmo os mais velhos que têm casas, mas que não têm filhos e que não estão grávidas, juntam-se com as moças e os rapazes então vão buscar essa tal comida. Mesmo no tal material, se não tiveres gravidez, ou não tiveres filho vais. Hum. Eu depois também aceitei o pai do meu filho, foi mesmo por causa desse tal sofrimento.” (testemunho de uma menina).

Uma *menina* que nasceu no Huambo, raptada pela UNITA quando pequena, não se recorda da sua idade na altura. Foi colocada a trabalhar na casa de um “mais velho” mas, logo depois foi mandada para as campanhas de transporte de material. Ela relata ter sido abusada sexualmente, ficou grávida e teve uma criança. Ela escolheu não ir para a área de aquartelamento com o pai da criança, o seu “marido da guerra”, porque descobriu que ele tinha três outras mulheres e assim, voltou para a sua povoação natal onde descobriu que os seus pais tinham morrido. Foi rejeitada não só pelo irmão como também pela cunhada dado a extrema pobreza em que viviam o que a levou juntamente com a sua criança ainda pequena a ir viver no campo dos deslocados apoiada pelo soba e outros membros da comunidade. Hoje possui apenas uma peça de roupa, um vestido e, muitas vezes, nada tem para comer.

“Na altura como havia moças pequenas e havia moças grandes, eles escolhiam as moças grandes e dormiam com elas. Agora as pequenas, eles dizem que durmam sozinhas. Não são mulheres deles, as mulheres deles, eles deixaram mesmo em casa, dormem mesmo com as filhas alheias. Os tropas levavam mesmo as raparigas a

pretexto de irem buscar milho, chegados lá, tornam-se mulheres deles. Assim elas estão a fazer o funge, depois disso quando chegar a hora de dormir eles não querem dormir sozinhos. Ya. Não lhes conquistam, já dormem mesmo... Porque quando se anda com as forças, se você disser mesmo que estou cansada te chamam e te matam logo. Um mais velho então disse, é melhor nós, ficar comigo (casar), que é o pai dessa criança aqui. Afinal estava só a mentir-me. Depois, então foi o ano passado que saí de lá, no mês de Janeiro. Hum. Vivi com ele só um ano. Ele já tem 3 mulheres, mas a outra está no kimbo.” (testemunho de uma menina).*

Raparigas mais velhas reuniam-se às mulheres na LIMA e trabalhavam na construção de casas, apoio à base, cultivo de hortas e cuidar colectivamente de crianças mais pequenas. Algumas dizem que o trabalho da LIMA era assegurar que as bases estivessem limpas e cuidar dos doentes. Outras dizem que o trabalho da LIMA era apresentar danças quando na base houvesse visitas importantes, o que era chamado de “agitação”.

As *meninas* raptadas eram tratadas de forma diferente em relação as outras crianças que não tinham sido raptadas e que viviam nas zonas de guerra. As crianças que não tinham sido raptadas não tinham que trabalhar arduamente, excepto no período em que muitos grupos se movimentavam e como não havia transporte nem combustível, aí, todos tinham que carregar algo.

“...não sofriam assim tanto. Nós quando há uma missão nós temos que ir; quando há transportar assim materiais, nós temos que ir mas as filhas deles não iam. Mesmo assim roupa vocês levam, metade tua, metade do estado e quando vais lá naquele estado eles começam dividir para as filhas deles que ficaram que não foram.” (testemunho de uma menina).

5.3.2 - Alimentos

As entrevistadas falaram muito de comida. Todas mencionaram o problema de comer comida sem sal e comer qualquer coisa que estivesse à disposição, tirado das lavras de outras pessoas, das casas dos mortos depois dos ataques, tirado à força das aldeias.

“Cavávamos mandioca, íamos na lavra cavar mandioca, tinham até umas folhas que era azeda, ..., folhas assim, que davam uns frutos azedos, comíamos aquilo, as vezes quando não tivesse íamos procurar gynguena*, ..., comíamos, comíamos também maboque*, aquelas frutas, partíamos e comíamos, ..., essas coisas não se cozinhavam a mandioca é que nós cozinhávamos sempre. ... Comíamos esses bichos que há agora aqui em Luanda, falam catato*, ..., cada bicho tinha o seu nome, eles aqui falavam de catato nós falávamos de suna, cacyneta muitos nomes assim, colhíamos aquilo no capim na mata, cavávamos ratos, grilos, ..., nos comíamos, ..., os grilos por exemplo ... são assim grilos pequenos, ..., não havia sal nem sabão, lavávamos com raízes, essas raízes chama-se indonga* até e sal tínhamos que ir nas salinas assim, aquela areia salgada é que nós tirávamos e metíamos na panela para conseguir comer, porque a comida sem sal fica mesmo mal. ... e depois (...) não tinha nada para comer tínhamos que cavar mandioca para poder nos alimentar quando me ausentei até pensei que fosse morrer, mas graças a Deus eu existo até hoje.” (entrevista 1).*

“Ahhh ... comíamos mesmo kisaka, funge*, comida sem sal, ervas, ... mandioca, batata, é a comida mais daí do mato que nós comíamos, ... comíamos assim comida sem sal, sem óleo é só ferver tão a comer! Mesmo assim, ..., nós é que plantávamos. Não não havia comida suficiente, também não havia roupa, quem cozinhava são assim as pessoas mais adultas é que cozinhavam, ... a roupa que tá no corpo fica mesmo até que sujar tem que amarrar pano lavar secar vestir de novo! Havia muitas crianças mesmo, tinha muita criança. ... Sim comíamos todos a mesma coisa. ... Não tinha direito, é mesmo assim! A mesma coisa que vocês comem todos!” (entrevista 3).*

“Mesmo funge. ... Com o conduto, mesmo assim ... folhas” (entrevista 4).*

“... nas matas comemos comida sem sal, comida sem sal ... ya. (testemunho de uma menina).

“A tal comida assim era para toda a gente. Havia uma casa, onde se depositava essa tal comida toda. Depois então a tardinha, eles chamam as pessoas e vos distribuem a tal comida. Hum. Vocês levam para casa. Sim todos recebem comida... As vezes mesmo

* vegetais/verduras comestíveis

a tal comida vai para os mais velhos. Você só vê quando, (...) você mesmo é que pisa, agora na hora de fazer o funge e comer, você já não consegue apanhar mais nada.” (testemunho de uma menina).

5.3.3 - O trabalho das meninas

As *meninas* eram usadas pelas forças armadas de diferentes formas existindo assim vários tipos de trabalho nas bases e acampamentos: criadas domésticas, compra e venda, permuta, sair à procura de comida quando esta escasseava, pilhar comida e roupas nas aldeias depois dos ataques, preparar comida para os moradores da base e para ser levada para as tropas da linha da frente, trabalho na lavra, carregar material pesado durante grandes distâncias (falam de 4 dias até vários meses, a 20 km por dia) montar a base, acarretar água, trabalho doméstico, lavar as roupas dos soldados doentes e feridos, receber e servir os visitantes, levantar/incentivar a moral, motivar os soldados através da dança, fornecendo sexo aos mais velhos das casas em que viviam, ter relações sexuais com os soldados depois da dança e com soldados visitantes.

“(...) eu ajudava eles cozinhava para eles e praticamente não tivemos vestuário vestíamos a mesma roupa, tomávamos banho repetíamos a mesma roupa rasgada!! Ficávamos assim mesmo.” (entrevista 1).

“Na altura pequenina foi trabalho normal de criança, lavar a loiça, limpar a casa, aprendi também a lavar roupa, a cozinhar. (...) (Nos tempos livres) Cantava, dançava, (...), com outras meninas.” (entrevista 2).

“(...) Não, (...) não tem tempo de conversar, (...), quando é tempo de conversar assim tem que ser assim todo o mundo a treinar a cantar esses cantos deles lá do mato, não sei quê, (...) da guerra, a ensaiar, Jura, (...), essas meninas que andam (...), as meninas dos polícias, esses que vivem junto lá com a Unita.” (entrevista 3).

Nos mercados havia frequente permuta e troca de mercadorias com os comerciantes que traziam as mercadorias de Luanda e outras cidades do litoral. Para irem ao mercado era necessário deixarem a segurança relativa dos acampamentos e atravessar o contestado

território nas áreas do “inimigo”. Muitas *meninas* perderam as suas vidas em acidentes com minas e corriam o risco de serem atacadas e violentadas ao fazer esse trabalho. Durante as caminhadas e os ataques também desempenhavam varias funções como: acompanhar os soldados nas caminhadas e ataques, geralmente ficando por trás das tropas das linhas da frente, mantendo-os alimentados e abastecidos, carregar munições, comida e outros mantimentos (aproximadamente 30-35 kg, incluindo peças para artilharia pesada e tanques) dos armazéns centralizados para os acampamentos do mato; e ainda despir os mortos e saquear as casas e campos dos habitantes depois dos ataques, carregar o saque e excedentes da guerra de volta à base depois dos ataques, arranjar e preparar comida, limpar e montar os acampamentos, manterem-se alertas e espiar (apesar dessa ser especialmente uma tarefa dos rapazes), agitar (incentivar a moral e mobilizar as tropas dançando e cantando, para preparar as tropas para o combate, manter os tropas alertas pela noite adentro, durante longas horas, para a eventualidade de um ataque; encorajar as tropas durante a batalha), fazer “*irritação*” (fazer barulho para amedrontar e intimidar o inimigo), trabalho sexual, recarregar as armas, sabotagens, cuidar dos feridos e doentes, preparar e enterrar os mortos.

“(...) animar também agitar, aquela hora de dançar assim falam que chegou a hora de agitar. Aquela hora vocês como Jura que estão atrás, e fazer ulu, ulu enquanto que eles aí estão a combater.” (testemunho de uma *menina*).

Esta informante afirma que algumas vezes eram escolhidas membros da JURA para ficarem com os soldados feridos e incapazes; elas eram forçadas a casar com eles. Diz que as *meninas* eram obrigadas a ir para as danças e que isso significava um entendimento implícito de que a seguir fariam sexo.

“Nós só lhes ajudamos a levar os pratos, panelas, e fazer a comida. Quando eles chegam lá acaba de atacar, nos assim ai nos também carregar comida de lá para onde vamos. Tirávamos dentro das casas. Entram nas casas onde tiravam comida, roupa. Encontrávamos assim dentro de casa encontra pessoa morreu. Você primeiro assustas mas depois quando vês que morreu chegas tira a coisa que você foste tirar, sai. Ai depois já não havia mais medo. Quando eles acabam de fazer aquela guerra depois passam a fazer revista naquela casa com armas ver, dar tiro em baixo da cama, assim

na estante têm que abrir aquilo tudo para ver se estava ai pessoa.” (testemunho de uma menina).

“Quando vão lá atacar apanham também outras pessoas, cada vez que vão atacar apanham pessoas como nos apanharam assim nós. Cada vez que vão atacar apanham pessoas, aquelas pessoas lhes dão carga, aquelas cargas ficam já para as mulheres deles e as que não foram.” (testemunho de uma menina).

Trabalharam ainda como combatentes armados. Algumas raparigas mais velhas que treinaram tornaram-se mulheres soldados. Uma função comum das *meninas* da linha da frente era recarregar as armas para os soldados no ardor do combate.

Mencionaram os seguintes tipos de treinos/formação: recepção, motivação, dança, recarregar as armas, acompanhar os soldados masculinos, sabotagem, parteira. Referem terem sido treinadas em várias ocasiões, para montar e desmontar armas, defender-se contra alguém que empunhasse uma pistola.

“(…) nos levaram uns tropas da Unita, ficamos num quartel onde fiquei os 2 meses, (...), a cuidar deles, nós tínhamos que cozinhar obrigatoriamente pra eles, (...), Trabalhava para eles, assim, eles mandavam-me lenhar ia lenhar, mandavam-me cozinhar, cozinhasse se aguentasse! (...) eu ajudava eles cozinhasse para eles (...)” (entrevista 1).

“(…) trabalho mesmo assim de senhora, (...), fui operadora, trabalhava com rádio, rádios de comunicações, esse é o curso que gostava de tirar no tempo em que estava a treinar, (...), mesmo para comunicar, (...), a tropa, era para comunicar, “umas estão nesse sítio outras estão lá”, (...) sim para se comunicar.” (entrevista 2).

“Era mesmo trabalhar, pegar na enchada não sei quê. Pisar bombom, (...) Não, só limpava, (...), tinha mesmo que carregavam, (...) se você não consegue dão chapada! Tem que fazer aquela coisa toda que eles mandam. Ai de você desobedecer te matam, fica mesmo aí! (...) Ai você tem que trabalhar, não pode porque não tem que trabalhar, tem que trabalhar e não pode dizer não pode ser criança como não, criança de 5 anos também já trabalha, pega na enchada, era muito sofrimento! (...) Não, (...) não tem tempo de conversar, (...), quando é tempo de conversar assim tem que ser assim todo o mundo a treinar a cantar esses cantos deles lá do mato, não sei quê, (...) da guerra, a

ensaiar, Jura, (...), essas meninas que andam (...), as meninas dos policiais, esses que vivem junto lá com a Unita (...) Sim também era treinada mesmo, (...), fazia assim: de manhã acordávamos, já tavamos (...) a ensaiar esses cantos lá da Unita, (...), iniciávamos as 7 e só acabávamos as 12, ai em cima da chuva, a guerra ai a vir, a combater, vocês aí a fugirem. (...) Assaltavam as casas você tem que fugir, não pode dormir dentro de casa dormir, tem que dormir na mata! Aqueles todos os mosquitos, chuva em cima, ... dormir não pode dormir, se você dorme em casa quando eles vem te matam!” (entrevista 3).

“Sim levamos material mesmo assim para apoiar, (...), mesmo ajuda assim na comida, (panelas...). (...) Durante o dia é mesmo assim, trabalhar mesmo assim coisa de cozinha, cozinhar não sei quê, ajudar as outras que às vezes está doente, não sei quê.” (entrevista 4).

Referem treinos para serem ágeis e terem capacidade de correr rapidamente para ajudar as tropas ou apanhar algo que o inimigo tivesse deixado. Quando um soldado morresse, a sua função era apanhar a arma e correr (para salvar a arma), mas não atirar.

5.3.4 - As caminhadas, campanhas e ataques militares

As caminhadas, andar na mata de uma base para outra, de um ataque a outro – as intermináveis, traiçoeiras viagens, sempre a carregar material pesado, é a imagem, a mais constante, que emerge das entrevistas.

“(…) nós dormíamos na mata no capim, até teve um tempo que tivemos que andar desde o Kuanza Norte, (...), nós saíamos uma distancia mais ou menos do Samba Caju até ao Lukala a pé!! Por causa da Unita, tínhamos que nos esconder pelo capim, porque se andássemos na estrada, também lá não havia mais carro, ficávamos assim mesmo completamente aflitos e vim aqui, depois andamos a pé em Lukala ficamos até Dalantando” (entrevista 1).

“Sim, até mesmo assim, foi uma vida a pé, na altura ainda pequena, andei mesmo a pé; (...), a vida foi mesmo difícil, dormir assim no ar livre, (...), se tiver uma tenda você,

esticar, esticavam, dormia aí se a chuva tava a cair se cobriam (...) daquelas tais lonas.” (entrevista 2).

“A fome, correr de baixo para cima, a chuva, aquela coisa toda, doenças, não tem sal, óleo, por isso é que os meus pais faleceram.” (entrevista 3).

“Fazíamos caminhadas, (...) todos os dias a andar, todos os dias!” (entrevista 3).

“Morreu muita gente de tar adiantada, não conseguem andar, sede sem beber água! Ai caia mesmo aí, morreu, ficou vocês que estão vamos!!! (...) Sim vi os meus pais a morrer (...).” (entrevista 3).

“Ficava sempre nas matas, (...), andávamos mesmo por cima e debaixo, aquela chuva toda, (...), não sei quê, andar, (...) quando (...) lá escutaram que a guerra tava demais (...).” (entrevista 3).

“(...) Assaltavam as casas você tem que fugir, não pode dormir dentro de casa dormir, tem que dormir na mata! Aqueles todos os mosquitos, chuva em cima, (...) dormir não pode dormir, se você dorme em casa quando eles vem te matam!” (entrevista 3).

“Com a guerra nós todos aí ficamos a pé, o tempo todo era fugir ou estão aqui ou quando ficam todos juntos amanhã tão aí! Fugiam assim! Hoje tão na mata, amanhã saiam tão dentro de casa quando saiem dentro de casa vão direito na mata, não sei quê.” (entrevista 3).

“Muitas vezes aí ficaram grávidas. E depois tem que andar de um lado para o outro com a tal gravidez (...) E se não tiver sorte, porque teve e o bebê morreu é mesmo assim, com o tal sofrimento (...) Isso (aborto) também era demasiado (...).” (testemunho de uma menina).

As condições de vida e trabalho nas campanhas eram brutais. As *meninas* soldados raptadas eram mortas durante os ataques, morriam durante as caminhadas, nomeadamente de exaustão. Muitas vezes era impossível enterrá-las, as cerimónias

eram impossíveis. Os corpos eram apenas abandonados ou, enterrados numa cova oca ou numa vala comum.

“ Fizemos a caminhada, (...) aquela toda caminhada, aí as pessoas começaram a cair, era só morrer no caminho, tão aí “ não liga deixa eles ficar aí!”, (...) Sim eu vi o meu irmão morrer mesmo assim por causa da febre, já não conseguia andar. Depois de um mês, um ano, (...) Ele não conseguia andar, aí fomos, aí não comiam, não bebiam água, castigo é castigo, só trabalhar, o meu irmão morreu assim, na caminhada, ele caiu aí, ficou mesmo aí!” (entrevista 3).

“ No caminho as pessoas morreram por causa do frio e da fome. O tal rio é atravessado mesmo a noite. Depois de atravessa-lo, é só andar um bocado e depois é dormir. A pessoa não tem nada que se tapar. Nem fogo havia. Depois então as pessoas dormem. Chegados de manhã é só ver as algumas pessoas morreram. Mais velhos e avós, as vezes são 4, as vezes são 3, as vezes são só 2 que morreram. Assim mesmo é deixa-los. An. É puxa-los para perto de uns galhos ou então se houver um buraco é metê-los no buraco. É tapar, pôr em cima algumas folhas e é andar.” (testemunho de uma menina).

“ Depois lá havia muitos doentes de anemia não conseguiam correr, aí morriam mesmo aí; os que nasciam também escadinha (filhos muito seguidos) não têm como levar aqueles bebês, deixam no caminho, morrem mesmo aí; ou as vezes, vocês estão a fugir encontram um rio grande os que não sabem banhar (nadar) se atiram vão os que sabem banhar, podem ir doutro lado. Sempre assim, em cada viagem morrem pessoas por causa da fome, da guerra, outros se atiram mesmo assim já no rio, era sempre assim.” (testemunho de uma menina).

Apesar de raparigas e rapazes adolescentes serem o apoio logístico e militar favorito nas campanhas, mulheres com crianças iam algumas vezes para as caminhadas. Várias entrevistas mencionam maus tratos ou até mesmo a morte de crianças nas caminhadas, quando as crianças estivessem a fazer barulho e a denunciar pois havia sempre receio de que esse ruído atraía o inimigo. A jovem diz que quando caminhavam e eram detectados pelas tropas inimigas, tinham que se esconder e tinham que encontrar uma forma de fazer calar as crianças. As vezes tinham que se esconder na água com as crianças.

“Como nós éramos crianças tínhamos que fazer barulho, (...), ele disse que ficou irritado com aquele barulho, eu como era a mais adulta e pegou naquilo e me deu com aquilo na cabeça e aí fiquei assim, (...) até tenho um sinalzinho aqui na cabeça mesmo, (...), cai na água e daí não vi mais nada, não me lembrei de mais nada foi muito horrível eu a sangrar tanto me meteram na água.” (entrevista 1).

“Aí castigar os filhos tudo mesmo! O filho tá a chorar lhe mete aí tem que trabalhar!” (entrevista 3).

5.3.5 - Abuso sexual e Uniões Estratégicas

O abuso sexual acontecia principalmente nas caminhadas, e mais frequentemente nos acampamentos durante as danças quase sempre pelos homens mais velhos, mais importantes. As *meninas* raptadas eram frequentemente abusadas por vezes violentadas. Algumas manifestaram dificuldade em falar sobre esse assunto principalmente na presença de um gravador. Algumas raparigas usaram inicialmente a terceira pessoa para falar sobre como isso acontecia com outras *meninas*, mas não com elas. Contudo, após algumas horas/dias de conversa, falaram sobre o abuso sexual em grande escala durante o seu rapto e experiências da guerra. Algumas referiram que isso também aconteceu a alguns rapazes.

Elas falaram sobre sexo como uma parte inevitável das suas vidas como *meninas* envolvidas com as forças armadas, incluindo as suas uniões forçadas com os mais velhos. Referiram que existiam pessoas na JURA e à sua volta a quem chamavam de *tia/tio* que por vezes as protegiam, por isso nem todas, nem sempre sofriam abusos. Este é um exemplo de protecção contra o abuso sexual mas, esperava-se que todas trabalhassem, não havia protecção contra ser mandada para o trabalho e, trabalho significava caminhadas e era muito provável acontecer abuso sexual durante as caminhadas.

“Na minha família teve muita gente, que uns até morreram lá na guerra, uns escreveram a dizer “estamos aqui agora temos 4 filhos” que até hoje nunca vimos as caras deles, uns ficaram mesmo lá, a maior parte da minha família, (...), um casal gémeo e mais três pessoas, foram uma irmã da minha mãe, outro sobrinho e um tio,



foram os 3 lhes apanharam assim num sítio eles estavam escondidos os 3 foram-se, um deles já morreu os outros ficaram.” (entrevista 1).

“Eram mesmo maltratadas sim, (...) batiam, violavam, (...) eu não sei porque é que acontecia isso, mas eu via muitas meninas a serem violada mesmo a força, pegava dois rapazes mesmo três, pegavam numa menina nós aí não devíamos falar nada, nos escondem, as crianças tem que lhes esconder, os mais velhos, as moças é que ficam, nós falávamos “mas porquê que é que nós estamos aqui? As outras não vêm aqui porquê? Nos davam na boca! “Você falar muito!” Não sei quê, essa coisa toda. (...) Falava mesmo com elas, ficávamos mesmo juntas, conversávamos, só ficávamos a chorar, a lagrimar, (...) lamentar a nossa vida se um dia nós vamos sair daqui mesmo ou não vamos ter nada nessa cabeça!” (entrevista 3).

“(...) Assim 18, 13, 12, violavam elas, mais crescidas.” (entrevista 3)

“Ele lhe agarraram como assim, era aquela rusga, ya (...) até os homens foram amarrados no pénis (...) com tijolos, as mulheres violadas até uma das minhas tias também lhe violaram mesmo aí (...) com maridos, (...). Quando tava mesmo com o meu pai (...) quando os polícias vieram eles levaram na mata, (...) só a minha mãe! Eles só agarravam mais homem, mulher violavam! Depois disso escutamos que o meu pai morreu, (...) só fizemos já o óbito. Eu tava com as minhas tias porque lá eu só escutei que “o teu pai morreu onde lhe levaram, morreu” (...) eu estava com os meus tios, já não vi mais.” (testemunho de uma menina).

“Aquilo parece que e mesmo lei deles, porque eles mesmo no bairro, viam qual a miúda, essa miúda já da para ir na Jura, viam na idade, vejam a miúda já esta ficar grande, aquela miúda já e ir. Chegar lá, sempre mesmo assim tem que ser violada (...) Sim viveu, sim foi violada (irmã). Pelos outros mais velhos também, a pessoa que vive na base pode ser violada mesmo por outros homens (...).” (testemunho de uma menina).

Parece que ali havia normas de idade e de grau em relação aos relacionamentos sexuais. Os chefes/mais velhos estavam autorizados a ser os primeiros a ter relacionamentos sexuais com as *meninas* raptadas. Se isso fosse contestado pela menina ou por um jovem rapaz, eles corriam o risco de serem punidos fisicamente ou mortos.

“Tinha uns 20 anos, sim. (Sorriso) Antes disso nós já nos conhecíamos mas daí todos moços de lá sentiam medo de falar comigo por causa dos mais velhos. Os moços sentiam medo porque senão se nós falar com ela vão nos bater; e até quando namorei com ele (pai do filho) eu me bateram e ele também lhe bateram, o mais velho mesmo que mandava aquela base é que mandou nos bater. Eles tinham medo porque eles sabiam que o mais velho que lhes manda ele queria de mim e assim se ele escutar que está namorar mais com tropa eles tinham já medo de falar comigo. Quando um moço namora com a moça que o mais velho gosta, matava; sim porque eles falavam que assim é traição porque eles lá têm sempre uma tradição que se uma moça está namorar com um moço tropa já não pode namorar com outro porque eles quando vão à guerra, aquele moço atingiu ne? (ficou ferido) e aquele outro vir lhe tocar o moço tem que morrer por isso que eles não deixavam que uma moça quando está namorar com outro tem que namorar mais com um, tem que ser mesmo só já com aquele.” (testemunho de uma menina).

Disse que um soldado não podia forçar uma rapariga a ter relações sexuais, mas um mais velho sim.

“(…) se for mais velho que está a te obrigar, ya assim aceitas porque não tens mais onde vais se queixar, porque se for um tropa só assim normal podes refilear (…)” (testemunho de uma menina).

Uma recusa da menina podia resultar em açoites violentos que levavam à morte. Uma menina apresentou um testemunho extensivo sobre uniões forçadas e abuso sexual durante as caminhadas. Ela foi muitas vezes forçada a dormir com um homem, sob a ameaça de uma arma quando ela tinha 15/16 anos. Uma vez, depois do estupro teve que ser tratada num hospital. Depois, ela ficou com um homem para ter crianças e reduzir o sofrimento das caminhadas.

“Eles me obrigavam para eu dormir com eles, assim cada mais velho assim quando ele me chama eu não aceitar, ele manda já nos tropas dele me baterem.” (testemunho de uma menina).

“Sim. Já me aconteceu. (risos) Eh. Assim mesmo (...) Se não aceites pegam na arma metem lá bala, se não aceites te matam (...) Não dá para se queixar. Se te queixas te matam (...) Porque quando se anda com as forças, se você disser mesmo que estou cansada te chamam e te matam logo. Um mais velho então disse, é melhor nós, ficar comigo (casar), que é o pai dessa criança aqui. Afinal estava só a mentir-me. Depois, então foi o ano passado que saí de lá, no mês de Janeiro. Hum. Vivi com ele só um ano. Ele já tem 3 mulheres, mas a outra está no kimbo.” (testemunho de uma menina).

Referiram ainda que muitas vezes um soldado era violentado se namorasse com a mulher de outro homem.

Dentro do contexto da guerra, as mulheres fizeram escolhas para aumentar as suas chances de sobrevivência. Há muitas referências à competição entre a primeira mulher do mais velho, ou a mais antiga, especialmente se já eram casados antes da guerra e a nova mulher da guerra. Muito embora isso acontecesse “disfarçadamente”, pois as mulheres também eram espancadas e mandadas para “missões” se elas se mostrassem ciumentas ou tristes. Existem evidências de que havia controlo dos relacionamentos espontâneos. As pessoas apaixonavam-se, muitas vezes sob risco de serem separadas, sofrerem castigos corporais ou morte.

“Ela assim anda com o mais velho (chefe) porque é obrigada e ela gosta daquele moço, namora com aquele moço depois quando lhe chamam no mais velho ela tem que fazer (sexo) porque é obrigatório. Assim o mais velho, ele não tem que saber que ela está a namorar com aquele moço.” (testemunho de uma menina).

Os mais velhos organizavam a distribuição das mulheres para os soldados de menor patente para que estes tivessem as suas próprias “mulheres”.

“Quando um moço namora com a moça que o mais velho gosta, matava (...)” (testemunho de uma menina).

Uma *menina* diz que o chefe da casa onde ela se encontrava, arranjou o casamento dela com um jovem, sem falar com ela. Foi entregue a um homem. Finalmente ela uniu-se a esse homem e não foi integrada na JURA. Ela engravidou imediatamente e ficou com esse homem e tem uma filha mas, diz que teve um relacionamento difícil com a irmã

dele. Esse difícil relacionamento fez com que se separasse do marido e fosse viver com as amigas.

Relacionamentos eram estabelecidos pelas raparigas para reduzir o seu sofrimento e aumentar as suas chances de sobrevivência. Engravidar, ser mãe ou procurar uma união por razões de protecção era visto como um sofrimento menor – uma proposta muito melhor do que viver em casa de algum mais velho sendo tiranizada ou constantemente fora, a caminhar e em ataques.

5.3.6 - Crianças e Gravidez

As raparigas ficavam grávidas porque não tinham acesso ao planeamento familiar; a gravidez, sem acompanhamento nem consultas pré-natal, muitas vezes, forçava-as a assumirem relacionamentos duradouros. Algumas vezes elas decidiam assumir relacionamentos tais porque pensavam que teriam que trabalhar menos se estivessem grávidas ou tivessem um filho.

“Apenas tinha uma senhora, (...), sim tava grávida de 4 meses, ela fazia o mesmo, também trabalhava, ainda por cima com porrada, a bater-lhe nas nádegas, tinha de fazer mesmo, (...) (entrevista 1).

Algumas raparigas dizem que estar grávida era uma forma de evitar demasiado sofrimento nas caminhadas.

“Durante as viagens, à noite eles levam as meninas e dormem com elas... à noite cada soldado fica com uma, só não dormem contigo se estás grávida ou tens um bebé.”
(testemunho de uma menina).

Engravidar era uma estratégia de protecção arriscada, porque alguns soldados não reconheciam a gravidez ou os bebés como seus, ou, simplesmente abandonavam a mãe durante a guerra ou no regresso. Outras mulheres regressaram para o “mais velho” depois da guerra. A mulher que estivesse grávida ou em momento de parto, enquanto o seu marido se encontrava em serviço em alguma outra parte, tinha que se arranjar sozinha para manter a gravidez, para realizar o parto, comida, abrigo para ela mesma e para o recém-nascido. As mulheres grávidas sem ser resultado de uma união

reconhecida eram as mais vulneráveis e os bebês nascidos de relações não reconhecidas são as crianças mais vulneráveis ¹⁵.

“(...) algumas engravidaram lá e ficaram lá mesmo, (...), dos militares mesmo. (...) Trabalhavam, (...), mesmo que estavam grávidas! Ficavam grávidas mesmo lá com a Unita, assim com esses tropas, não sei quê, (...) aqueles só fumavam liamba, vista bem vermelha, donde estão, sofremos muito!” (entrevista 3).

“Ficaram grávidas assim já com os maridos delas, já grávida assim já com o marido.” (entrevista 4).

Foi dito que havia parteiras nas bases, mas eram apenas chamadas se a gravidez apresentasse complicações.

Se tem mais velha é assim que ajudam, (...) as mais velhas (ajudam nos partos).” (entrevista 3).

Difícilmente tinham algo para dar às crianças e com dificuldades conseguiam algumas peças de vestuário e artigos para a casa durante os ataques.

“Ficavam grávidas, (...) nas matas mesmo sem roupa sem nada! É rasgar panos para vestir os nenés!” (entrevista 3).

Alguns comandantes pensavam que *“o dever das meninas raptadas é trabalhar, não ter bebês”*. Em algumas bases, as *meninas* raptadas que ficassem grávidas sem permissão/protecção de um mais velho/marido abortavam nos hospitais militares ou na mata com ervas (medicamentos tradicionais). Outras dizem que havia raparigas grávidas nas caminhadas, que pariam à beirada da estrada. Outros testemunhos sugerem que havia abortos porque não havia cuidados, havia demasiado trabalho e demasiado stress.

Os soldados não gostavam da presença de crianças nas bases, elas faziam barulho e impediam a concentração e os movimentos. Eles preferiam manter as crianças distantes.

¹⁵ Este é um tabu comum em muitas culturas Bantu – as crianças de relações adúlteras não sobrevivem – não é exclusivo do cenário da guerra.

Mas, as relações forçadas e a falta de planeamento familiar significavam que havia um número crescente de crianças.

“Como nós éramos crianças tínhamos que fazer barulho, (...), ele disse que ficou irritado com aquele barulho, eu como era a mais adulta e pegou naquilo e me deu com aquilo na cabeça e aí fiquei assim, (...) até tenho um sinalzinho aqui na cabeça mesmo, (...), caí na água e daí não vi mais nada, não me lembrei de mais nada foi muito horrível eu a sangrar tanto me meteram na água.” (entrevista 1).

“Ai castigar os filhos tudo mesmo! O filho tá a chorar lhe mete ai tem que trabalhar!” (entrevista 3).

“(...) quando por exemplo sofremos um ataque (...) gente que morreu um pouco mais eram senhoras e crianças... Hum! ali era um bocado complicado, ali não se podia fazer barulho de princípio, você que tivesse um filho que chora automaticamente havia um grupo já seleccionado que batiam as crianças na árvores, ... praticamente a idade das próprias crianças que foram batidas na árvores isso dependia muito das próprias crianças, isto se tem dez anos se tem oito se tem dois meses se tem quatro, desde que esteja a chorar naquela altura em que não se podia fazer barulho nenhum.” (testemunho de uma menina).

5.3.7 - Solidariedade e Amizades

“Sim tinha muitas amizades, amigas assim gostavam muito de mim porque eu era pessoa religiosa, desde sempre fui religiosa, sou da católica, fui de um grupo coral, já cantava muito bem, até agora. Conversava, (...), eu dizia “quando eu ser grande ou quando tiver pelo menos tiver uns 14 e tiver na cidade”, porque era o meu sonho, (...), tiver na cidade, (...), eu tinha que estudar ser médica mas tinha que ser ginecologista pra saber das mulheres, eu gostava de conversar isso, uns até me perguntavam mas como é que você diz isso, porque elas também não sabiam o que é que eu estava a falar “médica, médica, o que é que é isso médica?” porque eu tinha um senhor, meu padrasto que ensinava-me essas coisas, e eu também ensinava neles, foi professor, o meu padrasto, eu dizia olha médica (...) é aquela pessoa que quer saber da saúde quer

curar alguém quando tá doente, eu expliquei, (...), mais tarde, (...), falava sempre, (...), quero ser médica ou professora (risos).” (entrevista 1).

“Tinha bué de amigas, tinha também amigos. Conversava sempre sobre a vida mesmo, como se deve viver na vida.” (entrevista 2).

“Amigas sim, tinha amigas, (...) conversávamos sobre a vida, a escola, não sei quê, depois eu dizia mas será que a nossa vida vai ser assim nunca vamos estudar! Os outros em Luanda estudam mas aqui nós não estudamos por causa da guerra, não sei quê, assim. Nós falávamos devagar para eles não escutarem! “Vocês querem ir para Luanda fazer o quê?! Querem ser inteligente porquê?!” Tínhamos que falar assim devagar para eles não escutarem, (...) e não podem tar assim todos juntos, se fica assim junto desconfiam o que é que “vocês estão a prometer querem matar ou quê?!” (entrevista 3).

“Sim, tinha (...) conversávamos mesmo assim da vida, (...), quem sabe ensina a outra o que ela sabe.” (entrevista 4).

“Muitas (sorriso) As minhas amigas eram boas mesmo. Lá todas nós assim que fomos raptadas assim quase vivíamos bem, tipo somos irmãs, ya (...) ficávamos aí a contar as nossas histórias: ai!, que dia que vamos encontrar nossas famílias (...) não sei quê (...) E assim quando vocês estão a falar daquilo aquelas filhas deles não têm que estar lá, se ficam lá escutarem elas vão dizer nos pais delas, os pais delas têm que nos chamar, não sei quê... a nos perguntar: porque vocês assim têm ideia de fugir por isso que estão a falar isso. Até também não deixam assim muito ficarmos nós todas assim reunidas, cada uma fica na casa dela porque assim se sentarmos juntas eles ficam a pensar que nós estamos a falar já assim conversa de fugir não sei quê (...) não aceitavam. Há vezes que ficamos aí cantar canções das igrejas, não tinha mais nada que fazer lá.” (testemunho de uma menina).

“Contar à outra o que fazia na casa da minha mãe, como é que eu estava, eu contava para ela e ela também conta. Não têm que vos ver. Quando os vossos mais velhos assim saem vão para reunião, vocês quando ficam falam, quando vêm cada qual vai para sua casa.” (testemunho de uma menina).

As raparigas falam das suas relações tensas com as famílias dos mais velhos – sua mulher e outras crianças, especialmente se eles tivessem filhas com mais idade. Elas gostavam de falar da sua vida anterior nas suas aldeias, mas os mais velhos não queriam que elas conversassem sobre o passado, porque isso poderia fazer com que pensassem estavam a planear em fugir. Elas não tinham amizades verdadeiras com as filhas dos mais velhos porque sempre havia suspeitas e inveja.

“Eles não deixavam assim vocês falarem do que viveram com as vossas mães, falar dos vossos bairros porque eles assim ficam a pensar que essas assim que estão a pensar muito dos bairros delas daqui a nada vão fugir. Não deixavam falar isso. Eles basta vos ver assim de longe, verem só não verem lá nenhuma filha deles, só nós assim que fomos raptadas, vêm já, falam: o quê que vocês estão a fazer aqui? Têm que nos separar.” (testemunho de uma menina).

“Sim tínhamos amigas. Amigas mesmo que andávamos junto, comíamos juntos, nos trançávamos, lavávamos junto a roupa, dormíamos juntos, trabalhávamos juntos, as vezes nos escolhíamos mesmo juntas para ir na frente de combate.” (testemunho de uma menina).

“(...) não se aguentavam viver nas casas das tias, depois aquelas tias de lá, fazem muito ciúme, batem.” (testemunho de uma menina).

5.3.8 - Escola e Tempo Livre

As *meninas* não receberam qualquer educação escolar, oficial ou informal, exceptuando algumas classes políticas. Todas as entrevistadas lamentam que o seu envolvimento na guerra tenha significado serem privadas da instrução.

Uma *menina* diz que deixou a escola quando foi raptada, na 2ª classe e nunca estudou depois disso; ela pode escrever algumas letras do alfabeto mas esqueceu como se escrevem outras. Disse que não havia escolas nas bases onde ela estava. Os que estudavam no mato, as suas famílias pagavam aos professores com um pouco de milho.

“(...) eu fiquei muito prejudicada quando eu não estudei, fiquei sem classe nenhuma, quis estudar mais para ver se algum dia serei uma pessoa no futuro.” (entrevista testemunho de uma menina).

“Não tinha muito tempo, eu gostava muito é de estudar só que não tínhamos materiais escolares, escrevamos no chão, (...), lá no quartel.” (entrevista 1).

Referem que durante o tempo livre elas ficavam em casa a conversar, por exemplo sobre como elas tinham sido raptadas. As vezes eram organizadas danças quando a JURA não tinha muito a fazer, mas apenas os mais velhos podiam organizar as danças.

“Passávamos assim a brincar, momentos que nós brincávamos só um bocadinho, momentos que íamos assim pescar, pegávamos assim em banheiras íamos no rio pescar com os meninos, eu ajudava eles cozinhava para eles e praticamente não tivemos vestuário vestíamos a mesma roupa, tomávamos banho repetíamos a mesma roupa rasgada!! Ficávamos assim mesmo.” (entrevista 1).

“Eu apenas gostava mais de estudar, eu gostava de mais estudo, mas depois fui traída quando me escolheram para ir aos treinos, (...), quando me escolhem para ir treinar para a vida militar. Para eles a vida militar não é uma escola de dizer que eu quero ir, eu queria estudar mas me escolheram eu tinha que ir.” (entrevista 2).

“Na altura pequenina foi trabalho normal de criança, lavar a loiça, limpar a casa, aprendi também a lavar roupa, a cozinhar. (...) (Nos tempos livres) Cantava, dançava, (...), com outras meninas.” (entrevista 2).

“Era só mesmo de trabalhar, mesmo aqui agora eu gosto muito de trabalhar! Trabalhar assim, (...) lavras, não sei quê, plantar gynguba, não sei quê, mandioca, essas coisas.” (entrevista 3).

“Não, (...) não tem tempo de conversar, (...), quando é tempo de conversar assim tem que ser assim todo o mundo a treinar a cantar esses cantos deles lá do mato, não sei quê, (...) da guerra, a ensaiar, Jura, (...), essas meninas que andam (...), as meninas dos polícias, esses que vivem junto lá com a Unita.” (entrevista 3).

5.3.9 - Saúde

A vida na mata era de extrema privação e perigosa para a saúde das *meninas*. Elas sofriam de exaustão nas caminhadas, da constante ausência de tempo para dormirem, de ferimentos nos pés durante as caminhadas, às dores no pescoço e costas por carregarem materiais pesados. Algo que se distinguiu das outras *meninas* era uma calvície no topo das suas cabeças, uma zona desgastada pelo transporte do pesado material. Os testemunhos mostram que as *meninas* raptadas morriam vítimas do parto e da gravidez, lesões e feridas de ataques, castigos, caminhadas árduas, exaustão, anemia, edemas, subnutrição e de doenças transmitidas sexualmente. As principais doenças foram referidas como sendo a malária e a anemia. Em algumas bases, havia medicamentos (ocidentais e tradicionais) para a malária.

Algumas *meninas* entrevistadas falaram longamente sobre não haver formas de lidar com a menstruação, de lavar os pensos higiênicos feitos por elas mesmas. Não havia tempo para parar. Afirmaram que a menstruação de muitas *meninas* se interrompeu devido a pobre dieta e o constante caminhar.

“Se a pessoa está a menstruar, não tem mesmo nada para ela pôr. Se tiver então um lenço é que se cobre com ele. Ou se tiver um paninho, então é que amarra. Amarrar mesmo assim, tapar na saia. Não havia nada para proteger a menstruação. Se tiver saiotezinho ou uma calça é que põe. Se não tiver mesmo anda mesmo à toa. O sangue passa mesmo pelas pernas.” (testemunho de uma menina).

“Sim, ahhh , tenho muitos sinais aqui, (...), assim por causa de cavar a mandioca, aqui nos pés, tinha muitos sinais, feridas. Naquela de cavar mesmo, porque eles mandavam-nos cavar mandioca, (...) como nós não sabíamos dava assim na enxada e a enxada dava no pé e daí ficava a sangrar, tínhamos que amarrar areia, uma areia assim, quando um pau tá assim a apodrecer tem aquela areia vermelha, então nos pegávamos aquilo com salalé, pegávamos aquilo púnhamos na ferida e amarrávamos (risos).” (entrevista 1).

“Sim eu vi o meu irmão morrer mesmo assim por causa da febre, já não conseguia andar. Depois de um mês, um ano, (...) Ele não conseguia andar, aí fomos, aí não

comiam, não bebiam água, castigo é castigo, só trabalhar, o meu irmão morreu assim, na caminhada, ele caiu aí, ficou mesmo aí! (...) Estamos a sofrer muito!”, (...) ficávamos a lamentar muito! Depois quando eu vi já o outro meu irmão, (...) eu tava sentada ele meteu a cabeça no colo aí ele pediu água, não tinha água para beber, (...) quando eu fui buscar a água, (...) bebeu a água, acabou por morrer no meu colo. (...) O meu irmão tinha 9 anos, (...) eu tinha 8 anos.” (entrevista 3).

“Sim, fiquei doente, (...) fiquei doente, (...) era sarampo, fiquei muito doente, eu até pensava que já não ia existir mais, porque tava mal! Agradeço a uma irmã que foi me buscar, fiquei lá, (...) passou a doença, tive no hospital quase um mês, (...), lá mesmo, quando nós fugimos já da guerra fiquei no hospital durante um mês!” (entrevista 3).

“Não, não, não! Aí não tem médico! Aí não há médico, é mesmos só vocês!” (entrevista 3).

5.3.10 - Fugas e Castigos

A disciplina militar era dura, todas as *meninas* sabiam que a derradeira punição era a morte. Elas relatam que as crianças que estavam demasiado cansadas para andar ainda mais nas caminhadas ou que sucumbiam à carga pesada, eram ameaçadas de morte. A mais leve infracção, especialmente quando envolvia relações não autorizadas, podia significar agressão ou até mesmo a morte.

A maioria das entrevistadas pensavam que escapar era improvável. Muito poucas pessoas tentavam escapar porque o castigo seria muito severo, muitas vezes mesmo, levando à morte. Era extremamente arriscado escapar porque se encontravam no meio do vasto mato e, a não ser que existisse uma povoação próxima, as *meninas* muitas vezes não sabiam onde se encontravam, nem por onde ir. Os animais predadores também eram um perigo, assim como desidratação e fome, caso se perdessem. Outro perigo era serem mortas quando se aproximassem de uma povoação. Todas concordam que a maioria das pessoas que tentasse fugir seria severamente punida, porque elas poucas vezes viram uma fuga bem sucedida, elas acreditavam que a maioria das pessoas que escaparam, morreram no mato ou foram mortas pelas forças armadas.

Parece ter sido uma prática corrente que todas as pessoas na base tinham que observar e ou participar nos assassinatos de crianças e adultos que eram apanhados ao tentar fugir.

As melhores oportunidades para escapar eram quando ao caminharem, para irem atacar um alvo, passavam por algum povoado. Contudo, mesmo com o risco que isso envolvia, algumas *meninas* tentavam escapar, acabando muitas vezes por se perderem e serem raptadas novamente. Faziam-lhes feito ameaças directas bem como à família que vivesse próximo, no caso de tentarem escapar.

“(...) fui vivendo assim a vida mesmo, a minha mãe lamentava tanto, até que certo dia consegui fugir, mas foi (...) mesmo um tropa da Unita até que me fez fugir, (...), não conhecia ele, ele só diz que também é de Samba Caju e foi raptado também e tornou-se tropa mas só de ver eu lamentava tanto, eu expliquei como é que eu era, mas ele não me conhecia nem eu também conhecia ele, ele sentiu pena de mim e daí mandou-me fugir, (...) ele disse “olha vens aqui atrás da casa, finges que tás a pisar bombom e daí dás volta, (...) ele até indicou mesmo, dás a volta vais achar um caminho que você vai (...) e eu até disse “eu não vou perder?” e ele disse “não não vais perder, com a vontade de Deus você vai conseguir”, e eu fui atrás da casa ele me acompanhou mesmo. Fui pelo caminho entrei na mata e graças a Deus naquela mata uma vez, já passámos lá há bastante tempo, íamos lá lenhar, daí consegui fugir, (...), praticamente é andar à toa, andei à toa mesmo, sei lá, Deus parece que me iluminou naquele dia, (...) cheguei até no rio e daí me encontrei com uma senhora que me abraçou tanto e ela disse “você não morreu?” Porque praticamente a minha mãe fizera óbito para mim, tudo, muita coisa que eles fizeram (...), conhecia-me já foi no rio e levou-me até casa, (...), e aí encontrei a minha mãe, mas, (...), já tinham feito as cinzas como falam né (...) a pensar que eu morri, porque praticamente eles eram assim, quando pegam alguém matam-lhe ou violam-lhe, pronto, e graças a Deus não me aconteceu isso comigo, de violação.” (entrevista 1).

“Tentei muitas vezes, quando íamos à pesca, pegar peixinhos assim na água, tentamos muitas vezes mas nos apanhavam e davam-nos com uns soquinhos assim nos braços, (...), mas nós fingíamos “olha nós estávamos aí a ver gynguenga não é nada disso que estão a pensar, nós só íamos procurar algo para comer” graças a Deus disfarçávamos sempre.” (entrevista 1).

“(...) Eles ficavam suspeitos, mas tinha que controlar em todos os lados, porque qualquer hora que a Unita pudesse chegar ao bairro raptava as pessoas e levava coisas

e as senhoras ficavam mesmo atentas, eu fui aparecer no rio, (...) a senhora tava no outro lado a tirar água, ela trabalhava assim, lavrava ao lado do rio, então, eu me lembro que foi uma época do cacimbo, ela ajudou-me atravessar o rio e levou-me até à minha mãe e a minha mãe disse “nós aqui já fizemos o (...) óbito pensámos que tu morreste” abraçava-me e eu lagrimava tanto de tanta emoção porque eu pensei que nunca mais ia ver a minha mãe!” (entrevista 1).

“(...) nós fugimos ficamos numa igreja católica, (...), eu fugi mais algumas pessoas fugimos, ficamos na igreja católica, então tinha uma madre que não me conhecia mas era minha família, eu não conhecia se era família, ela vinha sempre aqui e me trouxe, me trouxe até aqui.” (entrevista 3).

“Agradeço a uma irmã que foi me buscar, fiquei lá, (...) passou a doença, tive no hospital quase um mês, (...), lá mesmo, quando nós fugimos já da guerra fiquei no hospital durante um mês! (...) Uma madre! Nós aí éramos recebidas com as madres, as madres é que nos recebiam, recebiam aquelas meninas órfãs de pai e mãe, (...) que vivem na guerra, que estão a fugir da guerra, elas recebiam, ficávamos lá.” (entrevista 3).

“Com medo? (...) Tem que ter medo! Tá correr tá olhar atrás ver se tem alguém a tua trás. Fugi 2 vezes. Só apanharam 1 vez.” (entrevista 3).

“Fugimos da guerra, (...) fugimos muitas vezes, última vez quando nós fugimos ficamos já nas madres. Aí não saíamos fora, só mesmo dentro do quintal, nas madres, (...) se você sai fora eles quando passam te levam, tem que ficar mesmo dentro. Sim foi apanhada de novo. Castigaram-me muito! Aí quando eu fugi, da primeira vez quando eu fugi, quando me apanharam, castigaram-me muito!! Porque é que eu fugi, não sei quê, bateram-me muito mesmo!! Sim aí batem, batem com uns paus assim bem grandes, bateram-me muito, (...), fiquei doente, (...) fugiu muita gente mesmo, (...) nem todos apanharam alguns apanharam alguns foram mesmo, (...), Aí só matavam quem refilava, (...) assim o chefe tá a mandar e você não quer ele manda “mata essa aqui! Vai dar castigo nos outros!”, (...) tiros mesmo, (...), me metiam mesmo assim no meio!” (entrevista 3).

“Vim com a madre, (...) era uma tia minha. (...) Fiquei doente, (...) já lá, (...) depois a madre disse “não, essa menina acho que é minha família!”, então tinha um senhor, o pai dela, ele disse “nós temos uma menina na guerra, (...) a filha do nosso irmão”, mas ela ficava assim “mas quem é? quem é?” quando ela foi me ver no hospital, (...) o pai dela me viu e disse “é essa menina aqui”, “é essa???, “sim ela como tem uma família aqui”, disse “olha a menina lá ta a passar mal, ta na guerra, não sei quê, é melhor fazer qualquer coisa, (...) dar dinheiro ou quê que é para ela vir”, mandaram dinheiro, me trouxeram aqui. (...) Sim mandar dinheiro, (...) deixavam sair com a madre. Vivo com a minha tia mesmo, até agora. (...) Minha tia e a minha avó (que não conhecia).” (entrevista 3).

“Lá mesmo, na base onde eu estava apanharam uma moça e ela deixou um bebe de um ano assim que ela tentou fugir e estiveram atrás dela assim que lhe agarram quando veio lhe mataram. Aquilo todo mundo tinha que assistir, todo mundo tinha que ir na parada assistir como ela vai morrer. Só mandam chamar para toda gente ir na parada todas e matar a moça, lhe amarraram no pau lhe meteram uma fita vermelha (nos olhos) e lhe mataram. Eles faziam isso porque para dar medo nas que ficaram para não tentarem fugir.” (testemunho de uma menina).

“(...) vocês fugir eles te acompanharem te apanharem assim te batem. Te batem ou, se te baterem é favor, há vezes que mata mesmo. Não, nunca pensei (fugir) porque eu aquelas matas não conhecia (...) mesmo que eu fugisse ou iam me comer nos bichos ou (...). Ai tinha leão e a hiena. Aqueles bichos de noite choram. (...) havia umas pessoas que queriam fugir mas não conseguiram. Fugiram depois não conseguiram lhes agarraram, afinal em frente tinha tropa elas não sabiam, assim que fugiram chegaram em frente encontraram aqueles tropas e lhes agarraram; umas duas criancinhas, lhes bateram, lhes deram 299 chibatadas cada pessoa. Não (morreram).” (testemunho de uma menina).

Fizeram ainda referência a “cenas tristes” de pessoas queimadas quando acusadas de feitiçaria. No mato, muitas pessoas eram indicadas como sendo autoras de crimes, especialmente aquelas que tentavam fugir, ou que eram suspeitas de conspiração para escapar e aquelas envolvidas em situações de “tensão sexual”. Não sabiam quem, mas

alguma pessoa sem sorte era acusada. Não era habitual queimar pessoas mas, acontecia em certas alturas. O “Estado” podia determinar quem era um feiticeiro.

“(…) Uff, é horrível, a maltratar-lhe, a dar-lhe surra, (...), porque tinha lá um velho, amarraram as duas mãos assim atrás, molharam-no, davam-lhe nas costas de chicote, foi horrível, morreu (...) porque eles disseram que era feiticeiro, o senhor, mais velho pra eles era feiticeiro!!! (...), Sim morreu, neste dia houve muita chuva, (...), até rompeu os quartéis, paus nas matas foram partidos!! Agora não sei porquê?? (...), muitos acreditaram que era mesmo feiticeiro de verdade, porque foi batido e choveu tanto que até levo muita casa a sorte é que não morreu ninguém, (...), eu vi assim ele a morrer, praticamente eu passava a noite toda a sonhar com ele.” (entrevista 1).

5.4 – Regresso e Reintegração

Algumas das *meninas* regressaram, umas pelo acordo de cessar-fogo, outras pelo processo de desmobilização oficial. Através do cessar-fogo primeiro regressaram para uma área de aquartelamento militar e depois tiveram que partir (na maioria dos casos foi uma saída “forçada”) para a sua área de origem. Consequentemente, para a maioria, as suas primeiras e segundas áreas de regresso eram determinadas pela sua família da guerra – as famílias dos mais velhos a quem foram atribuídas e com quem viviam – ou, pelo destino de regresso escolhido pelo seu marido da guerra.

Algumas das raparigas encontraram familiares durante a guerra ou depois do cessar-fogo. Parece que foram feitos esforços significativos pelos familiares para encontrar parentes raptados durante a guerra, aquando do cessar-fogo.

Algumas das *meninas* que estavam casadas durante a guerra, foram abandonadas pelos seus maridos no regresso às áreas de origem dos maridos. Algumas receberam assistência, outras tiveram que encontrar o seu próprio caminho.

Algumas mulheres que não tinham a certeza para onde ir, seguiam uma amiga que por ali ficava. Algumas mulheres eram tão jovens quando foram raptadas que não possuem memória da sua identidade antes do rapto.

O destino desejado das jovens está relacionado principalmente à necessidade de ter melhores oportunidades de trabalho e educação para elas e suas crianças e secundariamente a localização da sua família de origem. A maioria delas que se encontra em Luanda não sabe do paradeiro das suas famílias de origem.

As que estão cientes do paradeiro da sua família de origem mas, ou não possuem os meios para se reunirem a eles ou sentem-se receosas e inseguras em relação à recepção, acham que não serão bem recebidas devido a falta de recursos para as apoiarem e que as suas famílias estarão desconfiadas por elas terem estado com a UNITA durante tanto tempo. Algumas das raparigas não procuram reunir-se às suas famílias porque valorizam o seu anonimato e desejam manter oculta a sua identidade de “ex-da mata, ex-soldado ou ex-combatente”.

“Não, o meu nome lá chamavam de Doroteia, (...) quando cheguei aqui a família decidiu mudar. (...) Os meus pais puseram foi Doroteia, (...), cheguei aqui tiraram o nome, lá na guerra me chamavam de Doroteia, os meus pais deram o nome de Doroteia, quando cheguei aqui em Luanda tiraram o nome de Doroteia, meteram já Eugénia, (...), não sei, (...) dizem que Doroteia (...) não tem espírito! Dizem isso, (...), (gosta mais) Eugénia.” (entrevista 3).

Outras regressaram com os seus maridos.

“O meu marido como é muito simpático né, naquelas conversas (...) de pessoas, (...), o amigo dele foi do Moxico e ele foi da polícia e naquela conversa quando disse que também “a minha mulher é do Moxico, foi capturada aos 10 anos” depois disso também a mulher dele afinal éramos vizinhas e como não me conhecia logo que cheguei em casa delas perguntou pela minha pessoa eu disse que “eu sou do Moxico” “és do Moxico! A tua mãe?” eu sentei, depois dai a mãe dela como estava presente é que me reconheceu “que essa miúda foi aquela que capturaram quando o pai dela foi morto”, daí ela é que mandou a mensagem que “a vossa filha apareceu!”. Depois disso o meu marido fez tudo, (...), naquele dinheiro que receberam na desmobilização, então me deu, lhe pedi então me disse que podes ir visitar, foi quando fui visitar os familiares. (...), Aqui tenho família, tenho irmã mais velha, que somos de pai, também tem mais outras famílias.” (entrevista 1).

“O problema está aí, pelo tempo que eu se separei com os meus familiares, aqui não estou a ser ninguém, eles também pensam que talvez eu fui morta, eu também não conheci mais ninguém problema está aí não. Os nomes apenas só decorei o nome da

minha mãe dá mesmo para localizar outra família, nunca se pronunciei.” (testemunho de uma *menina*).

Isso significa que a maioria das raparigas não regressa para se reintegrar ao que elas conheciam em termos de pessoas, lugares, costumes, atitudes, comportamentos e normas. Muitas foram para Luanda depois da desmobilização à procura de oportunidades de subsistência. Muitas perderam completamente o indício de todos os familiares ou da área de origem. A maioria tem por isso que se integrar, pela primeira vez, em relacionamentos e lugares dos quais têm pouco ou nenhum conhecimento.

“O meu coração não aceita, ser dirigido para o kimbo. Fico só aqui. Talvez vou arranjar só uma lavra e uma naca, assim mesmo vou me sustentar. E não vou voltar para o kimbo. (...) Quando não tenho mesmo nada, e o primo também não tem, então descasco a batata e faço um cozido amassado (amassar a batata) é que lhe dou de comer.” (testemunho de uma *menina*).

Nas conversas durante a pesquisa ficou claro que as *meninas* passaram despercebidas no processo de Desmobilização e Reintegração e tiveram muito pouco ou nenhum apoio no regresso e reintegração. Isto aconteceu porque não havia reconhecimento do seu estatuto militar em relação ao seu trabalho, ou por serem *meninas* demasiado jovens para serem consideradas como soldados a desmobilizar. Eram apenas planificados benefícios para soldados do sexo masculino, sob suposição de que todos os outros beneficiariam através do seu estatuto de dependente.

As *meninas* estão a viver em lares cujo chefe de família é na sua maioria uma mulher. Actualmente, nas áreas de regresso, mulheres que vivem sem marido são vistas como abandonadas, não como solteiras por opção ou divorciadas. O divórcio formal não era comum nas zonas de guerra porque a maioria das uniões não era oficial, contrariamente aos casamentos usuais ou legais e que resultam num divórcio legal ou separação de facto.

“Casada não, tenho marido mesmo, (...)” (entrevista 1).

“Vivo com o meu marido, mas ele não vive cá, está distante de mim, lá no Cafufu, (...) trabalha mesmo lá, (...) assim mesmo tou sozinha, (...) tenho um filho só o outro tá lá com o pai dele, (...) é biscato não é mesmo trabalho assim sério.” (entrevista 4).

Os maridos da guerra mantiveram todas as suas mulheres enquanto se encontravam nas áreas de acantonamento militar onde os benefícios da desmobilização dependiam do número de dependentes, apenas abandonaram as meninas e suas crianças ao regressarem para as suas áreas de origem ou destino desejado. O pacote de desmobilização foi fixo e único, dependendo da categoria do oficial. Os dependentes do soldado de sexo masculino eram alimentados pela FAA e comunidade internacional.

Na generalidade, as meninas parecem ter recebido muito pouco apoio material e emocional para aquando do regresso e chegada às áreas escolhidas. Parece que a aceitação da comunidade e a prestação de apoios está condicionada à introdução por um familiar ou um marido. A convergência de factores contribui para esta realidade:

- pobreza alargada
- uma quebra do contrato social devido às décadas de guerra
- profunda desconfiança social
- uma partilhada memória institucional superficial da vida comunitária
- normas tradicionais bantus em termos de responsabilidades sociais
- programa de desmobilização que só reconhece soldados do sexo masculino
- abandono pelos maridos da guerra e,
- fracos e limitados serviços do Estado dirigidos às mulheres e crianças envolvidas no processo de regresso e reintegração.

Quando questionadas sobre ajuda e reintegração, são os membros das suas famílias que são mencionados ou um ou outro amigo dos pais que são considerados como tios e tias.

Relações de amizade entre mulheres e parentes do sexo feminino são citadas como uma forma significativa de apoio emocional e social. Parece haver mais probabilidades de obter ajuda dos vizinhos para as meninas soldado. A assistência parece depender da existência de recursos suficientes para partilhar. Algumas *meninas* mencionam a CCF, outras ONGs e algumas igrejas como alguma fonte de apoio.

“Tenho uma amiga assim. (...) Vive perto de mim. (...) Com o marido falo mesmo normalmente, conforme me bate dentro de casa quando tem os problemas, conversamos e depois ultrapassamos.” (entrevista 2).

“Nunca conversei com ninguém, apenas a minha mãe é que conta a história, mas nunca conversei com ninguém, apenas com a minha tia converso de coisas que se passam comigo agora, sébém que algumas coisas também lhe contei só foi daquilo do quartel, como é que fugi contei mas nem todos os detalhes que te contei contei a ela, (...) ,a minha vida foi muito difícil, não falava porque às vezes quando eu me lembrasse daquilo eu ficava a chorar, não conseguia mais falar.” (entrevista 2).

“É a minha tia só mesmo, eu desabafo muito com ela, dou-me muito bem com ela. (...) Ela tem 30.” (entrevista 3).

“Nesse preciso momento, então, só mesmo o marido eu não tenho família, não tenho mãe, não tenho irmã, tou sozinha, por causa disso é só mesmo o marido.” (entrevista 4).

“Aqui tenho (muitas amigas). (...) Uma colega também minha que estudou comigo no ano passado, (...) com o marido mais ou menos porque esses maridos d’agora! É um problema sério. Tem 28, (...) ele é marceneiro, trabalha na Cidadela, (...) (relacionamento) mais ou menos, tem tem (mais namoradas) isso não falta.” (testemunho de uma menina).

As meninas fazem poucas menções sobre qualquer cerimónia e rituais de recepção e reintegração. Isto indica que a maioria delas não eram recebidas de uma forma tradicional, cerimonial, ou com rituais. Isso pode ser porque não havia família para recebê-las, ou que o nível de pobreza não permitia gastar dinheiro em tais coisas. Parece, que elas regressam às suas próprias famílias, podiam ter uma festa de boas vindas se as famílias possuísem recursos para organizar tais recepções. Algumas referem a preparação de uma refeição especial.

“Aqui quem nos recebeu a minha avó a mãe do meu pai mesmo.” (entrevista 1).

“Me receberam muito bem, fizeram-me festa, dançamos, bebemos, (...) (risos), foi muito bom, até foi surpresa para a família, choraram bué porque não contavam mais comigo! Tavam a pensar que já fui morta, porque quando me capturaram o pai foi morto e também como não tinham conhecimento de onde eu parava pensavam que também estava morta. Afinal quando me viram foi surpresa para eles.” (entrevista 2).

“Me receberam tão bem.” (entrevista 3).

“Quem nos recebeu é mesmo o governo que nos recebeu me recebeu bem. Viemos doente, nos deram medicamentos até que ficamos bom.” (entrevista 4).

5.4.1 - Educação e Serviços de Saúde nas áreas de regresso

Foi difícil conseguir chegar a um senso quanto ao seu estado de saúde. Elas referiram não serem capazes de trabalhar e tinham dificuldade em encontrar palavras para explicar os seus problemas de saúde resultantes da sua exposição às condições da guerra. As principais preocupações com a saúde mencionadas, relacionadas com problemas actuais do pós-guerra eram (sem ordem de classificação)

- dores de cabeça e estômago, especialmente quando pensavam nas “coisas más”;
- preocupações e pesadelos;
- dores no pescoço, costas, peito, musculares e na bacia;
- problemas de ferimentos derivados da guerra;
- malária;
- resfriados e gripes.

Também falaram sobre os problemas psicossociais que as *meninas* sofrem no seu regresso. Com a pouca informação que se tem, parece que os problemas de acima estão relacionados com o stress psicossocial e físico da má nutrição, trabalho árduo, exploração sexual e o terror da guerra, especialmente nos jovens corpos das *meninas* e, com o trabalho duro, pobres condições de vida e insegurança das suas vidas pós-guerra.

“Sonho muitas vezes que até (...) que sonho com pessoas que já faleceram, sonho com aquilo que falavam porque vocês tinham que ser tratados, porque vocês estão a ser, (...)” (entrevista 1).

“Não, assim mesmo (...) já ficou ultrapassado porque o tempo já é muito. Os sonhos têm vindo de vez em quando, porque a mente é aquela, quando uma coisa foi passada nunca sai da mente às vezes você sonha parece que é mais daquele tempo passado, mas afinal não, é um simplesmente sonho. Às vezes sonho com o meu pai nem parece que esta morto, (...) às vezes sonho com a guerra parece que nos tempos já passados conforme já vi depois assim que você desperta você vai ver que afinal era uma mentira (...)” (entrevista 2).

“Fico triste mesmo, fico a pensar na minha mãe, vejo os outros andarem com as mães, sim fico triste, os outros andarem com os seu irmãos, não sei quê, eu sozinha. (...). Não não, não acordo a gritar, (...) eu já esqueci essas coisas (...) já não penso mais nisso!” (entrevista 3).

“Se pensar sonho, (...), sim não gosto (de falar sobre a guerra), tenho medo disso.” (entrevista 4).

São usados os serviços de saúde mas, a maioria faz referência aos custos proibitivos. Os custos dos serviços de saúde e medicamentos consome uma parte importante dos magros rendimentos das *meninas*.

Poucas têm família ou amigos que podem subsidiar a sua educação, sem possibilidade de ir à escola. As restantes não possuem dinheiro ou tempo para estudar, incluindo o dinheiro para as propinas e o material escolar. O negócio familiar ajuda a pagar as propinas. Outras meninas disseram que havia escolas mas que elas não iam porque elas não podiam pagar as propinas escolares.

“O que eu aproveitei de estudar, (...), o problema é dinheiro que a pessoa não tem, tem curso aí, as vezes a pessoa pode tirar né, mas o dinheiro não é possível, a pessoa não tem dinheiro, os familiares também por causa da guerra ficaram afectados, não tem nada, pelo menos para te dar ajuda, apenas confio em mim própria e no marido, porque se a pessoa tivesse dinheiro podia dizer que “posso tirar esse curso para que amanhã também possa trabalhar para ter pão para os meus filhos” mas por falta de dinheiro a pessoa não tem possibilidade. Na escola sim, tenho na cabeça de conseguir alguma coisa.” (entrevista 2).

Os testemunhos fazem frequentes referências ao facto que as entrevistadas e as suas crianças perderam os estudos e que agora têm dificuldade em regressar a escola. Esta é uma fonte de grande preocupação para elas. Pensam muito sobre dinheiro e como pagar a escola para os seus filhos. Algumas focam-se nos planos para ser capazes de estudar.

“(...) até agora, (...), não consigo estudar também, por causa das condições.”
(entrevista 1).

“Neste momento não faço nada, estou com os meus filhos, em casa, não tenho emprego, estou assim, estamos a lutar para ver se é possível aqui, fazer o curso para que a pessoa possa merecer uma colocação, pelo menos um trabalhozito, para puder aguentar os filhos.” (entrevista 2).

“(...) eu não sabia ler, então eu vim comecei a tirar os cursos e também participei na escola e coiso, (...) aí comecei a estudar, comecei a tirar uns cursos, agora já sei ler um pouco, agora tou a fazer a 4ª classe e também já tenho alguns alunos que tou a ensinar a costurar.” (entrevista 3).

“Tou tou aprender, (...) gosto, de ler mesmo, ler e escrever (o que mais gosta), é a coisa que eu precisava muita quando eu tava na guerra, agora que eu já tou aqui. (...) Dizem que uma mulher quando não sabe nada, assim que a guerra acabou agora todo mundo tá a vir estudar, por isso é que eu precisava, (...) agora que a guerra acabou todo o mundo quer aprender a ler e escrever, se vem alguém na cidade.” (entrevista 3).

“Já, (...) aprendi no ano passado aqui nessa escola. (...) E não há nada melhor do que aprender a ler e escrever.” (testemunho de uma menina).

5.4.2 - Estratégias de subsistência no regresso

Nas áreas rurais as *meninas* engajam-se no labor agrícola, fazem trabalho ocasional (*biscates*) e pequeno comércio (*zungueiras*); nas áreas periurbanas a fonte de rendimentos comum parece ser o pequeno comércio. O Diagnóstico de Vulnerabilidade da FAS III segundo Yngstrom refere que *zungar* e *biscates* são os principais meios de

sobrevivência para as pessoas pobres. Para além disso, existe também um extenso mercado para a mão-de-obra camponesa na área rural e na zona exterior das cidades. Praticam como actividades geradoras de rendimentos *zunga* e *biscates* tal como: pequenas mercadorias para terceiros. Foram feitas referências a: vender água, pão, bolos e biscoitos vegetais, óleo, arroz, fruta para bebidas tradicionais (*quissangua*) e roupas, lavar roupa para terceiros; lide doméstica; pisar milho para fazer fuba; transportar água; transportar lenha para outros fazerem e venderem carvão; guarda de escolas e de igreja; labores agrícolas nas lavras de outras pessoas; carregar tijolos para outros construírem casas de adobes.

“Durante o dia, ando (...) se ajudar assim, compro às vezes 1 saco de fuba para conseguir sustentar o meu filho.” (entrevista 4).

Para as raparigas e suas famílias, todo o pequeno rendimento conta, mesmo que tenham que trabalhar e estudar, porque as famílias não têm dinheiro. É difícil calcular o rendimento médio porque elas são algumas vezes pagas em espécie, por exemplo pagamento feito com três a quatro quilos de fuba por dia de trabalho, roupas velhas e trabalho em troca de acomodação.

Uma *menina* afirma que está bem melhor em Luanda porque é possível planificar um pequeno negócio, em vez de confiar nos *biscates* muito mal pagos. Contudo, apesar de ter-se mudado para Luanda, ela ainda depende principalmente das receitas dos *biscates* e não consegue poupar dinheiro suficiente para iniciar um negócio a tempo completo – apenas então poderemos considerá-la em melhores condições.

Parecia que alguns factores presentes facilitassem o regresso positivo, com grande potencial de reintegração, tais como:

- abrigo, nutrição, vestuário, artigos para a casa
- serem actualmente capazes de trabalhar e conseguir alguns ingressos
- terem acesso a educação formal
- capital social: terem acesso a redes de trabalho familiar e/ou social ¹⁶.

¹⁶ A FAZ III diagnóstico da Vulnerabilidade Angolana define capital social referindo-se, em geral, aos aspectos institucionais da vida social – redes de trabalho, organizações que envolvem confiança e

As entrevistadas referem ser capazes de perseguir planos futuros relacionados com o trabalho, educação e formação. Das conversas ficou claro que, era quase impossível gerar ingressos, aceder à educação e abrigo, encontrar e viver com a família de origem a não ser que as raparigas recebessem apoio monetário das suas famílias de origem ou dos seus maridos. Parece também que as jovens raparigas tinham maiores possibilidades de perspectivas de trabalho, integração familiar e comunitária se eram mais jovens, sem marido e com poucas ou nenhuma criança.

Algumas meninas estão a viver em conjunto com outras meninas retornadas e mutuamente se apoiam social e economicamente. Em muitos casos, as mulheres regressaram com maridos da guerra, foram por eles abandonadas, ficaram isoladas dentro da comunidade de retorno e então, uniram-se às outras meninas e vivem colectivamente à margem da comunidade de regresso.

A amizade entre as *meninas* parece proporcionar uma forma significativa de apoio social e emocional. Este apoio mútuo, contudo, parece não ter quebrado a sua exclusão social e económica e, a curto prazo, pode ter servido para reforçar a marginalização do grupo.

As *meninas* foram discriminadas pelas forças armadas, governo e agências humanitárias ao não terem sido oficialmente reconhecidas como crianças ou mulheres soldados e não lhes terem sido dados os devidos benefícios sobre o programa de desmobilização. Mulheres ex-soldados, crianças soldados e meninas raptadas estão categorizados como “grupos vulneráveis” em alguns programas de desmobilização e reintegração (PDR). Existe um pacote de financiamento específico para grupos vulneráveis, que procura apoiar a reintegração desses grupos na comunidade – 30 milhões de dólares americanos incluindo fundos da União Europeia (Verhey 2001).

reciprocidade – que permitem aos participantes agirem juntos, para perseguirem os objectivos partilhados com maior eficiência. A capacidade de participar em instituições sociais, em particular no contexto da África sub-Sahariana, modela o acesso e o controlo dos recursos. Exclusão social inclui todos os aspectos da exclusão da vida social, económica e política – as formas nas quais as pessoas acedem aos recursos, seus direitos e capacidade de influenciar decisões acerca da distribuição dos recursos. Exclusão social, como capital social, concentra-se no aspecto relacional da pobreza. Contudo, a exclusão social centra-se em factores que inibem a participação em instituições sociais importantes e relacionamentos.

A maioria informa ter recebido pouca ou nenhuma assistência emocional ou material no seu regresso. Desde então, o PDR centra-se nos soldados desmobilizados, na suposição de que elas regressariam com as famílias adquiridas durante a guerra, como dependentes, para as áreas de origem ou outras áreas. Além do mais, o programa PDR assume inerentemente que o homem usará e distribuirá os seus recursos no interesse do grupo familiar. O actual PDR, de um valor de 180 milhões de dólares americanos, conjuntamente planificado pelo governo de Angola e o Banco Mundial, exclui de qualquer benefício directo a grande maioria das mulheres e todas as raparigas soldado com idade inferior aos 20 anos. Isto contradiz a política da ONU e do Banco Mundial. Os Working Papers para a região Africana do Banco Mundial reconhecem explicitamente que raparigas menores de 18 anos de idade que foram sujeitas ao recrutamento forçado para trabalhar como cozinheiras, carregadoras e “esposas”, devem ser consideradas como crianças soldado (Verhey 2001).

As seguintes formas de discriminação são mencionadas nas entrevistas individuais, nos grupos focais e também pelos informadores chaves:

- classificar as pessoas que estiveram com as forças armadas, especialmente com a UNITA, como pessoas do “mato”.
- comentários agressivos e ofensivos que dizem que aquelas que vieram da mata eram responsáveis pela destruição e mortes pela guerra.
- a insinuação e conotação de serem mais agressivas verbal e fisicamente e mais sexuais na abordagem aos homens.
- as alunas nas escolas são olhadas de cima para baixo porque não possuem documentos, roupas e sapatos como os outros.

Nenhuma das entrevistadas mencionou se continuam a pertencer à UNITA ou à JURA. Algumas raparigas de Luanda falaram de diferenças nos costumes do “casamento” entre o campo e a cidade, ideias preconcebidas e preconceitos que opõem o estilo de vida rural ao urbano. Já os rapazes de Luanda falaram sobre o facto de as *meninas* terem sido educadas à maneira do campo e não da cidade. Os rapazes em Luanda chamam-lhes “atrasadas” se elas não aceitam falar com eles. Não houve discriminação ou acusação aberta dirigida às meninas por terem “experiência sexual”. Os informantes chave e alguns participantes foram claros ao declarar que as meninas foram “usadas sexualmente” durante a guerra e que isso não foi culpa delas, foi algo que aconteceu

durante a guerra. Não obstante, as discussões expuseram muitas suposições e discriminação implícitas. Discutiram longamente sobre a “experiência sexual” das *meninas*. Falaram sobre como essas raparigas, por razões de sobrevivência, aprenderam a usar o sexo e a sua sexualidade para prevenir uma maior vitimação durante a guerra e agora para “obter coisas”. Os rapazes apresentam uma longa discussão sobre as *meninas* com doenças transmitidas sexualmente e outros tipos de problemas, tornando problemática a perspectiva de casar com elas. Referem que só casariam com uma mulher que tivesse vindo da mata, se fosse inicialmente ao hospital para fazer testes, pois quereriam saber que doenças ela teria. Outros disseram que não se casariam com uma mulher que tivesse vindo da mata, mas não conseguindo explicar porquê. Um outro disse que a rapariga poderia ainda ter sentimentos por alguém que ela encontrou na mata. Alguns questionaram sobre como podem essas raparigas construir uma relação estável com um homem, se elas nunca estudaram, nem aprenderam a cozinhar, nem a tomar conta de uma casa da maneira que o homem quer, pois é pouco provável que elas tenham aprendido as habilidades básicas na mata.

Descrevem as “piores coisas” como:

- A distância das longas caminhadas;
- A carga muito pesada que elas carregavam;
- O frio e a humidade nas caminhadas;
- Os ataques constantes e ter que viver sob constante ameaça de ataques;
- Não poder dormir e privação de sal;
- Os castigos e a ameaças de castigos;
- Viver nas casas dos mais velhos, recebendo um tratamento diferente ao da mulher e filhas dos mais velhos;
- Separação da família e a morte de familiares.

“A pior coisa que me aconteceu foi quando um general deu-me, (...), eu me lembro que foi uma, (...), arma, (...), deu-me com uma arma na cabeça e daí caí (...)” (entrevista 1).

“(...) Só já os meus pais que faleceram lá!” (entrevista 3).

“Senti senti muito, até pensei que já não existisse, não tenho família, eu já não andava mais quando os meus pais faleceram, (...) foi mesmo (...) os povos de lá é que

enterraram. (...) Sozinha mesmo sem os meus irmãos, nessa altura não sabia onde estavam, porque tavam na guerra! (...) Com a guerra nós todos aí ficamos a pé, o tempo todo era fugir ou estão aqui ou quando ficam todos juntos amanhã tão aí! Fugiam assim! Hoje tão na mata, amanhã saiam tão dentro de casa quando saiem dentro de casa vão direito na mata, não sei quê. Quando vai na aldeia quando volta “olha fulano lhe levaram, não sei quê!” Levaram todos juntos mesmo, (...) depois aí a gente nos começaram a separar! Não podem ficar todos juntos! (...) No segundo dia já, quando eles começaram a separar, (...) assim, (...) não podem ficar junto porque algum existe vão querer fugir, não sei quê, vão dar a ideia de fugir, começaram-nos a separar!” (entrevista 3).

“Pior coisa mesmo é a guerra que afectou os nossos corações, levou os irmãos, as irmãs, (...) e outras coisas, (...), assim mesmo através da doença as vezes a pessoa ficou doente ou tinha uma amiga íntima você a lhe ver assim mesmo que a fulana deixou a vida isso dói no coração.” (entrevista 4).

A maioria dos pensamentos mais stressantes estão ligados aos familiares que morreram e que elas não puderam enterrar de forma apropriada, de não terem tido a possibilidade de fazer o luto nem pagar tributo aos seus familiares. Há frequentes menções ao facto de terem estado na mata significar que foram separadas das suas famílias. Durante as entrevistas, as raparigas choraram mais frequentemente quando falavam sobre terem sido separadas das suas mães, há uma grande tristeza, raiva, amargura, stress emocional e trauma nas palavras das jovens.

Quando questionadas do porquê, da causa da guerra respondem sempre com muita tristeza.

“Aiiiii este sofrimento, (...) só Deus sabe, não sei explicar.” (entrevista 1).

“Aconteceu mesmo por causa da guerra!” (entrevista 2).

“Não sei porquê que aconteceu isso, (...) era levar nós todos mesmo, não sei porquê que aconteceu.” (entrevista 3).

“Eu acho que não era coisa de passar por isso, (...) é muito, uma criança sofreu aquilo na guerra é muito!” (entrevista 3).

Algumas acham que se não fosse a guerra a sua vida seria outra, outras de tão traumatizadas das experiências da guerra e tão interiorizada aquela vida de sofrimento descrevem a guerra como algo já tão normal.

“Sim, sim, sim, eu creio que sim mesmo, a minha vida iria ser diferente, tanto da minha mãe como a minha também seria muito diferente, porque a minha mãe também tinha muita vontade até de aprender, se bem que ela fazia viagens, vinha pra cá ia pra lá vinha pra cá, mas ela tinha vontade de querer um futuro, mesmo eu também.” (entrevista 1).

“Acho que era possível não acontecer, (...), porque sofríamos bastante, (...), nós tínhamos que contar com o sofrimento, até com a morte nos não contávamos que um dia iríamos viver, que um dia estaria aqui, ninguém mesmo contavam com isso.” (entrevista 1).

“Pode acontecer né, depende do destino, às vezes é o destino dele, pode acontecer, não podia morrer pela guerra né, às vezes podia morrer mesmo assim de doença ou quê, tudo é possível.” (entrevista 2).

“É possível. (...) Se não fosse a guerra, se não fosse levada, estaria ao lado dos meus parentes porque, conforme a guerra me levou depois de lá estou grande me casei, então tenho filho, tenho vontade de viver com os meus familiares né, mas não posso porque já tenho o meu marido, já tenho o meu lar, é isso.” (entrevista 2).

“O que mais me açoila (magoa) no coração? O que me açoila mesmo no coração, eu conforme me capturaram, porque eu era pequena, não sabia de nada, o meu pai foi morto mas eu (...) não me apercebi que o meu pai estava morto, agora que a paz também veio né, gostava de ver os meus pais, mas agora o meu pai já é morto, isso é o que me açoila mais no meu coração!” (entrevista 2).

“Acho que não ia ser diferente porque era a mesma coisa também, aí todo o mundo era levado mesmo, pode ser como não, (...) não são levada também o sofrimento é a mesma coisa.” (entrevista 3).

“O que me toca é o sofrimento que nós passamos lá mesmo, ver os teus pais a morrerem na guerra, assim (...) é o que me toca (...), até agora fico a pensar “mas será que a nossa vida só foi essa perder os pais tão cedo?”, esse todo sofrimento que nós não tivemos carinho dos pais nem das mães, (...)” (entrevista 3).

“O que me toca, (...), penso, (...), é mesmo uma dor, é uma dor, aconteceu é guerra vou fazer o quê, é de livre vontade (...) Se não houvesse guerra poderia ficar também num sítio bom, teria a minha casa, estudava bem, mas através da guerra é que separou.” (entrevista 4).

Em resposta ao falar sobre as “piores coisas”, algumas das raparigas expressaram o seu alívio por a guerra ter terminado, não obstante as dificuldades do dia-a-dia numa Angola pós-conflito.

As jovens fizeram numerosas comparações entre elas e outras que foram envolvidas e afectadas pela guerra mas que não tinham sido raptadas. Falaram durante muito tempo sobre o facto de que dificilmente tinham roupas, não tinham sal, caminhavam longas distâncias, mas, acima de tudo, sobre o facto de não terem ido à escola. A falta de educação formal é mencionada frequentemente como a grande diferença entre elas e as outras.

Há discussões frequentes sobre o facto que as entrevistadas e as suas crianças perderam os estudos e estão agora a ter dificuldades de regressar a escola. Falam extensivamente sobre terem perdido muitos anos de ensino em relação às que não foram raptadas. O informante chave crê que essas raparigas têm um complexo de inferioridade e que sentem que não podem participar num certo ambiente ou em determinadas actividades porque não estudaram.

5.4.3 - Esperanças e planos para o futuro

Em termos de perspectivas futuras, o grupo das meninas refere aspectos importantes para o futuro tais como: prosseguir ou iniciar os estudos, iniciar um negócio,

alfabetizar-se, adquirir formação profissional (professora, enfermeira), arranjar dinheiro para comprar e vender, regressar ao lugar de origem, encontrar a família perdida, formação vocacional (pastelaria, costura, pintura/decoração), viver com os filhos, melhorar a vida dos filhos (enviar as crianças a escola), ter uma boa vida. Foram poucas as que demonstraram não ter planos estruturados.

“O meu futuro, (...), tou um pouquinho atrasada, tenho 20 anos, só fiz a 8ª tou um pouquinho atrasada. Porque (...) vivo com o meu esposo mesmo, mas vivo na casa dos meus sogros, ele praticamente não me ajuda. (...) Tá dentro de mim desde sempre desejei ter algo, não desejo ser muito rica né ou rica mesmo mas desejo ajudar os que precisam também, desejo trabalhar, estudar, e às vezes tou a ver que preciso mais e não esta adiantar nada, não esta. (...) Até inclusive eu fui , (...), falei mesmo com o pastor, como ele disse que também tavam ajudar as pessoas que não teem ninguém para lhes ajudar, para lhes apoiar e talvez se dirigisse a um sítio de tropas, como o meu pai foi tropa, FAPLA até, disseram que tinha que levar documentos e dizer lá, explicar para ver se consigo receber alguma coisa, mas eu até agora não consegui ninguém pelos menos que me possa dirigir lá.” (entrevista 1).

“O que aconteceu com a guerra, (...) rezo um dia também ser também alguém e ultrapassar isso tudo que se passou, (...) sonho também um dia para mim, também viver bem, Deus me olhar para viver bem, porque aquilo que aconteceu é guerra! Agora já não (...). Se pensar sonho, (...), sim não gosto (de falar sobre a guerra), tenho medo disso.” (entrevista 4).

“Muita coisa! (...) Epá mudar de vida! Ser alguém! (...) Estudar mais (...)” (testemunho de uma menina).

Planos a longo prazo concentram-se no “estudar”, fazer “negócio” e melhorar a vida dos filhos. Planos para estudar (diploma de estudo, enfermagem, magistério, alfabetização, formação vocacional para: padeiro, assistente de educadora de infância, trabalhador de hotel, pintura/decoração) e fazer negócio, giram em torno do terminar uma educação formal e são vistos como formas de ter dinheiro suficiente para viverem com dignidade. Para iniciar um pequeno negócio, a pessoa tem que ser alfabetizada e ter acesso a capital inicial. As únicas raparigas que conseguiram isso tiveram o benefício do apoio familiar.

Algumas demonstraram pessimismo e pouca fé em que o futuro iria melhorar, mas eram capazes de especificar os seus planos para o futuro. Muitas pretendem estudar com o objectivo de conseguir um melhor emprego. Mencionam profissões tal como cozinheira, farmacêutica, professora e doutora. A maioria diz que não estudou por ter estado na mata e que é difícil começar outra vez devido aos custos.

“(...) e eu pretendo trabalhar mesmo para ver se consigo sustentar os meus irmãos menores.” (entrevista 1).

“O meu futuro, (...) eu penso é estudar mais, tenho que estudar muito para ter o meu futuro, se eu não estudar não vou ter nenhum futuro. (...) Ser médica ou enfermeira, não sei quê, doutora não sei quê engenheira assim (...)” (entrevista 3).

“O meu futuro, eu penso um dia também aprender qualquer coisa para mim tirar um curso para mim trabalhar, para dar de comer aos meus filhos, porque não tenho família.” (entrevista 4).

“Epá vou avançar mais um bocadinho nos estudos, vou continuar a estudar. (...) O que eu penso fazer (...) depois vou tirar um curso de secretariado.” (entrevista 5).

6 - CONCLUSÃO

O objectivo do presente estudo foi procurar, ouvir e documentar com rigor as vozes das *meninas* que presenciaram uma guerra. O que emerge das narrativas é a experiência das jovens que viveram num conflito bélico, a exploração e vulnerabilidade a que estiveram sujeitas durante a guerra e a continuada exploração no período pós-guerra.

Colectivamente, as narrativas das raparigas pintam um quadro de privação e fragilidade extrema, o qual se inicia com o rapto e continua através do período de guerra e regresso. Normas sociais parecem tolerar a exploração laboral da sua extrema vulnerabilidade como raparigas e mulheres pobres, inexperientes. Essas, são também estórias de sobreviventes supremos; sobreviver a caminhadas brutais e ataques inimigos, de arriscar tudo pelas suas crianças, amar e alimentar os seus “filhos da guerra” e de raparigas que trabalham duro e vivem uma vida miserável nas árduas ruas de Luanda.

Por outro lado, esta capacidade de resistência duramente ganha é esgotante para algumas das jovens. Elas vivem em pobreza, a maioria informa que nem sempre tem os requisitos básicos para satisfazer as suas necessidades e das suas crianças. É um facto que a maioria das raparigas entrevistadas em Luanda salienta a importância de encontrar as suas famílias de origem, ou regressar ao seu lugar de origem, indica um inesperado grau de alienação e desconfiança social que, aparentemente, dá uma grande importância às redes de apoio familiar, como é apanágio das sociedades tradicionais africanas.

A organização militar das forças armadas via, tratava e organizava as *meninas* como fontes a serem recolhidas e usadas ao máximo. Dentro do contexto de uma guerra de dezenas de anos, as jovens podem ser vistas como fontes eficientes de múltiplas formas de trabalho de baixo custo, submissas, silenciosas e fáceis de se esconder, já treinadas e facilmente controláveis. Elas podiam cozinhar e preparar o acampamento, dançar, cantar e fornecer sexo, cuidar dos feridos e elevar o moral dos homens.

Esta exploração e cumplicidade prossegue após a guerra, onde as *meninas* são uma fonte de mão-de-obra de baixo custo ao nível da comunidade. A literatura predominante põe o foco na violência baseada no género quando examina as experiências das meninas e mulheres soldados. No entanto não reconhece a importância do trabalho delas durante a guerra, facultando a continuação da exploração baseada no género do seu labor no período pós-guerra. Mulheres raptadas quando crianças devem ser consideradas soldados e, assim, qualificadas para a assistência da desmobilização. O *Working Paper* para a região Africana sobre “Questões do Género em Programas de Desmobilização e

Reintegração”, recomenda programas para encorajar o acesso à educação e formação vocacional para meninas raptadas e esposas de ex-combatentes (De Watteville 2002). Existe na sociedade angolana um elevado número de viúvas e mulheres chefes de família ¹⁷. As mulheres em Angola, assim como em muitos lugares nos países em desenvolvimento, assumem o papel principal para assegurar a sobrevivência das suas famílias e crianças. Em Angola, como refere a secretária provincial da OMA (ANEXO II) há mais mulheres que homens envolvidos no pequeno comércio no sector informal, para suportar as suas famílias. A maioria das famílias pobres assegura a sua subsistência no sector informal. Isto torna crítico o acesso ao micro-crédito e à formação vocacional para as *meninas*, para poderem aceder às actividades comerciais. Além disso, muitas meninas e mulheres que foram raptadas pelas forças podem necessitar de ajuda para se realojarem nas suas áreas de origem sem os seus maridos e também podem necessitar de apoio, para fazerem face à discriminação ou não aceitação no regresso às suas áreas de origem. Ex-soldados femininos e familiares são tipicamente mais vulneráveis que soldados masculinos num contexto socio-económico de pós-guerra, particularmente num como o de Angola, que exhibe níveis elevados de discriminação do género na vida política, social e económica. Uma estratégia compreensiva, oferecendo formação vocacional que aponte para oportunidades de subsistência para homens e mulheres como parte integrante do processo de reintegração, pode formar um pilar básico do desenvolvimento económico em Angola.

Em Angola, neste período pós-guerra, fala-se pouco das mulheres combatentes e houve poucas informações entre os testemunhos das *meninas*, sobre mulheres combatentes armadas. Contudo, esta pesquisa inclui testemunhos de algumas mulheres que carregaram armas e que foram treinadas.

Todas as crianças angolanas foram afectadas pela guerra, no entanto nem todas o foram igualmente da mesma forma. Os testemunhos mostram claramente que algumas *meninas* foram tratadas como soldados escravos e tinham que tomar conta de outras crianças da sua idade e desempenhar funções de adultos. Correndo o risco de comparar o terrível com o horroroso, esta diferença precisa de ser reconhecida de forma a saber

¹⁷ Resultados do diagnóstico, apresentados em Março 2003 pela UNICEF, indicam a existência de uma disparidade demográfica significativa entre os números de homens e de mulheres da população angolana. Em geral, existem apenas 91 homens para cada 100 mulheres em Angola. Este balanço centra-se no grupo etário 20-34, onde as mulheres excedem os homens em 20-30%. Estes são os resultados das mortes de combatentes masculinos durante a guerra. UNICEF, Luanda, 2003.

quando e que esforços da protecção da criança precisam de ser atingidos e segmentados para proteger grupos específicos de crianças. Essas diferenças são necessárias para planejar reabilitação e apoio. Ao colocarem-se todas as crianças em igualdade no pós-guerra, privilegia-se aqueles que podem aceder a qualquer um dos poucos recursos que o Governo tenha para crianças e além disso prejudica aqueles que eram marginalizados pela guerra e continuam a ser excluídos de qualquer dividendo da paz. As *meninas* continuam a ser, consciente ou inconscientemente, ocultadas.

Alguns programas do Governo com base na comunidade para a reabilitação das crianças, foram planeados com apoio da comunidade internacional. Os programas apoiam a reabilitação familiar e da comunidade mas não tentam atingir crianças porque tal identificação obstrui a sua reintegração.

As raparigas falaram do sexo como parte das suas funções nas forças armadas, incluindo as uniões forçadas com os “mais velhos”. Elas diferenciaram esta forma de trabalho/trabalho do sexo, do abuso sexual. A exploração sexual pelo homem mais velho, numa sociedade que culturalmente atribui privilégios aos mais velhos, não apenas enreda as *meninas* mas também, psicologicamente, pode destruir qualquer sentido que elas possam ter tido da decência e importância comunitária dos homens mais idosos. Depois de passarem por tal traição e exploração, ficam as consequências para a confiança e respeito pelos representantes da autoridade e para o desenvolvimento da organização social nas suas áreas de regresso.

Existiam regras contra o abuso mas admite-se que longe das bases principais, essas regras podem ter sido quebradas. Parece que muitas *meninas* permaneciam muito tempo longe das bases principais, onde era fraca a autoridade e controlo central. Todos os testemunhos e entrevistas fornecem uma imagem de uma sociedade altamente regulamentada, com regras e castigos. Contudo, os testemunhos e entrevistas sublinham que o objectivo primordial era o prosseguimento efectivo da guerra. As regras podem ter mudado de acordo com as fases da guerra. Quaisquer que fossem as intenções originais das forças guerrilheiras, a guerra tornou-se uma espécie de sobrevivência, onde jovens eram meios de transporte essencial e os soldados tinham que ser mantidos motivados.

A protecção da criança parece variar, dependendo da decência e poder do comandante da base ou do mais velho para cuja casa a *menina* teria inicialmente sido atribuída; se tivessem ou não familiares na base ou próximo; se o pai da criança reconhecesse a gravidez ou a criança e tomasse medidas para proteger a *menina* raptada. Algumas

jovens metiam-se em estratégicas uniões com mais velhos de forma a protegerem-se das campanhas e do trabalho da linha da frente.

A experiência angolana em zonas de conflito nas últimas décadas indicam que, apesar da existência de importantes princípios dos direitos humanos e leis humanitárias, a comunidade internacional tem acesso limitado para proteger a criança dos danos do conflito armado. Durante conflitos armados prolongados, governos e grupos rebeldes desrespeitam leis internacionais da protecção da criança. É precisamente nesse ponto que existem grandes abusos dos direitos humanos e que crianças e civis, em geral, se encontram mais vulneráveis. Além disso, a soberania e as normas de não intervenção são, em muitos países, ainda tão poderosas que a intervenção, até mesmo para proteger a inocente criança, é vista como uma afronta à independência do País.

Está claro que os adultos e o exército abusaram contra as normas locais de idade e de género. Houve tentativas por parte de alguns adultos, pessoal militar e das mesmas crianças, de as proteger do abuso sexual e da exploração laboral.

Em Angola estão presentes, em grande dimensão, os elementos necessários para criar e sustentar programas para ex-soldados. Tratados internacionais têm sido ratificados e existe uma legislação nacional e um código de família progressivo. Angola possui os meios para se fazer os investimentos necessários nas crianças e suas comunidades.

A discriminação dos direitos das crianças e dos jovens adultos que foram directamente envolvidos na guerra, quando eram menores, muitos deles durante o conflito fez com que cumprissem as mesmas obrigações que os adultos. Isto debilita a legitimidade do programa de desmobilização e pode ter implicações significativas na futura estabilidade e ordem pública do país. A vaga de pessoas jovens descontentes, não especializadas, para áreas urbanas com altos níveis de desemprego e infra-estruturas deficientes também pode contribuir para um aumento da turbulência social nomeadamente a criminalidade.

As *meninas* raptadas não foram reconhecidas como crianças ou mulheres soldados. Elas não tinham armas para entregar, muitas foram abandonadas pelo marido da guerra e perderam todos os vínculos com a família da guerra, apesar da maioria ter vivido e trabalhado nas bases durante anos com as “suas famílias”. Não foram oficialmente incluídas em nenhuma categoria para a desmobilização ou apoio à reintegração. Para aquelas que continuavam a viver com a família de um “mais velho” ou continuavam casadas com um marido da guerra, o chefe de família masculino determinava a sua área

de regresso. Na prática, muitas tinham que encontrar o seu próprio caminho de regresso para as áreas de reassentamento.

Relações com a família são muito importantes mas, algumas vezes são difíceis e as *meninas* não podem assumir como garantido que haverá apoio familiar contínuo. Enquanto “família”, ela é mencionada de formas que demonstram quão longe a mesma ajudará e também expõe os limites: algumas não têm família ou não podem encontrar a sua família de origem, algumas acham difícil reintegrarem-se na família e, algumas famílias já se encontram sob sérias pressões económicas. Existem testemunhos relatados pelas *meninas* que se elas forem ao encontro de suas famílias (pais, irmãs e irmãos), isso pode provocar atritos com os seus maridos ou pais das suas crianças. As raparigas também fazem alusão às dificuldades com as famílias dos seus maridos. A guerra prolongada dispersou famílias durante gerações. Em Angola, um país de grande dimensão, a infra-estrutura da comunicação é desastrosamente fraca; além disso, as pessoas mais afectadas pela guerra são provavelmente as que menos acesso e conhecimentos têm das coisas mais simples, como um telefone. Minas antipessoais, pobreza, fraca infra-estrutura rodoviária, o relativo elevado custo da viagem, por estrada e por ar, torna a deslocação muito dispendiosa para a maioria das pessoas. E tudo isso é especialmente difícil se a pessoa for analfabeta, sem dinheiro, tem bebés ou crianças pequenas às costas, não tendo documentos e tendo perdido conhecimento de aspectos da própria identidade pessoal necessária para localizar a família.

A perspectiva mais cínica e menos esperançosa das raparigas/mulheres entrevistadas em Luanda, ao falar das suas esperanças e planos futuros, podem ilustrar a alienação extrema vividas pelas jovens recentemente estabelecidas numa enorme cidade pós-guerra, em condições extremamente pobres, competindo desesperadamente numa economia implacável, com pouco ou nenhum contacto com familiares e poucas fontes de apoio e protecção. Algumas nem sequer conhecem as suas áreas de origem ou o seu nome de família. Elas concentram-se no assegurar da sua própria sobrevivência e das suas crianças. Esta estratégia de sobrevivência pode reflectir o facto de terem sobrevivido tanto tempo sem as suas famílias, a ausência de confiança que sentem em relação aos adultos e na sociedade em geral, assim como o desejo expresso de permanecerem social e politicamente anónimas e de não introduzirem exigências de relacionamento interpessoais nas suas vidas.

De qualquer modo, as *meninas* que vivem com as suas famílias de origem ou com os seus maridos e que recebem o apoio acima referido, parecem estar a ter maior êxito face ao seu regresso e à vida pós-guerra.

Dos vários testemunhos apresentados, algumas *meninas* são casadas, outras estão actualmente a viver com os seus maridos da guerra. No entanto, muitas vezes, as comunidades dos maridos rejeitam as mulheres “da mata” se a união se realizou sem o consentimento da família do marido. Os ex-combatentes regressados abandonam por vezes as suas “mulheres da guerra” e casam-se com uma mulher local como um passo a ser dado para a aceitação e reintegração na comunidade. Esta pesquisa com *meninas* angolanas é um espelho da situação pós-guerra na Serra Leoa, onde os comandantes da RUF (Frente Revolucionária Unida) aproveitaram a oportunidade para abandonar as suas famílias da “mata” e iniciar uma nova vida sem os entraves da “bagagem” do passado. Além disso, com crianças para criar, sem apoio familiar e sem acesso aos benefícios da desmobilização, as “viúvas da guerra” muitas vezes optavam por uma espécie de casamento de baixo estatuto nas zonas rurais onde se encontravam no final da guerra na Serra Leoa (CCF 2002). Os aldeões polígamos ficam felizes em adquirir “gratuitamente” uma esposa que trabalha arduamente. A via de escape padrão para essas raparigas é ir para as capitais e engajarem-se na actividade sexual comercial. A alternativa para as que têm medo da vida da rua na cidade parece ser uma vida inteira de servidão doméstica como “esposas da mata” nas aldeias rurais.

As *meninas* têm estado a batalhar sozinhas nestes anos do período pós-guerra. O trauma e transtorno de viverem mediante a guerra são agora agudizados pela dificuldade e insegurança de regressarem e iniciarem uma nova vida sozinhas. A maioria passou tanto tempo longe das suas famílias e em tão traumáticas e extremas condições que perderam pontos de referência, memórias construídas e relacionamentos dos seus passados. Agora, é difícil para elas iniciarem nova vida, confiarem e se sentirem confiantes com pessoas que não passaram pelas mesmas experiências.

Como outros angolanos afectados pela guerra, as *meninas* têm em conta que a paz fracassou em ocasiões anteriores em Angola. A sua vulnerabilidade é maior porque elas têm menos autoridade e menos recursos para tomarem decisões e fazerem escolhas quanto às suas vidas e subsistência posterior. As raparigas confrontam-se com desafios desalentadores: escolher um lugar para viver e com quem viver, atreverem-se a considerar se podem competir para obter terra ou iniciarem um negócio como jovens,

mães solteiras, mulheres ex-UNITA, pobres e sem instrução, muitas vezes sem família para apoiá-las. É um testemunho às suas incríveis qualidades de sobrevivente que essas raparigas tenham chegado tão longe e que sejam capazes de progredir e sobreviver, mesmo que seja no dia-a-dia, fazendo mal pagos *biscates* ocasionais.

Contudo, muitas *meninas* foram para outras áreas, para lugares onde antes nunca viveram. Isto tem algum sentido – muitas dessas pessoas estiveram longe das “áreas de origem” por períodos de até 25 anos. Elas suspeitam ou estão mesmo seguras de que as suas aldeias foram destruídas em algum momento e que todos os habitantes partiram. Provavelmente receiam não serem bem recebidas. Elas possuem poucos haveres. Reconstruir a sua vida económica requer alguma ajuda no início, como um pequeno empréstimo para iniciar um pequeno negócio, ou aconselhamento na forma como iniciá-lo, ou alguma ajuda para conseguir um pedaço de terra. Têm mais probabilidades de encontrar trabalhos nas vilas onde vivem mais pessoas que possuem algum dinheiro para pagarem a alguém para vender milho ou lavar a roupa e onde é mais provável haver concentração de pessoas, e assim, um fluxo constante de oportunidades para *biscates*. A capacidade de trabalhar e ganhar dinheiro é reduzida com a presença de crianças pequenas, doenças e chuva. Se elas não recebem qualquer apoio externo, elas não comem nos dias que não ganham um rendimento e são despejadas das acomodações alugadas quando não podem pagar a renda mensal.

Elas têm muito pouca ou nenhuma instrução.

Das narrativas das entrevistadas, parece que a vulnerabilidade das suas situações é tida como normal e é totalmente aceite pela sociedade que elas possam ser usadas ao extremo. Dá a sensação que as comunidades podem explorar essas raparigas porque não têm qualquer responsabilidade social tradicionalmente ou legalmente definida em relação a elas, especialmente se elas não pertencem ou não são reconhecidas por uma família numa comunidade concreta. As vizinhanças urbanas e das aldeias não estão interessadas em mandá-las embora e parecem felizes por terem pessoas nas proximidades a quem explorar, trabalhando para o próximo por nada.

Restabelecer normalidade e integração social para as *meninas* não é simplesmente uma questão de regressar a casa, mas de ter que recuperar ou estabelecer uma nova identidade, definir novos valores sociais e estabelecer relações baseadas numa combinação de factores, incluindo parentesco, interesses socio-económicos e circunstâncias e experiências partilhadas.

Da pesquisa ficou claro que a identidade social atribuída e/ou assumida (ex: filha, irmã, mulher, viúva, mãe solteira, ex-rapariga do mato, menina soldado raptada, prostituta), influencia o acesso aos recursos e determina um estatuto social. A identidade social definida ou a ausência de uma identidade irá determinar a posição actual, a médio e a longo prazo, da sobrevivência na hierarquia social de uma Angola pós-guerra. As raparigas com melhores chances de sobrevivência são aquelas que têm apoio familiar e conseqüentemente, imediato e facilitado acesso aos recursos, incluindo reconhecimento e apoio da comunidade.

Os programas de desmobilização e reintegração muitas vezes centram-se na reintegração social e económica e tratam de forma inadequada as necessidades psicossociais de quem vivenciou uma guerra. Necessidades de reabilitação psicológica são importantes a médio e longo prazo.

O estudo FAS III (Yngstrom 2004) indica que o padrão principal do conflito e violência imergentes pós-guerra, é o alastramento da violência doméstica com base no género, muitas vezes resultando em separação e divórcio. Os entrevistados do FAS citam a pobreza como sendo a causa da maioria dos conflitos. No caso da violência com base no género, parece estar relacionada com o facto dos homens tentarem e falharem encontrar um papel, para si mesmos, nesta nova situação de pós-conflito. É largamente admitido pelos homens pobres que são as mulheres quem mais ganha nos seus lares. O grupo etário das *meninas* no período pós-guerra é constituído por adolescentes e jovens mulheres ao redor dos 20/30 anos.

A história colonial de Angola e os longos anos de guerra significam que não existe alguém com menos de quarenta anos de idade que guarde recordações de uma sociedade em paz.

Todas as *meninas* descreveram o apoio emocional e prático, por parte de mulheres da família e amigas, como crucial para a sua cura e solução de problemas. Foi na forma de conversa sobre as suas vidas antes da guerra, sobre as suas experiências da guerra e partilhando preocupações e estratégias para fazer face à vida no regresso. É importante que tais formas de apoio e cura sejam validadas e reforçadas. Apoio individual e simples amizade não devem ser ignorados na busca de redes de apoio comunitário e rituais tradicionais. Não devemos silenciar ou minar as formas como as mulheres se reconhecem e apoiam umas às outras.

Sorenson informa que mulheres em sociedades pós-guerra têm estado activas criando organizações voluntárias que oferecem serviços médicos, psicológicos, educativos,

legais e económicos (Sorenson 1998). Uma outra questão abordada pelas organizações de mulheres tem sido o aumento da violência nas sociedades pós-guerra. Através de aulas educativas e seminários, as mulheres pensam desenvolver a consciência quanto à violência contra as mulheres e crianças e modificar as atitudes que consideram tal violência aceitável.

A presente investigação foi condicionada pelo factor temporal. De facto, o trabalho de campo realizado em Angola foi limitado por condicionalismos locais e pessoais. Todavia o envolvimento com a CCF foi extremamente gratificante porque tive oportunidade de adquirir um conhecimento aprofundado de um drama que atravessa a sociedade angolana.

Mesmo em tempo de paz, considero que quer o Estado quer as ONGs têm sérias responsabilidades na integração social destas órfãs de guerra. Daí a necessidade de implementar programas e projectos que ajudem à eliminação da discriminação destas jovens angolanas.

Apesar de ser pessoalmente “doloroso”, este estudo deu-me uma visão de substanciais assimetrias existentes em Angola, nomeadamente as referentes às mulheres e crianças.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCORD

“Nós, angolanos, as velhíssimas crianças do mundo” **Análise do N° 15 da revista Accord** (<http://www.c-r.org/our-work/accord/angola/portuguese/angolanos.php>)

Acordo de Cessar Fogo/Definição e Princípios Gerais - Angola: Direito e Paz – Colectânea de Documentos e de Legislação; Colecção Faculdade de Direito – Universidade Agostinho Neto; Luanda – Angola, Ponto 1, Publicidade Lda, 2001

ACTION FOR SOUTHERN AFRICA

1997, “Achieving Lasting Peace in Angola: The Unfinished Agenda”, **Report of conference held at the School of Oriental and African Studies**, London

ALMEIDA, Eugénio Costa

2004, **África – Trajectos Políticos, Religiosos e Culturais**, Espanha: Publidisa

ALMEIDA, João Ferreira e PINTO, José Madureira

1976, **A Investigação nas Ciências Sociais**, Lisboa: Presença

AMARAL, Ilídio

1996, **O Reino do Congo, os Mbundo (ou Ambundos), o Reino dos N’gola (ou de Angola) e a presença portuguesa, de finais do século XV a meados do século XVI** – Ministério da Ciência e da Tecnologia – Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa

2003 “Angola 2003 in the Women’s Commission for Refugee Women and Children”, **Angola Country Report**, New York

BARDIN, Laurence

2000, **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Edições 70

BENNET, E. e FAMBO, V.

2000, “ACT against child soldiers in Africa”, **A Reader Institute for Security Studies**, Pretoria

BIRMINGHAM, David

1974, **A Conquista Portuguesa de Angola**, Lisboa: A Regra de Jogo

BOUTROUE, Joel e outros autores

2000, **A situação dos refugiados no mundo**, Lisboa, Almada: Artes Gráficas

BRETT, Rachel

2002, **Girl Soldiers: Challenging the Assumption**, Quaker United Nations Office, New York

2003, “Campanha Internacional pelo Banimento de Minas Terrestres”, **Landmine Monitor Report 2003: Toward a mine-free world**, Nova Iorque: Human Rights Watch

CARDOSO, Pedro

2004, **Entrevista à Coordenadora Nacional do Programa de Apoio à Reconstrução (PAR) em Angola**

CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro

1998, **Metodologia da Investigação - Guia para a auto-aprendizagem**, Lisboa: Universidade Aberta

CAVAZZI, Pe. João António de Montecúcolo

1965, **Descrição Histórica dos Três Reinos Congo, Matamba e Angola (1687)**, Lisboa: Edição da Junta de Investigações do Ultramar

CERVO, A. e BERVIAN, P.

1989, **Metodologia Científica**, São Paulo: McGraw-Hill

CHRISTIAN CHILDREN'S FUND

1996, **A problemática dos traumas de guerra em Angola, grupos vulneráveis e experiência na reintegração psico-social de crianças**, Luanda: CCF

CHRISTIAN CHILDREN'S FUND

1998, "Let us light a new fire", **Local Knowledge in the Post-War Healing and Reintegration of War-Affected Children in Angola**, Luanda: Editora Humbi

CHRISTIAN CHILDREN'S FUND

2002, **Paz é brincar à vontade**, Luanda: CCF

CHRISTIAN CHILDREN'S FUND

2003, "Shaping a Response to Poverty: A Conceptual Overview and Implications for Responding to Children Living in Poverty", **Children and Poverty Series**, Parte III, Richmond: CCF

CHRISTIAN CHILDREN'S FUND

2002, "Sierra Leone Program; **Sealing the Past, Facing the Future** Project Report" (Draft)

CHRISTIE, Daniel J., WAGNER, Richard V. e WINTER, Deborah Du Nann

2001, **Peace, Conflict and Violence**, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers

COHEN, A, e outros autores

1996, **Sexual abuse and exploitation of children in time of war**, Luanda: CCF

1998, Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (ed.), "A Igreja em Angola Entre a Guerra e a Paz", **Documentos Episcopais 1974-1998**, Luanda: CEAST

1989, **Convenção sobre os Direitos da Criança**

(http://www.unicef.org/brazil/dir_cri.htm)

1979, **Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher**

DE WATTEVILLE, N.

2002, “ADDR Rassing Gender Issues in Demobilisation and Reintegration Programmes”, **Africa Region Working Paper Series No.33**, Washington: World Bank

DECRETO LEI nº 195/90 **D.R. I Série. 3454** (24.08.1990)

DECRETO LEI nº 437/91. **D.R. I Série. 257** (08.11.1991)

DONALD, David e DAWES, Andrew and Louw

Adressing Childhood Adversity, Cape Town: David Philip Publishers

FONGA

1998, “Lamentações da Sociedade Civil Sobre a Situação Sócio-Política Prevalente no País” (policopiado)

FORTIN, Marie Fabienne

1999, **O Processo de Investigação: da concepção à realização**, Loures: Ed. Lusociência

Fundo de População das Nações Unidas

2005, **The State of the World's Population**, Nova Iorque

GEDDES, Joan Bel

1997, **Childhood and Children: A compendium of customs, superstitions, theories, profiles and facts**, Phoenix: Oryx Press

GIELEN, Uwe P., FISH, Jefferson M. e DRAGUNS, Juris G

2004, **Culture, Therapy and Healing**, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers

GIELEN, Uwe P., FISH, Jefferson M. e DRAGUNS, Juris G

2003, **ANGOLA, O Contigente Esquecido – Crianças-soldados de Angola**, Human Rights Watch

GIL, António Carlos

1989, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, São Paulo: Atlas

GORDON, David e outros autores

2003, **Child Poverty in the Developing World**, Bristol: The Policy Press

GRENN, Edward C. e HONWANA, Alcinda

1999, **Tratamento indígena das Crianças Vítimas da guerra em África**,
(<http://www.worldbank.org/afr/ik/pr/ikn10.pdf>)

SANTOS, Guilherme

2005, **Uma Caminhada Transversal em Busca da Justiça Social e do Desenvolvimento em Angola**

(<http://www.ces.uc.pt/nucleos/nep/pdfs/Acord.pdf>)

GUUS, Meijer(ed.)

2004, “From military peace to social justice?”, **The Angolan Peace Process. Conciliation Resources/ACCORD**,

HUMAN RIGHTS WATCH

2002, **Protecção dos deslocados internos em Angola**, Human Rights Watch
(policopiado)

KEAIRNS, Yvonne

2002, **The Voices of Girl Child Soldiers** New York: Quaker UN Office

KING, Elizabeth M. e ANDREW D. Mason;

2001, **Engendering Development Through Gender Equality in Rights, Resources and Voice**, Washington: World Bank e Oxford University Press

KING, F. e CHALLENGER, C.

2003, “Big business and children’s rights”, **CRIN Newsletter, Child Rights and the Private Sector**. No 17

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade
1994, **Fundamentos da Metodologia Científica**, São Paulo: Editora Atlas

MACHEL, Graça

1995, “O Impacto do Conflito Armado em Crianças”, Fundo das Nações Unidas para a Infância, Situação Mundial da Infância 1996, Nova Iorque: UNICEF (policopiado)

MC CONNAN, Isobel e UPPARD, Sarah

1999, **As crianças e Não Soldados – Princípios de orientação para o trabalho com as crianças soldado e as crianças associadas às forças de combate**, Londres: ECHO

MILLER, Kenneth E. e RASCO, Lisa M.

2004, **The Mental Health of Refugees – Ecological Approaches to Healing and Adaptation**, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA REPÚBLICA DE ANGOLA

1995, **Angola, Livro Branco sobre o Processo de Paz**, vol I (31 de Maio de 1991 – 31 de Maio 1993), Luanda: IMPRESS

MIRANDA, Armindo

2004, **Angola 2003/2004 – Waiting for Elections**, Bergen: Chr. Michelsen Institute Report 11 (policopiado)

MONTEIRO, Carlinda

1997, “1º Congresso dos Profissionais de Saúde e Reinserção Social Luso-Angolan, O Impacto da Guerra sobre as crianças angolanas” (policopiado)

MOREIRA, Carlos Diogo

1994, **Planeamento e Estratégias da Investigação Social**, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

NAÇÕES UNIDAS

2000, **Objectivos do Desenvolvimento do Milénio** (policopiado)

NAÇÕES UNIDAS

1996, **Promotion and Protection of the Rights of Children: Impact of armed conflict on children**, Nota do Secretário-Geral, Nova Iorque: Nações Unidas

Nações Unidas,

1993, **Protection of children affected by armed conflicts**, Nova Iorque: Nações Unidas (policopiado)

NIELSON, Poul

2003, **Angola, o desafio da paz**

(http://europa.eu.int/comm/echo/pdf_files/leaflets/angola_pt.pdf)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

2005, “Multi - Country Study on Women: Inicial results of prevalence, health outcomes and women’s responses” (Resumo de Relatório), Genebra

OTUNNU, Olara A.

2002, “Special Comment’ on Children and Security Disarmament Forum”, Genebra: United Nations Institute for Disarmament Research

PAIS, Marta Santos

1999, **A Human Rights Conceptual Framework for UNICEF Innocenti Essays**, N° 9, Centro de Pesquisa Innocenti, Florença: UNICEF

PARDAL, Luís e CORREIA, Eugénia

1995, **Métodos e técnicas de investigação social**, Porto: Areal Editores

Polit, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P.;

1995, **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**, Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª ed.

1991, Pontos Essenciais dos Acordos de Bicesse (policopiado)

1945, Preâmbulo da Carta das Nações Unidas (policopiado)

2003, **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Human Development Report 2003**, Nova Iorque: Oxford University Press (policopiado)

2003, “Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil”, **Investing in Every Child: An economic study of the costs and benefits of eliminating child labour**. Genebra: AIT

2001, “Protocolo de Lusaka - Angola: Direito e Paz” **Colectânea de Documentos e de Legislação; Colecção Faculdade de Direito** – Universidade Agostinho Neto; Luanda: Ponto 1, Publicidade Ld^a

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van

1992, **Manual de Investigação em Ciências Sociais**, Lisboa: Ed. Gradiva

RESENDE, José

1999, “Angola 38 anos de guerra”, Caderno Especial

(<http://www.joserezendejr.jor.br/reportag/angola.htm>)

SERRANO, Carlos

1982, História e Antropologia na Pesquisa do mesmo Espaço: a Afro-América, in África, **Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**

SORENSEN, B.

1998, **Women and Post-Conflict Reconstruction: Issues and Sources**, War-torn Societies Project, Geneva: UNRISD Publications

SIC

1999, “Reportagem sobre as crianças de Angola, vítimas da guerra em Angola”

UNICEF

2001, “Progress since the World Summit for Children: A statistical review” Nova Iorque

2004, **Progress for Children**. Nova Iorque

2005, **Progress for Children** “A report card on gender parity and primary education”
Nr 2, Nova Iorque

1995, **Situação Mundial da Infância 1996**, Oxford University Press

2003, “Meninas, Educação e Desenvolvimento”, **Situação Mundial da Infância 2004**,
Nova Iorque

2004, “Infância Ameaçada”, **Situação Mundial da Infância 2005**, Nova Iorque

2005, “Excluídas e Invisíveis”, **Situação Mundial da Infância 2006**, Nova Iorque

2006, “Mulheres e Crianças – O duplo dividendo da igualdade de género”, **Situação Mundial da Infância 2007**, Nova Iorque

2007, “Sobrevivência Infantil”, **Situação Mundial da Infância 2008**, Nova Iorque

VERHEY, Beth

2001a), **Child Soldiers: Preventing, Demobilising and Reintegrating**, Africa Region
Working Paper Series: Washington World Bank

2001b), **The Prevention, Demobilisation and Reintegration of Child Soldiers**,
Angola Case Study: World Bank Africa Region

WACUSSANGA, Jacinto Pio

2003, “Workshop Provincial sobre as prioridades e questões da reconciliação nacional e dos direitos humanos: perdão V justiça” (policopiado)

YNGSTROM, Ingrid

2004, **Vulnerability, Poverty and Social Exclusion in Post-Conflict Angola: Opportunities and Constraints for Social Capital Building**, Volume I: Analysis of results of six cases studies from Luanda, Uige and Huambo. Luanda: FAS III

ANEXOS

ANEXO I – Guião de Entrevistas

GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

1. Idade
2. Com que idade foi raptada?
3. Onde foi raptada? Por quem?
4. Quanto tempo esteve raptada?
5. Foi separada da família? Caso não tenha sido separada com quem manteve contacto?
6. Que tipo de maus tratos foi sujeita?
7. Que funções desempenhava na guerrilha?
8. Engravidou durante o tempo em que esteve raptada, se sim quantas vezes? Quantos filhos teve?
9. Sabe ler e/ou escrever?
10. Há quanto tempo esta inserida no projecto da CCF?
11. Voltou a encontrar a sua família depois de abandonar a guerrilha?
12. Quais as dificuldades mais sentidas após ter abandonada a guerrilha?
13. Quais os projectos futuros?
14. O que faz hoje em dia?
15. Consequências da guerra na sua vida diária.

GUIÃO DE ENTREVISTA (definitiva)

A) Vida anterior à captura/rapto

4. Como te chamas?
5. Quantos anos tens?
6. Há quanto tempo estas aqui?
7. Como vieste parar aqui? Há quanto tempo estás aqui? Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?
8. Onde nasceste? Onde vivias? Com quem vivias?

B) Captura/Rapto

9. Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá?
10. Antes de seres levada da tua casa, estavas numa área do Governo ou da Unita?
11. Como foi que te levaram? Quem te levou (Governo/UNITA)?
12. Como foi esse dia? O que aconteceu? Onde estavas? O que estavas a fazer?
Fala-nos um pouco sobre esses momentos, sobre esse dia. Que idade tinhas?
13. Houve mais pessoas que foram levadas contigo? Quem? Conhecias?
14. O que aconteceu quando foste levada? Houve confusão, tiros, luta, ...?
15. Como foi a caminhada nesse dia depois de teres sido levada?
 - * Quanto tempo durou a caminhada?
 - * Como foi? O que aconteceu?
 - * Com quem foste? Com quem estavas? Havia mais raparigas?
 - * Morreu alguém?

C) Experiências de Guerra

16. Depois da caminhada/rapto, onde ficaste?
17. Onde moravas? Com quem?
18. Existiam mulheres grávidas? Crianças?
19. O que fazias? Trabalhavas?
 - * Tarefas desenvolvidas?
 - * Carregavas armas?
 - * Tarefas domésticas?
 - * O que faziam as mulheres grávidas? E as mulheres com filhos?
20. O que faziam as outras meninas, meninos, homens, mulheres?
21. Durante as caminhadas, o que faziam?
22. Quando não trabalhavam, o que faziam nos tempos livres?
23. Quem mandava? Quem era o chefe?
24. Mudaste de nome? Como te chamavam?
25. Aí foste treinada para combater? Participaste em algum combate? O que fizeste/acontecia?
26. Viste alguém morrer, matar alguém? O que aconteceu?
 - * Quantas vezes mudaram de um sítio para o outro?
27. O que comias?
 - * Quem recebia mais e melhor comida? Porquê?
 - * Havia comida suficiente?
 - * O que comiam as crianças e as raparigas grávidas?

28. Alguma vez ficaste ferida ou doente(durante os combates/caminhadas)?

* Como foi? O que aconteceu?

* Quem cuidou de ti nesse período?

29. Como eram resolvidos os problemas de saúde? Doenças?

30. Durante a gravidez, tinham algum apoio médico?

31. Como fazias quando estavas com o período menstrual?

32. Arranjaste um namorado/marido? Como?

33. Engravidaste? Quantos filhos tivestes?

34. Tinhas amigas? O que faziam? Sobre o que é que conversavam?

35. O que mais gostavas de fazer?

36. O que menos gostavas de fazer?

37. Qual foi a pior coisa que te aconteceu? Como te sentiste? Fala-me um pouco sobre isso.

38. Conheces alguém que foi mal tratada/violada/agredida/torturada? Porquê?

39. Também te aconteceu o mesmo?

40. O que aconteceu aos filhos que as raparigas tiveram nas matas?

41. Durante esse tempo que estiveste lá (que foste raptada), tiveste contacto com a tua família? Com alguém conhecido?

42. Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

43. O que acontecia quando alguém tentava fugir e era apanhado?

D) Regresso e reintegração

44. Como é que saíste de lá? Fugiste? Preparaste a fuga? Como foi?

45. Com quem voltaste?
46. Para onde voltaste? Com quem? Como foste recebida?
- * Para a tua casa/bairro/aldeia?
 - * Para a tua família?
 - * Família do teu marido?
47. Como conseguiste vir até onde estás a viver agora (por onde passaste, estiveste em algum campo de acolhimento)?
48. Situação actual (casada/solteira/viúva)? Com quem vives?
49. Quantos filhos estão contigo neste momento? Perdeste algum?
50. O que estas a fazer agora, como ocupas o teu tempo?
51. Sabes ler e escrever? Onde aprendeste? Com quem?
52. Quais as experiências da tua vida que têm mais significado para ti?
- * O que pensas sobre o que te aconteceu na vida?
 - * Achas que era possível não passar por isso?
 - * Porque pensas que estas coisas todas te aconteceram?
 - * Achas que a tua vida teria sido diferente se não tivesses passado por estas experiências (ter sido levada por militares)?
53. Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento (família, comunidade, amigos)?
54. Sentimentos - preocupação, medo, ansiedade, nervos, sem esperança, sentimento de rejeição, agressividade, comportamentos diferentes, tristeza, discutir muito, solidão, isolar-se, não querer falar com as pessoas

55. Como pensas que pode ser o teu futuro (conhecimentos, educação, alfabetização, habilidades necessárias para a tua vida, negócios, outro tipo de formação)?

56. Como gostarias que fosse o teu futuro?

ENTREVISTA 1

Como te chamas?

Chamo-me EJP.

Quantos anos tens?

20.

Há quanto tempo estas aqui?

Ahhh 6 anos (em Luanda).

Como vieste parar aqui? Há quanto tempo estás aqui? Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Vim parar por causa das guerras. Eu sou da província Kuanza Norte, município do Samba Caju e por causa das condições de vida o meu pai foi falecido tropa já há 18 anos e por causa das condições, por isso é que eu vim parar aqui.

E... a minha mãe vive lá na província, vivia aqui com a minha avó, agora estou a viver maritalmente com o meu esposo, tenho uma filha de 1 ano.

E aqui para a escola? Como vieste para aqui?

Ehhh escola é assim, eu comecei mesmo aqui a escola, fiz ..., tenho a 8ª classe, e fiz a 8ª classe em 2003 por causa das condições as vezes eu tinha que trabalhar para poder pagar as propinas, isso, ainda na posse da minha avó, a minha tia é amputada de um pé, foi um acidente, eu vivia com ela também juntamente com a minha avó, então eu tinha que lutar para poder sustentar os meus estudos, quando terminei a 8ª não pude continuar fazer a 9ª, e agora tou há 3 anos em casa parada, não faço nada, procuro um emprego e não consigo, por isso é que eu tou aqui para ver se faço um curso pelo menos que me possa adiantar a vida.

Onde nasceste? Onde vivias?

Nasci em Kuanza Norte, ..., vivi lá até aos 16 anos, não ..., até aos 12.

Tinhas irmãos?

Sim tenho, tenho, os outros continuam lá por aqui não tem com quem ficar e por isso os outros continuam lá, tou cá com um irmão de pai, a minha irmã de ..., somos duas o meu pai nos deixou erámos três e a minha mãe tem outro esposo, que até também esta abandonada e eu pretendo trabalhar mesmo para ver se consigo sustentar os meus irmãos menores, ..., sim sou a mais velha, sou a primeira filha do pai e da mãe.

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá?

Ahhh saí de lá porque a minha avó como ela tinha tanto sentimento, lhe enviavam sempre recado a dizer que as netas estão a sofrer por causa das guerras ... e já sabes como é que é as guerras, nós dormíamos na mata no capim, até teve um tempo que tivemos que andar desde o Kuanza Norte, ... (é pena que a moça não entende) ..., nós saíamos uma distância mais ou menos do Samba Caju até ao Lukala a pé!! Por causa da Unita, tínhamos que nos esconder pelo capim, porque se andássemos na estrada, também lá não havia mais carro, ficávamos assim mesmo completamente aflitos e vim aqui, depois andamos a pé em Lukala ficamos até Dalantando, em Dalantando apanhei um carro que nos trouxe até aqui eu e a minha irmã, ..., estamos as duas aqui, a outra até foi na provincia porque esta sempre incomodada porque aqui não tem boa saúde, voltou outra vez.

Com quem vivias?

(...) O meu pai me deixou com 2 anos, sim faleceu nunca se sabe de que faleceu ou vive, não sei, mas a minha mãe nos aguentou, até, ..., me aguentou a mim até aos 14anos e dai comecei a viver com a minha avó também ja tinha alguma experiência, ai trabalhava assim na lanchonete ou roullote para poder sustentar os estudos, conforme eu ja disse.

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá?

Sim fui separada, (...) só me separei da minha mãe dois meses fora ficávamos, epa maltratada, até ultimamente deram-nos o nome de Juras, eramos Juras, quem não tinha que participar naquele grupo era morta mesmo pela Unita, por isso eu tive que participar com eles lá mesmo na guerra em Kuanza Norte que é Municipio de Samba Caju, ... fiquei dois meses fora da minha mãe, praticamente Deus é que me cuidou, não

conseguia fazer nada, nada, só ficava a lamentar a chorar, e depois (...) não tinha nada para comer tínhamos que cavar mandioca para poder nos alimentar quando me ausentei até pensei que fosse morrer, mas graças a Deus eu existo até hoje.

Que idade tinhas?

Eu tinha onze anos (quando foi separada da mãe)

Como foi esse dia? O que aconteceu? Onde estavas? O que estavas a fazer?

Fala-nos um pouco sobre esses momentos, sobre esse dia.

A minha mãe tivera ido ver a lavra, nós ficamos em casa, eu e os meus irmãos menores, ..., só eramos duas ainda, na altura a minha mãe ainda não tinha os outros, eu e a minha irmã ficamos em casa e a minha mãe foi a lavra, e naquela, ..., eu só me lembro que vi muita gente a correr a escutar barulhos de tiros e nós atrapalhadamente uma ficou em casa debaixo da cama, e eu saio fora para saber o que era, e quando voltei em casa já não encontrei a minha irmã menor, ela tinha desaparecido, eu ainda fiquei preocupada a chorar e "quando a minha mãe vir vai me matar", "não sei quê", daí também só me lembro que alguém me segurou no braço, parece que fiquei desmaiada, me segurou no braço e pronto e daí não me lembro de nada, mais tarde, acho que era a mais ou menos à noitinha, 18h e apareci nas mãos de um senhor, um velho que me segurou assim no braço a dizer "tu vives aonde?", já num outro bairro, e eu não conhecia aquele bairro, "tu vives aonde?" eu disse eu vivo em Samba Caju, no bairro Zamba, "bairro Zamba! Como é que tu vieste parar aqui?" Eu disse ... não, ... não sei, praticamente eu só sei que desmaiei naquele momento ... e não sei ... e logo que quando ele passou me tava a fazer perguntas eu só queria era saber da minha irmã, fiquei a chorar a chorar eu só disse "eu tenho que achar a minha irmã", não sei quê, eu só fiquei a chorar e disse eu só tenho que achar a minha irmã, e daí ele me mandou acalmar e ficamos eu e ele fomos, ..., nos levaram uns tropas da Unita, ficamos num quartel onde fiquei os 2 meses, ..., a cuidar deles, nós tínhamos que cozinhar obrigatoriamente pra eles até apanhei, ..., tive até um sinal aqui de queimadura!!! Que eles mesmo naquela eu tava a cozinhar o funge não conseguia bater praticamente com 11 anos não consegui bater funge, então ele ... "bate à panela!", aí toca no meu braço e daí caio no chão já não me lembro o que é que aconteceu, fui vivendo assim a vida

mesmo, a minha mãe lamentava tanto, até que certo dia consegui fugir , mas foi ... mesmo um tropa da Unita até que me fez fugir, ..., não conhecia ele, ele só diz que também é de Samba Caju e foi raptado também e tornou-se tropa mas só de ver eu lamentava tanto, eu expliquei como é que eu era, mas ele não me conhecia nem eu também conhecia ele, ele sentiu pena de mim e dai mandou-me fugir, ... ele disse "olha vens aqui atrás da casa, finges que tas a pisar bombom e dai das volta, ... ele até indicou mesmo, das a volta vais achar um caminho que você vai ... e eu até disse "eu não vou perder?" e ele disse "não não vais perder, com a vontade de Deus você vai conseguir", e eu fui atrás da casa ele me acompanhou mesmo. Fui pelo caminho entrei na mata e graças a Deus naquela mata uma vez, ja passamos la há bastante tempo, iamos la lenhar, dai consegui fugir, ..., praticamente é andar a toa, andei a toa mesmo , sei lá, Deus parece que me iluminou naquele dia, ... cheguei até no rio e dai me encontrei com uma senhora que me abraçou tanto e ela disse "você não morreu?" Porque praticamente a minha mãe fizeram óbito para mim, tudo, muita coisa que eles fizeram ..., conhecia-me já foi no rio e levou-me até casa, ..., e ai encontrei a minha mãe, mas, ..., ja tinham feito as cinzas como falam né ... a pensar que eu morri, porque praticamente eles eram assim, quando pegam alguém matam-lhe ou violam-lhe, pronto, e graças a Deus não me aconteceu isso comigo, de violação.

Encontrei a minha irmã, ..., só foi minha precipitação porque a minha irmã eu deixei-lhe debaixo da cama e não tava! Foi assim num cantinho onde metiamos as lenhas, debaixo das lenhas é onde ela teve, a minha mãe encontrou-lhe mesmo ai ainda por cima a dormir (risos), ..., eu tinha 11 ela tinha 7.

Antes de seres levada da tua casa, estavas numa área do Governo ou da Unita?
Era da Unita e MPLA, ... era da Unita.

Depois da caminhada/rapto, onde ficaste?

Fui ao mato depois fui ao quartel.

O que fazias? Trabalhavas?

Trabalhava para eles, assim, eles mandavam-me lenhar ia lenhar, mandavam-me cozinhar, cozinhasse se aguentasse!

Carregavas armas?

Não (carregava armas), não (limpava as armas).

Existiam mulheres grávidas? Crianças?

Apenas tinha uma senhora, ..., sim tava grávida de 4 meses, ela fazia o mesmo, também trabalhava, ainda por cima com porrada, a bater-lhe nas nádegas, tinha de fazer mesmo havia poucas, por aí 11 ou 10, eram assim muitas mesmo.

Erámos 4 meninas e 9 rapazes, todos pequenos, ..., tinha mais adultos, nas meninas eu era a mais velha.

Quando não trabalhavam, o que faziam nos tempos livres?

Passávamos assim a brincar, momentos que nós brincávamos só um bocadinho, momentos que iam assim pescar, pegávamos assim em banheiras iam no rio pescar com os meninos, eu ajudava eles cozinhava para eles e praticamente não tivemos vestuário vestíamos a mesma roupa, tomávamos banho repetíamos a mesma roupa rasgada!! Ficávamos assim mesmo.

Quem mandava? Quem era o chefe?

O chefe, não me lembro, mas só sei que tinha um chefe mesmo, ..., um outro chamava-se Malamba que era o brigadeiro da Unita e outro não me lembro do nome dele.

Mudaste de nome?

Não (chamavam pelo proprio nome)

Aí foste treinada para combater? Participaste em algum combate?

Não (combatia no mato)

Viste alguém morrer, matar alguém? O que aconteceu?

Uff, é horrível, a maltratar-lhe, a dar-lhe surra, ..., porque tinha lá um velho, amarraram as duas mãos assim atrás, molharam-no, davam-lhe nas costas de chicote, foi horrível, morreu ... porque eles disseram que era feiticeiro, o senhor, mais velho pra

eles era feitiçeirol!!! ..., Sim morreu, neste dia houve muita chuva, ..., até rompeu os quarteis, paus nas matas foram partidos!! Agora não sei porquê?? ..., muitos acreditaram que era mesmo feitiçeiro de verdade, porque foi batido e choveu tanto que até levo muita casa a sorte é que não morreu ninguém, ..., eu vi assim ele a morrer, praticamente eu passava a noite toda a sonhar com ele.

Batiam, eu também bateram-me, batiam muita gente, até os menores também batiam, ... porque quando me mandassem fazer algo e eu não conseguia batiam-me.

O que comias?

Cavavamos mandioca, iamos na lavra cavar mandioca, tinham até umas folhas que era azeda, ..., folhas assim, que davam uns frutos azedos, comiamos aquilo, as vezes quando não tivesse iamos procurar gynguena, ..., comiamos, comiamos também maboque, aquelas frutas, partíamos e comíamos, ..., essas coisas não se cozinhavam a mandioca é que nós cozinhavamos sempre.

Havia comida suficiente?

Havia, porque nós todos iamos, até criancinhas tinhamos que passar debaixo do capim apanhar gynguenga.

Comiamos esses bichos que há agora aqui em Luanda, falam catato, ..., cada bicho tinha o seu nome, eles aqui falavam de catato nós falavamos de suna, cacyneta muitos nomes assim, colhiamos aquilo no capim na mata, cavavamos ratos, grilos, ..., nos comíamos, ..., os grilos por exemplo ... são assim grilos pequenos, ..., não havia sal nem sabão, lavávamos com raizes, essas raizes chama-se indonga até e sal tinhamos que ir nas salinas assim, aquela areia salgada é que nós tiravamos e metiamos na panela para conseguir comer, porque a comida sem sal fica mesmo mal.

O que comiam as raparigas grávidas?

Nos até tinhamos pena dela, quando ela assim tivesse vontade de ir conosco nos mandavamos ficar porque uma grávida não podia mesmo andar a toa.

Existiam crianças?

Sim havia criancinhas, ... erámos 11, ..., havia até uma criança de 5 anos, ..., sozinha.

Eles até acompanhavam-nos.

Alguma vez ficaste ferida ou doente (durante os combates/caminhadas)? Como foi?

O que aconteceu?

Sim, ahhh , tenho muito sinais aqui, ..., assim por causa de cavar a mandioca, aqui nos pés, tinha muitos sinais, feridas.

Naquela de cavar mesmo, porque eles mandava-nos cavar mandioca, ... como nós não sabíamos dava assim na enchada e a enchada dava no pé e daí ficava a sangrar, tínhamos que amarrar areia, uma areia assim, quando um pau ta assim a apodrecer tem aquela areia vermelha, então nos pegavamos aquilo com salalé, pegavamos aquilo punhamos na ferida e amarravamos (risos).

Quem cuidou de ti nesse período?

Não tinha (ninguém para cuidar)

Como eram resolvidos os problemas de saúde? Doenças?

Até graças a Deus, ..., era só duas pessoas que doenciam, mas não era doença grave, era só dores de cabeça. Eu por exemplo sofria muito de dor de barriga era dor de barriga forte mesmo, que quando eu tivesse com a minha mãe tinham-me que me dar água benta.

Como fazias quando estavas com o período menstrual?

Não ainda (não tinha o período).

Arranjaste um namorado/marido?

Não.

Engravidaste?

Não, lá não.

Tinhas amigas? O que faziam? Sobre o que é que conversavam?

Sim tinha muitas amizades, amigas assim gostavam muito de mim porque eu era pessoa religiosa, desde sempre fui religiosa, sou da católica, fui de um grupo coral, já cantava muito bem, até agora.

Conversava, ..., eu dizia "quando eu ser grande ou quando tiver pelo menos tiver uns 14 e tiver na cidade", porque era o meu sonho, ..., tiver na cidade, ..., eu tinha que estudar ser médica mas tinha que ser ginecologista pra saber das mulheres, eu gostava de conversar isso, uns até me perguntavam mas como é que você diz isso, porque elas também não sabiam o que é que eu estava a falar "médica, médica, o que é que é isso médica?" porque eu tinha um senhor, meu padrasto que ensinava-me essas coisas, e eu também ensinava neles, foi professor, o meu padrasto, eu dizia olha médica ... é aquela pessoa que quer saber da saúde quer curar alguém quando ta doente, eu expliquei, ..., mais tarde, ..., falava sempre, ..., quero ser médica ou professora (risos).

O que mais gostavas de fazer?

..., Não tinha muito tempo, eu gostava muito é de estudar só que não tínhamos materiais escolares, escreviamos no chão, ..., lá no quartel. So ficamos lá dois meses.

O que menos gostavas de fazer?

Não gostava de fazer, ..., era lenhar, buscar lenha, porque eles mesmo cortavam paus grossos e aquilo nos tínhamos que levar não gostava porque dava-me cabo do peito, não gostava, ..., era pesado e não gostava também de pisar bombom, não gostava.

Qual foi a pior coisa que te aconteceu? Como te sentiste? Fala-me um pouco sobre isso.

A pior coisa que me aconteceu foi quando um general deu-me, ..., eu me lembro que foi uma, ..., arma, ..., deu-me com uma arma na cabeça e dai cai foi até ao lado de um riacho, assim tavamos a pescar, então, como nós eramos crianças tínhamos que fazer barulho, ..., ele disse que ficou irritado com aquele barulho, eu como era a mais adulta e pegou naquilo e me deu com aquilo na cabeça e ai fiquei assim, ... até tenho um sinalzinho aqui na cabeça mesmo, ..., cai na água e daí não vi mais nada, não me lembrei de mais nada foi muito horrível eu a sangrar tanto me meteram na água, conforme os meus amiguinhos diziam né, me meteram na água pegaram o caranguejo, ...o

marisco, ... para ver se corta-se o cabelo aqui um bocadinho para conseguir ver se a ferida se era maior ou não, ... depois levaram para casa para o quartel ... quando recuperei, uns até tavam a dizer "quem te fez isso?" eu foi um general, os miúdos explicaram ficaram a ralar com ele, ... com o general, ... e um deles até, ..., ficou a ralar com ele, ... eu me lembro que ele também deu um tiro no braço daquele moço, ..., ficou a ralar com ele, ... ela é criança chefe tu não tens que fazer isso com ela, esse mesmo moço que me fez fugir, tu não tens que fazer isso com ela, porque ela é muito pequena, só de tanto reclamar deu-lhe um tiro aqui mas ele não morreu.

Conheces alguém que foi mal tratada? Porquê?

Praticamente eu como gostava de conversar, ..., a menina mais velha era eu, eles não maltratavam assim as meninas, ..., os rapazes é que as vezes lhes davam "vocês tão a fazer o quê? Vão ter que queimar ai, aquele capim para poder sair rato, para poder sair animais grandes, vocês tem que ir, não sei quê", ..., nós também nos davam, "vão vão, cavar ratos!!" Quando queimassem ... assim uma picada, (picada quer dizer capim), assim queimavam e nós iamos pra cavar os ratos que entrassem nos buracos porque eles fugiam da quentura e entravam nos buracos e nós iamos la cavar ate chamavam-se kutola.

Conheces alguém que foi violada/abusada sexualmente/agredida/torturada?

Não, nenhuma.

Na minha familia teve muita gente, que uns até morreram lá na guerra, uns escreveram a dizer "estamos aqui agora temos 4 filhos" que até hoje nunca vimos as caras deles, uns ficaram mesmo lá, a maior parte da minha família, ..., um casal gémeo e mais três pessoas, foram uma irmã da minha mãe, outro sobrinho e um tio, foram os 3 lhes apanharam assim num sítio eles estavam escondidos os 3 foram-se, um deles já morreu os outros ficaram.

Durante esse tempo que estiveste lá (que foste raptada), tiveste contacto com a tua família? Com alguém conhecido?

Não tive nenhum. Sim era só o miudinho de 5 anos (era vizinho).

Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

Tentei muitas vezes, quando íamos a pesca, pegar peixinhos assim na água, tentamos muitas vezes mas nos apanhavam e davam-nos com uns soquinhos assim nos braços, ..., mas nós fingíamos "olha nós estávamos ai a ver gynguenga não é nada disso que estão a pensar, nós só íamos procurar algo para comer" graças a Deus disfarçávamos sempre.

Como é que saíste de lá? Fugiste? Preparaste a fuga? Como foi?

... Eles ficavam suspeitos, mas tinha que controlar em todos os lados, porque qualquer hora que a Unita pudesse chegar ao bairro raptava as pessoas e levava coisas e as senhoras ficavam mesmo atentas, eu fui aparecer no rio, ... a senhora tava no outro lado a tirar água, ela trabalhava assim, lavrava ao lado do rio, então, eu me lembro que foi uma época do cacimbo, ela ajudou-me atravessar o rio e levou-me até à minha mãe e a minha mãe disse "nós aqui já fizemos o ... óbito pensamos q tu morreste" abraçava-me e eu lagrimava tanto de tanta emoção porque eu pensei que nunca mais ia ver a minha mãe!

Não nunca mais, fugíamos juntos, eu ... pegava a minha irmã na mão fugíamos juntos e daí nunca mais fui raptada.

Vim com 14. Dos 11 aos 14 (andava sempre a fugir).

Como é que saíste de lá? Fugiste? Preparaste a fuga? Como foi? Com quem voltaste? Para onde voltaste? Com quem?

Tava sempre a fugir, sempre a fugir, até que certo dia resolvemos sair do município e viemos a pé até Lukala, ... a minha mãe ficou lá, vim eu e a minha irmã e mais um grupo mesmo, porque a minha avó lamentava tanto, ela dizia "o meu único filho deixou as duas filhas até hoje não encontro nem acho nem vejo ninguém, pelo menos que alguém tenha que dar este recado e mandar os meus netos, mas como havia muita guerra, a minha mãe já cansava de tanto ... sofrimento ... ela resolveu mesmo nos mandar, ela disse "eu sei que vou sofrer porque vocês ajudavam-me muito, sei que vou sofrer mas tem que ir

mesmo, porque tarde ou cedo um dia alguém pode morrer a culpa vai ser minha, por isso vão ter que ir, a minha mãe acompanhou-nos até a estrada, nos ai fomos com outro grupo, andamos em Lukala a pé dai pegamos um carro que nos levou ate Delatando e Delatando ficamos um tempo, ..., ficamos na casa de uma senhora ... e depois uma semana viemos ate aqui.

Como foste recebida? Como conseguiste vir até onde estás a viver agora (por onde passaste, estiveste em algum campo de acolhimento)?

Aqui quem nos recebeu a minha avó a mãe do meu pai mesmo.

Situação actual (casada/solteira/viúva)?

Casada não, tenho marido mesmo, vivo com os sogros, ..., até agora, ..., não consigo estudar também, por causa das condições, ..., o meu marido começou a trabalhar agora, taxista né, ..., praticamente depois não me tem ajudado por isso é que eu resolvi fazer o curso para depois puder trabalhar.

Quantos filhos tens?

Só 1 de 1 ano. Uma menina.

Sabes ler e escrever?

Sei sei. Fiz cá (8º ano).

Quais as experiencias da tua vida que têm mais significado para ti?

Mais significado foi quando eu vi a minha tia, ... o significado que eu achei é que quando eu vi a minha tia, ..., a irmã do meu pai, ..., batalhou tanto para nos ajudar, ela até conseguiu nos registar porque o meu registo foi aqui esse tempo todo que eu fiquei la não tive registo não tive nada praticamente eu não era, ..., cidadã, não fazia parte da sociedade, e graças a Deus até 2002 conseguiu arranjar uma cédula e comecei estudar e isso significa muito para mim, pretendo até trabalhar pra um dia ajudar ela.

A minha irmã também teve cá, mais tarde voltou com a minha mãe, ela ta sempre doente, em 2002 voltou com a minha mãe, tava la no mato fugiram mais da guerra,

guerra de 99, sim ela teve lá, porque em 98, o Savimbi morreu em 2002, sim em 98-2000 a minha irmã tava lá!

Achas que era possível não passar por isso?

Acho que era possível não acontecer, ..., porque sofríamos bastante, ..., nós tínhamos que contar com o sofrimento, até com a morte nos não contávamos que um dia iríamos viver, que um dia estaria aqui, ninguém mesmo contavam com isso.

Porque pensas que estas coisas todas te aconteceram?

Aiiiiii este sofrimento, ... só Deus sabe, não sei explicar.

Achas que a tua vida teria sido diferente se não tivesses passado por estas experiências (ter sido levada por militares)?

Sim sim sim eu creio que sim mesmo, a minha vida iria ser diferente, tanto da minha mãe como a minha também seria muito diferente, porque a minha mãe também tinha muita vontade até de aprender, se bem que ela fazia viagens, vinha pra cá ia pra lá vinha pra cá, mas ela tinha vontade de querer um futuro, mesmo eu também.

Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento (família, comunidade, amigos)?

Converso com a minha tia, ..., tem 37 anos, vivi com ela, ela como é amputada de um pé, ... foi um acidente, ..., só sei que foi em Agosto, no mês em que o Presidente faz anos.

Sentimentos.

Sonho muitas vezes que até ... que sonho com pessoas que já faleceram, sonho com aquilo que falavam porque vocês tinham que ser tratados, porque vocês estão a ser, ..., Tinha um soba do bairro que até nos perseguia muito tanto eu como a minha mãe porque praticamente a minha mãe era a única pessoa naquele bairro que sabia ler e escrever então lhe perseguiam tanto, que até lhe davam muito tipo de doença, doença muito, eu era pequena, apenas com 11 mesmo, 12 anos eu não conseguia assim, ... eu já ia na lavra,

já conseguia dar banho na minha mãe doente. De noite roiam-nos os ratos, mas quem enviava era o soba do bairro, enviavam-nos ratos para nos roer os pés.

Uma vez, ..., tem um animal assim que se chama kokadainto, aquilo até ... eu me lembro que parece que foi um rato, ..., saltou na minha barriga e só vi que mordeu-me e fugiu outra vez, ..., como eu tinha tanto medo de ratos então eu gritei "mãe olha rato ta me comer na barriga" comecei a chorar quando acordamos, como era casa de capim caíam muitas formigas essa formigas chama-se kissondi, caíam muitas formigas, ..., até chegamos ao ponto de ir dormir na casa de uma vizinha, ..., até de manhã quando voltamos em casa não tinha nada kissondi nem nada, mas todos os animais possuíamos em casa todos morreram, por perseguição!

E assim de noite quando saíssemos fora ... víamos coisas que não se podia ver, eu por exemplo via muita coisa mesmo, ..., lá não existe luz, ..., para conseguir ver algo na escuridão, tínhamos de por lenha, acendíamos caixa de fósforo, não havia candeeiro, nem petróleo nem sabão nem sal naquele tempo, porque ninguém vinha de Luanda pra lá por causa dos da Unita, acendia, ..., aquele alixote, chama-se alixote, um capim grosso, ..., acendi, não via assim, nada tinha, eu como tava com dor de barriga tive de sair fora, porque fazíamos as necessidades fora, no capim então ao sair eu só me lembro que vi uma luz! Eu vi uma luz, como nós vivíamos assim em cima, vivíamos em baixo, lá em cima era onde enterravam pessoas eu ficava com muito medo mesmo. Sai fora e vi aquela luz, foi mesmo na direcção do cemitério, ..., vi assim, ..., quando voltei de trás cai no chão, desmaiei mesmo lá no chão, desmaiei, a minha mãe, ..., como não tava a conseguir ela teve que sair da cama a rastejar e pegou-me no braço a chorar pensou até que eu morri a minha mãe a chorar chamou a vizinha, a gritar porque não conseguia sair de casa, ... pra ir para o outro lado, a gritar a chamar a vizinha e daí começou a chorar, atiraram-me tanta água que eu ressucitei, e aí já não me lembrei, perguntaram-me o que é que aconteceu eu disse não sei, não vi nada, não sei o que aconteceu.

Como pensas que pode ser o teu futuro? Como gostarias que fosse o teu futuro?

O meu futuro, ..., tou um pouquinho atrasada, tenho 20 anos, só fiz a 8ª tou um pouquinho atrasada. Porque ... vivo com o meu esposo mesmo, mas vivo na casa dos meus sogros, ele praticamente não me ajuda. Eu namorei 4 anos com ele, comecei a namorar

com 16 anos, o período também apareceu-me no mesmo ano também em que eu comecei a namorar, ..., namoramos 4 anos, fez os deveres, fiquei em casa dele, ..., assim o pedido como dizem, fez o pedido e a apresentação, mas não o casamento, tou ai na casa deles, às vezes os vejo que meus cunhados chateiam-se comigo, tem até a irmã dele mais velha tem 28 anos, sei lá, fala mal de mim eu às vezes humilho-me tanto por ela, mas ela tem falado mal de mim, apenas eu acredito que a minha sogra e o sogro gostem muito de mim. Mas a cunhada tem inventado coisas que eu as vezes eu rezo a Deus que me tire daquela casa, eu ajudo muito naquela casa, eu é que sustento todos, ..., tem o irmão mais velho dele tem 25 anos, ele tem 23, a irmã mais velha tem 28 anos tem um de 20 e um de 14, ... eu lavo roupa de todos, desses todos mesmo eu lavo, ... e no fim eles não tem agradecimento. Faço tudo por tudo, mas quando assim eles vêem a minha sogra como gosta muito de mim, porque ela viaja muito, praticamente eu é que estou a cuidar deles quando vem a minha cunhada como sabe que a minha sogra gosta muito de mim, ela fica a inventar coisas que as vezes eu não faço, mas quando me estiverem a ralhar eu não falo nada. Fico assim, sento num cantinho começo a lagrimar, as vezes chego ao ponto de pensar que eu tenho de me separar dele para ver se eu consigo estudar, consigo batalhar, porque isso que tá dentro de mim eu sou muito orgulhosa! Tá dentro de mim desde sempre desejei ter algo, não desejo ser muito rica né ou rica mesmo mas desejo ajudar os que precisam também, desejo trabalhar, estudar, e às vezes tou a ver que preciso mais e não esta adiantar nada, não esta.

Até inclusive eu fui , ..., falei mesmo com o pastor, como ele disse que também tavam ajudar as pessoas que não teem ninguem para lhes ajudar, para lhes apoiar e talvez se dirigisse a um sítio de tropas, como o meu pai foi tropa, FAPLA até, disseram que tinha que levar documentos e dizer lá, explicar para ver se consigo receber alguma coisa, mas eu até agora não consegui ninguém pelos menos que me possa dirigir lá.

Nunca conversei com ninguém, apenas a minha mãe é que conta a história, mas nunca conversei com ninguém, apenas com a minha tia converso de coisas que se passam comigo agora, sabem que algumas coisas também lhe contei só foi daquilo do quartel, como é que fugi contei mas nem todos os detalhes que te contei contei a ela, ... ,a minha vida foi muito difícil, não falava porque as vezes quando eu me lembrasse daquilo eu ficava a chorar, não conseguia mais falar.

ENTREVISTA 2

Como te chamas?

Eu chamo-me AS.

Quantos anos tens?

Tenho 33 anos.

Há quanto tempo estas aqui?

Ja estou iniciar mesmo nesse ano, este é o primeiro ano que estou a iniciar essa escola.

Como vieste parar aqui? Há quanto tempo estás aqui?

... Vim parar aqui, foi no tempo da guerra, ..., fui capturada pela Unita no tempo da guerra, então fui crescendo lá nas matas! Até esse tempo de paz é quando regressei até Benguela, de Benguela então, ..., no biscato do meu marido de procurar emprego então vim parar aqui!

Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Vim com o marido e os meus filhos.

Onde nasceste? Onde vivias?

Eu nasci no Moxico. ... Nasci lá e não vivi lá porque sai de lá pequena, ..., sai de lá com 10 anos. Sai lá mesmo por causa da guerra.

Quem te levou?

A guerra, ..., pela tropa da Unita.

Como é que saíste de lá? Como foi que te levaram?O que te aconteceu para saíres de lá?

Fui levada pequena com o meu pai. ... O meu pai foi morto e eu fui levada! Nós estávamos numa viagem em visita a uns familiares, ..., andamos a pé ... da cidade de

Luena para a Chikala, ..., a tropa da Unita, ..., mataram o pai e eu também no fim também me levaram, ..., mas não vi como foi muito pequena, não vi, não me apercebi!

Antes de seres levada da tua casa, estavas numa área do Governo ou da Unita?

... Era mesmo uma zona da Unita! Até esse tempo depois que veio a paz!

Houve mais pessoas que foram levadas contigo? Houve mais pessoas que foram levadas contigo? Quem? Conhecias?

Sim, foram levadas também, ... muitas, muitas moças, muitas crianças da mesma idade. Sim erámos familiares. ... Havia desconhecidas, ..., fomos separadas (as que conhecia).

Depois do rapto, onde ficaste?

Levaram mesmo nas matas, onde estive estudar, ..., estive a estudar no internato, ... onde estava a estudar até a 5ª classe, passei para a 6ª, ..., depois disso saí de lá, ..., até quando me vim casar com o meu marido.

O que aconteceu quando foste levada? Houve confusão, tiros, luta, ...?

Não não houve tiros, não houve, ..., Eles estavam escondidos numa erva, depois nos assustaram e saíram!

Durante as caminhadas, o que faziam?

A vida foi mesmo normal mesmo, eu estava a estudar, ..., as professoras (que ensinavam), ..., a ler e a escrever, ... na altura como fui moça ainda, só estava a estudar, fui apenas estudante, ..., só foi mesmo estudo mesmo.

O que fazias? Trabalhavas? Carregavas armas?

Não (carregava armas). ... Depois de estudar então fui à tropa, fui treinar até quando acabei. Com 15 anos (começou a treinar), ..., desde os 10 aos 15 estava a estudar, depois disso foi quando fui a vida militar.

Onde moravas? Com quem?

Tava mesmo assim, ..., num lar, ..., com meninos, meninas, todos ai numa casa grande, num lar, onde estava a viver, onde estava a estudar, depois disso fui escolhida para o campo militar, fomos treinar durante três meses, depois disso acabamos e tava a trabalhar mesmo assim numa vida normal.

Aí foste treinada para combater? Participaste em algum combate? O que fazias? Trabalhavas?

... Não (não combatia), ..., trabalho mesmo assim de senhora, ..., fui operadora, trabalhava com rádio, rádios de comunicações, esse é o curso que gostava de tirar no tempo em que estava a treinar, ..., mesmo para comunicar, ..., a tropa, era para comunicar, "umas estão nesse sítio outras estão lá", ... sim para se comunicar.

Quando não trabalhavam, o que faziam nos tempos livres?

Na altura pequenina foi trabalho normal de criança, lavar a loiça, limpar a casa, aprendi também a lavar roupa, a cozinhar. ... (Nos tempos livres) Cantava, dançava, ..., com outras meninas.

Quem mandava? Quem era o chefe?

Tinha um chefe, um homem, ..., mandava em nós todas.

Mudaste de nome?

Me chamavam mesmo Augusta, ... utilizava o nome do meu pai Salomão.

Viste alguém morrer, matar alguém? O que aconteceu?

Nunca vi, nem a matar ninguém, nunca ainda vi.

Conheces alguém que foi violada/abusada sexualmente/agredida/torturada? Porquê?

Nem bater, nunca vi, nunca, ..., nunca sofri castigo.

O que comias? Havia comida suficiente? O que comiam as crianças e as raparigas grávidas?

Tinhamos comida suficiente, ..., mesmo o funge, arroz, massa, carne, de vez em quando havia também crise mas não assim tanto! Sim pra todos (havia comida para todos)!

Existiam mulheres grávidas? Crianças?

Não (havia meninas grávidas), ..., só mesmo normais. Havia crianças também pequeninas. Tavam mesmo assim junto no lar, ..., não tinham mãe nem pai.

Alguma vez ficaste ferida ou doente?

Ia no hospital sim, ..., andar doente, ficar doente sim, mas ferida não. Com paludismo.

Quem cuidou de ti nesse período? Como eram resolvidos os problemas de saúde?

Doenças?

São as outras mesmo assim colegas, ..., davam-me medicação, davam ajuda, ... assim depois melhorava.

Engravidaste?

Nunca fiquei (grávida). Só fiquei com a minha primeira gravidez da minha filha que esse ano já completou 11 anos, a primeira vez, ..., com 22, ... estive já aqui no Huambo, engravidei depois ... daquela paz, da primeira paz que houve de 91, ..., depois disso foi quando deixei aquela vida que tava a levar, então fiquei grávida e depois me casei com aquele senhor.

Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

Não não fugi. Sai de lá mesmo oficializada, ..., era o primeiro namorado mesmo que eu tive. ... Ele foi militar (da Unita). Ele tinha 30 e tal anos (quando conheci), ..., eu tinha 18. ... Depois tavamoos mesmo no Huambo, depois do Huambo, Benguela, até que viemos parar por aqui.

Quantos filhos estão contigo neste momento?

Tenho 3 filhos, ..., duas meninas e 1 menino, ..., a primeira tem 11 anos, o segundo tem 8 anos e o terceiro já tem 4 anos, vai fazer 5 em Junho.

Tinhas amigas?

Tinha bué de amigas, tinha também amigos.

Sobre o que é que conversavam?

Conversava sempre sobre a vida mesmo, como se deve viver na vida.

O que mais gostavas de fazer?

Eu apenas gostava mais de estudar, eu gostava de mais estudo, mas depois fui traída quando me escolheram para ir aos treinos, ..., quando me escolhem para ir treinar para a vida militar. Para eles a vida militar não é uma escola de dizer que eu quero ir, eu queria estudar mas me escolheram eu tinha que ir.

O que menos gostavas de fazer?

Mas depois fui-me habituar ... (risos). O que eu não gostava de fazer? ... Nada me incomodava, tudo foi fácil para mim, ..., sim, em qualquer coisa que me dirigiam, que me mandavam fazer, para mim tudo foi fácil.

Conheces alguém que foi violada/abusada sexualmente/agredida/torturada?

Não, nunca, nunca aconteceu.

Arranjaste um namorado/marido? Como?

Aquilo foi entendimento né, conforme a vida de jovem, alguém quer de ti, então se você gostar podes! Senão poderes também você própria podes dizer que não, não posso.

Não pediu a ninguém, porque não tinha mãe nem tinha pai, estive só, ..., o entendimento foi entre nós os dois. Dizemos ao chefe qualquer outro dia (e ele disse que sim).

Durante as caminhadas, por onde andavam?

Sim, até mesmo assim, foi uma vida a pé, na altura ainda pequena, andei mesmo a pé; ..., a vida foi mesmo difícil, dormir assim no ar livre, ..., se tiver uma tenda você, esticar, esticavam, dormia aí se a chuva tava a cair se cobriam ... daquelas tais lonas. Tive 10 anos, ..., só uma vez mesmo (é que andou nas matas), ..., fui capturada em 82 e só saí de lá em 2001.

Alguma vez tentaste fugir?

Não, nunca.

Durante esse tempo que estiveste lá (que foste raptada), tiveste contacto com a tua família?

Nunca tive contacto, eu pela primeira vez esse ano foi quando consegui localizar os meus familiares. Estive mesmo sozinha, apenas sozinha.

Com alguém conhecido?

Sim (as vizinhas).

Para onde voltaste? Como foste recebida?

Me receberam muito bem, fizeram-me festa, dançamos, bebemos, ... (risos), foi muito bom, até foi surpresa para a família, choraram bué porque não contavam mais comigo! Tavam a pensar que já fui morta, porque quando me capturaram o pai foi morto e também como não tinham conhecimento de onde eu parava pensavam que também estava morta. Afinal quando me viram foi surpresa para eles. O meu marido como é muito simpático né, naquelas conversas ... de pessoas, ..., o amigo dele foi do Moxico e ele foi da polícia e naquela conversa quando disse que também "a minha mulher é do Moxico, foi capturada aos 10 anos" depois disso também a mulher dele afinal erámos vizinhas e como não me conhecia logo que cheguei em casa delas perguntou pela minha pessoa eu disse que "eu sou do Moxico" "és do Moxico! A tua mãe?" eu sentei, depois daí a mãe dela como estava presente é que me reconheceu "que essa miúda foi aquela que capturaram quando o pai dela foi morto", daí ela é que mandou a mensagem que "a vossa filha apareceu!". Depois disso o meu marido fez tudo, ..., naquele dinheiro que receberam na desmobilização, então me deu, lhe pedi então me disse que podes ir visitar, foi quando fui visitar os familiares. ..., Aqui tenho família, tenho irmã mais velha, que somos de pai, também tem mais outras famílias.

O que estas a fazer agora, como ocupas o teu tempo?

Neste momento não faço nada, estou com os meus filhos, em casa, não tenho emprego, estou assim, estamos a lutar para ver se é possível aqui, fazer o curso para que a pessoa possa merecer uma colocação, pelo menos um trabalhozito, para poder aguentar os filhos.

Perdeste algum filho?

Nunca, são os primeiros mesmo.

Sabes ler e escrever? Onde aprendeste? Com quem?

Sim sei ler e escrever. Até 6ª classe. (Aprendeu com as professoras na mata)

Quais as experiencias da tua vida que têm mais significado para ti?

O que mais me açoila (magoa) no coração? O que me açoila mesmo no coração, eu conforme me capturaram, porque eu era pequena, não sabia de nada, o meu pai foi morto mas eu ... não me apercebi que o meu pai estava morto, agora que a paz também veio né, gostava de ver os meus pais, mas agora o meu pai já é morto, isso é o que me açoila mais no meu coração!

O que pensas sobre o que te aconteceu na vida? Achas que era possível não passar por isso?

Pode acontecer né, depende do destino, às vezes é o destino dele, pode acontecer, não podia morrer pela guerra né, às vezes podia morrer mesmo assim de doença ou quê, tudo é possível.

Porque pensas que estas coisas todas te aconteceram?

Aconteceu mesmo por causa da guerra!

Achas que a tua vida teria sido diferente se não tivesses passado por estas experiências (ter sido levada por militares)?

... É possível. ... Se não fosse a guerra, se não fosse levada, estaria ao lado dos meus parentes porque, conforme a guerra me levou depois de lá estou grande me casei,

então tenho filho, tenho vontade de viver com os meus familiares né, mas não posso porque já tenho o meu marido, já tenho o meu lar, é isso.

Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento (família, comunidade, amigos)?

Tenho uma amiga assim. ... Vive perto de mim. ... Com o marido falo mesmo normalmente, conforme me bate dentro de casa quando tem os problemas, conversamos e depois ultrapassamos.

Sentimentos?

Não, assim mesmo ... já ficou ultrapassado porque o tempo já é muito. Os sonhos teem vindo de vez em quando, porque a mente é aquela, quando uma coisa foi passada nunca sai da mente as vezes você sonha parece que é mais daquele tempo passado, mas afinal não, é um simplesmente sonho. Às vezes sonho com o meu pai nem parece que esta morto, ... às vezes sonho com a guerra parece que nos tempos já passados conforme já vi depois assim que você desperta você vai ver que afinal era uma mentira.

Como pensas que pode ser o teu futuro? Como gostarias que fosse o teu futuro?

O que eu aproveitei de estudar, ..., o problema é dinheiro que a pessoa não tem, tem curso aí, as vezes a pessoa pode tirar né, mas o dinheiro não é possível, a pessoa não tem dinheiro, os familiares também por causa da guerra ficaram afectados, não tem nada, pelo menos para te dar ajuda, apenas confio em mim própria e no marido, porque se a pessoa tivesse dinheiro podia dizer que "posso tirar esse curso para que amanhã também possa trabalhar para ter pão para os meus filhos" mas por falta de dinheiro a pessoa não tem possibilidade.

Na escola sim, tenho na cabeça de conseguir alguma coisa.

ENTREVISTA 3

Como te chamas?

Eu chamo-me EPS.

Quantos anos tens?

Tenho 17.

Há quanto tempo estás aqui?

Entrei em 2005

Como vieste parar aqui? Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Eu sou órfã de pai e mãe, não tenho irmãos, vivo com a minha tia então aqui tão a tirar o curso de decoração, uma prima minha é que me disse "olha na Brace (nome da escola) estão a tirar o curso de decoração" então eu vim aqui, ... na Brace school, ..., eu não sabia ler, então eu vim comecei a tirar os cursos e também participei na escola e coiso, ... ai comecei a estudar, comecei a tirar uns cursos, agora já sei ler um pouco, agora tou a fazer a 4ª classe e também já tenho alguns alunos que tou a ensinar a costurar. ... Sim vim sozinha.

Onde nasceste? Onde vivias? Com quem vivias?

Sou do Kuanza Norte. Vivia lá com os meus pais , mas depois da guerra os meus pais faleceram, então a minha tia que vive aqui decidiu vir-me buscar.

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá?

Foi-me buscar por causa da guerra, a guerra era demais, depois não tinha família lá por isso é que ela foi me buscar.

Não não me lembro (dos pais). Com 10 anos (perdeu os pais, não se recorda). Sou a única filha.

A fome, correr de baixo para cima, a chuva, aquela coisa toda, doenças, não tem sal, óleo, por isso é que os meus pais faleceram.

Antes de seres levada da tua casa, estavas numa área do Governo ou da Unita?

Da Unita.

Como foi que te levaram? Quem te levou (Governo/UNITA)?

Foi um senhor,, um militar, ... sim tava com os meus pais em casa, ..., levaram os meus pais, aí eles foram, ficaram lá muito tempo, quando vieram vieram já doentes e acabaram por falecer. ... Morreram em casa ...

Houve mais pessoas que foram levadas contigo? Quem? Conhecias?

Tavamos numa mata assim onde tinha muita gente! donde me levaram. ... Houve mesmo pessoas que foram levadas, ... aí encontravam assim, sentavamos num sitio, é viver na mata sem sítio para dormir, não sei quê, uns estão aí ou estão aqui, com o correr da guerra, os tropas quando veem vos encontram vos levam.

Durante as caminhadas, o que faziam?

Fazíamos caminhadas, ... todos os dias a andar, todos os dias!

Houve mais pessoas que foram levadas contigo? Quem? Conhecias?

Não, não (conhecia ninguém)

Viste alguém morrer, matar alguém? O que aconteceu?

Morreu muita gente de tar adiantada, não conseguem andar, sede sem beber água! Aí caia mesmo aí, morreu, ficou vocês que estão vamos!!!

Sim vi os meus pais a morrer ...

Depois da caminhada/rapto, onde ficaste?

Ficava sempre nas matas, ..., andavamos mesmo por cima e debaixo, aquela chuva toda, ..., não sei quê, andar, ... quando ... lá escutaram que a guerra tava demais, a família que vive aqui, uma tia minha, um senhor disse "olha a miuda lá ta a sofrer muito

na guerra, é melhor fazer qualquer coisa para vir buscar", então aí nós fugimos ficamos numa igreja católica, ..., eu fugi mais algumas pessoas fugimos, ficamos na igreja católica, então tinha uma madre que não me conhecia mas era minha familia, eu não conhecia se era família, ela vinha sempre aqui e me trouxe, me trouxe até aqui.

O que fazias? Trabalhavas?

Era mesmo trabalhar, pegar na enchada não sei quê. Pisar bombom, ...

Carregavas armas? O que faziam as outras meninas, meninos, homens, mulheres?

Não, só limpava, ..., tinha mesmo que carregavam, ... se você não consegue dão chapada! Tem que fazer aquela coisa toda que eles mandam. Ai de você desobdecer te matam, fica mesmo aí!

Viste alguém morrer, matar alguém? O que aconteceu?

Sim sim, vi muita gente mesmo a morrer na guerra, matavam mesmo, outros enterravam vivo! Assim vivo, ou tá a refilar muito lhe dá uma chapada!! Lhe matam, lhe enterram, mesmo ai vivo!!

Existiam mulheres grávidas? Crianças?

Não, não, não tinha meninas grávidas, ..., algumas engravidaram lá e ficaram lá mesmo, ..., dos militares mesmo. ... Trabalhavam, ..., mesmo que estavam grávidas!

Quando não trabalhavam, o que faziam nos tempos livres?

Ai você tem que trabalhar, não pode porque não tem que trabalhar, tem que trabalhar e não pode dizer não pode ser criança como não, criança de 5 anos também já trabalha, pega na enchada, era muito sofrimento! ... Não, ... não tem tempo de conversar, ..., quando é tempo de conversar assim tem que ser assim todo o mundo a treinar a cantar esses cantos deles lá do mato, não sei quê, ... da guerra, a ensaiar, Jura, ..., essas meninas que andam ..., as meninas dos polícias, esses que vivem junto lá com a Unita.

Quem mandava? Quem era o chefe?

O chefe é que mandava! Era um senhor que mandava.

Mudaste de nome?

Não, o meu nome lá chamavam de Doroteia, ... quando cheguei aqui a família decidiu mudar. ... Os meus pais puseram foi Doroteia, ..., cheguei aqui tiraram o nome, lá na guerra me chamavam de Doroteia, os meus pais deram o nome de Doroteia, quando cheguei aqui em Luanda tiraram o nome de Doroteia, meteram já Eugénia, ..., não sei, ... dizem que Doroteia ... não tem espírito! Dizem isso, ..., (gosta mais) Eugénia.

Aí foste treinada para combater? Participaste em algum combate? O que fizeste/acontecia?

Sim também era treinada mesmo, ..., fazia assim: de manhã acordávamos, já távamos ... a ensair esses cantos lá da Unita, ..., iniciávamos as 7 e só acabávamos as 12, aí em cima da chuva, a guerra aí a vir, a combater, vocês aí a fugirem. ... Assaltavam as casas você tem que fugir, não pode dormir dentro de casa dormir, tem que dormir na mata! Aqueles todos os mosquitos, chuva em cima, ... dormir não pode dormir, se você dorme em casa quando eles vem te matam!

Viste alguém morrer? O que aconteceu?

Muita gente mesmo. ... todos os meus irmãos morreram na guerra, ..., nós erámos 10, só fiquei sozinha, todos morreram na guerra, ..., fomos separados outros foram aí outros foram aí, acabaram por morrer mesmo assim! ... Vivia com os meus pais e com os meus irmãos, ..., foi alguém nos buscar e aí ficamos separados. ... Só única, .. mesmo até agora já não tenho uma notícia de lá, até agora nem uma notícia!

Quantas vezes mudaram de um sítio para o outro?

Todos os dias! Se hoje estão aqui amanhã estão noutra sítio, se amanhã estão aí ... sempre assim, ... não já não lembro (quanto tempo estive lá), tinha 10 anos, eu vim aqui com 10 anos, quando vim aqui, ... os meus pais morreram mesmo já lá, (não se lembra que idade tinha quando os pais morreram).

O que comias? Havia comida suficiente? O que comiam as crianças e as raparigas grávidas?

Ahhh ... comíamos mesmo kisaka, funge, comida sem sal, ervas, ... mandioca, batata, é a comida mais daí do mato que nós comíamos, ... comíamos assim comida sem sal, sem óleo é só ferver tão a comer! Mesmo assim, ..., nós é que plantávamos. Não não havia comida suficiente, também não havia roupa, quem cozinhava são assim as pessoas mais adultas é que cozinhavam, ... a roupa que tá no corpo fica mesmo até que sujar tem que amarrar pano lavar secar vestir de novo! Havia muitas crianças mesmo, tinha muita criança. ... Sim comíamos todos a mesma coisa. ... Não tinha direito, é mesmo assim! A mesma coisa que vocês comem todos!

(Os militares) Tinha mulheres deles, faziam o mesmo também, foram levadas também

Alguma vez ficaste ferida ou doente? Como foi? O que aconteceu? Quem cuidou de ti nesse período?

Sim , fiquei doente, ... fiquei doente, ... era sarampo, fiquei muito doente, eu até pensava que já não ia existir mais, porque tava mal! Agradeço a uma irmã que foi me buscar, fiquei lá, ... passou a doença, tive no hospital quase um mês, ..., lá mesmo, quando nós fugimos já da guerra fiquei no hospital durante um mês! ... Uma madre! Nós aí erámos recebidas com as madres, as madres é que nos recebiam, recebiam aquelas meninas orfãs de pai e mãe, ... que vivem na guerra, que estão a fugir da guerra, elas recebiam, ficavamos lá.

Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

Fugimos da guerra, ... fugimos muitas vezes, ultima vez quando nós fugimos ficamos já nas madres. Aí não saíamos fora, só mesmo dentro do quintal, nas madres, ... se você sai fora eles quando passam te levam, tem que ficar mesmo dentro. Sim foi apanhada de novo. Castigaram-me muito! Aí quando eu fugi, da primeira vez quando eu fugi, quando me apanharam, castigaram-me muito!! Porque é que eu fugi, não sei quê, bateram-me muito mesmo!! Sim aí batem, batem com uns paus assim bem grandes, bateram-me muito, ..., fiquei doente, ... fugiu muita gente mesmo, ... nem todos apanharam alguns apanharam alguns foram mesmo, ..., Aí só matavam quem refileva, ... assim o chefe tá a

mandar e você não quer ele manda "mata essa aqui! Vai dar castigo nos outros!", ... tiros mesmo, ..., me metiam mesmo assim no meio!

Como fazias quando estavas com o período menstrual?

Não (ainda não tinha naquela altura)

Arranjaste um namorado?

Não, não.

Engravidaste? Quantos filhos tivestes?

Não, também não

Tinhas amigas? O que faziam? Sobre o que é que conversavam?

Amigas sim, tinha amigas, ... conversávamos sobre a vida, a escola, não sei quê, depois eu dizia mas será que a nossa vida vai ser assim nunca vamos estudar! Os outros em Luanda estudam mas aqui nós não estudamos por causa da guerra, não sei quê, assim. Nós falávamos devagar para eles não escutarem! "Vocês querem ir para Luanda fazer o quê?! Querem ser inteligente porquê?!" Tínhamos que falar assim devagar para eles não escutarem, ... e não podem tar assim todos juntos, se fica assim junto desconfiam o que é que "vocês estão a prometer querem matar ou quê?!"

O que mais gostavas de fazer?

Era só mesmo de trabalhar, mesmo aqui agora eu gosto muito de trabalhar! Trabalhar assim, ... lavras, não sei quê, plantar gynguba, não sei quê, mandioca, essas coisas.

O que menos gostavas de fazer?

Aí você não tem que gostar, têm que gostar com castigo, têm que gostar de tudo, faz de tudo! O que eu não gostava era ir no rio pescar! Mandavam pescar, ... eu não gostava pescar.

Qual foi a pior coisa que te aconteceu?

... Só já os meus pais que faleceram lá!

Como te sentiste? Fala-me um pouco sobre isso.

Senti senti muito, até pensei que já não existisse, não tenho família, eu já não andava mais quando os meus pais faleceram, ... foi mesmo ... os povos de lá é que enterraram. ... Sozinha mesmo sem os meus irmãos, nessa altura não sabia onde estavam, porque tavam na guerra! ... Com a guerra nós todos aí ficamos a pé, o tempo todo era fugir ou estão aqui ou quando ficam todos juntos amanhã tão aí! Fugiam assim! , Hoje tão na mata, amanhã saiam tão dentro de casa quando saiem dentro de casa vão direito na mata, não sei quê. Quando vai na aldeia quando volta "olha fulano lhe levaram, não sei quê!" Levaram todos juntos mesmo, ... depois aí a gente nos começaram a separar! Não podem ficar todos juntos! ... No segundo dia já, quando eles começaram a separar, ... assim, ... não podem ficar junto porque algum existe vão querer fugir, não sei quê, vão dar a ideia de fugir, começaram-nos a separar!

Como foi esse dia? O que aconteceu? Onde estavas? O que estavas a fazer? Fala-nos um pouco sobre esses momentos, sobre esse dia. Que idade tinhas?

No primeiro dia ... eu vi assim, eu disse "mas aqui, ... nós estamos aqui para fazer o quê?" eles dizem "cala boca!" não sei quê "tá a falar o quê?!" Eu chorava muito "porque é que nós estamos aí?... ", não sei quê, "... sofrimento é demais!" Depois via muita gente a ser batido! Não sei quê, a matar! Passava toda a noite a rezar ... a pedir a Deus que me salvem, me tirem daquele lugar!

A mais velha faleceu mesmo nas mãos da minha mãe, a mais velha ..., ela ainda tava lá, faleceu mesmo nas mãos da minha mãe. Fizemos a caminhada, ... aquela toda caminhada, aí as pessoas começaram a cair, era só morrer no caminho, tão aí "não liga deixa eles ficar aí!", ... Sim eu vi o meu irmão morrer mesmo assim por causa da febre, já não conseguia andar. Depois de um mês, um ano, ... Ele não conseguia andar, aí fomos, aí não comiam, não bebiam água, castigo é castigo, só trabalhar, o meu irmão morreu assim, na caminhada, ele caiu aí, ficou mesmo aí!

Falavamos, fálavamos mesmo, sim conversávamos "porquê que nós estamos aqui?" "porque é que somos castigavam?", "Será que em Luanda também é assim? Que sofrimento é esse? Mas quando é que vamos sair desse sofrimento? Estamos a sofrer muito!", ... ficavamos a lamentar muito! Depois quando eu vi ja o outro meu irmão, ... eu

tava sentada ele meteu a cabeça no colo aí ele pediu água, não tinha água para beber, ... quando eu fui buscar a água, ... bebeu a água, acabou por morrer no meu colo. ... O meu irmão tinha 9 anos, ... eu tinha 8 anos. ... Tinha 2 anos quando fui para lá nós crescemos lá, não sei quê, essa coisa toda ... Não me lembro com quantos anos eu perdi (os pais).

Conheces alguém que foi mal tratada/violada/agredida/torturada? Porquê?

Eram mesmo maltratadas sim, ... batiam, violavam, ... eu não sei porque é que acontecia isso, mas eu via muitas meninas a serem violada mesmo a força, pegava dois rapazes mesmo três, pegavam numa menina nós aí não devíamos falar nada, nos escondem, as crianças tem que lhes esconder, os mais velhos, as moças é que ficam, nós falavamos "mas porquê que é que nós estamos aqui? As outras não veem aqui porquê? Nos davam na boca! "Você falar muito!" Não sei quê, essa coisa toda. ... Falava mesmo com elas, ficavamos mesmo juntas, conversavamos, só ficavamos a chorar, a lagrimar, ... lamentar a nossa vida se um dia nós vamos sair daqui mesmo ou não vamos ter nada nessa cabeça!

Também te aconteceu o mesmo?

Não não eu ainda era criança, ... graças a Deus que nunca fui violada. ... Assim 18, 13, 12, violavam elas, mais crescidas.

O que aconteceu aos filhos que as raparigas tiveram nas matas?

Ai castigar os filhos tudo mesmo! O filho tá a chorar lhe mete ai tem que trabalhar! Ficavam grávidas mesmo lá com a Unita, assim com esses tropas, não sei quê, ... aqueles só fumavam liamba, vista bem vermelha, donde estão, sofremos muito! ... Ficavam grávidas, ... nas matas mesmo sem roupa sem nada! É rasgar panos para vestir os nenés! Se tem mais velha é assim que ajudam, ... as mais velhas (ajudam nos partos).

Durante a gravidez, tinham algum apoio médico?

Não, não, não! Aí não tem médico! Aí não há médico, é mesmos só vocês!

Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

Com medo? ... Tem que ter medo! Ta correr ta olhar atrás ver se tem alguém a tua trás. Fugi 2 vezes. Só apanharam 1 vez.

Como é que saíste de lá? Fugiste? Preparaste a fuga? Como foi? Com quem voltaste? Como conseguiste vir até onde estás a viver agora?

Vim com a madre, ... era uma tia minha. ... Fiquei doente, ... ja lá, ... depois a madre disse "não, essa menina acho que é minha família!", então tinha um senhor, o pai dela, ele disse "nós temos uma menina na guerra, ... a filha do nosso irmão", mas ela ficava assim "mas quem é? quem é?" quando ela foi me ver no hospital, ... o pai dela me viu e disse "é essa menina aqui " , "é essa???" , "sim ela como tem uma família aqui", disse "olha a menina lá ta a passar mal, ta na guerra, não sei quê, é melhor fazer qualquer coisa, ... dar dinheiro ou quê que é para ela vir", mandaram dinheiro, me trouxeram aqui. ... Sim mandar dinheiro, ... deixavam sair coma madre.

Vivo com a minha tia mesmo, até agora. ... Minha tia e a minha avó (que não conhecia).

Para onde voltaste? Com quem? Como foste recebida?

Me receberam tão bem.

Quantos filhos estão contigo neste momento?

Não (não tem filhos)

Sabes ler e escrever? Onde aprendeste? Com quem?

Tou tou aprender, ... gosto, de ler mesmo, ler e escrever (o que mais gosta), é a coisa que eu precisava muita quando eu tava na guerra, agora que eu já tou aqui. ... Dizem que uma mulher quando não sabe nada, assim que a guerra acabou agora todo mundo ta a vir estudar, por isso é que eu precisava, ... agora que a guerra acabou todo o mundo quer aprender a ler e escrever, se vem alguém na cidade.

Quais as experiencias da tua vida que têm mais significado para ti?

O que me toca é o sofrimento que nós passamos lá mesmo, ver os teus pais a morrerem na guerra, assim ... é o que me toca ..., até agora fico a pensar "mas será que a nossa vida só foi essa perder os pais tão cedo?", esse todo sofrimento que nós não tivemos carinho dos pais nem das mães, ...

O que pensas sobre o que te aconteceu na vida? Achas que era possível não passar por isso?

Eu acho que não era coisa de passar por isso, ... é muito, uma criança sofreu aquilo na guerra é muito!

Porque pensas que estas coisas todas te aconteceram?

Não sei porquê que aconteceu isso, ... era levar nós todos mesmo, não sei porquê que aconteceu.

Achas que a tua vida teria sido diferente se não tivesses passado por estas experiências?

Acho que não ia ser diferente porque era a mesma coisa também, aí todo o mundo era levado mesmo, pode ser como não, ... não são levada também o sofrimento é a mesma coisa.

Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento?

É a minha tia só mesmo, eu desabafo muito com ela, dou-me muito bem com ela. ... Ela tem 30.

Sentimentos.

Fico triste mesmo, fico a pensar na minha mãe, vejo os outros andarem com as mães, sim fico triste, os outros andarem com os seu irmãos, não sei quê, eu sozinha.

Não não, não acordo a gritar, ... eu já esqueci essas coisas ... já não penso mais nisso!

Como pensas que pode ser o teu futuro?

O meu futuro, ... eu penso é estudar mais, tenho que estudar muito para ter o meu futuro, se eu não estudar não vou ter nenhum futuro. ... Ser médica ou enfermeira, não sei quê, doutora não sei quê engenheira assim ...

ENTREVISTA 4

Como te chamas?

VHC.

Quantos anos tens?

Eu tenho 31.

Como vieste parar aqui?

Como é que eu vim aqui para a escola?? ... Então o aviso mesmo que nos deram, que há uma preocupação com as pessoas que sofreram e não tiveram oportunidade de aprender qualquer coisa. ... Aqui na escola? ... Aqui vi mesmo sozinha!

Onde nasceste? Onde vivias? Com quem vivias?

Eu nasci no Huambo, ... não não vivi lá, nasci no Huambo mas em 75 é assim que houve aquelas recuas e a minha mãe quando recuou já em 75 ela me levou nas mãos, porque eu nasci em 75, a minha mãe me levou nas mãos até nas matas onde eu cresci. O meu pai e a minha mãe morreram aí, na guerra. Depois dessa paz foi quando conseguimos já viver aqui.

O meu pai morreu em 80, ... e a mãe morreu em 99.

Eu assim que nasci em 75 quando as pessoas recuaram já das cidades para as matas, não sei quê, aquela coisa toda, ya. A minha mãe levou ja eu bebé nas matas, e cresci lá.

Antes de seres levada da tua casa, estavas numa área do Governo ou da Unita?

Era da Unita. (Os pais também foram raptados pelos militares da Unita).

Como foi que te levaram? Como foi esse dia? O que aconteceu? Onde estavas?

Fala-nos um pouco sobre esses momentos, sobre esse dia. Que idade tinhas?

O que aconteceu quando foste levada? Houve confusão, tiros, luta, ... ?

A vida é mesmo aquela aí, ... normalmente!

O meu pai quando morreu já tinha 5 anos ... e cresci com a minha mãe, até que morreu também, não tava mais com ele, ... foi quando a paz veio já, nós viemos aqui na cidade, a

minha mãe faleceu e eu não tava lá presente, só me disseram que "a tua mãe já faleceu". O meu pai quando me abandonou com 5 anos já quando morreu, cresci com a minha mãe mais tarde quando nos separamos já, através da guerra mesmo se separou com a minha mãe entramos já nessa vida de viver sozinha, até aqui estou. ... É mesmo a guerra! Aquela coisa de guerra. ... Tinha 15 anos (quando separou-se da mãe). Tinha, ... , as duas irmãs, mas também não vivem agora comigo, estamos também separadas, através da guerra, elas vivem ... na Zambia. É mesmo a guerra. ... (Viveu entre os 5-15 anos na mata com a mãe). ... Sim mesmo aquela coisa aí de guerra, mesmo tiros, não sei quê, as pessoas fugirem, não sei quê, ya. (Fugiu durante um conflito e nunca mais viu a mãe). Estava no Huambo, ... a mãe já não lhe encontrei já era morta, ... não (não presenciou a morte da mãe), ... me disseram.

O que fazias? Trabalhavas? Durante as caminhadas, o que faziam?

Sim levamos material mesmo assim para apoiar, ..., mesmo ajuda assim na comida, (panelas...).

Quem mandava? Quem era o chefe?

Tinha, mas isso ha muito tempo, já esqueço os nomes deles ...

Mudaste de nome?

Não.

Aí foste treinada para combater? Participaste em algum combate?

Não.

Tarefas desenvolvidas? Tarefas domésticas?

Durante o dia é mesmo assim, trabalhar mesmo assim coisa de cozinha, cozinhar não sei quê, ajudar as outras que as vezes está doente, não sei quê.

Viste alguém morrer, matar alguém?

Não.

Alguma vez tentaste fugir? O que aconteceu? Tiveste medo?

Não.

O que comias?

Mesmo funge. ... Com o conduto, mesmo assim ... folhas

Alguma vez ficaste ferida ou doente?

Sim, eu sofro de asma,

Quantos filhos estão contigo neste momento? Perdeste algum?

Tenho dois filhos, ... um rapaz e uma menina e assim tou concebida. ... A outra tem 9 anos e outro tem 5 ano, ta quase a fazer 6 anos.

Arranjaste um namorado/marido? Como?

Ele é que é o meu primeiro marido. (Conheceu no) Zambe, ..., juntei ... em 95. Tinha um namorado, coisas de brincadeira da nossa idade. Depois se conformei e já encontrei o marido

Engravidaste? Quantos filhos tivestes?

Não (engravidou).

Tinhas amigas? Sobre o que é que conversavam?

Sim, tinha ... conversavamos mesmo assim da vida, ..., quem sabe ensina a outra o que ela sabe.

O que mais gostavas de fazer?

Gosto de brincar, cantar, conhecer outras coisas que não conheço, ...,

Eu conhecia mais ou menos como é que se vive, como vizinha, como é que se vive com uma amiga, estudar como é que ela é, para você saber que a outra é assim, você tem ... primeiro tem que lhe estudar que a outra isso não gosta isso é que ela gosta para a vida ir à frente.

O que menos gostavas de fazer?

Coisa que eu não gosto na minha vida é que ... não faço uma coisa que eu não gosto na minha também não posso fazer ao outro.

Tudo gostava.

Qual foi a pior coisa que te aconteceu? Como te sentiste? Fala-me um pouco sobre isso.

Pior coisa mesmo é a guerra que afectou os nossos corações, levou os irmãos, as irmãs, ... e outras coisas, ..., assim mesmo através da doença as vezes a pessoa ficou doente ou tinha uma amiga íntima você a lhe ver assim mesmo que a fulana deixou a vida isso dói no coração.

Conheces alguém que foi mal tratada/violada/agredida/torturada? Porquê?

Não (não maltratavam, só ralhavam).

Ficaram grávidas assim já com os maridos delas, ja grávida assim já com o marido.

Durante esse tempo que estiveste lá (que foste raptada), tiveste contacto com a tua família? Com alguém conhecido?

Não (sem contacto familiar). ... Não tenho contacto, só um meu tio que tinha ido é que me disse que eles estão lá, mas até agora não tenho ...

Tenho duas irmãs (mas não sabe delas).

Alguma vez tentaste fugir?

Não.

Como é que saíste de lá?

Foi mesmo da paz, ... saímos já de la para a cidade. (voltou com o marido)

Para onde voltaste? Com quem? Como foste recebida?

Quem nos recebeu é mesmo o governo que nos recebeu me recebeu bem. Viemos doente, nos deram medicamentos até que ficamos bom.

Situação actual? Com quem vives?

Vivo com o meu marido, mas ele não vive cá, está distante de mim, lá no Cafufu, ... trabalha mesmo lá , ... assim mesmo tou sozinha, ... tenho um filho só o outro ta lá com o pai dele, ... é biscato não é mesmo trabalho assim sério.

O que estas a fazer agora, como ocupas o teu tempo?

Durante o dia, ando ... se ajudar assim, compro às vezes 1 saco de fuba para conseguir sustentar o meu filho.

Sabes ler e escrever? Onde aprendeste? Com quem?

Sei um bocadinho, ... nas matas (aprendeu nas matas com professoras). ... Na 4ª, o tempo é demais, umas coisas esqueceu.

Quais as experiencias da tua vida que têm mais significado para ti?

O que me toca, ..., penso, ..., é mesmo uma dor, é uma dor, aconteceu é guerra vou fazer o quê, é de livre vontade ... Se não houvesse guerra poderia ficar também num sítio bom, teria a minha casa, estudava bem, mas através da guerra é que separou.

Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento?

Nesse preciso momento, então, só mesmo o marido eu não tenho família, não tenho mãe, não tenho irmã, tou sozinha, por causa disso é só mesmo o marido.

Sentimentos.

O que aconteceu com a guerra, ... rezo um dia também ser também alguém e ultrapassar isso tudo que se passou, ... sonho também um dia para mim, também viver bem , Deus me olhar para viver bem, porque aquilo que aconteceu é guerra! Agora já não Se pensar sonho, ..., sim não gosto (de falar sobre a guerra), tenho medo disso.

Como pensas que pode ser o teu futuro? Como gostarias que fosse o teu futuro?

O meu futuro, eu penso um dia também aprender qualquer coisa para mim tirar um curso para mim trabalhar, para dar de comer aos meus filhos, porque não tenho família.

ENTREVISTA 5

Como te chamas?

Chamo-me OC.

Quantos anos tens?

Tenho 28 anos de idade.

Há quanto tempo estas aqui?

Eu já estou aqui ... há 10 anos, ... aqui em Luanda, primeiro estive no Moxico quando eu saí no mesmo município onde se passou a guerra, mesmo lá no Moxico, no Município do Alto Zambeza no Kazombo e ... fiquei uns anos dentro da província do Luena saí de lá a procura da família da meu pai. Estou aqui há 10 anos.

Como vieste parar aqui? Há quanto tempo estás aqui?

Vim parar aqui através mesmo da guerra, como a minha mãe faleceu, não tinha com quem eu vou ficar, ninguém que me vai orientar, ainda era pequena e tinha que vir procurar a família do meu pai.

Onde nasceste? Onde vivias?

Eu nasci no lá Alto Zambéza no Moxico mesmo. Desde a minha nascença até aos 13 anos.

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saires de lá?

Lá saí através da guerra! Quando a minha mãe faleceu, a minha mãe morreu em 90, ..., eu na altura tinha praticamente 16 anos, ... ya é assim.

Como foi que te levaram? Como foi esse dia? O que aconteceu? Onde estavas? O que estavas a fazer? Fala-nos um pouco sobre esses momentos, sobre esse dia.

Que idade tinhas?

Eu aos 13 anos ... porque na altura eu estudava, estagiava no hospital militar, ... com 13 anos, estagiava no hospital militar, então aquilo começaram a nos perseguir, nos inimigos, começaram a nos perseguir dizendo que "aquele trabalhou com a tropa é do

governo", então eu com aquilo com medo no qual até fui convidada numa festa que eles tinham realizado ... numa comuna distante mesmo no Lusungo, quando o falecido Benben vinha, me levararam pra ir lá dizendo que "você não anda assistindo nem a festa nem reuniões, não participa, por isso hoje mesmo viemos te convidar pra você ir lá, assistir a nossa festa" vim falar com o meu pai, o meu pai disse "não você disse não pode ficar dura, vai lá assistir é normal vai só", fui pra lá, assisti à festa e com aquilo de medo, eles já começaram a me perseguir, eu fuji lá, e viemos já a pé sai lá no município do Alto Zambeza até dentro da provincia do Moxico a pé! saímos de lá dia 27 de Maio e chegamos dentro da provincia do Luena que é no Moxico dia 9 de Junho, ... dia 9 de Junho a pé! Pronto cheguei na minha familia me acolheram e lá sempre fiquei. É assim que eu saí lá depois de um tempo entendi que já era grandinha sai lá vim a procura de outra família do meu pai então aqui em Luanda já. ... Eu estive lá, estive lá depois de realizar a festa acabando a festa, viemos juntos com eles ... saímos lá juntos viemos até dentro do município e eu já com aquele com medo eles começaram sempre a perseguir me convidar eu fugi lá já com medo organizamos um grupo saímos lá a pé viemos dentro da provincia, ... 2 semanas mais até ... andar a pé, ... erámos mais gente erámos muita gente cerca de 9 a 10 pessoas ... erámos só nós sozinhas. Chegamos a casa da familia nos receberam bem e ... sempre continuamos já aqui em Luanda não temos onde vamos ir ... não ... estudamos já nada e perdemos porque aqui para estudar a pessoa tem que ter dinheiro tem que ter documentação e a pessoa não tem nem documentação não teem nada, tamos só assim então como disseram os que eram filhos dos tropas que combateram para garatirem aqui o lugar para poder se formar né, para não ser só doméstica assim, ... então estamos aqui para podermos ver isso as vezes a pessoa vai aprender qualquer coisa que amanhã pode ajudar no futuro.

ENTREVISTA 6

Como te chamas?

Chamo-me D.

Quantos anos tens?

Tenho 16 anos.

Há quanto tempo estas aqui?

Eu já estou aqui ... aqui em Luanda? ... Desde 90.

Estivemos em Dalatando e com a guerra e tal ... no Kikolongo saímos do Kikolongo, chegamos Dalatando, fugimos prontos da guerra, nas matas comemos comida sem sal, comida sem sal ... ya.

Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Vim com a minha tia.

Onde nasceste? Onde vivias?

Dalatando, ... Kuanza Norte. Sim vivia lá mas fui parar através de guerra.

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá?

Tinha 8 anos. ... Mas saímos mesmo lá a rasca no caminho, tudo bem apertado ... tem de ficar no carro calado, não pode fazer barulho!

Com quem vivias?

Com os meus tios, ..., o meu pai morreu, a minha mãe ... já separou há muito tempo desde que o meu pai morreu, sim estou sempre com os meus pais (tios) eu vim com eles desde o Kuanza Norte (com os tios) ... sim chamo (tios) de pais já porque foram eles que me criaram, (já está com os tios desde) 8 anos mesmo. E quando o meu pai morreu quando eles me receberam também ... e estou com eles até hoje. (O pai morreu na guerra) Ele lhe agarraram como assim, era aquela rusga, ya ... até os homens foram

amarrados no pênis ... com tijolos, as mulheres violadas até uma das minhas tias também lhe violaram mesmo aí ... com maridos, Quando tava mesmo com o meu pai ... quando os polícias vieram eles levaram na mata, ... só a minha mãe! Eles só agarravam mais homem, mulher violavam! Depois disso escutamos que o meu pai morreu, ... só fizemos já o óbito.

Eu tava com as minhas tias porque lá eu só escutei que "o teu pai morreu onde lhe levaram, morreu" ... eu estava com os meus tios, já não vi mais. Não não lhe levaram (a mãe), ... tava assim num bairro, mas também as vezes se encontravamos separavamos.

Não, nunca me levaram, não, ... era pequena, ... eles só recolheram mais assim ..., assim da minha idade porque eu não tava assim com essa idade, lhe recolheram assim mais ... 16 anos pra cima. Sim (sempre viveu com os tios) mas sempre mesmo a fugir! Às vezes não dormem! ... Passam de noite nos rios, sempre a passar nos rios, e voltam, ... fome! Não havia fuba, sal, memo kizaka (as folhas de mandioca) é só ferver! Sem sal só com água.

ENTREVISTA 7

Como te chamas?

Chamo-me DV.

Quantos anos tens?

Tenho 20 anos de idade.

Há quanto tempo estas aqui?

Já estou aqui ... háaaaa 12 anos.

Como vieste parar aqui?

Vim parar aqui porque o meu marido me mandou de lá para cá. Mas a guerra passou mesmo lá!

Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Não ... vim sozinha.

Onde nasceste? Onde vivias?

É mesmo no Kuito, ... Kuito do Bié, Kuito, Bié, ... (vivia) no municipio do Kunhinga, dentro do municipio do Kunhinga, ...

Como é que saíste de lá? O que te aconteceu para saíres de lá? Com quem vivias?

Sai lá já antes da guerra já cessar, ... vim já com o meu cunhado, ... vim já aqui, ... porque o meu marido vive já aqui há muito tempo ... sou da guerra, eu ... me passou mesmo lá até quando passou.

(Vivia com os pais e com 4 irmãos, ela é a mais velha). Eu é que sou a primeira da minha mãe.

Não (não foi separada dos pais).

Vim para aqui porque ele é tropa, ... do governo.

Não, não (nunca foi raptada)

Todos vivem lá no Kuito (a família).



ENTREVISTA 8

Como te chamas?

Eu sou a MSA.

Quantos anos tens?

Tenho 24 anos.

Há quanto tempo estas aqui?

Tou aqui há 1 ano.

Como vieste parar aqui?

Vim acompanhar a minha irmã que queria fazer o curso de culinária aqui nessa escola. Então encontrei a D^a Augusta, ... tava assim a ver umas senhoras ai... então perguntei o que essas senhoras vêm fazer o quê, não essas senhoras vêm estudar, disse não eu também tou crua não sei ler nem escrever então vou-me entregar já nesta. E comecei a vir. ... Eu vim matricular a minha irmã menor, ela como sabe ler e escrever, vim matricular ela mas depois encontrei umas senhoras a virem para aqui para a escola, elas disseram tão a dar o ensino de adulto, ya.

Onde nasceste? Onde vivias?

Sou do Huambo. ... Sai de lá pequena com 5 anos.

Como vieste parar aqui? Como é que saíste de lá?

Não sei explicar. ... Acho que foi por causa da guerra.

Vieste para aqui sozinha ou com outras pessoas?

Vim com os meus pais, ... viemos para aqui (Luanda).

O que te aconteceu para saíres de lá?

Acho que era mesmo por causa da guerra.

(Nunca teve separada dos pais).

Para onde voltaste? Com quem? Como foste recebida?

Aqui não tinha família. Tivemos na casa de renda, de aluguer.

Não estudava porque não havia possibilidade, ya, cresci assim e só agora é que me entreguei. ... No ano passado também me entreguei no curso de culinária, pastelaria e decoração. Não fazia nada, ... (vivia com os pais, o pai era o único que trabalhava para sustentar a família, tem nove irmãos)

Sabes ler e escrever? Onde aprendeste?

Já, ... aprendi no ano passado aqui nessa escola. ... E não há nada melhor do que aprender a ler e escrever.

Situação actual? Quantos filhos estão contigo neste momento?

19 anos (casou-se). ... Tenho três filhos, ... duas menina e um rapaz, ... tem a Silvia, tem o Rafael e tem a Carina, ... a primeira tem 5, o segundo tem 3 anos, ... a terceira tem 1 ano e 9 meses. (todos filhos do mesmo pai, vivem os 5 numa casa, o marido é o único que trabalha).

Como pensas que pode ser o teu futuro?

Epá vou avançar mais um bocadinho nos estudos, vou continuar a estudar. ... O que eu penso fazer ... depois vou tirar um curso de secretariado.

Como gostarias que fosse o teu futuro?

Muita coisa! ... Epá mudar de vida! Ser alguém! ... Estudar mais ...

Em quem confias mais para te proteger e apoiar neste momento?

Aqui tenho (muitas amigas). ... Uma colega também minha que estudou comigo no ano passado, ... com o marido mais ou menos porque esses maridos d'agora! É um problema

sério. Tem 28, ... ele é marceneiro, trabalha na Cidadela, ... (relacionamento) mais ou menos, tem tem (mais namoradas) isso não falta.

Saber viver direito, saber cozinhar direito ajuda

Veio com os irmãos todos, juntamente com os pais, mas nunca foi separada.

ANEXO II – Entrevista à Secretaria Provincial da OMA

Entrevista a Eulália Rocha Silva (funcionária pública, secretária provincial da OMA)

Como caracteriza a mulher e qual o seu papel na sociedade angolana no período pré e pós guerra?

A mulher angolana desde os tempos mais remotos sempre teve uma grande participação a nível da sociedade. Ela esteve sempre lado a lado com o seu companheiro, quer na luta de libertação nacional quer na reconstrução do país. Na luta de libertação nacional a mulher acompanhou, ... , acompanhou, os ... , aqueles ... , os homens que lutavam pela libertação nacional ajudando não só na questão de ... tentar ... fazer comer, tratar da roupa, e ... mas também agarrando em armas para que pudéssemos ... para que se pudesse libertar o país que é Angola. Entretanto como mãe para além deste trabalho que a mulher angolana tinha nas matas também como mãe tinha o seu papel, ..., tanto ajudava os guerrilheiros como também tinha que cuidar dos filhos. Estes filhos que ela tinha na mata, ... não saíram de lá analfabetos, também beneficiaram da alfabetização porque era o que se fazia a nível das matas, já se trabalhava só para alfabetização, ... havia o ensino da alfabetização. A Organização da Mulher Angolana que é a OMA, ganhou um prémio sobre alfabetização ainda na mata pelo seu papel que desempenhou na alfabetização ... dando alfabetização aos guerrilheiros. Este trabalho era feito pelas mulheres a nível da mata. Postos na cidade em 1975 depois 25 de Abril, as mulheres continuaram a participar até que alcançamos a nossa independência apoiando os guerrilheiros que tinham vindo da mata e também apoiando os mais jovens. ... Após isso quando houve o reconhecimento da guerra nós continuamos a trabalhar ... mas ... já ... não só no sentido ajudarmos mas no sentido da reconciliação, da animação dos espíritos ... mas continuamos sempre a trabalhar. Hoje que atingimos a paz, as mulheres estão ..., além de atingirmos a paz, aliás antes de atingirmos a paz a partir de 1989 com o multipartidarismo houve uma grande explosão em Angola ... sobre as organizações não governamentais.

Antigamente existia apenas uma organização que era a Organização da Mulher Angolana mas com o multipartidarismo houve uma grande explosão de outras organizações de mulheres. Hoje temos p'ra cima de mais de cem ONG's, ... existem muitas ONG's, ..., a OMA existe desde 1962 e temos outras organizações, ... para além não só de organizações de vários ramos temos também duas redes em Angola, que é a Rede Mulher Angola e a Rede de Mulheres Ministras, a Rede de Mulheres Ministras é de parlamentar de Mulheres Ministras. Esta Rede de Mulher Angola é uma organização na qual fazem parte mais de cinquenta organizações de mulheres e não só, ..., mais de cinquenta organizações de mulheres e não só, ... é através desta organização que estas cinquenta organizações estão tuteladas e é daí que nós trabalhamos quer dizer cada organização trabalha mas esta Rede Mulher existe para troca de experiências, ... para alguma orientação dos trabalhos principalmente na formação das organizações de mulheres que existem. Fazemos a capacidade institucional das organizações femininas e não só das ONG's que ... esta rede de mulheres tem, é uma organização que é bastante forte, neste momento é uma organização bastante forte. A mulher angolana na sociedade ... conseguiu-se com que as mulheres se dedicassem mais à sua educação. Com a independência houve uma grande explosão para a educação. É vermos que nas faculdades ou universidades o maior numero de estudantes são mulheres, ..., e até não estaria errar se lhe disser que em muitos ramos da ciência, ..., as ciências como é o caso da psicologia onde a maior parte são mulheres. Entretanto houve uma grande explosão para isso; em relação ... ao emprego está um bocado difícil porque é preciso haver mais formação, mais formações, ..., e eu queria dizer-lhe que ... as mulheres muitas delas também (estou-lhe a falar do emprego) com o emprego que tem, com a falta de emprego elas tiveram que ir (muitas tem formações) e tiveram que ir para o sector informal. As mulheres angolanas são mulheres que têm de mostrar que tem uma grande capacidade no sentido da educação dos seus filhos. Elas hoje são chefes de famílias e não estão de mãos cruzadas; há mulheres que conduzem famílias porque os salários da função pública são muito exílios e então são as mulheres que estão no sector informal que trazem pelo menos algo para que se

possa fazer uma refeição digna nas suas casas. Houve um grande acesso de educação e também muitas mulheres hoje já estão no sector empresarial. Hoje já existe uma federação de mulheres empresárias em Angola. Começou-se com uma ONG só de mulheres empresárias, mas hoje há federação sobre isso. Há muitas mulheres que estão muito dedicadas em Angola aos pequenos negócios. Não estão só à espera nesse aspecto. ... No meio rural ... já foi melhor, ..., no meio rural, no meio rural já foi melhor e a organização na qual eu pertenço sempre trabalhou, ... a sua base social está mais instalada no meio rural, sempre deu apoio às mulheres do meio rural, mas as mulheres do meio rural precisam muito mais de serem apoiadas e até à década de 80/90, o ano de 97, o meio rural estava mais ou menos estável, mas temos estado a lutar, embora muitos esforços nós temos estado a fazer mas não está tão forte como nós pretendíamos por todo esse trabalho que nós temos feito, o meio rural deveria estar mais forte se tivesse mais apoios. Tem muita falta de apoios por isso o meio rural, como eu lhe tava a dizer, está um pouco decadente na minha maneira de ver. Mas pronto, com a paz que nós conseguimos a partir de 2002 e com as vias de, ..., com a livre circulação de pessoas e bens, as mulheres tem-se tornado outras pessoas perante a sociedade, tem apoiado mas ainda temos um caminho muito grande para percorrer. As crianças, em relação as crianças, as crianças precisam muito mais, principalmente aquelas que estiveram afectadas pela guerra. Mesmo Luanda que não teve guerra, mas também sentiu as vicissitudes desta mesma guerra, é só termos em conta que somos 14 milhões de habitantes, 4 milhões de habitantes vivem na cidade de Luanda e então só isso significa dizer que as pessoas vão para onde encontram maior estabilidade e possam sobreviver! Então as crianças ainda embora exista o Instituto Nacional da Criança mas ainda não conseguiu albergar as necessidades de todas as crianças. Tem se feito alguma coisa mas eu achava que se devia fazer mais em relação as crianças e ... as crianças são as que mais sofrem porque ainda temos muitas crianças fora do ensino ... da educação, ainda temos muitas crianças em todas as províncias, mas é uma questão que está sendo ultrapassada, tem se estado a sentir melhor em algumas províncias, ..., as coisas tem estado a melhorar como é o caso de Cabinda, ..., as coisas tem

estado a melhorar e ... acho que muito ainda se tem a fazer em relação à criança, a criança ainda não tem aquilo, aquele slogan que diz: "dê à criança tudo aquilo que ela merece!" ainda temos que trabalhar muito para as nossas crianças. Já não temos crianças a deambular pelas ruas como tínhamos mas ainda precisamos de fazer muito para conseguirmos tirar estas crianças que ainda se encontram na rua. Assim como as mulheres que também passam o dia na rua a perruar e muitas vezes elas vão para as suas casas e não conseguem levar algo de concreto para sustentar as suas próprias famílias. Temos muitas, são as zungueiras, ..., passam todo o dia na rua com diversos produtos ... para mim aquilo é muito cansativo e é desprestigiante para a mulher!

Em termos de alimentação nós temos ainda algumas crianças subnutridas, estão desnutridas as crianças, ..., mesmo em Luanda, ..., temos um hospital até que trata destas mesmas crianças sobre nutrição, ..., onde as crianças passam o dia, ... não é aquele grande fluxo como tínhamos mas ainda temos! As coisas estão caminhando mas estão num caminho muito lento ainda. Em termos de vestuário nós conseguimos inundar o país com os fardos, ..., e os fardos no sector informal são muito baratos, ..., em termos de vestuário não tanto, porque uma pessoa com 100 kwanzas é capaz de comprar algo para tapar a nudez, não para agasalhar, para cobrir, mas para tapar a nudez é possível e até mesmo para agasalhar não para a vaidade mas para tapar a nudez é possível. Mas estamos a ver em termos de alimentação e em termos de educação é preciso e neste aspecto as crianças, as raparigas, as jovens do sexo feminino são muitas penalizadas, isto porquê? ... Porque em Angola, e em qualquer parte do mundo, há o problema da separação dos casais e então quando um casal se separa quem paga são os filhos, as vezes o que é que acontece? Na maior parte das vezes o que é que acontece? As mães têm que ir trabalhar para ganhar o pão então a irmã mais velha é que tem que ficar com os outros irmãos. Ela quando ... aquela hora que tem que ir para escola tem que fazer o almoço e ajeitar os irmãos dando-lhes de comer e tratar da casa, muitas vezes não consegue ir à escola está a perdendo aulas, mas a idade vai passando, ela não fica sempre com a mesma idade e também nós não sabemos com quem é que ela está a conviver durante o dia, ai

também as muitas vezes aparece as gravidezes precoces e então as raparigas são as mais penalizadas porque acabam por nem sequer fazer a 8ª classe que é o base! O base para nós é a 8ª classe e muitas vezes as raparigas acabam por não fazer a 8ª classe estão grávidas tem que desistir, vêm os filhos, e as vezes as pessoas com quem fazem os filhos chegam a uma altura que não querem saber porque "*a minha ideia não foi ficar com ela, namorei com ela sim senhor*"mas ta grávida então ainda são as mulheres que mais sofrem sobre isso.

Que sentimentos, atitudes, comportamentos manifestam as jovens vítimas de guerra?

Estas mulheres e crianças que foram vítimas da guerra ... elas tem um sentimento que não é muito agradável nem pensam naquilo que passaram porque houve um retrocesso na vida delas. O tempo todo que elas tiveram a participar ou que estiveram no carcer ou que estiveram no conflito e isso fez com que a sua vida atrasasse! Elas não conseguiram estar nas escolas, não conseguiram trabalhar, então houve um retrocesso na vida dessas raparigas, ..., muitas delas estão se esquecendo que tiveram este passado e tocaram para a frente mas nem todas as pessoas pensam da mesma forma e conseguem ultrapassar isto. Ainda existem alguns traumas que estão sendo ultrapassados sobre estas mesmas pessoas. Há pessoas que já conseguiram inserir-se na sociedade, e pronto ... , muitas pessoas tem ajudado estas mesmas pessoas principalmente as ONG's, embora que com a paz houve uma grande diminuição em relação as ONG's, principalmente as ONG's estrangeiras deixaram muitas delas de cooperar porque pronto já não há guerra ... não há essa necessidade mas eu penso que a necessidade existe ainda e as pessoas ainda precisam mas as próprias ONG's angolanas que também tem poucos recursos tem procurado ajudar e mesmo pessoas ... e mesmo pessoas que são boas pessoas tem procurado ajudar a estas pessoas, mas os traumas ainda existem nestas mesmas pessoas. Agora eu acho que as pessoas tem-se estado a inserir para encontrarem aquilo que é melhor para cada um de nós que ainda vai ser difícil mas muitas delas já se estão a inserir sobre isso. Em relação, ... nós temos procurado

sensibilizar estas mesmas pessoas ... e sensibilizar e ajudá-las principalmente há pessoas que acabam por vir as grandes cidades e depois não se adaptam. Sempre que procuram há pessoas que ajudam no seu regresso e muitas vezes com recomendação para que as possam inserir no mercado de emprego nas suas respectivas províncias, que ainda é um processo lento também, este processo também ainda é lento. ... Reencaminha-las, procurar emprego para elas inseri-las na sociedade. Acredito que devia haver um mecanismo para ajudar estas mesmas pessoas, embora tenhamos a reinserção social mas a capacidade não é grande ainda para reinserção destas mesmas pessoas. Talvez nas grandes cidades, e quando estou-me a referir a grandes cidades tou-me a referir a Luanda que é mais fácil ainda, porque nas províncias é um bocado difícil mas tem-se feito esse trabalho ... na medida do possível tem sido feito esse trabalho.

Por exemplo o Kuito foi uma província muito sitiada, o Huambo também foi mas o Kuito foi mais sitiado então a reconstrução lá também tá sendo lenta mas tem se estado a fazer alguma coisa principalmente no sector ... no aspecto do campo, no aspecto do campo, porque também temos que ver as probabilidades de cada uma das províncias no aspecto do campo. As pessoas tem-se inserido e também em termos de educação as pessoas procuram aumentar o seu nível cultural.

As pessoas ... nasceram no campo e então com o problema da guerra depois que houve a paz, e mesmo sem a paz há sempre aquelas fugas e as pessoas conseguem fugir. Agora muitos em conformidade com as províncias tem estado a regressar, embora também seja um regresso lento. Eu costumo dizer que em menos de 10 - 15 anos as coisas não se vão se compor mas tem um regresso lento e as pessoas tem estado a ir para as suas províncias de origem.

Muitas, como eu disse de princípio, tentam ultrapassar este trauma que tiveram mas outras é preciso ... tem se estado a trabalhar com elas, mas as marcas ainda existem! Ainda existem as marcas! Mas os angolanos acho que ... é um povo pacífico e dentro do espírito daquilo que lhes é orientado elas tem estado ultrapassar estes traumas da guerra. Tem estado mesmo a ultrapassar, é conversar com elas e vê-se realmente que tem estado a ultrapassar, ... porque o sentimento de guerra e como

nós estamos na reconciliação nacional nos temos procurado não falar só da guerra mas falar daqui p'ra a frente, o que é que é melhor para cada um de nós. Estamos a tentar esquecer o que foi o passado para falarmos na reconstrução e para falarmos daqui p'ra a frente o que é que pretendemos! Eu acho que é nesta base.

Este acompanhamento, como eu disse, ... há ONG's e nas ONG's existe um pouco de tudo ... quer os psicólogos, os sociólogos, os médicos, juristas então cada organização ali onde puder actuar faz esse trabalho, sensibiliza as pessoas para esquecermos as marcas, para esquecermos o passado e nos virarmos para o presente e futuro. Isto é o que interessa! Então o trabalho é feito este trabalho de sensibilização e aliás há mesmo activistas comunitários, além das ONG's tem activistas comunitários e eles levam a mensagem, levam a mensagem para as pessoas e trabalham com elas de forma a poderem inseri-las num movimento da sociedade. ... Sim tem havido resultados positivos, tem havido resultados positivos, ..., pronto mas precisamos de trabalhar mais no aspecto da solidariedade existe mas precisamos de trabalhar mais sobre a solidariedade ... e normalmente inventa-se sempre qualquer coisa, ou natal solidário ... qualquer coisa de solidariedade para com as pessoas, e os angolanos tem conseguido fazer.

Como encara o seu futuro?

Eu acho que o futuro dessas jovens tem que passar pela sua inserção na sociedade de forma a que elas possam trabalhar no mercado ... de trabalho porque acredito que se elas trabalharem as jovens automaticamente e os angolanos tem muito interesse em aprender, principalmente as mulheres porque elas se trabalharem são capazes de economizar para pagarem a escola porque também é difícil a entrada a partir da 9ª classe é difícil a entrada para os institutos. E não lhe vou esconder a "gasosa". É preciso! Então as mulheres como são muito poupadas têm outro pensamento porque a mulher tem outro pensamento! Pensa totalmente diferente. Não tou a ser mais feminista, mas nós temos um outro pensamento, um pensamento mais positivo e então elas se estiverem a trabalhar então dá-lhes a possibilidade de puderem continuar os seus estudos. Então é preciso que a sociedade tem de

direito, faça de forma a que estas mulheres consigam algum emprego. Elas vão procurando! Elas vão fazendo mas muitas delas também precisam de ser vistas num outro emprego já ... por isso ... estamos ... naquilo em que é possível, nos temos tentando ajudar as pessoas.

Quais os recursos a que pode recorrer como meio de sobrevivência nesta sociedade?

Para que elas possam sobreviver na sociedade de acordo com a sua adaptação, de acordo com a sua vocação ... pronto elas não se importam em serem trabalhadoras domésticas, muitas delas são trabalhadoras domésticas mas também vão à procura ou no sector informal, vão muito ... temos muita mulher no sector informal, aliás o sector informal é quase todo constituído por mulheres, tem homens mas também tem muitas mulheres, ... a maior parte são mulheres, por um lado. Por outro lado muitas delas estão também na função pública porque as empresas privadas em Angola, a 12ª classe é para serem dactilógrafas, então as mulheres, as pessoas, as pessoas, que estão ... as jovens que estão nesta condição vão muitas para a função pública mas a sua maioria para o sector informal onde elas se encontram a sua sobrevivência.

Como é que a organização a que preside encara a problemática das jovens órfãs de guerra?

Ah não podíamos encarar bem porque nós queremos que toda a gente se sinta bem, mas pronto foi a condição que elas tiveram, agora temos é que ajudá-las para ultrapassar estas circunstâncias. E ajudar com que elas ultrapassem estas circunstâncias à medida que somos procuradas temos que saber quais são as aptidões delas. O que é que elas pretendem e temos sempre um pequeno fundo para formação de cursos práticos onde elas acabando aquele curso podem trabalhar por si próprias por exemplo pastelaria, decoração, computador, ... fiéis de armazéns, e outras coisas mais. São cursos pequeninos mas que lhes podem dar algo que elas no fim do mês ou no fim de cada trabalho, elas possam ter alguma coisa para a sua

sobrevivência e muitas delas para os seus filhos. E onde é possível nós encaminhámos para que elas possam trabalhar, nós também fazemos isso, mas é apenas uma organização e as coisas não são tão grandes para o número de pessoas que tem estas necessidades. Mas são os apoios que nós podemos dar e muitas vezes mesmo para o seu enquadramento, ali onde for possível pode não ser para a nossa organização mas para outros organismos que tem necessidade. Temos os currículos das pessoas, vamos estudando e vamos vendo aonde é que podemos inseri-las, mas normalmente apostamos muito na formação dessas pessoas. Apostamos muito na formação porque elas, ... há pessoas que tem às vezes uma determinada idade, quando digo 20, 25 anos temos que ver quais são as suas aptidões ajudamos a sua formação e elas depois podem-se virar. As mais novas fazemos tudo para que elas continuem os seus estudos.

Como avalia a intervenção da maior parte das ONG's e principalmente da CCF?

Olha de um modo geral eu acho que os angolanos são muito solidários, e como somos solidários e temos um pensamento ... ao próximo, gostamos de apoiar o próximo. As ONGs que trabalham quer com crianças quer com jovens e até mesmo com mulheres tem sido, eu para mim avalio muito bem este trabalho. E acho que é um grande trabalho que elas estão a fazer, elas estão a dar um contributo grande não só ao Governo angolano como à própria sociedade. Estão a fazer um bem! Então para mim elas estão a dar um grande contributo e este contributo é valioso porque é ... porque uma pessoa sente-se bem quando sabe que apoia alguém! E eu acho que o Governo sozinho não podia fazer nada. Como não pode fazer nada sozinho para mim este apoio que as ONG's e a CCF em particular têm dado as pessoas é um grande apoio que tem dado.

Como considera a intervenção governamental face ao problema em causa?

A intervenção do Governo ... (risos) ... O Governo ... pronto, ... eu acho que tá preocupado na reconstrução nacional porque o país tá todo partido, e está preocupado, tanto mais que agora Angola transformou-se num canteiro de obras, ...

então estas ... necessidades não deixam de ser preocupação do Governo, mas acho que é uma preocupação mínima, ... então as organizações estão a fazer muito com o seu trabalho para que o Governo possa realmente pensar em coisas grandes! Eu não digo que ele não pensa, ele pode pensar nisso mas as ONG's dão maior resposta, as ONG's dão uma grande resposta sobre isso, porque o Governo está a pensar nas grandes coisas para o país nas grandes estruturas do país. ... Eu costumo dizer que a mulher ainda não ganhou aquilo que ela quer! Nós temos muitos problemas! Nós temos um grande problema em Angola que é o problema da violência ... violência doméstica é um grande problema que a nossa organização já trabalha sobre isso desde 1986 ... e com a guerra esse problema tornou-se muito mau para nós! A violência aumentou ... contra a mulher aumentou ... e hoje as mulheres também já se tornaram violentas! Elas hoje não se deixam! A guerra aumentou a violência! A guerra aumentou a violência doméstica, mas a violência doméstica é uma coisa que já vem muito antiga, é sempre a supremacia do homem sobre a mulher! E hoje as mulheres, a partir de ... antigamente as mulheres aceitavam! Eram batidas e aceitavam né? E quando fossem à polícia, a polícia dizia "*ahhh isto é uma questão de homem e mulher, e ninguém pode meter a colher!*" Mas nós em Angola fomos trabalhando com as pessoas, e hoje as pessoas a partir de 1998 isso teve uma grande explosão! Porquê? Porque as mulheres romperam o silêncio! Rompeu-se o silêncio! Hoje já ninguém fica em casa! Já são poucas as pessoas que ficam em casa sobre as 4 paredes quando são espancadas! E quando são maltratadas porque para mim a pior violência ainda é a violência psicológica. Este é um grande problema, e para nós temos estado a fazer muito trabalho! Nós realizamos todos ao anos uma campanha sobre os 16 dias de activismo que vai de 25 de Novembro até 10 de Dezembro durante esses dias nós levamos um trabalho muito forte para que as pessoas denunciem fazemos uma série de actividades sobre isto. Quer dizer, ... nós tivemos muitos problemas com a polícia, com os órgãos de judiciais, mas hoje conseguimos! Hoje um assunto de uma mulher que vai à polícia já é bem atendido. Não digo todos, mas já é bem atendido, e principalmente se souberem que há uma organização por detrás disso, mas passamos muita chuva e muito sol sobre isso mas

estamos conseguindo chegar porque hoje a até a própria polícia já tem um departamento só para tratar de questões ligadas à violência contra a mulher. Isto é fruto do trabalho que as organizações foram fazendo sobre esta questão da violência contra a mulher. E eu digo isto com muita mágoa porque as mulheres hoje também tornaram-se violentas, elas hoje não se deixam. Temos visto homens sem orelhas porque a mulher comeu a orelha, ... temos visto homens, assim vão lá homens as vezes com as crianças no colo "*porque a minha mulher foi embora deixou-me ficar com 3 filhos entre eles esta criança de 6 meses*". Porquê? Porque elas também estão fartas! Depois para além disso a entidade patronal que faz despedimentos sem conhecimento prévio. Nós estamos atrás deles porque trabalhamos com pessoas que conhecem a lei. Nós temos psicólogos, temos advogados sobre isso, temos sociólogos, temos agentes sociais com quem trabalhamos, ... temos, temos ... por todo o país temos um centro de aconselhamento, mas Luanda tem 8 centros de aconselhamento e são centros muito fortes onde vem pessoas para explicarem o porquê que chegaram aquele ponto. Normalmente quando aparece alguém ferido automaticamente nós temos que levar aquela pessoa ao hospital porque temos acordos com os hospitais e centros de saúde. Depois vamos às esquadras onde entregamos os casos e desde que entra aquele assunto p'ra um dos nossos centros até o seu o veredicto, até à sua solução, nós acompanhamos aquele assunto. ... Qualquer pessoa da sociedade ... e depois tem os nossos telefones de todo o mundo, nós somos uma equipa de mais de 60 pessoas e fazemos formação todos os anos só para trabalharmos sobre essa questão mesmo da violência e temos tido alguns frutos, mas ainda somos poucos a trabalhar sobre isso. Devia haver mais pessoas. Este é um grande problema. Depois temos também o problema do VIH-SIDA que também vai muita gente aos nossos centros e ... que ... pronto elas estão com aquele problema, o parceiro já não quer, porque eles nunca tem nada! São sempre elas que têm! Na mente eles né? São sempre elas que têm e então temos este problema. É um problema para depois fazer com que estas pessoas assistam os filhos, porque as mulheres estão naquela situação. Nós temos um sector que só trata mesmo destas questões ligadas ao VIH-SIDA. Desde

as campanhas de sensibilização, temos agora uma forma de organização de ajuda mútua. Os próprios seropositivos reúnem e ajudam-se entre si, embora nós também ajudemos mas eles tem também esta questão de ajuda mútua e como temos uma certa ligação com uma ONG que é a Associação Angolana para o bem estar da Família que é a ANGOBEF então encaminhamos também para lá todas as pessoas que estão com este problema de seropositividade, do HIV-SIDA. Com quem trabalhamos e também apoiamos as famílias, aquelas famílias. Também há uma rede em Angola sobre o HIV-SIDA que é a NASO, que por acaso sou membro desta rede, mas temos estado a trabalhar e aliás além do Instituto Nacional do VIH que é do Estado, nós também temos muitas organizações e esta, esta, esta coisa do VIH está mesmo avançado porque sua Excelência Sr. Presidente é que é o coordenador e ele tem estado a fazer isso. E voltando um bocado atrás em relação à violência, no ano passado na mensagem de fim de ano o Sr. Presidente também chamou à razão a esta questão da violência doméstica, ... direccionada para a mulher, tanto mais que o Ministério da Família e Promoção da Mulher está a fazer, já elaborou um plano sobre a violência e nós só ficaremos satisfeitas quando um dia sair a lei sobre a violência doméstica. Porque a lei sobre a violência é uma lei geral, mas nós queremos uma lei tipificada! Violência doméstica, queremos que seja violência doméstica e tem que ser punido seja homem seja mulher, o prevaricador deve ser punido. E eu digo isso todas as vezes que sou entrevistada porque acho ... (risos) tem de se passar a mensagem, não gostam mas eu digo (risos). ... Durante o dia só na província de Luanda, só na província de Luanda, durante o dia nós recebemos 100 casos ou p'ra cima de 100 casos dos 18 centros que nós temos. O centro da Vila Alice é o principal, ali recebe sempre entre 15 a 20 casos dia. Nós temos 8, chegamos a fazer 100! Ao fim do dia, nós até fazemos um trabalho todas 6ª feira de saber quantas entraram como é que foram resolvidas, ao fim do dia nós temos 100, cento e tal casos! É verdade, é verdade, nós temos isso. ... Elas recorrem a nós, nós chamamos porque tem que ouvir as partes! Não vamos só ouvir de uma pessoa e da outra não, senão não estaríamos a ser justos. A conselheira que tem uma certa formação já, ouve, ... ouve uma parte e ouve a outra, depois

juntamos as duas partes, se eles ali acharem que acabou tudo bem mas se há qualquer coisa que não está bem então sobe para o advogado. Que é a pessoa que conhece as leis, embora a conselheira tem a noção e também vem porque são alunos do 5º, 4º ano da faculdade de direito muitas vezes e não só, e então o advogado se continua temos de analisar bem qual a vertente do assunto. E então de acordo com a vertente do assunto se não for agressão física enviamos para o tribunal. O tribunal é que decide, mas nós temos que acompanhar e os nossos advogados também tem que acompanhar. Porque a justiça ainda não é aquela célebre, nós queríamos uma justiça célebre mas infelizmente ainda não temos. Então temos que acompanhar para que não haja tropeços de que entrou, que o processo perdeu! Não, temos de acompanhar. Fazemos esse trabalho com os nossos advogados que nós temos lá no centro, temos homens e temos mulheres e temos polícias! Que também que trabalham connosco. São tantos os seminários que nós fizemos que temos agentes judiciais que aderiram à nossa, ... que aderiram a essa questão da violência. E temos muita ligação porque a OMA não tem dinheiro. As pessoas que tem estes problemas muitos deles também financeiramente não tem nada. Então fizemos um acordo com a Ordem dos Advogados para que quando surgirem casos que devem ir a tribunal, eles tem que dar um ... advogado officioso ... que é para ir defender a questão que vem da organização. Fazemos isso. Mas nós temos que estar sempre atrás, senão é mentira.

Desde que houve esse apoio nota que houve uma diminuição em relação à agressão ou que houve uma maior procura como pedido de ajuda?

Em termos de agressão, hoje já não recebemos todos os dias pessoas feridas! ... Porque vinham durante uns anos as pessoas ... espancadas e a jorrarem sangue mas o que é que nós notamos que houve uma maior abertura ahmm. Houve uma maior abertura e a sociedade hoje tem um pouco mais de respeito. Eu não digo que a violência acabou. Não acabou! A violência não acabou mas devo dizer que houve uma maior explosão, as pessoas vão mais, não se deixam estar caladas. Muitas vezes vão à rádio, vão à televisão falar e quando aparece alguém em estado

lastimável nós vamos com ela à imprensa e a imprensa mostra o que é que se está a passar! Temos lá a TPA e temos a ORION que faz este trabalho, porque às vezes acontecem homicídios! É ... nós no ano passado tivemos a nosso conhecimento 7 homicídios! Pois, ... por isso houve uma maior abertura. As pessoas vêm e há maior explosão, as pessoas já sabem porque nós temos 9 municípios na província de Luanda, e os 9 municípios ..., 8 municípios fazem este trabalho. Então as pessoas já têm mais ou menos um local onde podem ir pedir ajuda! Porque o problema está na ajuda, nós não substituímos a justiça, mas fazemos com que as pessoas tenham conhecimento. E hoje até há pessoas que tem dificuldade tratar documento e vão à nossa procura! É tratar ... Há os filhos que querem vender as casas das mães, as mães quando se apercebem vão para lá! Estas coisas todas não estamos só com a violência mas com outros aspectos que a sociedade tem nós procuramos ajudar, por isso é que eu falava na solidariedade que é muito precisa. Pois ... houve uma abertura muito grande as pessoas já não estão fechadas e isto é bom e até há jovens que aderem, há jovens que aderem, ... no campo não é tanto né, no campo tem uma outra forma de resolverem os assuntos, tá o *soba* mas normalmente o *soba* também defende o que lhe interessa, o homem, mas atendendo ao que está lá as mulheres que já estão sensibilizadas sobre isso então já há uma outra forma de conversa ... um *soba* é sempre um homem, ... é sempre o chefe, mas há mulheres que se impõem! Temos algumas comunidades em que há já mulheres que são líderes, porque no campo embora as mulheres sejam analfabetas mas são líderes são líderes mesmo, são líderes! Conseguem organizar a sua aldeia! Então estas mulheres as vez impõem-se, elas não é as vezes, elas impõem-se! Conheço muitas mulheres que se impõem mesmo. Luanda por acaso não tem ainda assim mulheres como *sobas* mas nas províncias já existem algumas, até administradoras. Também esqueceu me de dizer à bocado, nós pronto ... também foi uma luta que tivemos na sociedade angolana nas ONG's, em que pronto ... nós até ao momento Luanda não tem uma mulher governadora. Só homens, mas temos estado a falar a solicitar, hoje temos já algumas vice governadoras como é o caso do Bié, o caso do Bengo e o caso do Namibe, deve haver umas 4 ou 5. Em Luanda também tem já uma vice governadora

e umas 4 ou 5 já são vice governadoras e temos 7 vice ministras também. E temos também algumas administradoras em municípios, Luanda tem umas 5 ou 6 ... temos algumas administradoras mas a nossa satisfação será quando algumas mulheres também forem governadoras. Isso também temos a lutar para que aconteça.

ANEXO III – Províncias de Angola

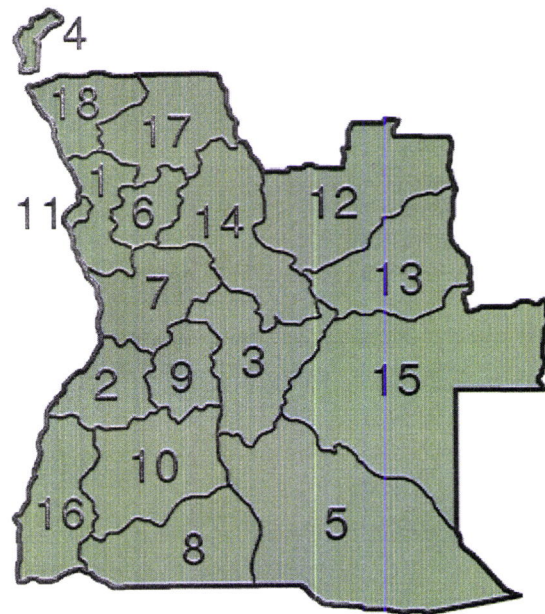
República de Angola



(Bandeira)

As 18 províncias de Angola

1. [Bengo](#)
2. [Benguela](#)
3. [Bié](#)
4. [Cabinda](#)
5. [Kuando-Kubango](#)
6. [Kwanza-Norte](#)
7. [Kwanza-Sul](#)
8. [Kunene](#)
9. [Huambo](#)
10. [Huíla](#)
11. [Luanda](#)
12. [Lunda-Norte](#)
13. [Lunda-Sul](#)
14. [Malange](#)
15. [Moxico](#)
16. [Namibe](#)
17. [Uíge](#)
18. [Zaire](#)



Lista de municípios de Angola por província

Província	Capital	Municípios
<u>Bengo</u>	<u>Caxito</u>	<u>Ambriz</u> , <u>Dande</u> , <u>Icolo e Bengo</u> , <u>Muxima</u> , <u>Nambuanguo</u>
<u>Benguela</u>	<u>Benguela</u>	<u>Balombo</u> , <u>Baía Farta</u> , <u>Benguela</u> , <u>Bocolo</u> , <u>Caiambambo</u> , <u>Chongoroi</u> , <u>Cubal</u> , <u>Ganda</u> , <u>Lobito</u>
<u>Bié</u>	<u>Kuito</u>	<u>Andulo</u> , <u>Camacupa</u> , <u>Catabola</u> , <u>Chinguar</u> , <u>Chitembo</u> , <u>Cuamba</u> , <u>Cunhinga</u> , <u>Kuito</u> , <u>Nharea</u>
<u>Cabinda</u>	<u>Cabinda</u>	<u>Belize</u> , <u>Buco-Zau</u> , <u>Cabinda</u> , <u>Cacongo</u>
<u>Quando</u> <u>Cubango</u>	<u>Menongue</u>	<u>Calai</u> , <u>Cuangar</u> , <u>Cuchi</u> , <u>Cuito Cuanavale</u> , <u>Dirico</u> , <u>Longa</u> , <u>Mavinga</u> , <u>Menongue</u> , <u>Rivungo</u>
<u>Cunene</u>	<u>Ondjiva</u>	<u>Cahama</u> , <u>Cuanhama</u> , <u>Curoca</u> , <u>Cuvelay</u> , <u>Namacunde</u> , <u>Ombadja</u>
<u>Huambo</u>	<u>Huambo</u>	<u>Bailundo</u> , <u>Catchiungo</u> , <u>Caála</u> , <u>Ekunha</u> , <u>Huambo</u> , <u>Londuimbale</u> , <u>Longongo</u> , <u>Mungo</u> , <u>Tchicala-Tcholoanga</u> , <u>Tchindjenje</u> , <u>Ucuma</u>
<u>Huíla</u>	<u>Lubango</u>	<u>Caconda</u> , <u>Caluquembe</u> , <u>Chiange</u> , <u>Chibia</u> , <u>Chicomba</u> , <u>Chipindo</u> , <u>Humpata</u> , <u>Jamba</u> , <u>Kuvango</u> , <u>Lubango</u> , <u>Matala</u> , <u>Quilengues</u> , <u>Quipungo</u>
<u>Kwanza-</u> <u>Norte</u>	<u>Ndatalando</u>	<u>Ambaca</u> , <u>Banga</u> , <u>Bolongongo</u> , <u>Bula Atumba</u> , <u>Cambambe</u> , <u>Cazengo</u> , <u>Dembos</u> , <u>Golungo Alto</u> , <u>Gonguembo</u> , <u>Lucala</u> , <u>Pango Alúquem</u> , <u>Quiculungo</u> , <u>Samba Cajú</u>
<u>Kwanza-Sul</u>	<u>Sumbe</u>	<u>Amboím</u> , <u>Cassongue</u> , <u>Conda</u> , <u>Ebo</u> , <u>Libolo</u> , <u>Mussende</u> , <u>Porto Amboím</u> , <u>Quibala</u> , <u>Quilenda</u> , <u>Seles</u> , <u>Sumbe</u> , <u>Waku Kungo</u>
<u>Luanda</u>	<u>Luanda</u>	<u>Cazenga</u> , <u>Maianga</u> , <u>Ingombota</u> , <u>Samba</u> , <u>Viana</u> , <u>Cacuaco</u> , <u>Rangel</u> , <u>Kilamba Kiaxi</u> , <u>Sambizanga</u>
<u>Lunda-</u> <u>Norte</u>	<u>Dundo</u>	<u>Cambulo</u> , <u>Camulemba</u> , <u>Capenda</u> , <u>Caungula</u> , <u>Chitato</u> , <u>Cuango</u> , <u>Cuilo</u> , <u>Lubalo</u> , <u>Tchitato</u> , <u>Xá Muteba</u>

<u>Lunda-Sul</u>	<u>Saurimo</u>	<u>Cacolo, Dala, Muconda, Saurimo</u>
<u>Malange</u>	<u>Malange</u>	<u>Cacuzu, Calandula, Cambundi-Catembo, Cangandala, Caombo, Cuaba Nzogo, Cunda-Diaza, Luquembo, Malange, Marimba, Massango, Mucari, Quela, Quirima</u>
<u>Moxico</u>	<u>Luena</u>	<u>Alto Zambeze, Bundas, Camanongue, Cameia, Luau, Lucano, Luchazes, Léua, Moxico</u>
<u>Namibe</u>	<u>Namibe</u>	<u>Bibala, Camulo, Namibe, Tômbua, Virei</u>
<u>Uíge</u>	<u>Uíge</u>	<u>Alto Cauale, Ambuíla, Bembe, Buengas, Damba, Macocola, Mucaba, Negage, Puri, Quimbele, Quitexe, Sanza Pombo, Songo, Uíge, Zombo</u>
<u>Zaire</u>	<u>Mbanza Kongo</u>	<u>Cuimba, M'Banza Kongo, Noqui, N'Zeto, Soyo</u>

